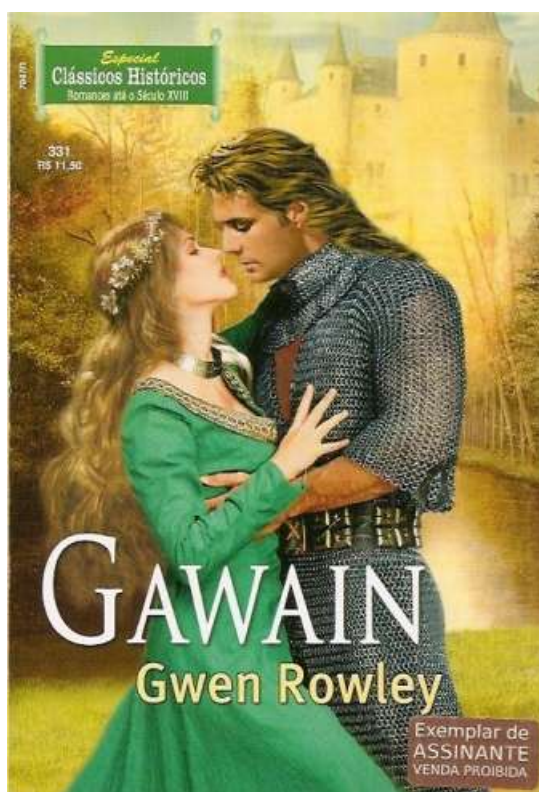


GAWAIN

Knights Of The Round Table - Gawain

GWEN ROWLEY



1º livro da série "Os Cavaleiros da Távola Redonda"

Camelot, Século XI

Um amor mais forte que a magia...

Gawain fará qualquer coisa para servir a seu rei. Por isso, quando uma velha senhora estranhamente aparece na floresta e promete dar a Arthur a solução de um enigma que lhe salvará a vida em troca do compromisso de Gawain se casar com ela, o leal cavaleiro não pensa duas vezes...

Porém, aquela mulher horrível não é quem parece ser. Na verdade, ela é a adorável Aislyn, antiga aprendiz de uma feiticeira. Ela foi um dia perdidamente apaixonada por Gawain, que a rejeitou por causa de seus poderes mágicos... ou, pelo menos, é o que ela acredita que aconteceu. E agora ela se transformou naquela bruxa hedionda para poder se vingar...

No entanto, a gentileza e amabilidade de Gawain suavizam o coração amargurado de Aislyn, e ela fica horrorizada ao descobrir que está, de fato, enfeitiçada, e que só um beijo realmente apaixonado poderá quebrar o encanto e fazê-la voltar a ser a moça linda e encantadora que ela é.

Digitalização e Revisão: Crysty



Querida leitora,

O leal sir Gawain se compromete a casar-se com uma senhora idosa encarquilhada e muito feia, em troca da solução do enigma que pode salvar a vida do rei Arthur. Mas a horrenda mulher é, na verdade, a adorável Aislyn, uma feiticeira disfarçada, decidida a se vingar de Gawain por tê-la rejeitado no passado. E, quando menos espera, Aislyn se vê fascinada pelo galante cavaleiro...

Leonice Pomponio Editora

Copyright © 2007 by Berkley Publishing Group
Originalmente publicado em 2005 pela Penguin Group Inc.
PUBLICADO SOB ACORDO COM PENGUIN GROUP INC.
NY,NY-USA

Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: KNIGHTS OF THE ROUND TABLE - GAWAIN

EDITORA Leonice Pomponio

ASSISTENTE EDITORIAL

Patrícia Chaves

Paula Rotta

Vânia Canto Buchala

EDIÇÃO/TEXTO Tradução: Gabriela Machado

ARTE Mônica Maldonado

MARKETING/COMERCIAL Andréa Riccelli

PRODUÇÃO GRÁFICA Sônia Sassi

PAGINAÇÃO Ana Beatriz de Pádua

© 2009 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Paes Leme, 524 — 10ª andar — CEP 05424-010 — São Paulo - SP

www.novacultural.com.br

Impressão e acabamento: RR Donnelley

CAPÍTULO I

Sir Gawain detestava magia. A floresta de Inglewood assomava diante dele, e o espaço entre as árvores se enchia de sombras mutantes. O próprio ar exalava bruxaria. Ele, porém, preparou-se e galopou em frente, alcançando o rei.

— Pensou que poderia se esgueirar assim? — indagou, emparelhando a montaria com a do tio.

— Um rei não se *esgueira* — o rei Artur retrucou, altivo. — Eu lhe disse que pretendo fazer isso do meu jeito.

— E eu disse que iria com você. — Gawain reprimiu um calafrio ao passarem para a penumbra fria da floresta. — Na verdade, seria melhor se voltasse e me deixasse...

— Não — o rei disse, com dureza. — E se pedir de novo, eu o mandarei de volta a Camelot.

— Não estou pedindo — Gawain respondeu com impaciência. — Estou lhe dizendo...

— E *eu* estou *ordenando* que fique longe disso. Não pode lutar minhas batalhas por mim, Gawain, e não lutará. Primeiro, foi o Cavaleiro Verde. E agora esse Somer Gromer Jour.

— Estou fazendo apenas o que jurei fazer. O que cada um de seus cavaleiros jurou...

— Sim, mas nenhum deles deu um passo à frente e aceitou o desafio do Cavaleiro Verde, não é? Não que não seja grato. Você sabe que sou, mas basta. Somer Gromer Jour é meu adversário, e eu agradeceria se você me deixasse lidar com ele a meu modo.

Gawain respirou fundo. Arthur sorriu e esporeou o cavalo.

Era próprio de Arthur encarar o perigo com um sorriso e, se estivessem cavalgando para uma batalha, o coração de Gawain estaria igualmente tranquilo. Contudo, Somer Gromer Jour era, obviamente, uma criatura sobrenatural, aparecendo do nada como no ano anterior para desafiar o rei

para um combate. E quando Arthur fora derrotado, o cavaleiro apresentara ao rei uma pergunta singular que nenhum homem pensaria em fazer, e exigira que Arthur, sob pena de morte, se apresentasse a ele dentro de um ano com a resposta.

O que todas as mulheres desejam?

Como seria possível a um homem adivinhar a resposta de tal enigma? Qual seria o intento?

A coisa toda cheirava à bruxaria.

— Arthur, isso é sério — disse, ao alcançar o rei.

Arthur lançou um olhar triste para seu alforje, estufado com um grosso volume encadernado em couro, resultado de um ano inteiro de trabalho penoso, tanto de sua parte quanto de Gawain.

— Quem haveria de pensar que seria tão difícil conseguir uma resposta direta para uma pergunta simples?

— Eu. As mulheres não conseguem dizer o que realmente querem tal como uma galinha não pode voar! Na verdade, se tivesse de escolher, apostaria na galinha.

Arthur arqueou as sobrancelhas.

— Isso foi uma piada? Oh, que bom, Gawain, eu começava a pensar que você havia se esquecido de como é rir!

— Não é caso de rir. Somer Gromer Jour o derrotou uma vez, sem dúvida pelo uso de bruxaria... E a tarefa de que o encarregou é impossível, como ele bem sabe.

Arthur soltou um suspiro exasperado. Tinham desperdiçado um ano entrevistando a população feminina da Britânia em busca da resposta à pergunta aparentemente simples de Somer Gromer Jour. Sem sucesso.

— Impossível ou não, eu aceito — ponderou. — Dei minha palavra, e a honrarei.

— *Eu dei minha* palavra também, e me recuso a ficar parado e deixar aquele homem... aquele *feiticeiro* que nem mesmo dirá o verdadeiro nome, tirar sua vida porque você não conseguiu encontrar a resposta para essa charada ridícula!

— Temos um livro inteiro aqui...

— E para cada resposta nesse livro, temos seu oposto também.

Arthur concordou, carrancudo.

— Pensei que seria algo como um excelente casamento. Mas viu quantas disseram que gostariam de enviuvar? Um bocado depressivo. E depois, houve as freiras — ele continuou, ressentido. — Abriram mão da riqueza e da beleza... Maldição, o que *you* acha que as mulheres querem?

— Um homem para lhes dizer o que fazer — Gawain respondeu prontamente.

— Bem, se você notou, não conseguimos uma única resposta dessas.

— Porque falta às mulheres o bom senso para saber o que elas querem. Mesmo que soubessem, não diriam. As mulheres gostam de seus segredos, Arthur. São criaturas astutas.

— Não podem ser astutas e sem bom senso — Arthur protestou. — Você tem que escolher um dos dois casos.

— Mesmo a mais estúpida irá procurar enganar um homem e, quanto mais espertas são, mais perigosas.

Arthur suspirou.

— Está sendo duro demais.

— Falo o que penso — Gawain respondeu com um dar de ombros.

— O ano anterior não lhe fez nenhum bem — Arthur começou, pesaroso. — Eu tinha certeza de que se você conhecesse algumas moças... bem... um pouco diferentes...

— Pensou que alguma camponesa poderia mudar minha opinião? — Gawain indagou, os lábios curvados num sorriso desdenhoso. — Eu já sabia o suficiente sobre as mulheres antes de partir, e a pesquisa só confirmou minhas piores suspeitas.

— Bem, eu ainda creio que é um belo casamento o que elas querem — Arthur concluiu, um pouco irritado. — É o que a maioria disse, não é?

— Sim, mas a pergunta não é o que a maioria das mulheres deseja, é o que *todas* as mulheres desejam. *Todas*. Por isso a questão é impossível. Arthur, você *tem* de me deixar assumir esse desafio por você.

— Quem é o rei aqui, eu gostaria de saber?

— É você. E continuará a reinar pelo tempo que eu respirar.

Arthur caiu na risada.

— Oh, Gawain! Honestamente, não creio que lhe ocorra que *alguns*

herdeiros teriam um ponto de vista muito diferente sobre o assunto. Um sobrinho *esperto* me incentivaria a ir em frente, enquanto preparava a própria coroação.

— Não reinarei... — Gawain começou.

— Você sabe muito bem que sim se eu morrer sem prole. É isso que significa ser meu herdeiro. Escolhi você e espero que cumpra com seu dever.

Gawain deixou escapar um longo suspiro.

— É o que estou tentando fazer, senhor...

— Ah, então agora sou *senhor*, é?

— Arthur, assumo esse desafio.

— Eu o proíbo. E se perguntar de novo... Ora, o que é isso? Droga! Gawain, volte aqui!

Aislyn parou, a mão apoiada ao tronco da árvore, e afastou uma mecha de cabelo loiro-arruivados dos olhos quando esquadrinhou a trilha da floresta. Seu coração disparou quando viu de relance um lampejo escarlate entre as folhas, ainda muito longe à distância. O rei Arthur. Tinha de ser. E outro cavaleiro, sem dúvida o escudeiro. Embora ainda muito afastados, ela ouvira o som de risos. O rei Arthur deveria ser ou um homem corajoso, ou um completo idiota, pois não se dava conta de que estava cavalgando para a morte.

Acomodou-se, recostada ao tronco. Mais uns poucos minutos, e ele estaria ali. O que ela faria então? Só um tolo desprezaria a segurança que ela se esforçara tanto por conquistar, e tola, ela certamente não era. Fora uma vez, mas agora era...

A bruxa do bosque. Era como a chamavam. Alguém a ser abordado apenas como um último recurso. Os camponeses nunca falavam com ela; nunca passavam da porta da cabana abandonada de que ela se apossara; se batiam, ela não atendia. Deixavam suas oferendas de comida e roupa no toco de árvore e, quando retornavam, encontravam a poção de que precisavam. Fora um bom arranjo durante os primeiros anos, quando ela desejava apenas a solidão, mas agora...

— Não é lá grande coisa para uma vida, é? — perguntou a um esquilo no galho ao alto, mas sua resposta foi um sacudir da cauda do bicho.

Não, não era grande coisa, mas pelo menos ela estava viva. O que poderia não acontecer se a rainha Morgause soubesse quem frustrara seu

complô contra a vida do rei Arthur.

Claro que Morgause estava por trás daquilo. Aislyn conhecia muito bem sua antiga patroa para duvidar. A coisa toda fora cuidadosamente planejada para que nenhum sangue manchasse as mãos brancas da rainha. O desafio fora aceito livremente pelo rei, disposto a realizar a façanha. Oh, a rainha fora esperta, mas Aislyn nunca tomara Morgause por uma tola.

Afinal, era a razão de ela ter passado os últimos cinco anos escondida naquela floresta. Morgause ainda procurava sua ex-aluna e o livro que ela roubara; o próprio livro de sortilégios da rainha, e ela não desistiria da caçada até que uma delas estivesse morta. Até então, Aislyn conseguira esquivar-se, mas, e agora? Ela, a bruxa do bosque, tinha a vida de um rei na mão. O que faria com isso?

Salvá-lo seria revelar-se, pois mesmo que Morgause não adivinhasse de quem viera a resposta, usaria seus consideráveis poderes para descobrir. Contudo, ficar simplesmente sentada e deixar o rei passar era equivalente a cometer um assassinato. O que seria? A vida dele ou a sua? Ou haveria um meio de ambos serem salvos?

Morgause era meia-irmã do rei Arthur. O rei acreditaria nela? Mesmo que acreditasse, iria agradecê-la pela informação? Iria ou não querer abafar a questão toda... inclusive a mensageira?

Aislyn fizera essas perguntas milhares de vezes durante os últimos dias, e as respostas ainda lhe escapavam.

O som de um relincho de cavalo interrompeu seu devaneio. Tinham parado; o rei descera da montaria. O momento da decisão chegara. Só ela poderia impedir Morgause. Só ela poderia salvar o rei. E depois, para onde fugiria?

— Oh, que desgraça — resmungou. — Eu não tenho nada com isso.

O rei não a vira. Ela endireitou-se, sorriu e ia chamá-lo. Parou, então, boquiaberta, e depois se escondeu atrás de uma árvore, espiando por trás do tronco.

Não havia nenhum escudeiro com Arthur. Quem o acompanhara era *ele*. A única pessoa no mundo que Aislyn mais odiava além da rainha: o filho mais velho de Morgause, Gawain.

Ele parece o mesmo, foi seu primeiro pensamento; o segundo foi que ele mudara a ponto de não ser reconhecido. Os cabelos ainda eram de um loiro-dourado como antes, embora ele não mais os usasse soltos, mas puxados para

trás. Cinco anos tinham tirado as feições arredondadas de adolescente daquele rosto; os málares estavam mais proeminentes, o queixo quadrado, e a boca era uma linha dura como se ele tivesse esquecido como sorrir. Deveria ter acrescentado uns três a cinco centímetros na largura do peito, embora talvez isso fosse efeito da cota de malha reluzente que ele usava sob o colete branco.

Mas era ainda Gawain, ainda o mais belo homem que ela já vira, montado orgulhoso em seu garanhão...

— Olhe, Aislyn! — ele gritou, as faces vermelhas ao saltar da sela e se postar diante dela. — O que acha? Não é o cavalo mais esplêndido que você já viu? Como devo chamá-lo?

— Oh! Você quer que eu... tem certeza? — Ela ficou sem fôlego, tanto pela honra como pelo modo com que ele lhe sorria. — Muito bem, então. Ele será...

Gringolet.

Quase tão famoso como seu dono: Sir Gawain, o belo. Sir Gawain, o cortês... Sir Gawain, o Falcão de Maio, Primeiro Cavaleiro de Camelot, e herdeiro do trono britânico.

Sir Gawain, o ignorante infiel que jurara amor imorredouro a ela, e depois a abandonara para a morte quase certa.

Aislyn mal notara o outro homem, inclinado sobre a pata do cavalo, até que o rei Arthur ergueu os olhos, dizendo:

— Está tudo bem. Acho que é apenas uma pedra.

Ela esperava que Arthur fosse mais velho, mas então se lembrou de que ele não passava de um garoto quando fora coroado; ainda tinha algum tempo pela frente antes de completar os trinta, mas parecia mais jovem. Não era um belo homem, ou talvez fosse injusto julgá-lo com Gawain tão perto, mas a expressão era gentil.

Se pelo menos Gawain não estivesse com o rei! Ela não poderia se revelar a *ele*, seria loucura, embora quase valesse a pena só para ver a expressão naquele rosto. Ah, que satisfação dizer o que pensava dele com palavras amadurecidas durante cinco longos e solitários anos! A tentação era quase insuportável.

Bem, havia apenas uma coisa a fazer. Correu para trás do carvalho onde seu embornal estava pendurado num galho. Misturou uma poção com a facilidade da longa prática que possuía, e engoliu-a um gole, fazendo uma careta por causa do amargor. Um pequeno gemido escapou-lhe quando o sortilégio começou a funcionar, mas ela já se acostumara com a dor da

transformação. Poucos minutos depois, estendeu a mão encarquilhada, remexeu na bolsa e, com um suspiro, esvaziou sobre o corpo o conteúdo de um pequeno frasco, torcendo o nariz de desgosto quando o cheiro nauseante chegou às suas narinas. Depois de pegar um sólido cajado, seguiu para a trilha.

— Arthur, rei da Britânia!

Arthur soltou a pata do cavalo e, erguendo a cabeça, virou-se. Aislyn tinha de lhe dar crédito; ele não gritou ou se encolheu... muito. Até exibiu um sorriso, débil, é verdade, mas a maioria dos homens, ao ver a megera que era uma criação particular de Aislyn, enfiava o rabo entre as pernas e fugia.

— Vovó — ele disse, educadamente. — Como posso servi-la?

— Oh, que gentil! — Sua risada foi um cacarejo horrível, um do qual Aislyn sentia um enorme orgulho. — Mas sou eu quem deseja servir àquele que cavalga para sua própria morte!

Nem bem a última palavra deixara os lábios de Aislyn, e a espada já estava na mão de Gawain, que se empertigou, olhando dos dois lados da trilha.

— Abaixе a arma, Falcão de Maio! Não trago perigo, mas a salvação para seu rei. Sabe a resposta que procura, Arthur? Eu posso dá-la a você!

— Isso é que é sorte... Veja, Gawain, eu lhe disse que tudo sairia bem! Que bondade a sua, vovó. — O sorriso do rei era tão natural e tão charmoso que Aislyn sentiu-se envolvida pelo seu calor.

— Venha cá, rei Arthur — ela crocitou, dobrando um dedo torto. — O que tenho a dizer é para seu ouvido apenas.

— Não faça isso. — Gawain deu um passo na frente do rei, a espada de prontidão. — Senhor, desconfio dessa...

— Dama? — Aislyn sugeriu.

— Bruxa — ele completou, com franqueza.

— Gawain, o que está pensando? — Arthur gritou, empurrando-o de lado. — Não lhe dê atenção, boa senhora. Ele é um pouco irracional com relação à magia, mas não pretende lhe fazer mal.

— Não mesmo, meu soberano? Peço licença para discordar. Os homens sempre procuram destruir aquilo que temem.

— Não tenho medo de mulher alguma.

Aislyn sorriu. Arthur recuou um passo; Gawain empalideceu, a espada tremendo por um breve instante em sua mão antes que ele se controlasse.

— Venha cá, meu soberano, e lhe direi a resposta para seu enigma.

— Não *há* resposta. — Gawain encarou-a, arrogante. — A pergunta é impossível.

— Ouso dizer que é, para gente como você. Mas creio que seu rei tem mais sabedoria.

Arthur deu alguns passos na direção dela e então parou, parecendo enjoado. O cheiro, Aislyn sempre julgara um toque genial. Não sorriu, não havia necessidade de aterrorizar o pobre homem, mas deu um jeito do maxilar inferior deslizar contra o superior com um desagradável ruído de moer.

Arthur pestanejou, porém permaneceu firme.

— Sim, vovó? O que quer me contar?

No momento em que Aislyn falasse, a brincadeira seria substituída pela confusão. Assim que Morgause percebesse que o rei escapara por entre seus dedos novamente, sua raiva seria terrível.

Posso escapar, Aislyn pensou. Escapei antes. Mas por quanto tempo mais poderei confiar na sorte?

Era problema seu, não do rei; problema assumido por ela por livre vontade, e não havia por que se queixar agora. O que a irritava, contudo, era que Gawain voltaria todo feliz para Camelot, deixando-a para trás, para enfrentar a ira de sua mãe.

Outra vez.

Aislyn agarrou-se ao arreio, erguendo os olhos para ele numa névoa de lágrimas.

— Não me deixe aqui... você não pode!

Por um momento, pareceu que Gawain hesitava, mas então ele cerrou o queixo e puxou as rédeas.

— Deixe-me em paz. Solte, maldita seja!

Esporeou o garanhão para adiante, e Aislyn cambaleou para trás antes de cair de joelhos. Aturdida demais para levantar, ela viu, incrédula, quando ele galopou para além do pátio banhado de luar, o manto a esvoaçar às costas.

Não, de novo não. Não desta vez.

O plano insinuou-se em sua mente, perfeito e completo. Ela ficaria tão

segura quanto possível, e Gawain... O som da própria risada a assustou, mas a casquinada ríspida só a fez rir mais. Sim, era o que faria. Gawain veria como era sentir-se traído pela honra. Ele que provasse o sofrimento de fazer a coisa certa e perder tudo que mais lhe importava.

Que passasse um tempo no inferno e visse como *era*.

— Tenho um favor a pedir em troca — ela disse ao rei, que a encarava, inquieto. — E uma coisinha, nada de importância...

— Fale e será seu.

— Bem, ultimamente, senhor, tenho a fantasia de me casar.

— Casar? — Arthur lutou com todas as forças para controlar sua vontade de rir. — Por que não vem à corte, como minha convidada, claro. Minha convidada *de honra*? Fique o tempo que quiser. Para sempre, se lhe agradar, e procuraremos alguém que possa servir.

— Não preciso procurar.

O ar alegre desapareceu da face de Arthur.

— Não precisa?

— Não. — Aislyn sorriu. — Sir Gawain aqui é um belo cavaleiro e diz que não tem medo de mulher nenhuma. Bem, digo eu, esse é o homem, O *único* homem para mim.

— Vovó — Arthur retrucou, com cautela — Sir Gawain é... bem, ele é um bocado mais jovem...

— Ora, eu não me importo *com isso*. — Ela cutucou Arthur nas costelas e piscou. — Ensinarei tudo o que ele precisa saber.

A palidez de Arthur aumentou.

— Não posso permitir isso.

— Ele é adulto, não é? Vamos ouvir o que tem a dizer.

— Eu lhe darei qualquer coisa... Ouro, não gostaria? Ou... ou terras. Um castelo...

— Ele — Aislyn disse, com firmeza. — Ou nada.

— Então receio que seja nada. Ela deu de ombros.

— Deveria perguntar a ele, mas se não quiser, não pergunte. Adeus, meu rei, e... bem... não vou lhe desejar uma vida longa, pois não quero desperdiçar meu fôlego. — Bateu-lhe no braço gentilmente. — Vamos pedir

que seja uma morte rápida e indolor.

Algo estava errado. Gawain podia ver na face de Arthur que voltava para seu cavalo. A criatura odiosa que os abordara recuou alguns passos e se postou à beira da estrada, apoiada no cajado.

— O que ela disse? — indagou.

— Nada. — Arthur saltou para o cavalo e incitou-o em frente. — Depressa, Gawain — berrou por sobre o ombro —, perdemos muito tempo.

Gawain montou seu ginete e esporeou-o, sentindo o estômago revirar-se com aquela bruxa fedorenta.

— Pare, Arthur! Conte o que a velha disse!

— Oh, uma bobagem... não importa, você estava certo, ela não sabia a resposta, afinal.

Gawain relanceou os olhos para trás, inquieto. A megera ainda estava parada lá, observando-os, sorrindo. Pelo menos, ele pensou que fosse um sorriso. Com aqueles... dentes, era difícil dizer.

Estremeceu e virou-se de novo para o rei.

— Que bobagem? — insistiu. — O que não quer me contar?

— Esqueça — Arthur ordenou, secamente.

— Ela o amaldiçoou? É isso? Por Deus, se ela fez algo assim, vou...

— Ela é uma pobre criatura, mas inofensiva. Vamos esquecer.

Cavalgaram em silêncio por algum tempo.

— Arthur, olhe para mim. Algo aconteceu lá atrás. Ou você me diz o que é ou voltarei para perguntar eu mesmo à bruxa. — Gawain puxou as rédeas e fez o cavalo estacar.

— Maldição, Gawain, eu sou o rei! *Ordeno* que fique aqui!

— Então, diga a verdade.

— Não foi nada... Não, espere. Ela disse que me contaria se eu... eu a fizesse uma das damas de companhia da rainha.

— E você *recusou*? Está maluco?

— Guinevere não gostaria disso — retrucou Arthur. — Você gostaria? Ter de olhar aquele rosto horrendo todo dia... Santo Deus, aqueles dentes! — Estremeceu;

— E o fedor! Não sei como não pus as tripas para fora.

— Tenho certeza de que a rainha se sujeitaria a essa inconveniência para salvar sua vida.

— Não pedirei isso a ela. E vamos pôr um fim nisso. Pode ser que a velha não saiba a resposta, de qualquer forma.

Gawain segurou a brida da montaria do rei.

— Arthur, você é o maior rei que a Britânia já conheceu, mas é um pobre mentiroso. *O que a bruxa queria?*

— Ora, muito *bem!* — Arthur riu. — É tão ridículo, que não queria contar...

— Arthur...

— Ela... quer... que você se case com ela — disse. — Agora, vamos em frente.

— Ela quer que eu me case com ela? *Eu?*

— Vamos logo, homem, não podemos ficar aqui o dia inteiro.

Gawain não se moveu.

— *Casar...* com ela? Casar com... *ela?*

— Pare de *dizer* isso. Eu jamais pediria a você...

Gawain fez a montaria dar meia-volta.

— Acha que tem de pedir? Claro que eu o farei.

A megera ainda estava parada no mesmo lugar, apoiada no cajado, como se esperasse que voltassem. *Bruxa*, Gawain pensou novamente, e obrigou-se a fitá-la nos olhos.

Ela o encarou com uma expressão ao mesmo tempo divertida e estranhamente sagaz. A face era sara-pintada de vermelho, mais enrugada que uma maçã no inverno, e só dois dentes. As presas, ele pensou com absoluto horror, continuavam na boca, uma apontando para o queixo pontiagudo, a outra quase tocando a verruga na ponta do nariz. Os cabelos grisalhos imundos caíam num nó emaranhado pelos ombros, que eram curvados e estranhamente torcidos.

— Aceito seus termos — ele murmurou. — Dê-nos a resposta.

— Espere um momento, rapazinho, quero ter certeza de que temos as coisas bem claras entre nós. Fico com você em Camelot. Não pense que pode me empacotar e mandar para uma de suas mansões nas costas do fim do mundo.

O queixo de Gawain cerrou-se.

— Está certo. Isto é, se sua resposta for a correta.

— É.

— Vamos logo com isso, então, por favor — ele resmungou por entre os dentes cerrados.

— Não você — ela crocitou. — Isso é para os ouvidos do rei apenas.

— Sir? — Gawain disse, e Arthur, que estivera observando a velha, estremeceu como se acordasse de um pesadelo.

— Certo. — Arthur desmontou e aproximou-se. A dois passos de distância da bruxa, parou e olhou para trás. — Gawain...

— Continue, senhor.

— Arthur, incline seu ouvido para mim...

Ele chegou mais perto. Um momento depois, recuou e encarou-a, incrédulo.

— É *isso*?

— Sim, é isso. — Ela estourou numa gargalhada. — Você não descobriu por si mesmo, descobriu?

— Não — Arthur retrucou. — Não descobri.

— Bem, então, dê o fora daqui. Ficarei esperando seu retorno.

— E tem certeza de que eu *voltarei*?

— Tenho certeza de que dará àquele Somer Gromer Jour o que ele está atrás. Se vai voltar ou não...

— Se sua resposta for a certa, nós voltaremos — Gawain prometeu. — Tem minha palavra.

— E eu a cobrarei. Mesmo que tenha de caminhar até Camelot para encontrá-lo.

— Não será necessário. — Gawain não conseguiu fitá-la de novo, mas inclinou-se numa medida na direção da velha antes de virar Gringolet e partir pela trilha.

Aislyn acomodou-se de lado na sela, tentando encontrar uma posição confortável. O papel de velha era bom por uma hora ou duas, mas depois de uma manhã cavalgando, cada junta de seu corpo latejava como dor de dente, e seu próprio fedor a enjoava. A idéia de permanecer naquela forma, mesmo por

poucos dias, não era nada agradável.

Então, olhou para Gawain, e resolveu que valia a pena.

Gawain montava ereto na sela, a face composta numa máscara inexpressiva que usava desde que voltara do encontro do rei com Somer Gromer Jour. Trouxera junto uma bela égua para ela, um gesto que Aislyn suspeitava ser fruto mais da má vontade em tê-la compartilhando de sua montaria do que de atenção de sua parte. Mesmo assim, ele se mostrara educado durante a viagem, uma ou duas vezes chegando ao ponto de perguntar se ela gostaria de descansar.

Belo comportamento. Aislyn imaginou por quanto tempo ele o sustentaria.

— Estamos quase lá — disse Gawain. — Camelot fica logo na próxima colina.

Aislyn ajoelhou-se à janela, olhando para a lua, feliz demais para pensar em dormir. Camelot! Ia para Camelot! Abraçou-se, imaginou se seria possível morrer de alegria. Visualizou os dois descendo a estrada, Gawain rindo enquanto a tomava pela mão. E tudo seria tal como ele descrevera. O novo jardim de rosas... "Apenas lama e brotos por enquanto, mas um dia será lindo..." As orgulhosas ameias e as torres imponentes, os brilhantes...

Estandartes. Lá estavam eles, salpicos de cor contra a pedra cinzenta, as insígnias da nobreza em visita à corte penduradas de acordo com o *status* de cada um, com a bandeira escarlate de Pendragon sobre todas as outras, a serpente dourada retorcendo-se com a brisa.

Era tudo como ele dissera, exatamente como ela vira em seus sonhos. Subia até o cume da colina com Gawain a seu lado, a caminho de seu casamento.

Aislyn explodiu na risada. Se isso não a ensinasse a ter cuidado com aquilo que desejava, nada mais a ensinaria.

Seguiram, não para a entrada principal, mas para um pátio aparentemente privativo do rei. Era um belo lugarzinho, rodeado dos dois lados por muros baixos de pedra cobertos por trepadeiras ainda por florir. O perfume deveria ser adorável ali, ela pensou com um suspiro involuntário. Infelizmente, não conseguia sentir outra coisa a não ser o próprio cheiro no momento.

Assim que chegaram à entrada, Gawain estacou.

— Senhor — disse. — Um favor, se puder.

— Bom Deus, acha que eu recusaria algo a você? — O rei lançou a Aislyn um olhar da mais profunda aversão. — Diga, e é seu.

Os dedos duros de Aislyn agarraram-se às rédeas. O que era aquilo? Será que Gawain pensara num jeito de cair fora? Ou apenas pretendia ser recompensado pelo sacrifício?

Impossível dizer pela expressão em sua face. Quando ele se tornara tão perito em ocultar os pensamentos?

— Então, eu pediria que não revelasse a ninguém o que nos aconteceu, a não ser que foi bem-sucedido em sua busca.

— Não *revelar*? Mas... de que outra forma explicar... — Arthur calou-se abruptamente. — Sim, tem razão. Seja como quiser.

Aislyn olhou para Gawain com suspeita assim que entraram no pátio. O que ele estava aprontando? Iria tentar expulsá-la? Bani-la? Torcer seu pescoço e enfiá-la no poço?

— Arthur!

Pela primeira vez, Aislyn notou uma jovem sentada num banco ao lado do muro do castelo. Ela saltara de pé, o livro que lia caindo de suas mãos.

Cabelos negros como a asa de um corvo, emolduravam o puro oval da face, e olhos luminosos faiscavam entre cílios espessos. Ela correu para o rei como se pretendesse atirar-se em seus braços. Então parou e ajoelhou-se graciosamente na calçada. Corada como uma rosa, Aislyn pensou, e uma ponta de amarga inveja espetou-lhe o coração.

— Milorde — disse, formalmente. — Eu... é bom tê-lo de volta.

O rei parou, os braços caídos duros dos lados.

— Guin... Milady — Arthur corrigiu-se depressa. — Que gentileza a sua esperar por mim.

— Não foi nenhum problema — a rainha Guinevere retrucou.

Qual era *o problema* com aquela gente? Aislyn pensou, a olhar do rei para a rainha. Será que agiam sempre como dois aldeões numa péssima peça teatral, ou apenas quando os outros estavam lá para ver?

Gawain saltou de Gringolet.

— Minha rainha — disse, com uma cortesia gelada, ajoelhando-se.

— Sir Gawain — Guinevere cumprimentou, com todo o entusiasmo que uma mulher mostraria diante de um buquê de flores mortas. — Então voltou,

também.

O olhar de Aislyn aguçou-se.

Ou os dois se detestam, ou você está diante de um belo show. Imagino o que será, hein?

— Sim — disse ele, levantando-se. Virou-se para ajudar Aislyn a desmontar do cavalo. Ela gemeu quando seus pés bateram no chão e Gawain, surpreendentemente, estendeu-lhe o cajado amarrado à sela. — Posso apresentar...

Só então Aislyn se deu conta de que ninguém se dera o trabalho de perguntar o seu nome.

— *Dama...* Ragnelle — resmungou, usando o pseudônimo de um demônio numa peça que vira certa vez.

Guinevere recuou um passo, levando a manga até o nariz, as feições retorcidas.

— O que pretende trazendo essa... essa...

— Guinevere, deixe-me explicar. Você... — Arthur calou-se, ao se recordar da promessa. — Falaremos disso mais tarde — emendou, de um modo pouco convincente.

Estavam armando alguma coisa. Gawain tinha um plano, claro que tinha. Ela deveria saber que a vitória não seria tão fácil assim. Ele pretendia... aprisioná-la. Claro! Iria jogá-la em algum calabouço tenebroso, trancar a porta e jogar a chave no rio...

— A sra. Ragnelle e eu vamos nos casar — disse Gawain. — Hoje, se possível.

Os lábios rosados de Guinevere se abriram de espanto. Arthur virou-se para Gawain, a raiva e a surpresa batalhando em suas feições.

— Esses jovens! — Aislyn casquinou, avançando para pousar a mão no braço de Gawain. — Pensam que uma festa de casamento pode ser conjurada do ar! Eu e Vossa Majestade sabemos que não é bem assim, não é? Mas não se aborreça, seja o que for que possa arranjar me servirá bem. Vamos encarar o fato, queridinho — disse, e piscou para Guinevere. — Na minha idade, não posso me permitir ficar de pé durante a cerimônia.

O queixo de Guinevere caiu um pouco mais. Ela virou-se para o marido, mas Arthur limitou-se a concordar, ainda olhando para Gawain.

— Se é isso o que Gawain deseja — disse, de lábios apertados. —

Devemos, é claro, fazer-lhe o favor, não é, milady?

— Eu... eu... — Evidentemente confusa, Guinevere olhou do marido para o sobrinho. — Tem certeza, Gawain?

— Absoluta — ele retrucou, com tamanha dignidade e frieza, que Guinevere se calou. — Faria a gentileza de providenciar que a sra. Ragnelle tenha tudo que desejar?

— *Eu?* — Guinevere olhou para o marido. Desta vez, Arthur encarou-a de frente.

— Eu consideraria isso como um favor pessoal, milady. — Puxou Guinevere de lado e emendou, em voz mais baixa. — Não fale a ninguém sobre o casamento ainda.

— Como quiser. Bem, então, sra. Ragnelle — Guinevere disse, com infinito desprazer —, se puder vir por aqui...

— Tchau, amor. — Aislyn abanou os dedos tortos para Gawain. — Eu o verei daqui a pouco.

Seguiu a rainha para dentro, e por um longo corredor.

— Não tão depressa — ela resmungou. — Não sou tão ligeira como costumava ser.

Guinevere diminuiu o passo, deixando que Aislyn a alcançasse.

As feições da rainha eram o retrato da repulsa e da curiosidade. Por fim, como Aislyn suspeitava, a curiosidade prevaleceu.

— Isso é tão repentino — disse Guinevere. Tentou dar uma risada. — Há quanto tempo conhece sir Gawain?

— Não posso dizer que o conheço em absoluto — Aislyn respondeu, o que era a pura verdade.

— Que mulher conhece realmente seu homem antes de se casarem?

Guinevere fitou-a com um olhar de espanto.

— É verdade, mas... — Hesitou, os dentes a morderem o lábio inferior. — Como o conheceu?

— Foi por um feliz acaso. — Aislyn dispensou mais explicações e sorriu.

Guinevere arquejou, a mão subindo até o pescoço.

— Creio que julga que sou um pouco velha — Aislyn continuou — e não posso negar que tenho minhas dúvidas. Mas disse a mim mesma...

Ragnelle, você não se depara com um pedido assim todo dia, ou mesmo em cada século. Se isso não preocupa o rapaz, quem é você para criar confusão?

Guinevere olhou para ela, com uma expressão que Aislyn não conseguiu identificar. Iria cair no choro? Oh, não, uma risadinha escapou-lhe antes que ela pudesse se recompor.

— Sim — disse. — Entendo. Que interessante...

Realmente interessante era que alguém, amigo de sir Gawain, julgasse a situação cômica.

Estranhamente mal-humorada, Aislyn entrou num quarto vazio com uma enorme tina no centro.

Guinevere puxou uma corda e, um momento depois, uma criada apareceu.

— Encha a banheira — a rainha ordenou. — Tem alguma coisa para usar, boa senhora? — disse para Aislyn.

— Acontece que sim. Minha sacola ainda está no meu cavalo.

— Providenciarei que seja trazida para você. Se houver algo de que precise, peça a uma das criadas.

O que eu preciso é me transformar de volta antes que realmente eu fique tão velha quanto pareço, Aislyn pensou, irritada, enquanto a tina era cheia. *O que eu preciso é encontrar algum lugar onde Morgause não possa olhar e ficar lá*. Porém, ela não estaria mais segura do que se achava naquele exato momento e, até que pensasse em algo melhor, era ali que ficaria.

A banheira estava cheia e depois de muitos cochichos entre as criadas, uma foi empurrada para a frente e, engolindo em seco, ofereceu-se para ajudá-la no banho.

— Vão embora — ela disparou, com rispidez. — Todas vocês. Posso me arranjar sozinha.

A sós, olhou para o banho quente, ansiosa por afundar as juntas doloridas no calor da água. Usara o resto da poção de asa fétida antes da viagem, e já lograra seu intento. Assim, afundou-se na água com um suspiro, olhando para os seios moles e a barriga enrugada com um calafrio de desgosto.

A rainha Morgause de Orkney deslizou a mão sob o queixo de Aislyn e ergueu-lhe a face.

— *Você é muito linda, minha querida.*

Aislyn encolheu-se, desapontada. Falhara, então? Não tinha nenhum dom para a magia afinal. Talvez o que fizera não fosse tão incomum como pensara; quem sabe toda moça naquela estranha corte pudesse olhar para a água cristalina e ver sua rainha e dizer o que ela fazia, embora estivesse do lado oposto da fortaleza. Será que fora imprecisa? Um medo agudo cutucou-lhe as entranhas. Ou será que imaginara a visão toda?

Enquanto a rainha a encarava, Aislyn esforçou-se para não chorar. O que dizer? Sim, era bonita. Mas um rosto bonito não lhe servira de nada quando os invasores derrubaram os portões. Queria poder; o poder de promover a destruição entre os homens que tinham invadido sua casa, mas só pudera fugir do inimigo. Que importava ser a moça mais linda de toda a Britânia? Ainda era uma mendiga na corte de Morgause.

— Não escarneça do poder da beleza — a rainha reprovou-a. — Só um tolo não empunha cada arma à sua disposição. — A rainha sentou-se outra vez. — Você tem um raro dom, Aislyn, mas não há sentido em ensiná-la, se você não pretende seguir com isso. Qualquer um de meus cavaleiros gostaria de tê-la, com dote ou sem ele.

— Não! — Aislyn gritou. — Não quero me casar!

As sobranceiras de Morgause se arquearam.

— E por que não?

— Meu pai... quando ele morreu... a senhora sabe o que aconteceu então! Minha mãe não pôde fazer nada para impedir. E eu não quero que nenhum homem mande em mim — ela emendou, com fervor.

— O que isso tem a ver com casamento? — indagou Morgause, divertida. — Fui casada por muitos anos, você sabe.

Aislyn fez um gesto de desamparo.

— Mas a senhora não é como as outras mulheres.

— Não — Morgause concordou com um sorriso complacente —, não sou.

— Quero ser como a senhora — Aislyn murmurou. — Me ensine a magia... me tome a seu serviço.

— Venha cá, sente-se ao meu lado — a rainha ordenou, apontando para um assento sob a janela ao lado de sua cadeira. — Um pouco de vinho? Experimente um desses bolinhos de aveia...

Aislyn viu-se presa entre o constrangimento e a fome quando a rainha a serviu. As semanas que havia passado na estrada, deixaram-na tão vazia, que às vezes julgava que nunca se sentiria saciada outra vez.

— Pegue outro... Tome, coma todos — ofereceu Morgause, estendendo-lhe o prato. — Muito bem — disse, depois de algum tempo. — Eu a ensinarei, e você me fará um pequeno serviço em troca.

— Qualquer coisa! — Aislyn prometeu, com a boca cheia de bolo.

— Meu filho mais velho, Gawain... ouviu falar dele, sem dúvida, foi tomado de mim quando não passava de um garoto. Meu meio-irmão, Arthur, insistiu que Gawain fosse adotado em sua corte, pois sabia que partiria meu coração ser separada de meu filho. Não contente com isso, Arthur distorceu a mente de Gawain... — A rainha levantou-se de repente e começou a andar pelo solário, o corpo tenso. — Ele virou meu filho contra mim — disse, as palavras entaladas na garganta —, contra seu clã. Você o trará de volta para nós.

— Eu?

— Sim, você. — Morgause parou diante dela. — Tão jovem e bela... Gawain vai desejá-la... Imagino que a maioria dos homens a deseje. Você dirá a ele as palavras que eu lhe passarei; você o ensinará a recordar dos deveres para com sua gente. E, em troca...

Morgause pegou a mão de Aislyn entre as suas.

— Oh, creio que vejo um grande futuro para você. — A ponta de seu dedo traçou uma linha na palma de Aislyn. — O que é isto? Uma coroa? Gostaria disso, menina?

— Sim — Aislyn suspirou, quase atordoada diante da idéia. — Sim, senhora, eu gostaria.

— Vai descobrir que sou muito generosa para aqueles que me servem bem — disse Morgause. — Quanto àqueles que não... — Deixou cair a mão de Aislyn, os olhos duros de repente. — Vamos esperar que você não dê motivos para descobrir.

— Não estou dizendo que ela deveria ir embora de mãos vazias — argumentou Arthur. — Ela pode ter uma mansão, duas mansões, um ducado...

— Ela recusou tudo isso antes — Gawain disse, com paciência —, e eu empenhei minha palavra.

Arthur jogou-se numa cadeira.

— Eu sei, você tem razão, mas já pensou que é meu herdeiro? E se eu morrer amanhã? Espera seriamente colocar essa... essa... coisa no trono como rainha da Britânia?

Gawain já havia pensado naquilo. Era a razão de ter pedido aquela

audiência a Arthur.

— É um problema — disse.

— Um *problema*! É bem mais que isso, Gawain.

— Então terá de indicar outro herdeiro.

— Outro? — Arthur bateu o punho cerrado sobre a mesa. — Você é o meu herdeiro e, como seu soberano, eu proíbo esse casamento.

— É tarde demais para isso — Gawain respondeu, com calma. — Aceitamos a ajuda dela...

— Você quer dizer que *eu* aceitei.

— Quero dizer que *nós* aceitamos. Nenhuma outra escolha era possível para nós ou para a Britânia. Ela deu o preço; eu concordei com ele. Não há um meio honrado de recuar.

Arthur enterrou a face nas mãos.

— Como pude permitir uma coisa dessas? Como pude deixar você...

— Não sou o primeiro homem a casar por um expediente, ou mesmo o primeiro a desposar uma mulher mais velha. É um arranjo bastante comum, Arthur.

— Ela não é velha, é uma anciã! E... *detestável*! Mas não creio que possa viver para sempre — concluiu Arthur, as palavras abafadas atrás das mãos.

— Espero que não.

— Você poderia mandá-la para Orkney. — Arthur ergueu a cabeça, o rosto radiante. — Nunca mais teria de pousar os olhos nela outra vez.

— Não posso fazer isso — disse Gawain. — Sinto muito... pensei que você tivesse ouvido. Era uma condição. Ela disse que assim que nos casássemos, não poderíamos viver em casas separadas.

— E você *concordou*?

— Concordei. — Gawain olhou para as mãos cruzadas, o peito apertado diante da idéia de deixar Camelot. — Se ela é tão repugnante para você, eu poderia ir com ela para Orkney...

— Não! Basta que tenha estragado sua vida, eu não o quero exilado também. Preciso de você comigo. — Arthur suspirou fundo. — Suponho que terei de suportar a odiosa dama.

A pressão no peito de Gawain aliviou-se.

— Sinto muito, Arthur — ele murmurou.

— Pelo quê? Por salvar minha vida? Não seja tolo. — O rei levantou-se, seguiu para a porta. Lá, hesitou, mas por fim, saiu sem uma palavra.

Gawain olhou para a porta fechada e, então, abaixou a cabeça e pousou a testa no punho fechado.

Aislyn acabara de colocar o véu sobre a cabeça quando uma das damas de companhia da rainha chegou para acompanhá-la ao salão. A cadela arrogante nem se deu ao trabalho de apresentar-se, obviamente por julgar a velha indigna do esforço.

Então, isso é Camelot, pensou, seguindo a moça tão depressa quanto conseguiu nos pés doloridos. Não posso dizer que gosto daqui por enquanto.

Sua opinião melhorou quando chegou ao salão. O grupo ali reunido era muito elegante; tão elegante quanto ela imaginara. As damas eram todas jovens e bonitas.

Embora nenhuma tão bonita como eu, uma vozinha murmurou em sua mente. Conversavam, animadas, as vozes musicais entrecortadas de risos quando olhavam de soslaio para os cavaleiros.

Uma coleção estonteante de jovens nobres, como Aislyn jamais vira, se espalhava pelo salão. As vozes profundas faziam um agradável contraponto às risadas suaves das damas.

A jovem acompanhante juntou-se a um pequeno grupo de cavaleiros, e Aislyn postou-se esquecida na soleira da porta, observando-os no eterno ritual do namoro: um suspiro aqui, um sorriso ali; uma echarpe caída como se por acaso, a dona esperando ansiosa até que seu cavaleiro escolhido a pegasse ou passasse, fingindo não ver. Ah, os sons e os cheiros e as cores brilhantes... Ansiou de todo o coração estar entre o grupo. Oh, usar vestidos assim outra vez! Trançar os cabelos com fitas de seda e caminhar orgulhosa em tão bela companhia... Ora, poderia cativar qualquer daqueles cavaleiros apenas com um sorriso!

Uma pequena agitação percorreu o salão, e o silêncio instalou-se.

— Bom povo.

Aquela era a voz do rei, vinda do fundo do salão. Aislyn atravessou a multidão até que o viu de pé no tablado diante do trono, tão sério como se estivesse prestes a anunciar uma morte.

— Eu os chamei até aqui — disse ele, num tom lamentoso —, para

testemunharem o casamento de meu sobrinho, sir Gawain.

As damas suspiraram. Os homens se entreolharam, surpresos.

— Onde está a sra. Ragnelle? — o rei quis saber. Cabeças se voltaram; moças se ergueram na ponta dos pés, olhando ao redor. Aislyn respirou fundo.

— Estou aqui, Majestade! — exclamou. — Afastem-se, deixem-me passar.

A multidão abriu uma ala até o fundo do salão, onde Gawain se postava sob uma janela, com um raio de sol a incidir sobre os cabelos. Ele parecia o próprio fantasma, ela pensou e, por um momento seu coração se comoveu. Então, recordou-se da noite em que ele partira de Lothian...

As pedras da calçada cortavam seus joelhos, mas Aislyn mal percebeu. Não conseguia se mover. Não conseguia pensar. Só conseguia continuar ajoelhada onde ele a deixara, cada batida do coração como um golpe de um martelo. Ele se fora. Fora embora. O que farei agora, pensou. Parecia que uma fita de aço circundava seu peito, apertando cada vez mais forte, mais forte... Inutilmente, ela lutou para respirar, enquanto a batida incessante continuava. Tola. Ele a traiu. Para onde vai fugir agora? O sofrimento reuniu-se como uma onda... e, então, quebrou-se, esmagando-a sob o peso brutal, enquanto um soluço lancinante a dilacerava e rasgava seu coração em dois.

...e, então, sorriu sob o véu. De cada lado, o povo cochichava. Impossível que estivessem preparados para o que se escondia debaixo daquele véu. O mesmo véu que ela certa vez pusera sobre os belos cabelos com as mãos trêmulas, imaginando o momento em que Gawain o ergueria. Ah, que cara todos fariam... Ela os deixaria atônitos.

Por fim, chegou até Gawain.

— Custou-me um pouco, mas estou aqui — Aislyn disse, ofegante.

— Eu também. — Gawain baixou os olhos para ela e, então, virou-se para o padre. — Bom padre, vamos começar.

As palavras foram ditas, os votos pronunciados. E depois, por fim, chegou o momento. Com mãos que tremiam apenas ligeiramente, Gawain ergueu o véu.

Alguém soltou um arquejo. Outros gritaram de espanto. Várias moças explodiram em lágrimas. Gawain encarou-a em silêncio, a expressão impassível.

Ali estava o momento de seu triunfo, pensou Aislyn. Por mais estranho

que fosse, era muito semelhante àquele instante no pátio, pois seu coração palpitava forte e ela não conseguia respirar. Desta vez, porém, ela não perdeu um momento chorando. Riu, um riso áspero e odioso que a dilacerou como soluços despedaçados.

— Ainda vivo? — A rainha Morgause indagou em seu tom de voz suave. O tom que era mais perigoso. Os dois cavaleiros que tinham acompanhado seu paladino se entreolharam nervosamente, e se afastaram até se fundirem às sombras das árvores. — Estão me dizendo que ele *ainda está vivo*?

— Hein? O que foi que disse?

Somer Gromer Jour — o Senhor do Dia de Verão, como ela o denominara num vôo da fantasia — postou-se diante da rainha, resplandecente em sua cota de malha. Seu elmo reluzia em prata com apenas uma estreita abertura à altura dos olhos.

Morgause agarrou os braços da cadeira.

— Disse que o rei não está morto? — perguntou, erguendo a voz.

O cavaleiro tirou o elmo, revelando as feições de um rapaz de uns vinte anos, com cabelos castanhos colados ao crânio. Sua face era agradavelmente proporcionada, as feições comuns, um jovem de boa aparência. Na verdade, era quase belo... embora algo faltasse estranhamente no todo. Talvez fosse o sorriso, ansioso e um pouco insípido, ou os olhos, vazios de qualquer fagulha de inteligência e propósito. Morgause, porém, nunca fora dada a olhar profundamente sob a superfície de algum rosto bonito.

— O quê? — ele perguntou de novo. — Desculpe, não podia ouvir com este elmo.

— Seu imprestável idiota ignorante! — ela berrou. — Ousa me dizer que falhou?

— Bem, ele tinha a resposta, não tinha? — Somer Gromer Jour, que normalmente atendia pelo nome mais prosaico de Launfal, retrucou, na defensiva. — Portanto, eu tinha de deixá-lo ir embora. Quero dizer, era esse o acordo, não?

— A resposta? *Ele tinha a resposta?* Mas isso é impossível.

Launfal deu de ombros.

— Onde ele a conseguiu? — Morgause exigiu. — Ou você não pensou

em perguntar?

— Perguntei. Claro que perguntei. Mas ele disse apenas que esse era assunto dele e não fazia parte de nossa barganha.

— Ah, é mesmo? — Morgause afundou-se no assento e tamborilou com os dedos no braço da cadeira. — Creio que ambos sabemos onde ele poderia descobrir.

As sobrancelhas de Launfal se enrugaram.

— É? Onde?

Morgause suspirou. Por um momento ela se esquecera de com quem falava.

— Ele soube de sua irmã, seu estúpido sem cérebro!

— Irmã? — ele repetiu lentamente. — O que... quer dizer Aislyn? Por que teria de ser ela?

— Eu lhe *disse*... — Morgause calou-se, percebendo que não fazia sentido lembrá-lo da conversa anterior. Launfal não compreendia metade do que ela dizia e, o que não entendia, logo esquecia. Mas não era por sua inteligência que ela o mantinha por perto. — Isso não importa agora.

— Não vejo como você imagina que fosse ela. — Launfal franziu a testa, num ar intrigado. — Ele esteve perguntando por aí por um ano inteiro, qualquer um poderia...

— Ele não sabia quando partiu de Camelot, meus informantes tinham plena certeza. Portanto, em algum lugar pelo caminho... — Ela levantou-se depressa. — *Desta vez* eu a pegarei. Guardas! — berrou. — Guardas, selem meu cavalo, partiremos agora mesmo! Você, não! — gritou para Launfal, que enfiara o elmo de novo e dava alguns passos para a porta.

— Hein? Disse alguma coisa?

Ela arrancou-lhe o elmo da cabeça.

— *Você* não!

Os lábios cheios de Launfal se entortaram para baixo, num trejeito de mau humor.

— Não vejo por que não deveria ir. Ela é *minha* irmã, afinal.

Morgause encarou-o com olhos estreitados.

— Ela é.

— Ora, então acho que eu deveria ter permissão para ir.

Havia vezes em que Morgause imaginava se Launfal poderia ser o que parecia. Ela não conseguia explicar, porém não conquistara o título de Rainha do Ar e das Trevas ignorando seus instintos.

— Você poderia ter voltado faz tempo, mas demorou, não é? Você sabia que foi Aislyn! Admita!

Ele deu um passo para trás com uma expressão cômica de espanto.

— Eu? Claro que não! A idéia nunca passou pela minha cabeça.

Não passam muitas. Ela comprimiu os lábios. O que estava pensando? Que ele poderia enganá-la? Que ele imaginasse e tentasse fazer uma coisa dessas? Não, Launfal era o que era, e, embora não tivesse muito cérebro, isso era parte de sua atração. Era jovem, e forte, e belo... um homem feito para o prazer de uma mulher.

— Então, onde esteve? Quero a verdade, agora!

Ele jogou-se no chão diante da rainha.

— Fiquei doente. Pode perguntar aos outros se não acredita em mim. Não suporto desagradá-la, e fiquei com medo de que você se zangasse. Mas não foi culpa minha!

Morgause não pôde resistir à visão do cavaleiro a seus pés. Fitou-o dentro dos olhos, tão claros e vazios, e se viu refletida ali: bela além dos sonhos dos homens, todo-poderosa e infinitamente desejável. Deslizou a ponta de um dedo desde a têmpora até o queixo de Launfal e então, desferiu-lhe uma bofetada violenta na face.

Ele segurou sua mão e levou-a aos lábios.

— Perdoe-me. E que não posso viver sem...

— Sim, sim, eu sei. Muito bem, está perdoado. Mas não irá comigo. Espere aqui pelo meu retorno.

— Sim, senhora, como quiser.

Morgause chegou à entrada do pavilhão e olhou para trás com um suspiro de exasperação.

— Oh, levante-se, Launfal. Não tem de ficar plantado aí.

— Claro! — Rápido, ele saltou de pé. — Certo. Eu apenas...

Olhou ao redor, vagamente.

— Por não toma um banho? — Morgause sugeriu. — Depois, coma alguma coisa e vá para a cama.

— Um banho. Comida. *Cama*. — A última era uma palavra que ele não deixava de compreender. Um calor agradável espalhou-se pelo ventre de Morgause quando ele endereçou-lhe um olhar ávido por baixo das pálpebras semicerradas. — Não demore muito.

Morgause sorriu com indulgência.

— Não mais do que eu precisar.

Os olhos de Launfal não estavam mais vagos quando observaram Morgause afastar-se, mas faiscavam num rosto de uma beleza fria. Se ela se desse o trabalho de olhar para trás, mal o reconheceria.

Contudo, ela não olhou para trás. Launfal sabia que ela não olharia. Se tivesse idéia de como ele a conhecia bem, ficaria atônica e profundamente afrontada por não ser o mistério que se imaginava. Se soubesse que ele fingira adoecer para dar a Aislyn a chance de fugir, que atrasara Morgause por outro quarto de hora com sua tolice, ela provavelmente o mandaria açoitar. E observaria cada instante, cada chicotada com o mesmo êxtase que mostrava quando ele a satisfazia na cama.

Oh, sim, ele a conhecia. E conhecia muito bem.

— Deus a ajude, Aislyn — disse, em voz alta, e então um sorriso duro surgiu em seus lábios. Deus abandonara sua família havia longo tempo. Estavam nas mãos de um demônio agora, um que andava pela terra na forma de uma mulher. — Corra. Corra o mais rápido que puder.

A ponta azeda de um pão fora o desjejum de Aislyn; seu jantar na noite anterior, um punhado de aveia cozida e algumas nozes. Ela já havia se esquecido do que era comer por prazer em vez de simplesmente para se manter viva e, quando as portas para a cozinha foram abertas, o aroma deixou-a atordoada. Quando os criados começaram a entrar como um rio pelo salão com travessas nos ombros, seus joelhos amoleceram e seu estômago roncou alto.

Ela e Gawain estavam sentados à mesa do tablado. Gawain à direita do rei, e ela entre ele e um jovem cavaleiro de cabelos castanhos. Com um rápido olhar de relance para o rapaz, ela teve a atenção desviada para os pratos que apareciam à sua frente. Porco suculento, chirivia e cebolas nadando em azeite, pão branco e potes de manteiga, cevada num molho de carne perfumado

salpicado com groselhas...

Aislyn olhou para tudo, mal conseguindo resistir à vontade de pegar todas as coisas à vista. Porém, por que deveria resistir? A velha não hesitaria. Rindo interiormente, arrancou uma perna de porco e enfiou-a na boca, gemendo alto quando os sabores de carne, pimenta e alho explodiram em sua boca.

Mastigar era uma coisa detestável com aqueles dentes, mas os olhares horrorizados dos companheiros de mesa só vieram se somar a seu prazer: acabara com o apetite de todos, que beliscavam as iguarias, de rostos virados de lado. Nas mesas baixas, a conversa emudecera, e várias das senhoras soluçavam abertamente.

Gawain não comeu nada. Não foi uma surpresa. Era quase impossível que ele tivesse apetite naquele momento. O que a surpreendia era que ele não afogara o desgosto na bebida. Erguera a taça apenas uma vez, tomara um pequeno gole, e a colocara na mesa de novo, onde continuava intocada pelo resto da refeição.

E era um vinho muito bom, ou assim pareceu a Aislyn, que não provaria nenhum por cinco cansativos anos. Ela terminou um cálice, depressa, em seguida pegou um outro e se pôs a saborear cada gota. Quando acabou, estendeu o braço para pegar a jarra. Mas a mão de Gawain alcançou-a primeiro e colocou-a além de seu alcance.

— Já basta — disse.

— Quem é você para...

— Seu marido. — Colocou uma jarra de água ao lado do cálice vazio. — Beba isto, se tiver sede.

— Ora, rapaz, se pensa que pode me dizer o que beber e quando, está enganado.

— Não, é você que está enganada — ele retrucou, com cortesia glacial.

— Se pensa que me esquivarei de meu dever de protegê-la, mesmo de sua própria tolice.

— Proteger?

— Minha senhora não se rebaixará, ou a mim, bebendo em excesso.

Sua senhora, ela era? Um dia aquelas palavras seriam o suficiente para fazê-la chorar de alegria, mas agora, nada significavam. Ela limitou-se a cravar um olhar feroz em Gawain.

— Tenho cuidado de mim mesma faz anos, rapazinho. Se pensa que obedecerei...

— Como acabou de prometer obedecer, creio que estou em meu direito de esperar que o faça. Caso queira discutir mais sobre o assunto, poderemos fazer isso em particular. Eu me recuso a brigar em público. Não — ele emendou, erguendo a mão quando ela ia protestar —, eu disse tudo que pretendia dizer sobre o assunto. Se não puder se conduzir como cabe à sua posição, terei de acompanhá-la ao quarto.

Virou-se, deixando Aislyn a olhar para seu perfil, em choque.

Aquele era realmente Gawain? Quando se tornara tão formal e enfadonho? A primeira coisa que notara nele, longo tempo atrás — bem, a segunda, na verdade, sendo a primeira, que ele tinha um metro e oitenta de altura, um rosto de anjo e um sorriso como o sol nascente — fora seu senso de humor.

Ao lado de Gawain, tudo era uma aventura, mesmo caminhar por lugares conhecidos. Olhe, ele dizia, e Aislyn olhava para se descobrir num mundo novo e vibrante de vida. Era tudo tão belo, o riacho a correr pelas pedras, as primeiras flores numa cerejeira... Ele apanhara uma e lhe enfiara atrás da orelha, a ponta dos dedos roçando-lhe a face...

Ela se esquecera daquele dia. Tinha se obrigado a esquecer, porque lembrar machucava demais. Aquele fora o dia em que tinham encontrado os gatinhos, boiando na corrente dentro de um saco. Gawain os avistara, e claro, pescara e enxugara os gatinhos... e como rira quando tinham subido por seu corpo, e Aislyn rira também, sentada debaixo da cerejeira.

Aquele fora o dia em que ele a beijara.

Não olhe para trás, ela disse a si mesma. Aquilo fora há muito tempo e era melhor ficar esquecido. Cinco anos se colocavam entre ela e a garota que era então. Cinco anos para compreender que havia perdido toda esperança de ficar a salvo, quanto mais de ter felicidade. Cinco anos que Gawain passara servindo a seu rei, rodeado por seus amigos, vivendo a vida que sempre quisera e conquistando fama e glória.

Ela virou-se para o cavaleiro do outro lado, que ouvira sua discussão com Gawain com interesse desavergonhado. Era um ou dois anos mais velho que Gawain, Aislyn imaginou, cabelos escuros presos à nuca. Seu rosto era magro, os olhos muito brilhantes nas faces pálidas. Durante toda a refeição ele não conversara com ninguém, os dedos tamborilando num ritmo incessante sobre o cavalete da mesa. Agora, ele a fitava com aqueles olhos inquietantes,

sem nada além de curiosidade na expressão. Aislyn fora apresentada a ele, mas não conseguia se recordar do nome. Brandon, pensou, ou Darmuid...

— Sir Dinadan — ele informou.

Aislyn ficou aborrecida que ele acompanhasse seus pensamentos com tanta facilidade. Por isso, endereçou-lhe seu melhor sorriso. Ele inclinou-se um pouco, olhando fascinado para seus dentes.

— Você é... um amigo de sir Gawain, não?

— Sim. Tenho essa honra. Nós nos conhecemos anos atrás, depois da... — baixou a voz — rebelião.

— Qual? — Aislyn serviu-se do vinho dele. O rapaz sorriu, revelando covinhas inesperadas.

— A primeira, logo depois que o rei Arthur chegou ao trono.

Alguns dos mais poderosos barões da Britânia tinham julgado que tirar uma espada de uma pedra era prova insuficiente da linhagem de Arthur, e procuraram tirar-lhe a coroa. O pai de Gawain, o rei Lot, fora um chefe entre eles.

— Seu pai era um dos rebeldes? — ela perguntou.

— Era sim.

Dinadan pegou o vinho da mão dela. Aislyn abriu a boca para protestar, mas ele simplesmente tomou um gole e estendeu a taça de volta. Surpreendente. Ela ergueu a taça diante dele antes de beber, reconhecendo o gesto de boa vontade.

— Papai sempre foi um tolo — ele continuou. — Depois disso, muitos dos filhos dos rebeldes foram enviados à corte para serem treinados como cavaleiros.

Uma bela maneira de colocar a coisa, pensou Aislyn, quando o que realmente acontecera fora que os filhos tinham se transformado em reféns da lealdade perene dos pais.

— E você ainda está aqui — ela murmurou.

— O rei Arthur é a melhor esperança da Britânia contra os saxões — ele afirmou. — Os saxões são uma praga — emendou, erguendo a voz ligeiramente. — Eu mandaria cada um deles de volta para o mar.

— Nem todos, não é? — Aislyn olhou para um saxão alto sentado do outro lado, um dos aliados do rei. O homem empertigou-se, estreitando os

olhos.

— *Todos!* — Dinadan recostou-se no espaldar da cadeira com um sorriso irônico nos lábios. — Desconfio dessas trocas de tratado. — O saxão o encarou feio e depois lhe deu as costas de propósito. — Gawain não concorda comigo. Tudo que o rei faz é benfeito a seus olhos. Porém, anos atrás, quando eu era criança, fui feito prisioneiro por saxões. Sete anos de escravidão não se esquecem facilmente.

— Não, e eu espero que não se esqueça mesmo.

Ele sorriu e fez um gesto de descaso, encerrando o assunto.

— Fale-me sobre você e Gawain. Como aconteceu de se casarem tão de repente?

— O verdadeiro amor ataca depressa.

Ele caiu na gargalhada, e cabeças se voltaram na direção dos dois.

— Devo confessar, milady, que não tenho idéia do que fazer com você.

— Ótimo.

Ele ofereceu-lhe vinho novamente, mas ela recusou. Embora nunca fosse admitir, Gawain tinha razão. Ela já bebera o suficiente. Um pouco mais, de fato, e poderia ceder a tentação e falar demais. Virou-se de novo para Gawain.

Santa Mãe, mas ele era um belo homem. Diferente, porém, do rapaz de quem ela se recordava. Aquele Gawain já era um guerreiro experiente, mas também alegre, sempre pronto para uma piada. Agora, era chamado de Gawain, o Cavaleiro Cortês. Embora fosse bastante educado quando o conhecera, dificilmente ela apontaria essa como sua característica marcante. As qualidades que a haviam cativado cinco anos atrás eram a generosidade impulsiva, o ânimo elevado, a honestidade que sempre a surpreendia. Fora a força do idealismo dele que a conquistara. As muitas discussões que haviam tido também; primeiro porque, ciosa de seu dever com a rainha Morgause, ela tentara afastá-lo do rei Arthur e levá-lo de volta ao próprio clã. Mais tarde, as discussões eram mais particulares, pois ela não podia acreditar na nova Britânia que ele descrevia, um lugar onde cada súdito, não importava qual fosse seu *status*, tinha direito à proteção do rei, uma terra onde uma viúva não seria expulsa de seu lar simplesmente porque lhe faltava a capacidade de defender-se de um vizinho ganancioso.

Uma terra onde a justiça era direito de cada súdito, não uma dádiva a ser comprada ao custo do corpo de uma moça... e de sua alma.

Aislyn não se atrevia a acreditar que coisas assim poderiam realmente vigorar. Mas por mais que discutisse, nenhuma palavra sua pudera extinguir o fogo que consumia Gawain, e, na tentativa, ela sempre se percebia contagiada com aquele idealismo como uma febre.

Sir Gawain, o cortês? Um título por demais comportado para o jovem guerreiro que ela conhecera. Porém, adequado ao homem a seu lado agora.

Havia nele uma aparência de fria austeridade que combinava com as histórias que ouvira a seu respeito ultimamente. Sir Gawain, o casto... Embora a princípio risse, recordando-se de certas passagens entre os dois, ela nunca escutara o nome de outra mulher vinculado ao dele. O espírito de Gawain era elevado demais para se render aos impulsos sombrios dos quais todos os homens eram presa.

Aislyn beliscou o resto da refeição, mas sua fome estava satisfeita. E começava a imaginar por quanto tempo ficariam sentados ali quando as grandes portas se abriram, e uma brisa quente, com cheiro de flores tomou conta do ambiente.

— Sir Lancelot do Lago — um pajem anunciou, e de repente, o salão ganhou vida.

Guinevere endireitou-se na cadeira, as feições radiantes de entusiasmo. O rei olhou para a porta também, a expressão iluminada. Aislyn espichou o pescoço para ver o recém-chegado, mas ele foi rodeado por um grupo de cavaleiros, todos falando ao mesmo tempo enquanto apontavam para a mesa alta.

— *O quê?* — A voz ressoou pelo salão. — Está brincando!

E então ela o viu; um jovem magro de cabelos negros com uma elegante capa escarlate. Ele a viu também. Espanto e incredulidade se digladiaram pelas feições belamente cinzeladas antes que ele estourasse numa risada alegre.

Um único músculo saltava no queixo de Gawain quando o jovem aproximou-se da mesa alta, movendo-se com graça felina pelo salão.

— Milady! — exclamou, dirigindo uma mesura a Guinevere. — Que notícia é essa que eu soube? Será que perdi mesmo um casamento?

— Realmente — ela retrucou. — Sir Gawain casou-se hoje.

Os dois se entreolharam e depois desviaram os olhares. Guinevere mordeu o lábio e o jovem teve um ataque de riso que tentou em vão disfarçar com uma tosse.

— Lancelot — disse o rei Arthur, na entonação de voz, uma advertência.

O ar divertido sumiu da face de Lancelot. Com respeito e seriedade, ele inclinou-se perante o rei.

— Senhor. Estou feliz em voltar.

— E eu feliz em vê-lo — retrucou Arthur, e sorriu. — Mais tarde você tem de me contar todas as suas aventuras. — Olhou intencionalmente na direção de Gawain; e Lancelot entendeu a sugestão e virou-se.

— *Sir* Gawain. Parece que devo lhe dar meus parabéns.

— Obrigado. Lady Ragnelle, posso apresentar-lhe *sir* Lancelot do Lago?

Lancelot fez uma mesura.

— Sinto muito ter perdido o casamento. Tenho certeza de que foi uma noiva adorável.

Garoto abusado...

— Ou sua vista está falhando ou está caçoando de uma velha — ela devolveu, com sarcasmo. — Qual dos dois?

Ele pestanejou, desconcertado, mas só por um momento.

— Toda dama é linda no dia de suas núpcias — murmurou, com um sorriso encantador.

— Bem, você é encantador, não é? — ela murmurou, divertida. — Gostaria de beijar a noiva?

O pânico perpassou pelo belo rosto de Lancelot.

— Eu... eu não me atreveria. *Sir* Gawain não haveria de gostar — ele apressou-se a dizer, os cílios longos e escuros velando seus olhos.

Aislyn soltou uma risada e fez um gesto de descaso.

— Talvez outra hora.

— O que andou fazendo, Lancelot? — Dinadan perguntou. — Matando dragões ultimamente? Superando algum gigante? Resgatando donzelas aflitas?

O sorriso de Lancelot modificou-se; de repente, não era mais tão encantador.

— Eu me mantive bastante ocupado. E você? Perdeu algum torneio? Ou estive muito ocupado fazendo rimas sem sentido?

— Acontece que tenho mesmo uma nova canção. Estava esperando sua

volta para cantá-la. Acho que vai gostar dela, muito mais do que da última.

Os olhos negros de Lancelot se estreitaram.

— E *eu* acho que será mais prudente guardá-la para si mesmo. — Fez uma ligeira mesura na direção da rainha e dirigiu-se a um assento numa das mesas de baixo que, bem depressa, tornou-se o centro do salão. Cavaleiros e damas amontoaram-se em torno dele, conversando em vozes altas e entusiasmadas entremeadas de risos.

— Ele realmente faz coisas assim? — Aislyn perguntou — Mata gigantes e não sei o que mais?

— Na verdade — Gawain assegurou —, Lancelot é um guerreiro consumado.

Ele não é um amigo para você, Aislyn pensou, e você sabe muito bem disso. Olhe ele lá, rindo às suas custas. Não se importa? Nada o aborrece?

E então ela pensou que algo poderia, sim, aborrecê-lo.

— Bem, basta para mim — disse, empurrando de lado a travessa. — Venha, meu marido, vamos para a cama.

— Se quiser — Gawain voltou, com uma postura de enlouquecer. — Milorde — emendou, virando-se para o rei —, podemos ter sua licença? Minha senhora está cansada e deseja se retirar.

Arthur engasgou com o vinho.

— Eu... eu... oh, Deus...

— Por favor, Arthur — Gawain disse, calmamente. — Está tudo bem.

— Então — Arthur resmungou, com voz agoniada —, vá.

— O quê? — Aislyn bradou quando Gawain tomou-lhe o braço e conduziu-a para a porta. — Não vai haver cantoria? Nenhuma piada, brincadeira ou gritos de alegria enquanto saímos juntos?

Gawain endereçou-lhe um olhar sombrio.

— Creio que não.

Oh, é mesmo? Aquele era o dia de seu casamento; Aislyn poderia insistir na celebração adequada. Relanceou os olhos pelo salão. Depois, olhou para Gawain outra vez. A expressão nada demonstrava, mas aquela pele clara sempre o traía. Duas manchas vermelhas tingiram-lhe as faces, como se ele tivesse sido esbofeteado.

— Suponho que eu esteja um pouco passada para tais gracejos. — Ela

ouviu a própria voz dizer. E, mal-dizendo-se pela fraqueza, emendou com um sorriso: — Quero apenas ter você para mim o mais breve possível.

E teve a satisfação de ver cada gota de cor esvair-se da face de Gawain.

Aquilo não podia estar mesmo acontecendo, Gawain pensou, conforme descia o corredor, diminuindo o passo para acompanhar o andar hesitante da... da... *criatura*, cuja garra se enterrava em seu braço. Não, não era uma criatura. Não era culpa dela, não teria como evitar as verrugas, nem as rugas, nem os pelos que brotavam no queixo. Bem, talvez ela pudesse fazer alguma coisa a respeito *desses últimos...* e havia realmente alguma razão para os dentes terem aquele asqueroso tom esverdeado? Mas faria diferença se ela depilasse o queixo pontudo e polisse os dois dentes restantes até que reluzissem de brancura?

O suor picava-lhe o pescoço e as axilas.

Ela é apenas uma mulher velha e curvada pela idade. Sua forma é... humana.

E ela prestara ao rei Arthur um enorme serviço, um que merecia recompensa.

Deus o ajudasse. Tinha de haver algum jeito de livrar-se de tal situação.

Abriu a porta do quarto e recuou para deixar sua... sua *noiva* passar. Dois passos adiante, ela estacou.

— O que... é aquilo?

Ele seguiu a garra pontiaguda na direção da cama.

— Gatos.

Ambrose, o gato branco, saltou lépido da cama para enrolar-se nos tornozelos de Gawain. Star e Motley logo o seguiram, embora Sooty apenas se erguesse e se espreguiçasse em saudação antes de se enrodilhar no travesseiro.

— Não gosta? — ele indagou, esperando quase desesperado que ela pedisse um quarto separado.

— Eu... não me importo com eles — ela respondeu. Gawain abriu a veneziana.

— Fora — disse, e os gatos todos saíram. Todos, menos Sooty, como sempre desdenhosa ao extremo de qualquer coisa semelhante a uma ordem. — Você também — ele ordenou, pegando-a nos braços. Ignorou o miado ressentido e empurrou-a para fora.

E agora?

Você sabe, não finja que não sabe. Esta é sua noite de núpcias.

Deus me ajude. Eu preferiria enfrentar cada um daqueles saxões novamente. De mãos limpas. Sem arma. Vendado, com minhas mãos amarradas às costas.

Pigarreou, limpando a garganta.

— Devo mandar chamar uma das criadas para ajudá-la?

— Tenho entrado e saído de minhas roupas sozinha durante anos — ela declarou. — Creio que posso dar um jeito esta noite.

— Certo.

Ele olhou para o pátio banhado pela lua, imaginando como aquilo tudo acontecera. Devia haver algo que ele pudesse ter feito, ou dito, para que as coisas fossem diferentes. Mas, o quê? Onde errara? Não poderia se recusar a salvar a vida do rei. Tivera de aceitar. Como aceitara o desafio do Cavaleiro Verde anos atrás. Gostaria agora que tivesse deixado o inimigo cortar sua cabeça. Pelo menos seria uma morte honrada.

— Bem? — uma voz disse atrás dele. — Vai ficar parado aí a noite toda?

Ele virou-se. Lá estava ela, deitada em sua cama, os ralos cabelos brancos espalhados pelo travesseiro, os olhos brilhantes sob as sobrancelhas espessas.

Deus me ajude. Respirando fundo, ele atravessou o quarto até onde estava a vela.

— Deixe estar — sua noiva cacarejou, fitando-o com olhos ávidos. — Quero ver o que é que ganhei com a barganha.

Aquilo era intolerável. No entanto, ele a desposara. Ela estava em seu direito de pedir que ele se mostrasse. Mas ele gostaria que ela o deixasse apagar a vela. A luz suave banhava a cama, revelando sem piedade as formas brutas e malfeitas de sua esposa.

A luz da vela emprestava aos cabelos de Gawain um brilho avermelhado, aqueles cabelos estranhamente loiros que uma balada popular comparava à chuva caindo.

Havia muitas baladas sobre sir Gawain. Aislyn, disfarçada às vezes como um rapaz, outras como uma velha, costumava parar do lado de fora da cervejaria da vila, atraída pelo som do nome dele vindo lá de dentro, nascido numa nuvem de música e bebida. Era uma fraqueza, e ela sabia disso, mas como o bêbado com sua cerveja, ela era incapaz de resistir.

Observou-o despir a túnica e as calças. Claro que não precisava olhar.

Ela o vira nu antes e não era uma visão que pudesse esquecer, não importava o quanto desejasse. Ele sempre fora um pouco desajeitado com os braços e as pernas por causa da altura, mas aquela ligeira deselegância havia desaparecido.

Os ombros, definitivamente, tinham se alargado, novos pelos dourados reluziam no peito. O olhar de Aislyn desviou-se para baixo, para além do plano rijo do abdômen. Como se consciente daquele escrutínio, Gawain virou-se de costas, presenteando-a com uma vista igualmente agradável.

Não havia mal nenhum em lhe admirar as formas. Em sua forma atual, ela nada mais poderia fazer, além de admirá-lo. O que era tudo de bom, porque Gawain, realmente, era o mais admirável dos homens.

Cinco anos atrás, parada no limiar da porta do quarto dele, ela pensara o mesmo. Estivera com ele aquela noite a pedido de Morgause, para cumprir a tarefa muito especial que a Rainha do Ar e das Trevas lhe estabelecera: usar primeiro seu corpo, depois sua magia para seduzir Gawain e dobrá-lo à sua vontade. Ele jazia esparramado na cama aquela noite, um braço dobrado sobre a cabeça, a lua a lhe banhar os cabelos e a face inocente e tranqüila. Agora, conforme se virava para ela, a expressão era muito diferente — dura, intensa, completamente concentrada na tarefa que tinha pela frente.

Gawain enfiou-se na cama ao seu lado e deitou-se de costas cautelosamente, apoiando-se ao travesseiro. A respiração era inconstante, como se ele lutasse para controlá-la, a olhar fixamente para o teto. Reunindo coragem. Fortalecendo a decisão. Oh, ela sabia exatamente o que ele sentia.

Você pensa que não pode fazer uma coisa, mas quando não tem escolha, afasta o terror e a repulsa e faz, apenas faz.

Ninguém manejava a magia sem dominar *essa* lição. Porém, o que aconteceria se insistisse que Gawain mantivesse relações com ela? Ele poderia? *Conseguiria?*

Ele virou-se e, de repente, Aislyn tomou consciência do calor da pele nua, a centímetros da sua, e o cheiro que era exclusivo dele; um cheiro que ela nunca conseguira esquecer. Olhou para as profundezas cristalinas daqueles olhos, e uma maré traiçoeira de calor invadiu-a quando ela se recordou da última vez que tinham ficado tão perto assim. Como seria bom sentir as carícias de Gawain mais uma vez, os lábios em suas...

Presas.

Explodiu num bufo de riso.

— Pare de me olhar com esses olhos compridos. Estou muito cansada para lhe dar prazer esta noite. — Ao se virar de costas para ele, ela o ouviu soltar um suspiro trêmulo de alívio. — Talvez eu esteja me sentindo mais animada pela manhã... — emendou, com maldade, e puxou a coberta sobre a cabeça.

Gawain não estava lá quando ela acordou. E Aislyn não esperava que estivesse. Porém, seus gatos estavam todos enrodilhados sobre a cama, vendo-a espreguiçar-se e gemer enquanto tentava esticar as juntas duras.

Ambrose. Star. Motley. Ela escolhera os nomes dos bichanos naquele dia, longo tempo atrás. De todos, exceto da última, a gata preta enrolada no travesseiro de Gawain.

Gawain desamarrou o nó do saco e o tecido abriu-se, revelando os quatro gatinhos imóveis, o pelo ensopado grudado aos ossinhos frágeis.

— Tarde demais — Aislyn murmurou.

— Não, não, este aqui está respirando... — Gawain ergueu o gatinho. Parecia minúsculo em sua palma, conforme ele o afagava com a ponta do dedo.

— Ora, este também! — Aislyn exclamou, pegando outro. — E este... — Riu quando começaram a se arrastar pela pedra. — E agora?

Gawain deu um sorriso maroto.

— Essa é a questão, não é? Você poderia...

— Sou hóspede de sua mãe — Aislyn o recordou. — Creio que poderia pegar um, mas duvido que ela receba bem todos eles.

— Ela poderia, mas não vai querer. — As sobrancelhas de Gawain se juntaram quando ele observou os gatinhos. — Tive uma gata uma vez, quando era garoto. Eu a chamei de Sooty e ela dormia no meu travesseiro. Um dia, desapareceu. E eu soube que mamãe a pegara. Para que finalidade ela não disse. Mas nunca mais vi a pobre Sooty de novo.

Aislyn acariciou a bolinha de pelos em seu joelho. Era fácil imaginar o que acontecera à criatura, pois ossos de gato tinham poderes mágicos. Ela própria já os usara, sem nunca pensar neles mais do que num ingrediente. Ao observar Gawain rir quando o gatinho subiu enterrando as unhas em sua manga, ela imaginou se alguma vez conseguiria sentir esse frio distanciamento outra vez.

— Olá, Sooty — disse, e a gata bocejou, mostrando a garganta rosada e os dentes brancos afiados. Então, estendeu a pata e roçou o queixo de Aislyn.

Seriam aqueles os mesmos gatos que tinham encontrado naquele dia?

Star recebera o nome pela mancha em formato de estrela no peito, e Ambrose parecia ser branco puro, a não ser por aquela mancha preta na barriga. Pareciam os mesmos. Ela se esquecera deles, até se ver bem longe de Lothian. Nunca lhe ocorrera que, com tudo que ocorrera naquela noite, Gawain fosse se lembrar dos gatos. Ele a deixara para trás, mas pensara em levar os bichinhos.

Bastardo!

Aislyn gemeu ao sentar-se e espichar as pernas dos lados da cama. A velha não fora feita para cavalgar; o dia anterior cobrava o seu pedágio.

Seus pés pendiam acima do assoalho, pés enormes e chatos, dedos torcidos e unhas grossas e curvadas. Seus próprios pés eram muito mais bonitos, Aislyn refletiu. Não doíam assim. *Ela não doía toda daquela maneira.*

Pare de reclamar. Está segura por enquanto. Apenas termine o que veio fazer aqui e poderá seguir seu caminho.

Para onde iria, era um mistério, mas ela pensaria em alguma coisa.

Sempre pensara, antes.

Com um gemido, levantou-se, a mão apertada na curva das costas. Um biombo num canto escondia um penico; ela aliviou-se e depois tirou uma sobreveste de dentro da sacola. Era muito comprida para a velha, feita para a medida de Aislyn, mas vestiu-a assim mesmo. Não fazia sentido usar o pente... Apesar disso, depois de um instante de reflexão, torceu os poucos fiapos de cabelos numa trança irregular.

Gawain levantou-se e pegou o saco de gatinhos e depois estendeu a mão para ajudar Aislyn a ficar de pé, enquanto uma lufada de vento lançava sobre eles uma chuva de flores de cerejeira. Ele as tirou de seus cabelos, sorrindo para ela. Ia beijá-la, Aislyn estava certa disso. Tal como ela e Morgause tinham planejado.

Porém, ela não contara com aquela estranha confusão. Gawain inclinou-se para ela e, no último momento, Aislyn se deu conta de que não poderia simplesmente ficar parada ali, como um pedaço de pau, tinha de inclinar a cabeça... E assim fez, pendendo-a num gesto duro de lado no mesmo instante em que Gawain se movia na mesma direção. Seus narizes se chocaram. Qual era o problema com ela?, e ele recuou.

Raiva e consternação a invadiram. Ela nunca fora tão desajeitada na vida! Contudo, estava estranhamente ofegante, quase atordoada... de irritação, disse a si mesma, embora isso não explicasse a esquisita sensação de alvoroço em sua barriga, como se centenas de borboletas estivessem presas lá dentro, tentando escapar.

Ele sorriu e inclinou-se de novo, e novamente ela virou o rosto na direção errada, precisamente no momento errado.

Gawain afastou-se e encarou-a com ar crítico.

— Nunca tinha me dado conta de que isso poderia ser tão complicado. A menos que... será você preferiria que eu não...

— Não! Quero dizer, eu não... isto é, eu gostaria... se você quisesse...

O que ela estava balbuciando? Felizmente, Gawain parecia mais divertido que preocupado com aquele desvario. Abaixou-se e colocou o saco de gatos no chão e, depois, pousou as mãos gentilmente dos lados de sua face.

— Vamos começar de novo — disse, com um riso na voz.

Então, ele a beijou.

Aislyn nunca imaginara que um beijo pudesse ser tão doce. Ou que o simples contato de boca contra boca pudesse desmontá-la tão completamente. Estava caindo, tombando, num mergulho atordoado que deveria apavorá-la, mas não lhe dava nem medo. Pois os braços de Gawain estavam à sua volta, tão fortes e sólidos como ele mesmo.

Ele beijou-lhe as faces, os olhos e depois a boca novamente, e o núcleo frio e duro de amargura que ela carregara por tanto tempo no coração, dissolveu-se como flocos de neve numa chama.

Era como se ela tivesse vagado por um interminável pesadelo e por fim, acordasse. Que lhe importava a magia negra e o frio poder? Tinha tudo que sempre quisera, bem ali, debaixo da cerejeira.

Quando se separaram, olharam-se profundamente nos olhos um do outro, e todas as perguntas foram feitas e respondidas sem uma palavra. Ele a puxou com força contra o peito, o queixo a descansar em seus cabelos, e os olhos de Aislyn se encheram de lágrimas quando ela enterrou a face no ombro de Gawain. O que acabara de fazer? O que teria de fazer agora? Não a tarefa de Morgause lhe dera, disso Aislyn tinha certeza. Porém, não queria pensar no futuro. Nada mais desejava além de ficar ali para sempre, segura no abrigo dos braços de Gawain.

Os dedos dele deslizaram pela trancinha em sua têmpora, entremeada com uma fita verde, e ela ergueu a cabeça para fitá-lo.

Acariciou-lhe a face, os lábios, e Gawain sorriu, beijando a ponta de seus dedos e torcendo a trança na mão. Olhou para baixo, ia falar e se conteve.

— O quê? — ela indagou. — O que ia dizer?

— Pensei... um cacho de seu cabelo... os cavaleiros carregam para a batalha, e eu... mas...

— Corte-o — ela disse, rindo. Ele puxou o punhal.

— Tem certeza?

— Espere.

Ela tomou o punhal da mão dele e cortou a trança. Gawain pegou-a e virou-a nos dedos, afagando as fitas verdes que a prendiam antes de enrolá-la num círculo e enfiá-la na bolsa em seu cinto.

— Aislyn, eu...

Ele hesitou, e Aislyn conteve o fôlego, esperando que Gawain continuasse.

— Eu o levarei sempre comigo — ele murmurou, e embora não fosse aquilo que esperava ouvir, quando Aislyn olhou para aqueles olhos faiscantes, foi o bastante.

Um sorriso amargo curvou os lábios de Aislyn quando ela terminou de trançar os cabelos brancos e os amarrou com um pedaço de cordão. Gostaria que houvesse um espelho, mas claro que Gawain não iria se preocupar com algo tão frívolo. Mesmo assim, ela tinha que parecer não apenas repulsiva, mas ridícula.

Sorridente, entrou no salão poucos minutos depois. A mesa alta era ocupada apenas por Gawain, Lancelot e o rei.

— Bom-dia — ela cumprimentou, desabando na cadeira ao lado de Gawain. — Estou atrasada, parece. Mas uma recém-casada precisa de descanso, vocês sabem. Não é assim, meu senhor?

O rei a encarou, desconcertado. Lancelot engasgou-se com a cerveja. Gawain endereçou-lhe um olhar sombrio, mas limitou-se a lhe oferecer um pedaço de pão.

— O rei estava acabando de me contar sua aventura no dia de ontem — Lancelot rompeu o silêncio, constrangido. — Continue, Majestade, o que Somer Gromer Jour disse quando lhe deu a resposta?

Gawain ficou tenso ao lado dela; ele e o rei trocaram um olhar rápido e, depois, Arthur disse, despreocupado:

— Ora, nada, na verdade. O que havia a dizer?

— A coisa toda parece bastante estúpida — comentou Lancelot. — Qual era o objetivo disso?

— Não sei — respondeu Arthur. Olhou para Aislyn, franziu a testa e depois deu de ombros. — Talvez um dia saibamos mais sobre esse sujeito, quem quer que seja, e seu propósito.

Gawain olhava para Aislyn também, com uma expressão que ela não conseguiu compreender.

— Então, o que faremos hoje? — ela perguntou, animada.

— A rainha está planejando um passatempo no jardim — Lancelot informou.

— O quê, com dança e tudo? — Aislyn interessou-se, julgando que umas dores a mais valeriam a pena pela oportunidade de dançar ao ar livre.

O mesmo pensamento pareceu passar pela mente de Gawain. Ele empurrou o prato de mingau pela metade, parecendo enjoado.

— Sir Gawain e eu vamos caçar — o rei anunciou, com firmeza.

— Hoje? — Aislyn pousou a mão no braço de Gawain. — Oh, Majestade, não seja tão cruel. Seria uma verdadeira pena separar-nos tão cedo depois do casamento. Não concorda, sir Lancelot?

Lancelot ficou vermelho e teve um súbito ataque de tosse. Arthur fitou-o de cara feia e o jovem cavaleiro gaguejou uma desculpa apressada antes de se retirar.

— Deve ter sido algo que ele comeu — Aislyn comentou. — Terminou? — emendou, virando-se para Gawain. — Então por que não me mostra tudo por aí?

— Mas... — o rei começou.

— Nós nos veremos nos jardins mais tarde, Majestade. — Aislyn agitou os dedos. — Quem sabe possamos dançar.

Gawain não disse nada, mas ela julgou ter ouvido seus dentes rangerem quando a conduziu para fora do salão.

— Então, o que foi *mesmo* que ele disse? — ela quis saber quando estavam sozinhos numa das galerias. — Somer Gromer Jour?

Gawain parou, apoiando o ombro largo na parede de pedra enquanto a fitava com olhos velados.

Pareceu completamente aturdido por um momento, mas então respondeu:

— "Minha irmã lhe disse isso". Diga-me, você tem um irmão?

Launfal. De conluio com Morgause? Não, não podia ser; não Launfal! Ele sempre fora tão inocente. Mas a inocência não durava muito tempo na corte de Morgause.

— Pois acontece que tenho — Aislyn admitiu. — Embora faça algum tempo que não o vejo. Ele tem mais ou menos a minha idade, pois não há nem um ano entre nós. Você acha que ele poder ser Somer Gromer Jour?

Gawain meneou a cabeça.

— Não, ele era jovem. A julgar pela voz e o porte, acho que não tem mais de vinte e um anos.

O que seria a idade de Launfal, ou bem aproximada. Estúpido, como pudera passar para o lado do inimigo? Era difícil acreditar que seu irmãozinho frágil e cândido tivesse sucumbido às lisonjas de Morgause.

Aislyn poderia ter se deixado enredar, mas sempre acreditara que Launfal era bom demais para ser enganado. Claro, fazia cinco anos desde que o vira pela última vez, e as pessoas mudam. Se era uma criatura de Morgause agora, devia ter mudado mais do que os outros. Ao pensamento, uma estranha dor a transpassou, em algum lugar na região do coração.

Assim que chegaram aos jardins, Aislyn expulsou a melancolia e atirou-se aos festejos da rainha com verdadeira loucura. Recusou a oferta de Gawain para servi-la, e apanhou um pedaço de bolo de uma travessa.

— Uma recém-casada precisa de substância — resmungou, enfiando um bocado na boca.

As pessoas por perto viraram para olhar para Gawain, horrorizados, e ele avermelhou como uma beterraba, os olhos se estreitando. Aislyn enfrentou o olhar desafiadoramente enquanto aceitava um cálice de vinho de um pajem. Ergueu-o em sua direção antes de virar a bebida num único trago.

— Minha senhora — Gawain murmurou de lábios apertados quando ela empurrou o cálice para o pajem assustado e serviu-se de outro da bandeja de um escudeiro que passava.

— Oh, música — ela gritou. — Venha, meu marido, vamos dançar.

— Não — ele retrucou, secamente. — Por que não nos sentamos...

Ela ergueu as saias, deixando à mostra as canelas finas, e saltitou.

— Sentar? Hoje? Não, não, estou me sentindo alegre demais!

Antes que ele pudesse retrucar, ela rodopiou para o centro do gramado.

— Perdão! — Aislyn exclamou, abrindo o caminho a cotoveladas.

Sua dança era uma obra-prima de palhaçada. Conforme rodava e saltitava, os outros dançarinos recuavam para observar. A maioria dos

cavaleiros tentou reprimir o riso, mas, por fim, ninguém pôde deixar de cair na gargalhada. A meia dúzia de donzelas que chorara durante a festa na noite anterior, estava agora de olhos vermelhos, chorando de tanto rir!

Gawain continuou impassível como uma pedra. Quando Aislyn sucumbiu finalmente de exaustão, ele adiantou-se, deu-lhe o braço e conduziu-a até um banco sob uma treliça em arco carregada de trepadeiras. Aislyn despencou no assento com um suspiro de alívio. Santa Mãe, mas como doíam suas costas! E suas pernas... principalmente os pés. Até as unhas doíam.

— Posso lhe... — Gawain começou.

— Não.

Ela arrotou por trás da mão, maldizendo o estômago fraco da bruxa. Todo o vinho e a bela comida não tinham lhe caído bem. E aquele exercício louco pelo gramado não ajudara em nada.

Gawain deveria estar rezando para que ela desmaiasse... o que parecia terrivelmente provável no momento, pois seu coração batia como um bumbo desvairado. Mas, ele não parecia com raiva. Limitava-se a fitá-la com uma expressão que, em qualquer outro homem, ela tomaria por preocupação. Era um espetáculo, naturalmente, um embuste. Mas quem ele pensava que estava enganando?

Não o rei, que parecia quase tão doente como Aislyn se sentia. E certamente não a rainha, sentada com Lancelot, os dois cochichando por trás das mãos. Nem Dinadan também, que fixara em Aislyn os olhos brilhantes, com uma expressão de tamanha reprovação, que ela não conseguiu sustentar o olhar. Só poderia ser a si mesmo que Gawain enganava. Ninguém mais acreditava naquela farsa ridícula de simpatia.

Aislyn, menos do que todos.

— Bem, isso foi divertido. Fazia tempo que eu não me sentia tão alegre!
— ela concluiu.

Lancelot conduziu a rainha ao centro do gramado. Outros o seguiram, dispondo-se em duas fileiras.

Assim que a música começou, Lancelot exclamou:

— Temos espaço para mais um par, Gawain! Você e sua senhora, juntem-se a nós!

Algo faiscou nos olhos de Gawain e, por um momento, Aislyn pensou que aquela fora a gota d'água, que finalmente ele perderia a compostura, mas

então, ele se controlou e falou:

— Creio que não.

Aislyn sentiu-se tentada a pressioná-lo, mas não conseguiu encontrar forças. Tudo o que ela queria agora era encontrar algum aposento fresco e escuro onde pudesse pôr os pés de molho.

— Gostaria de se retirar? — Gawain perguntou.

— O quê, e perder a diversão? Ou você só me quer fora do caminho para poder dançar com elas? — Aislyn apontou para as choronas com o queixo.

— Eu não danço — ele retrucou, com indiferença.

Mentiroso! Ela dançara com ele em Lothian, seus corpos movendo-se em harmonia ao ritmo das gaitas de foles e dos tambores até a alvorada ofuscar a luz das tochas. Tinham ido para os estábulos depois e cavalgado pelas colinas, vendo o sol nascer...

Mesmo a lembrança a esgotou. Parecia algo que acontecera a outra pessoa numa época muito distante, uma moça que dava a impressão de não ter nada a ver com ela.

Gawain pertencia àquele tempo. O *seu* Gawain, o jovem e fascinante cavaleiro, que entrara galopando em Lothian cinco anos antes e destruíra o reluzente edifício de sua ambição. O homem ao lado dela agora era um estranho. Ela não o amava, nem mesmo gostava dele. Um imenso cansaço a dominou até que sentiu-se tão velha como o corpo que usava. Que sentido havia em punir a ambos por coisas que haviam acontecido em outra vida a duas pessoas inteiramente diferentes?

— Acho que terei de me deitar — disse por fim. — Não, não precisa vir comigo. — Sem olhar para ele, Aislyn saiu mancando do jardim.

Ao chegar ao quarto, Aislyn mal conseguiu arrastar-se para dentro.

O que vou fazer agora, pensou, despencando na cama. Sua brincadeira se tornara monótona, e ela não tinha mais vontade de ficar ali em Camelot... E, no entanto, não havia outro lugar onde pudesse estar a salvo.

Se eu me transformasse de volta e confessasse tudo ao rei... No dia anterior, isso poderia ter servido, mas agora, era tarde demais. Ela e Gawain estavam casados... Ou não, ele se casara com a sra. Ragnelle. Tudo estava muito confuso em sua mente, e ela não tinha mais certeza de quem era. Com um suspiro, fechou os olhos e sucumbiu ao sono.

Pareceu que decorrerá apenas um momento quando ela se ergueu, num sobressalto, e se deparou com o quarto envolto em sombras.

— Quem está aí? — gritou. Ouvira um ruído estranho.

Gawain recuou, tropeçando num dos gatos, que miou e desapareceu pela janela.

— Ragnelle! Eu não a vi.

Ela escorregou para fora da cama, e gemeu quando seus pés tocaram o chão. Apertou os olhos para se proteger da luz repentina de uma vela, notando os cabelos desalinhados e as faces vermelhas de Gawain. Ele sentou-se sobre o baú e esfregou a perna.

— Parece embriagado. E eu aqui pensando que você nunca bebia em excesso. Abaixo de sua dignidade, não é?

Ele apoiou os cotovelos nos joelhos.

— Não estou bêbado. Mas, depois de hoje, não tenho muito dignidade de sobra para perder.

Então, *ele percebeu*. Bem, já era alguma coisa, um conforto saber que seu sofrimento não fora inteiramente em vão.

— Ah, ora... — Aislyn sentou-se numa cadeira —, foi tudo brincadeira.

— Brincadeira? Ah, particularmente a parte sobre uma noiva precisar de substância... — ele murmurou, afastando os cabelos da face.

Ela soltou uma risadinha.

— Sim, isso foi divertido.

— Foi? — ele volveu, com frieza.

— Ora, vamos — ela retrucou, irritada. — Por que não diz o que realmente está pensando?

— Você não tem idéia do que estou pensando.

— Pois aposto que tenho. Eu o deixei zangado hoje, não deixei? Vamos, admita. E depois há aquele sir Lancelot — ela continuou, sem lhe dar a chance de responder. — Por que não lhe dá uns bons tapas? Você sabe que quer fazer isso, e eu me atrevo a dizer que lhe faria bem. Mas não, você deixa que ele continue divertindo-se às sua custa! É melhor tomar cuidado ou as pessoas vão começar a imaginar... — Ela calou-se, percebendo que falara mais do que pretendia.

— Imaginar *o quê*?

— Bem, imaginar se você é tão corajoso como as histórias contam.

Ele a fitou com um olhar firme.

— Ninguém jamais teve motivos para reclamar de meu comportamento em campo de batalha.

— O que é a vida inteira a não ser um campo de batalha? No entanto, você deixa aquele rapaz caçoar de você, e fica sentado sem fazer nada. Não se importa com o que as pessoas dizem?

— Não, particularmente.

— Mesmo se estiverem dizendo que você tem medo dele?

— Qualquer um que acreditasse *nisso* nada sabe a meu respeito — ele retrucou, com um lampejo de orgulho. — Mas, preste atenção. — Inclinou-se para a frente, a expressão séria. — Os cavaleiros de Camelot não são meros combatentes, são irmãos. E Camelot em si não é apenas outro castelo, é um... um farol, uma baliza. Ouviu falar da justiça do rei, não ouviu? Não é uma frase apenas, é uma força vivificante que toca cada um de seus súditos. Quando nós, os companheiros do rei, saímos para o mundo, levamos a visão do rei conosco, sua lei, sua justiça, sua misericórdia, para cada canto da Britânia. Não podemos permitir que disputas mesquinhas nos dividam. Devemos ser *um*.

Por um momento, Aislyn pôde vê-lo mais uma vez, o reino radioso de Gawain erigido com justiça e piedade... e, então, o bom senso retornou. Um dia Camelot fora seu sonho também, mas quando ela estendera a mão para agarrá-lo, soube o quanto os sonhos podem ser frágeis.

— Belas palavras — escarneceu.

— Os votos que pronunciamos, para o rei e para cada um de nós, são verdadeiros. Não são somente palavras bonitas, têm *significado*.

— Não para sir Lancelot — ela refutou.

— Se um de meus irmãos em armas me trata com descortesia, a vergonha é dele, não minha. Mas cada homem deve zelar pela própria honra. O que *eu* juro, eu faço!

Aislyn deu de ombros diante disso. Falar com aquele novo Gawain era como falar com um homem revestido em cota de malha. Nenhuma palavra sua causaria impressão.

— Então pelo menos você dançou depois que eu saí?

Ele meneou a cabeça.

— Eu lhe disse que não danço.

— Ora, é doente do pé? Ou nunca aprendeu? Ou isso está abaixo de você?

— Não me importo em dançar — Gawain retrucou, de cara fechada. — Isso é crime?

— Não um crime, porém...

— Não brinco de cabra-cega ou prenda também. Nem canto baladas.

A boca de Aislyn retorceu-se de desdém. Isso, pelo menos, era verdade, embora Gawain tivesse cantado uma ou duas canções de soldado para ela, que a fizeram rir e corar.

Pare. Este não é o mesmo Gawain, lembra-se? E você não gosta dele.

Mesmo assim, estava um pouco curiosa.

— Qual é o problema com você, afinal? Ei-lo aqui, um belo e jovem cavaleiro de vinte três anos, e um príncipe ainda por cima! Tem tudo o que um homem poderia querer e, no entanto, vagueia cabisbaixo por aí, tão alegre como uma nuvem de chuva num piquenique.

— Eu me divirto — ele resmungou, na defensiva.

— Quando? — ela indagou. — Como?

— Bem, quando... — Gawain franziu a testa. — Em combate.

— Matar pessoas é divertido?

— Não! Eu não quis dizer isso. Apenas me sinto... útil então. E algo... — ele hesitou — que faço bem.

— Ouvi dizer. Mas estamos falando de alegria, de felicidade. — Aislyn bateu os nós dos dedos no joelho para enfatizar o ponto. — Rir com seus companheiros, flertar com as moças...

— Quer que eu flerte? — Ele sorriu sem humor ao puxar a coberta. — Que conselho estranho para uma esposa dar ao marido.

— Eu sou uma esposa estranha — Aislyn ironizou. — Portanto, onde você esteve esse tempo todo desde que o deixei, hein? A verdade.

— Peguei no sono na capela. Ela revirou os olhos.

— Alguma vez pensou em entrar para o sacerdócio?

Gawain sorriu brevemente, pegando Aislyn de surpresa.

— E preciso ter fé para isso, e eu...

— Você não é um bom cavaleiro cristão? — ela indagou, num tom caçoísta.

— Sirvo a meu rei; minha alma é preocupação minha. Se realmente eu tiver uma.

Aquela era uma mudança que ela não esperava; algumas das discussões mais apaixonadas entre os dois eram resultado da recusa de Gawain em concordar que acreditar numa deidade invisível era o refúgio dos fracos e infantis.

— Então, por que ir à capela? — ela perguntou.

Gawain pareceu dolorosamente jovem por um instante, com um ar de tristeza confusa nos olhos, mas então deu de ombros, a expressão endurecendo.

— E quieto lá; um bom lugar para pensar.

— E dormir — ela observou e sorriu com ironia.

— Também.

— Posso perguntar uma coisa? — ela murmurou, surpreendendo a si mesma. Gawain deu de ombros, bocejando. — Você é o herdeiro do rei. Não devia ter escolhido uma noiva anos atrás?

— Se eu tivesse, não estaríamos aqui, agora. — Ele ergueu os olhos para Aislyn, a expressão indecifrável. — Eu não pretendia me casar, nunca.

— Nunca?

— Um dia, eu pensei que... mas... não. — Deitou-se de costas na cama.

Aislyn levantou-se e olhou para ele, as batidas do coração se acelerando. Será que seria possível que ele lamentasse o que fizera no passado? Que ainda tivesse algum sentimento por ela, afinal?

— Por que não? — Ela conteve a respiração, esperando pela resposta.

Gawain pousou o braço sobre os olhos.

— Ela morreu.

Aislyn deve ter deixado escapar algum som, pois ele murmurou, ríspido:

— Chega. Por piedade, Ragnelle, deixe-me dormir.

Aislyn sentou-se, agarrando os braços da cadeira, cada respiração um esforço. Que diferença podia fazer, perguntou a si mesma. Gawain não era o

mesmo. Não importava se ele estava de luto com alguma moça morta.

Um dia, eu pretendia me casar...

Um dia.

Tudo voltou num ímpeto com clareza, as noites que ela passara ajoelhada sob a janela, imaginando Gawain se declarando a ela. Repassara a cena mil vezes, as palavras que ele usaria, o que ela diria, como seriam felizes. Tinha certeza de que ele iria lhe pedir a mão antes daquela noite fatídica.

Aislyn não sabia o que sentir ou o que pensar. O grande amor de sua vida fora uma mera paixão da parte dele. Certamente havia sido outra mulher que transformara o rapaz alegre que ela conhecera naquele estranho tristonho.

Contudo, ele não fora sempre um estranho?

Ela se arriscara à ira de Morgause por um homem que não conhecia.

Gawain nunca a amara.

Ela o fitou, notando os membros longos, o peito largo e o abdômen liso, os ângulos da face, e os cabelos cor da lua que se espalhavam pelo travesseiro. Sim, ele era belo, mas tal beleza nada mais era que uma casca. Jamais conhecera o homem escondido ali dentro, e se uma vez o amara desesperadamente, seu amor não era nada diante do ódio que a consumia agora.

Levantou-se, manquitolou até o baú, e pegou sua sacola. Não demorou muito para misturar a poção e, quando estava pronta, engoliu-a num único gole.

Caiu de joelhos, mordendo os lábios contra a dor conforme os ossos se encompridavam, endireitavam, a pele se esticava e as juntas saltavam.

Por fim, o processo findou. Ela se levantou, arrancou a túnica e as peças íntimas e depois ergueu os braços sobre a cabeça e sentiu cada músculo se alongar. Oh, era bom ser ela mesma outra vez! Correu as mãos pela face, as pontas dos dedos delineando o nariz, os lábios, os olhos, deliciando-se com a textura macia da pele. Afofou as ondas reluzentes dos cabelos que caíam sobre os seios e quadris até quase os joelhos.

Seguiu descalça, pé ante pé até a cama, e olhou para Gawain. Os cílios dourados pousavam imóveis sobre as faces. A não ser pelo lento arfar do peito, ele poderia ser a efígie de um cavaleiro talhado em alabastro com toques de dourado.

Tal como parecera naquela noite em Lothian quando fora até o quarto

dele, mandada pela rainha.

Aislyn nunca vira Morgause num tal acesso de nervos. A face da rainha estava lívida e seus olhos falseavam com a selvagem luz da loucura.

— Seu jantar com sir Gawain não... não correu bem ? — Aislyn gaguejou.

A risada de Morgause saiu como um guincho.

— Bem? Não, não saiu bem. Meu filho é um traidor. Algo na maneira com que ela dissera a palavra enregelou o coração de Aislyn.

— Oh, senhora, não! — ela gritou. — Ele está confuso...

— Atreve-se a defendê-lo? — Morgause pegou um jarro da penteadeira e arremessou-o nela. Aislyn desviou-se; o jarro espatifou-se contra a parede atrás de sua cabeça. — Ou só procura uma desculpa para seu próprio fracasso?

— Preciso de mais tempo — Aislyn murmurou. — Tenho certeza de que posso convencê-lo...

Suas palavras terminaram num grito quando foi esbofeteada com força.

Morgause sentou-se à penteadeira e enterrou o rosto entre as mãos

— Gawain é homem de Arthur; ele próprio me disse. Atreveu-se a me encarar nos olhos e dizer que servirá aquele bastardo ilegítimo até a morte.

— Sinto muito, senhora — Aislyn balbuciou, cautelosa. — Fiz o meu melhor.

— Seu melhor — Morgause esbravejou — não foi o bastante. — Ergueu a cabeça e olhou no espelho, os olhos cravados nos de Aislyn. — Mas você terá outra chance.

— Sim, obrigada, senhora. — Aislyn recuou para a porta. — Tenho certeza de que contando com uns poucos dias a mais...

Não que ela precisasse de alguns dias ou mesmo de um só. Tudo que ela pedia era um quarto de hora no qual imploraria a Gawain para levá-la daquele lugar.

— Esta noite — a rainha começou — você irá até a cama de Gawain e o amarrará. Depois, veremos o quanto valem suas patéticas noções de honra e lealdade.

— Amarrar?

— O sortilégio. Você sabe o que quero dizer, não finja que não sabe. — A rainha virou-se e pegou Aislyn pelo braço, as unhas afiadas enterrando-se em seu pulso. — Assim que Gawain estiver sob o meu comando, Arthur não ocupará o trono por muito tempo. Você queria uma coroa, Aislyn, não queria? Bem, aqui está sua chance de comprovar ser digna de usá-la.

A coroa de Orkney, ela pensou, entorpecida, era o que esperava, não a da Britânia. Como poderia ter sido tão cega às verdadeiras intenções de Morgause?

Os olhos da rainha se estreitaram.

— Não me falhe — sibilou. — Ou prometo que o que lhe restar da vida parecerá distante demais.

Aislyn concordou.

— Sabe que pode confiar em mim, senhora.

— Então, vá. Faça o que deve fazer. — O sorriso de Morgause não chegou aos olhos. — Pode deixar o resto comigo.

Aislyn tremia quando parou no limiar da porta do quarto de Gawain, imaginando se a magia de Morgause seria poderosa o bastante para avisá-la da traição iminente. Então, respirou fundo e reuniu coragem, determinada a confessar tudo a Gawain.

Ele tinha de saber. Entenderia que ela nunca pretendia enganá-lo. Assim que explicasse como tudo aquilo acontecera, como chegara a Lothian sem nada, tendo pela frente uma vida de servidão, Gawain perceberia que ela realmente não tivera outra escolha.

Acreditaria, claro, que ela não sabia que Morgause planejava destronar o rei Arthur, embora ela devesse ter percebido isso longo tempo atrás, se não estivesse cega pela perspectiva deslumbrante de uma coroa.

Jamais em sua vida permitiria que Gawain fosse usado para qualquer fim. Se fosse amarrado pela magia, o homem que ela amava deixaria de existir, e, em seu lugar, haveria uma casca sem nenhuma vontade a não ser a dela, ou, para ser exata, a de Morgause.

E pensar que a rainha proclamava amar o filho...

Mas eu o amo! Aislyn disse a si mesma, entrando no quarto e seguindo depressa para a cama. E ele me ama. E me levará deste lugar sombrio, me arrebatará para a reluzente Camelot, e me protegerá da vingança de sua mãe.

Nunca uma tola fora tão enganada.

Ela ajoelhou-se ao lado de Gawain na cama e se debruçou sobre ele, os cabelos caindo sobre a face dele quando ela tocou-lhe os lábios com os seus. Ele remexeu-se e suspirou, e ela o beijou de novo. Desta vez, ele correspondeu, ainda meio dormindo. Ela insinuou a língua pelos lábios entreabertos e as pálpebras de Gawain se agitaram.

— Aislyn?

— Shhh... — Ela pousou-lhe um dedo nos lábios. — Você está sonhando — murmurou, tocando-o no espaço entre as sobrancelhas.

Gawain suspirou, relaxando contra o travesseiro, e fitou-a com um sorriso. Durante aquela noite, ele não pensaria naquela outra mulher de jeito nenhum. E, quando acordasse, estaria ligado a ela, de corpo e alma. E ela iria embora. Então, Gawain finalmente compreenderia o que ela sofrera por cinco longos anos.

Gawain tocou-a nos lábios, nas faces. Depois, as mãos se enredaram em seus cabelos para puxá-la para baixo, contra o corpo.

Ele sempre fora tão gentil, tão docemente hesitante, como se Aislyn fosse feita de alguma substância delicada que ele tivesse medo de quebrar. Porém, não havia gentileza na forma como a beijava agora. Ele não pedia, exigia, e o coração dela saltou em resposta. As mãos quentes deslizaram por seus seios, provocantes e carinhosas, fazendo-a gemer de ansiedade.

Ele puxou-a ao se virar, levando-a consigo, sem interromper o beijo. E Aislyn enrolou as pernas em torno das costas fortes, projetando os quadris para a frente, de encontro a ele, enquanto Gawain a preenchia numa poderosa estocada. Ela gritou; suas unhas enterraram-se na pele das costas dele, e ele investiu de novo, mais fundo, e mais uma vez.

Fora com *isso* que ela sonhara todas aquelas dolorosas e intermináveis noites, era por *isso* que ela ansiara desesperadamente. Dois transformados em um, algo perfeito e completo, uma sensação tão intensa que ela gritou de novo, um brado inexprimível de deslumbramento que ele repetiu num eco ao se arquear contra ela.

O ritmo das investidas cresceu, levando-a a um clímax impossível de descrever e, então, Aislyn teve a impressão de flutuar de volta à terra, de volta à consciência de si mesma e dele; ambos presos nos braços um do outro, as pernas entrelaçadas. Os lábios de Gawain moviam-se sobre os seus numa exploração demorada que as pontas dos dedos leves repetiram, traçando os contornos de pernas, quadris e seios. Ela deixou escapar um som rouco da garganta, e Gawain riu. Puxou-a contra o corpo, enterrando a face em seu pescoço, abraçando-a tão apertado que ela podia sentir-lhe as batidas do coração como se fosse o seu próprio. Porém, ele mesmo dissera que aquele coração pertencia à outra, uma mulher, cuja morte ele ainda lamentava.

Ele então suspirou, relaxando e fechando os olhos, entregue novamente ao sono.

Termine, ela pensou, complete o vínculo. Tire dele a própria vontade, destrua-lhe a preciosa honra. Faça-o seu para todo sempre.

O feitiço continuava tão claro em sua mente como cinco anos atrás, pois Morgause a forçara a repeti-lo até que cada palavra ficasse marcada indelevelmente em sua memória. Aislyn não o usara então, mas usaria agora. *Tinha de usar.*

Ergueu-se num cotovelo e olhou para ele.

— Esses olhos nada vêem, a não ser a mim; essa língua nada fala, a não ser de mim — ela murmurou, tocando-lhe as pálpebras, e depois os lábios. — Esse coração anseia somente por...

Gawain suspirou, virando-se para ela no sono, os dedos torcendo um cacho de seus cabelos enquanto os lábios moviam-se formando seu nome.

Faça, ela ordenou a si mesma, e depois deixe que ele se consuma de saudade, cada momento uma agonia desejando aquilo que ele nunca mais terá de novo.

— Homem e mulher — ela continuou, a voz trêmula — coração unido a coração e... e...

Ele nunca me amou, Aislyn pensou, enquanto as lágrimas quentes escorriam por suas faces. Ele apenas me possuiu porque acreditou que fosse um sonho.

Termine.

Mas quando o fitou, Aislyn soube que não conseguiria.

Preciso ir. Não posso ficar aqui.

Levantou-se e despejou água da jarra na bacia. Lavou os vestígios do sexo nela e em Gawain, tocando-lhe a testa e murmurando uma ordem suave quando as pálpebras palpitaram. Ele jamais saberia.

Lembraria daquela noite apenas como um sonho... se lembrasse, afinal. Então, sentou-se ao lado dele e afastou-lhe os cabelos da face; depois, inclinou-se para beijá-lo nos lábios mais uma vez.

Os braços de Gawain rodearam-na e ele a puxou para baixo. Aislyn pousou a cabeça em seu peito com um ligeiro suspiro, as lágrimas caindo enquanto ela ouvia as lentas batidas de seu coração.

Logo eu irei embora. Logo, mas... ainda não.

CAPÍTULO II

Aislyn sonhou que estava em casa de novo, parada no salão com sua mãe e seu irmão, ambos olhando para ela enquanto o ariete martelava contra os portões.

— Precisamos fugir! — Erguendo a voz, virou-se para o pessoal reunido no salão. — Fugir! Os portões foram arrombados! — Pegando a mão do irmão, ela seguiu pelo corredor que levava às cozinhas...

Algo lhe tocou a face, e o sonho começou a se dissipar. Bocejando, ela espreguiçou-se e se viu olhando para os olhos verdes de um gato. Sooty, ela pensou, levando a mão para acariciar o pelo brilhante. Franziu a testa ao olhar para a mão, sua própria mão, muito branca, quando uma batida firme soou à porta.

Gawain estava deitado a seu lado, os olhos fechados e os cabelos emaranhados sobre a testa. Remexeu-se, resmungando algo... E Aislyn rolou para fora da cama, pegando a sacola conforme se abaixava atrás do biombo. Suas mãos tremiam quando tirou os frascos da sacola, derrubando-os na pressa.

— Quem é?

Ela assustou-se ao som da voz de Gawain, ainda rouca de sono.

— Sou eu, Gawain... Morgana. Não me diga que ainda está deitado...

Morgana? Santa Mãe, me ajude! Aislyn mediu o pó numa xícara com as mãos trêmulas. Morgana, duquesa da Cornualha, a tia de Gawain... e a mais poderosa feiticeira da Britânia.

— Um momento — Gawain pediu, e Aislyn ouviu a cama estalar quando ele se levantou. — Ragnelle?

— Aqui — ela respondeu, mexendo aflita a poção antes de entorná-la.

— Você está bem?

— Sim, é apenas... — ela mordeu o lábio para abafar um gemido — algo

que comi.

— Morgana, um momento — ele tornou a dizer. — Minha senhora está... indisposta.

— Tudo bem.

Aislyn olhou para as mãos. Estava feito. Ela era novamente a velha senhora. Enxugando o suor do lábio, espiou pelo canto do biombo, e viu Gawain enfiando uma túnica pela cabeça. Oh, por que ela não fora embora a noite anterior? Não queria nunca mais vê-lo de novo, e particularmente não assim, com os cabelos despenteados e os olhos pesados de sono, assobiando enquanto se abaixava para encontrar as botas.

— Jogue minha combinação, sim? — ela pediu, forçando-se a falar através da garganta apertada.

— Você está bem? — ele indagou, atendendo-lhe o pedido.

— Oh, sim. — Talvez ele não se lembrasse. Aislyn sabia que seria melhor assim e, no entanto, como poderia suportar se ele não se recordasse? Hesitou e, então, atreveu-se a perguntar: — Dormiu bem?

— Muito bem. — O sorriso de Gawain desfez-se quando ele olhou para a cama e enrubescou, e Aislyn não soube dizer se tinha vontade de rir ou chorar. Mas antes que pudesse decidir, a porta se abriu.

— Já está decente? — Uma voz alegre indagou.

— Estou. Desculpe-me por fazê-la esperar. — Gawain levantou-se quando uma senhora de cabelos negros adiantou-se para abraçá-lo.

— Não tem importância — ela murmurou, recuando e olhando ansiosa para o rosto dele. — Você está bem, Gawain?

— Oh, claro. E você?

— Bastante. É essa a sua esposa?

A duquesa da Cornualha não se parecia em nada com a irmã, Morgause. Morgana não era muito mais alta que a velha rainha, as feições, comuns... a não ser pelos olhos, negros e muito lindos.

— É! — Gawain exclamou. — Morgana, posso apresentar-lhe minha esposa, Ragnelle? Esta é minha tia Morgana, a duquesa da Cornualha.

— Vossa Graça. — Aislyn inclinou a cabeça levemente.

— Ragnelle. — Os olhos de Morgana se arregalaram. Por um momento, ela pareceu à beira das lágrimas ou do riso, e seus lábios tremeram antes que

ela os apertasse com firmeza. — Sinto muito ter perdido o casamento.

— Foi muito repentino — disse Aislyn, obrigando-se a sustentar o olhar de Morgana.

— Assim ouvi dizer. — Morgana disse sem virar a cabeça: — Gawain, vou ficar e ajudar sua senhora a se vestir. Vá fazer o desjejum e nós o encontraremos no salão.

— Morgana — ele começou —, eu...

— Não se preocupe. Não vou mordê-la. — Ela riu. — Simplesmente quero travar conhecimento com ela.

Gawain olhou para Aislyn, as sobrancelhas erguidas numa pergunta muda.

— Vá — disse ela, apontando para a porta. — Não vamos nos demorar.

Quando ele saiu, Morgana sentou-se na cama.

— Minha irmã, a rainha de Orkney, é afortunada com seus filhos. Gosto muito de todos os meus sobrinhos... porém de Gawain mais que todos.

Aislyn manquitolou até o baú e abriu a tampa.

— Creio que está pensando que este é um enlace estranho...

— Por que eu pensaria isso?

Aislyn tirou para fora sua sobreveste de lã verde.

— Você está brincando comigo — disse, com um sorriso. — Mas eu estou acostumada.

Ambrose saltou na cama e Morgana acariciou-lhe as orelhas.

— Não estou brincando — ela murmurou, com doçura, olhando para o gato. — Por que eu deveria pensar que o enlace é assim tão estranho?

Aislyn a encarou, desconcertada.

— Bem, sou um bocado mais velha que ele.

— Ora, você pensou que *eu* me deixaria levar por seu disfarce?

— Disfarce? — Aislyn tentou dar uma risada. — Quem se disfarçaria *disso*?

— Essa é a questão, não é? Por que não me dá a resposta, Ragnelle, ou seja lá qual for o seu verdadeiro nome?

Aislyn derrubou a veste no chão.

— Sente-se — Morgana ordenou — e conte-me por que você enganou o rei e a corte, e, mais particularmente, meu sobrinho.

Sua voz ainda era agradável, mas agora havia uma certa aspereza nela. Aislyn sentou-se na beirada da cama.

Cuidado, agora, disse a si mesma. Por tudo que Morgause dissera sobre a irmã Morgana, era claro que as duas não eram próximas havia anos. Porém os nobres eram estranhos; mantinham-se unidos particularmente contra aqueles que poderiam trazer o escândalo para o nome da família. Era melhor deixar Morgause fora do assunto completamente.

— Soube — Aislyn começou, cautelosa — do encontro do rei com Somer Gromer Jour?

— Sim, eu soube.

— Acontece que eu sabia a resposta que o rei queria, e assim me dispus a encontrá-lo no caminho. Quando vi que Gawain estava com ele...

Aquela era a parte delicada, pois ela não se atreveria a dizer nada além da verdade a uma feiticeira tão poderosa como a duquesa.

— Gawain é o mais nobre de todos os cavaleiros do rei Arthur — Aislyn continuou, escolhendo cada palavra com cuidado. — Mas é de conhecimento geral que ele não tem boa opinião sobre as mulheres. Dificilmente ele não encontra uma oportunidade de apontar como somos traiçoeiras. Claro, não é primeiro homem a dizer isso, mas suas palavras têm mais peso que a da maioria.

Calou-se por um instante, esperando para ver se fora bastante cuidadosa. A duquesa concordou e disse:

— Continue.

— Cansei-me de ouvir as palavras de Gawain na boca de cada homem que quer manter a esposa ou a filha naquele que lhes agrada chamar de "seu lugar" — Aislyn prosseguiu. — Então, pensei... era para ser apenas uma brincadeira, uma lição para ele, se me entende, para ensiná-lo a ser mais cuidadoso no futuro.

Não é que ela conseguira? Nada do que dissera era mentira... Aislyn simplesmente omitira certas palavras na esperança de que Morgana as completasse por si mesma.

— Compreendo. — A duquesa olhou para baixo e sorriu para Ambrose, que se enrodilhara, ronronando, em seu colo.

Aislyn já ia respirar fundo quando Morgana insistiu:

— Foi uma história muito interessante, embora, eu receio, mais por aquilo que você omitiu do que pelo que realmente disse. Tem certeza de que não tem nada a acrescentar?

Aislyn arregalou os olhos.

— Como o quê, Vossa Graça?

— Como onde você aprendeu a lidar com tal encantamento, para começar. Esse sortilégio não se aprende com qualquer mulher sábia de uma vila.

— Minha mãe tinha algum aprendizado — Aislyn balbuciou. — Antes de se casar, ela estudou...

— Quem lhe ensinou esse feitiço? — Morgana a interrompeu.

Os ombros de Aislyn caíram.

— A rainha de Orkney.

— Ah, então você conhece minha irmã! Eu devia ter adivinhado. Ela a mandou aqui?

— Não! Na verdade, Vossa Graça, ela nem sabe. Alguns anos atrás, ela me tomou como... bem, como sua aprendiz...

— Morgause com uma aprendiz? Santa Mãe, tenha dó!

— E quando eu a deixei, eu... bem, trouxe um livro dela junto.

— Onde está ele?

Aislyn pegou o livro de magia da sacola e estendeu-o a Morgana. A duquesa folheou-o, as sobancelhas se arqueando até a linha dos cabelos.

— É a letra de Morgause, e ela não deixaria isto longe de sua vista voluntariamente. Há quanto tempo você o tem?

— Cinco anos — Aislyn admitiu.

— E ela não a encontrou nesse tempo todo? Você deve ser bastante talentosa.

— Obrigada, Vossa Graça. Nunca pretendi roubá-lo — ela apressou-se em emendar. — Pensei que fosse o meu e não percebi meu engano até que era tarde demais. Eu não queria... Vai contar a ela onde estou?

— Não — Morgana assegurou. — Não contarei.

— Obrigada... — Aislyn tornou a dizer.

Morgana fechou o livro com um baque e entregou-o a Aislyn, que o colocou de volta na sacola com um longo suspiro de alívio.

— Isto é — Morgana continuou —, se eu ficar satisfeita com o resto de suas respostas. Agora, diga-me a verdadeira razão de você querer punir meu sobrinho.

— Eu o conheci em Lothian — Aislyn respondeu —, e ele zombou de meu amor. — E antes que Morgana a pressionasse por detalhes, ela apressou-se em dizer: — Sinto muito pelo que fiz a ele, Vossa Graça. Sei agora que é errado. Eu já tinha decidido ir embora.

Morgana acariciou o gato, a expressão pensativa.

— Então, por que ainda está aqui?

— Bem... — Aislyn engoliu em seco. — Eu pretendia partir esta manhã.

— E mesmo? — Morgana olhou para os lençóis amarfanhados, e depois pousou os olhos sombrios em Aislyn. — Que sortilégio lançou sobre Gawain a noite passada? — indagou.

Aislyn sentiu as faces queimar.

— Eu... eu apenas o fiz pensar que ele estava sonhando. — Ao ver o ar horrorizado de Morgana, emendou: — Eu não estava assim! Voltei para minha própria forma. Não fiz mal nenhum.

— Nenhum mal? — Morgana a encarou, pensativa. — Então acha que eu deveria deixar a sra. Ragnelle ir embora?

— Não voltarei, eu prometo.

— E depois, o que acontecerá a Gawain?

Aislyn meneou a cabeça, sem entender.

— Ele ficará livre.

— Ele está casado com você. Sem prova da morte da esposa, ele estará ligado a você esposa para sempre.

Aislyn não considerara essa hipótese antes.

— Então renunciarei a meu reclamo sobre ele e pedirei que o casamento seja anulado.

— Em que bases?

— A não consumação. — Aislyn mordeu o lábio, mortificada, quando Morgana relanceou os olhos para a cama, com ar significativo. — Mas... mas

ele não sabe — ela gaguejou. — Pensa que foi um sonho...

— O que você o fez acreditar não altera a verdade. — Morgana pousou a mão sobre a de Aislyn, fitando-a francamente nos olhos. — Existe algo mais na magia do que dominar os sortilégios, e eu receio que seu conhecimento tenha excedido sua sabedoria. Dada a professora que teve, dificilmente isso seria uma surpresa, mas a responsabilidade por suas palavras e atos é só sua.

— Vou consertar tudo! — Aislyn jurou.

— Como pode? Está além de seu poder desfazer o que foi feito ou desdizer as mentiras que contou.

— Mas terminarei o casamento. Ele será livre!

— As mentiras lhe vêm facilmente, não é? — Morgana continuou como se Aislyn não tivesse falado. — Você não aprendeu ainda o fardo que elas podem ser. — Sorriu de repente e bateu de leve na mão de Aislyn. — Vou lhe dar um grande presente.

— A senhora... vai? Obrigada.

— Vou tornar sua mentira em verdade.

— O quê? Que mentira?

— Este é o problema com as mentiras — Morgana meneou a cabeça com tristeza. — Uma conduz à seguinte e logo é impossível mantê-las todas em ordem. Mas vamos simplificar a questão. Você quis ser a sra. Ragnelle... Muito bem, então, assim você permanecerá. — Aislyn arquejou, uma dor repentina a dobrá-la em duas, embora desaparecesse antes que ela pudesse gritar. — Está feito! — exclamou. — Agora não existe nenhuma mentira para preocupá-la.

— Não pode estar falando sério... não faria...

— Posso e fiz. Pensou realmente que iria fugir depois de tal afronta à honra de Gawain?

— Mas... como isso poderá ajudá-lo se ficarei assim? Ele se sentirá miserável...

— É um pouco tarde para que *isso* a preocupe. — Os lábios de Morgana se curvaram num sorriso. — A sra. Ragnelle é muito velha. Ouso dizer que ele sobreviverá a ela e se casará outra vez.

Aislyn agarrou-se ao varal da cama.

— Não pode me deixar assim!

As sobrancelhas de Morgana se arquearam.

— Não posso?

— Por favor — Aislyn implorou. — Eu estava errada, sei disso agora. Contarei tudo a ele...

— Tarde demais, querida. — Morgana levantou-se e limpou os pelos do gato da saia — A vida é assim, eu receio. Você sabe que uma coisa deve ser feita e, não entanto, a deixa de lado e então a oportunidade passa. Você não contará nada a ele. Oh, pode tentar, mas descobrirá ser impossível. Você é a sra. Ragnelle e sempre foi.

— Vossa Graça — Aislyn murmurou —, tenha piedade...

— Como você teve quando forçou meu sobrinho a se casar com uma velha odiosa? Não, *não* chore. Isso não convém a alguém da sua idade.

A humilhação fez o pescoço de Aislyn empinar-se.

— Não estou chorando!

— Melhor. — Morgana fez um gesto de aprovação. — Oh, muito bem, eu lhe darei uma chance de desfazer o que eu fiz... em parte. Se Gawain a beijar... um beijo de verdade, oferecido com amor e aceito da mesma forma, então você voltará à sua verdadeira forma pela metade do dia.

— Mas isso é impossível! — Aislyn gritou. — Ele nunca me beijará, não o tipo de beijo a que se refere, não como sou agora.

— Não parece provável, não é mesmo? Mas o amor tem meios de superar obstáculos.

— Amor? — Aislyn riu como louca. — Ele me detesta!

— Eu diria que sim. O que você sente por ele?

Aislyn abriu a boca para dizer que o odiava, mas então se lembrou da louca magia que flamejara entre os dois na noite anterior.

— Não sei.

— Então é melhor descobrir, não acha?

— Precisa de mim hoje, senhora? — Launfal perguntou.

— Por quê? — Morgause, sentada à escrivaninha em seu quarto, no castelo de Lothian, não ergueu os olhos do pergaminho.

— Pensei em descer para o pátio de exercícios.

— Não creio que seja uma boa idéia. — Morgause disse, distraída, com

um gesto de descaso.

Por um momento, a tentação de agarrar-lhe o pulso e quebrá-lo foi tão forte que assustou Launfal. Aqueles impulsos tinham se tornado mais frequentes ultimamente, uma maré negra que afogava todos os pensamentos racionais. Ele vivia com medo de que um dia a maré simplesmente o dominasse, e se isso acontecesse, ele não iria parar até matar Morgause. Seria um homem morto, de qualquer forma, por que iria para o inferno sozinho?

Porém, ainda não perdera toda a esperança e a sanidade e, portanto, afrouxou deliberadamente os punhos antes de falar de novo.

— O exercício me faria bem. E se não tiver nada mais para eu fazer...

— Eu não disse *isso*. — Morgause relanceou um olhar para ele, com um sorriso que lhe enregelou o sangue. — Sei que o tenho negligenciado ultimamente — ela continuou —, mas pode ter tempo para você quando eu terminar aqui.

A definição de negligência de Morgause não era uma que Launfal partilhasse: meros dois dias tinham se passado desde que ele fora chamado para agradá-la. Os outros homens podiam caçar dele, pensando que ele levava uma vida fácil, mas nenhum deles experimentara Morgause na cama.

— Isso seria maravilhoso — ele disse, animado. — E se tiver, pode mandar me chamar...

Ela o encarou diretamente então.

— *Mandar* chamá-lo? Por que eu deveria? O que há?

— Preciso sair. — Ele julgou que um toque de honestidade não faria mal. — Respirar ar fresco.

— E mesmo? — Ela o fitou, pensativa. — Se meu serviço é tão enfadonho, você poderia retornar aos campos. Há um monte de ar fresco por lá. *E* exercício.

Sim, ele pensou, *mande-me de volta*. Porém, mais uma vez, engoliu as palavras. Se voltasse para junto dos criados agora, seria o fim. Nunca mais deixaria aquele lugar. Nunca se tornaria um cavaleiro. Mesmo a débil esperança de alcançar seu sonho seria ceifada, e sem esse sonho...

Ele não suportaria voltar para a vida que conhecera depois que Aislyn desaparecera, e ele e sua mãe tinham caído tão abruptamente em desgraça. Entre um dia e o seguinte, Launfal descobrira que seu *status* mudara de hóspede para o do mais insignificante servo. Sua mãe, na única vez em que

ousara conversar com ele, dissera apenas que deveriam se adaptar à mudança. Mas ela, pelo menos, ainda morava entre as mulheres da rainha, enquanto ele, sem lugar na rígida hierarquia dos criados do castelo, era o mais reles dos servos.

As tarefas mais difíceis e repulsivas eram designadas para ele, e sua ignorância em como realizá-las lhe acarretava surras freqüentes. Os amigos que fizera entre os escudeiros não mais o conheciam. Os criados tinham servido a ele no passado, mas agora extraíam um prazer odioso em humilhá-lo. Por duas vezes ele fugira e por duas vezes fora capturado e levado diante do mordomo real, e surrado.

— Tente de novo, rapaz — o mordomo avisara, da segunda vez — e será marcado a ferro.

Isso pusera um fim às suas tentativas de fugir. Nenhum homem marcado poderia almejar tornar-se um cavaleiro.

Launfal aprendera a lutar, então. Não os nobres torneios de armas com que sonhara, mas lutas silenciosas e mortais em torno de meia cebola ou um pedaço de queijo. Mesmo quando ganhava, nunca era suficiente para encher sua barriga, e ele vivia esperando o momento de se arrastar para um monte de palha e perder-se em devaneios de que um dia tudo acabasse e ele pudesse voltar ao lugar a que pertencia. Se perdesse essa esperança, era melhor morrer.

Esforçou-se para rir como se Morgause tivesse feito uma brincadeira, embora soubesse muito bem que ela falara a sério.

— Enfadonho? Oh, senhora, não deveria dizer uma coisa dessas! E que tem estado tão ocupada ultimamente...

— E você pensa encontrar companhia no pátio de exercício? — ela perguntou, ainda a encará-lo com aquela intensidade inquietante. — Parece que me lembro que os cavaleiros se mostraram pouco gentis com você no passado.

Eles o desprezavam como homem, chamavam-no de prostituto da rainha e de coisa pior, sem se preocuparem em baixar a voz, pois sabiam que ele não os enfrentaria.

Morgause o proibira de lutar. Não queria seu rosto marcado, nem que ficasse incapacitado quando precisasse dele.

— Peço muito pouco de você — dissera da única vez que ele a desobedecera —, mas se for muito, você só precisa dizer "não".

— Oh, não, senhora, estou satisfeito em servi-la — ele dissera, ansioso

—, mas é que eu gostaria de servi-la como um cavaleiro.

Morgause rira.

— Um cavaleiro? Você? Oh, não, Launfal, você é bastante inadequado para *esse* papel! Se seu serviço comigo o aborrece, então voltará a seu lugar entre os criados.

Ele ainda se recordava do espanto que sentira, como se ela o tivesse esbofeteado.

— Mas... a senhora disse que foi um engano! — ele gaguejara, abismado.
— Disse que eu era o filho de um cavaleiro, o...

— Eu? — Ela arqueara as sobrancelhas, fitando-o como que Launfal fosse louco.

— Foi na noite que me trouxe pela primeira vez a seu quarto, lembra-se?
— Aquele rapaz inocente e ignorante protestara, como se Morgause pudesse ser convencida pela razão. — Deve lembrar! Sentou-se bem ali e disse que sentia muito, que não sabia que eu fora mandado para viver entre os servos, que...

— Abaixе essa voz — ela dissera, com frieza.

— Mas tem de ouvir...

— *Tenho?* Como ousa falar comigo assim? Sua desobediência... sua ingratidão e impertinência grosseiras me magoaram profundamente. *Eu* sou a rainha destes domínios, e *eu* determinarei os termos de seu serviço. Se eu disser que você é um criado, então você é. Compreende?

E então, por fim, Launfal compreendera. As palavras suaves e as desculpas daquela primeira noite eram tudo mentira. Agora que tais mentiras não mais lhe convinham, Morgause as mudara para um contexto diferente. Existia apenas um grão de verdade em tudo que ela dissera: Morgause realmente era a rainha, e sua palavra, literalmente, a lei.

Dois anos tinham se passado desde essa constatação, e Launfal ainda estava vivo, uma vitória conquistada ao custo de mil traições a si mesmo. Uma a mais importava?

Sim, ele pensou, olhando para Morgause sentada à escrivaninha. *Sim, importa.*

A rainha sorriu com indulgência e, largando a pena, levantou-se.

— Ora, muito bem. Posso perceber que eu o negligenciei, mas vou compensá-lo.

A maré negra o invadiu novamente e, mais uma vez, ele a empurrou de volta conforme Morgause se aproximava lentamente, não mais a rainha, mas uma mulher decidida a seduzi-lo. Não sabia como o repugnava? Desde que ele voltara da floresta de Inglewood, isso se tornara quase impossível de se esconder.

Launfal sempre tentara ser um bom filho, um bom irmão, mesmo um bom criado quando fora esse o seu fado. No entanto, apesar de todos os esforços, Deus estava cego diante de seu infortúnio e surdo às suas preces.

Não havia Deus nenhum, pensou. Os céus só tinham estrelas e ar vazio. Não havia mais nada.

Morgause estava perto o bastante para que ele pudesse sentir o cheiro que dela emanava, um cheiro que um dia o deliciara e que agora fazia seu estômago revirar.

Não posso fazer isso, pensou. *Não, eu poderia, já fiz antes. Mas não farei.*

Endireitou-se e, por um instante, Morgause hesitou, e um lampejo de inquietação perpassou por sua face.

— Senhora... — ele começou, mas foi interrompido por uma batida à porta.

— Um mensageiro de Camelot — a criada informou, e Morgause saiu depressa do quarto.

Launfal esperou apenas os passos dela sumirem pelo corredor e esgueirou-se por uma porta lateral, sem se importar nem mesmo em pegar sua capa.

Ele chegou até o pomar antes de ser parado por um escudeiro da rainha. Launfal pensara em transformar a saída numa fuga, mas agora que estava resolvido a partir a qualquer custo, sua mente funcionava com fria precisão.

Espere. Sua chance vai surgir.

— A rainha está com um humor estranho — o escudeiro comentou quando voltavam para o castelo. — Parece que sir Gawain casou-se sem sua permissão. Estão dizendo que há algo estranho nesse casamento.

Morgause andava de um lado para outro do quarto. Dois cavaleiros se postavam à janela, a observá-la. Ela parecia febril, o rosto salpicado de manchas avermelhadas, os olhos estreitados em fendas. Launfal certa vez lhe dissera que ela era linda num ataque de raiva, mas, como a maioria das coisas

que dissera, era uma mentira.

— Parto para a corte amanhã — ela declarou.

E eu? Launfal pensou, o coração acelerado. Se algum dia chegasse a Camelot, estaria livre. Diziam que o rei Arthur era justo e misericordioso; ao ouvir sua história, certamente teria piedade dele. E se ficasse para trás, estaria livre também. Quem se importaria com o prostituto da rainha quando a megera se fosse?

Talvez houvesse alguém lá no céu, afinal.

— Assegure-se de que empacotem o vestido cor de âmbar — ele falou, casualmente, esparramando-se numa cadeira e pegando um punhado de cerejas de Um prato. — É um desperdício aqui.

— O âmbar? — Ela fez meia-volta para encará-lo, e os pelos dos braços de Launfal se eriçaram quando ela explodiu na risada. — Oh, você é ótimo!

— Sou? — Ele tentou sorrir, mas os músculos de sua face estavam estranhamente rijos.

Morgause sentou-se no braço da cadeira e correu um dedo pela face dele.

— Você nunca vai adivinhar o que o mensageiro me contou — disse, com ar provocante.

— Que sir Gawain se casou?

— Hum... sim, porém há mais. — A mão deslizou pelo queixo, e ela ergueu-lhe o rosto. — Algo a respeito de Somer Gromer Jour, lembra-se dele? Quando o rei deu-lhe a resposta, ele disse algo muito curioso. Pode me contar o que foi?

O coração de Launfal começou a estrondear no peito, mas ele obrigou-se a fitar Morgause nos olhos.

— Não consigo me recordar de ter dito alguma coisa... Talvez eu tenha xingado um pouco, mas...

Morgause inclinou-se para mais perto.

— Ora, quais foram mesmo as palavras? Ah, sim, me lembrei. Ele disse: *minha irmã contou-lhe isso!*

Launfal engoliu em seco com um ruído estranho. Ele *dissera* mesmo aquelas palavras. Havia saído de sua boca no choque, embora não soubesse que alguém escutara. Tentou encontrar alguma explicação que não soasse

ridícula, mas tudo o que conseguiu foi sacudir a cabeça.

— Não... — balbuciou. — Não me lembro.

Viu o golpe chegando e virou a cabeça para a direita, de modo que a palma de Morgause só roçou sua face.

— Você mentiu para mim naquele dia. Quantas outras vezes mentiu?

— Nunca! Pensei mesmo que pudesse ser Aislyn, e não contei porque isso só iria aborrecê-la.

— E você sabia muito bem que eu estava procurando por ela.

— Sabia, mas... ela é minha irmã, e...

Desta vez, ele não conseguiu impedir a bofetada. Acertou-o com tanta força que sua cabeça projetou-se para trás e ele bateu o crânio na parede atrás com um baque surdo. Um dos cavaleiros, cuja presença agora parecia suspeita, riu.

— Depois de tudo o que fiz por você, *é assim* que você me paga! Eu o tirei dos estábulos e lhe dei tudo que qualquer homem poderia desejar. — Morgause levantou-se abruptamente. — Mas acabou! Faz algum tempo que venho me sentindo cansada de você e esta foi a gota d'água! Estou farta!

Launfal levantou-se também. Sua face latejava e seu crânio doía.

— Eu... eu sinto muito se não a agrado mais — disse, quase balbuciando as palavras. — Mas espero... isto é, se alguma vez eu... — Caiu de joelhos. — Por tudo que tivemos um dia, imploro que me deixe ir para...

— Ir? Você não vai a parte alguma! Oh, Launfal, e eu aqui pensando que você estivesse *fingindo* ser desmiolado! Acha que eu deixaria você ir embora daqui?

O sangue subiu à face de Launfal.

— Por que não? — Ele se levantou. — Deus sabe que eu mereço *alguma* recompensa.

Ela tentou agredi-lo, e Launfal agarrou-lhe o pulso, puxando-a com força contra si. O desejo faiscou nos olhos de Morgause, e Launfal imaginou se um beijo não poderia derretê-la... mas o sangue fervia, e ele só pôde pensar como ela parecia ridícula. E, no instante seguinte, era tarde demais, pois ele cometeu seu erro fatal.

Riu.

Morgause desvencilhou-se com um safanão.

— Ewan, Col — disse, friamente —, peguem esse homem. Ele pôs as mãos na rainha.

— Isso é um crime? — Launfal indagou, ainda rindo. — Então, terei um monte de companhia nos calabouços!

Seus braços foram puxados para trás, mas ele desviou-se quando Morgause tentou esbofeteá-lo.

— Você acha isso engraçado? — ela sibilou.

— Não — Launfal estufou o peito. — Acho patético... quase tão patético quanto você.

— Escute só o caipira que sonhava ser cavaleiro! Você é meu, Launfal, minha propriedade para fazer o que eu quiser! Para que não se esqueça disso de novo, porei minha marca em você. Segurem-no! — ela ordenou, bruscamente.

Launfal lutou, mas os dois cavaleiros eram maiores e mais fortes. Quando o obrigaram a se ajoelhar, Morgause enterrou os dedos por seus cabelos e empurrou-lhe a cabeça para cima.

— Um rapaz tão bonito — caçoou —, que pena. Afastou-se para pegar o ferro em brasa na lareira, e Launfal se viu nas mãos dos captores, que o obrigaram a ficar com o torso ereto.

— Por favor — ele murmurou — senhora, não faça isso... não...

— O que, não quer levar minha marca? Ora, só posso chamar isso de ingratidão.

Conforme Morgause passava o ferro em brasa diante de sua face, Launfal descobriu que não precisava fingir as lágrimas que lhe subiam aos olhos. Debateu-se nas mãos dos dois cavaleiros, desequilibrando-os.

— Não me marque — ele suplicou. — Qualquer coisa, menos isso!

Morgause afastou o ferro em brasa.

— Qualquer coisa? Bem, eu suponho que poderíamos castrá-lo então.

O terror era como gelo a invadi-lo.

— Não! — ele gritou. — Marque-me, por favor, senhora, eu... eu ficaria hon... honrado de usar sua marca, eu a ser... servirei lealmente, eu juro. — Ergueu a cabeça e a jogou para trás.

— Eu digo que ele deveria ser castrado — um dos cavaleiros opinou.

— Não seria uma grande perda, seria? — o outro retrucou, e ambos

caíram na risada.

As mãos do cavaleiro relaxaram por uma fração do segundo, não o suficiente, mas era a melhor chance que Launfal poderia ter. Imobilizou-se conforme o ferro aproximava-se de sua face, e no instante em que ia tocar sua carne, ele inclinou a cabeça para trás, livrou a mão e pegou a ponta em brasa, arrancando o ferro das garras de Morgause. Ainda de joelhos, arremeteu-o cegamente para trás. O cavaleiro à sua esquerda caiu de costas com um berro.

Launfal saltou de pé, girando o ferro com toda força. Acertou o segundo cavaleiro direto no rosto, e ele caiu como uma pedra. O primeiro cambaleou e tentou sacar a espada, mas antes que a tirasse da bainha, Launfal acertou-o com um único golpe. Morgause ergueu as saias e correu para a porta, mas ele chegou lá antes dela, o ferro fumegante mirando seu pescoço.

Ele apontou para a cadeira.

— Sente-se! — Sua mão estava calcinada até o osso. A dor e o cheiro de carne queimada o faziam querer vomitar. — Dê-me sua echarpe — ordenou, ríspidamente.

Desajeitado, sacudindo o ferro e cerrando os dentes por causa da dor, ele amarrou os pulsos de Morgause nos braços da cadeira. Ela tentou levantar-se, porém recuou ao vê-lo erguer o ferro.

Seria muito mais simples matá-la. Mais prático também. Não importava como ele a amarrasse, Morgause logo estaria livre para dar o alarme. Na verdade, ele *queria* matá-la. Queria fazia um longo tempo, e nunca teria outra oportunidade.

Morgause fitou-o nos olhos e sua cabeça pendeu para trás, como se ela tivesse desmaiado, coisa que Launfal duvidou que fosse verdade. Que diferença faria? Poderia matá-la inconsciente.

O ferro tremeu em sua mão quando ele o ergueu, e então, com uma praga, deixou-o cair e abaixou-se para apertar os nós nos pulsos de Morgause.

Amarrou os dois cavaleiros e tirou-lhe as armas.

Os punhais, enfiou no cinto; uma espada, jogou pela janela, e a outra manteve na mão ao seguir para a porta. Fazia um longo tempo desde que empunhara uma espada. Esquecera-se de como era bom senti-la. Saiu pela porta, olhando pelo corredor em ambas as direções, antes de seguir para as escadas do fundo.

Desceu a escada em caracol numa corrida, parando com um arquejo quando fez uma volta e se viu cara a cara com um jovem que soltou um grito,

deixando cair o livro que segurava.

— Launfal! — o príncipe Gaheris exclamou, com uma risada. — Quase me matou de susto! Aonde você...

Calou-se, e seus olhos se arregalaram ao subirem da espada para o rosto de Launfal.

Dos três príncipes ainda em Lothian, Launfal sempre gostara mais de Gaheris; em parte porque ele era, dos filhos, o que Morgause menos preferia.

— O que você fez? — Gaheris murmurou. — Você... ela está...

— Viva. Ilesa — Launfal retrucou, rispidamente. No corredor de cima, os sons de vozes alteradas e pés correndo podiam ser ouvidos. Ele *não* seria pego ali, encurralado como uma fera no covil. Seu único objetivo era chegar ao pátio, onde poderia vender a vida tão caro como pudesse.

— Ande. — Gaheris ergueu a ponta da espada até o peito do rapaz. — Agora!

O olhar de Gaheris cravou-se no dele.

— Venha comigo — o príncipe ordenou, e seguiu para uma passagem cortinada que levava a um depósito. — Depressa — murmurou, por sobre o ombro.

Launfal hesitou pelo tempo de uma batida do coração antes de segui-lo.

Morgana encontrou Gawain no salão, sentado com um cavaleiro que se levantou assim que a viu, e apressou-se a ir embora.

— O que aflige seu amigo? — ela indagou, ao sentar-se ao lado de Gawain.

— Acha que você o transformará numa árvore se ele a ofender.

Morgana olhou com interesse para o cavaleiro que se afastava.

— Diga a ele que não precisa fugir da próxima vez. Eu nunca transformaria um homem em árvore, ou em qualquer outra coisa.

Não poderia dizer o mesmo sobre as mulheres, pensou, ao se lembrar de Aislyn. Mas não diria isso a Gawain.

Gostava imensamente do sobrinho mais velho. Contudo, Gawain sempre conseguia aborrecê-la, e tinham discutido da última vez que se encontraram. Ao fitá-lo, porém, sentiu apenas orgulho em ver como ele suportava com estoicismo aquele casamento desastroso.

— Viro as costas e olha só o problema em que você se meteu!

Gawain sorriu, embora com um ar um pouco irônico. Morgana não era muito mais velha do que ele, mas sempre encarara o papel de tia com seriedade.

— Casei. Acontece. E poderia ser tanto Ragnelle como qualquer outra.

— Sua mãe sabe disso?

Ele deu de ombros.

— Suponho que ficará sabendo, cedo ou tarde.

— E então chegará para conhecer sua noiva.

Apesar do que dissera a Aislyn, Morgana não tinha intenção de deixá-la para sempre como uma velha horrorosa. Pretendia dar uma quinzena ou pouco mais à garota para tentar o impossível, e tempo suficiente para que repensasse a tolice de suas ações. Mas seria justo fazer Gawain sofrer esse tempo todo?

— Mamãe não virá. Não a quero aqui e ela sabe disso.

— E você acha que *isso* basta para mantê-la afastada? — Morgana riu.

— Serviu até agora. Diga-me o que manteve *você* afastada por tanto tempo? Onde esteve?

— Aqui e ali — Morgana respondeu.

Gawain franziu a testa.

— Não é certo você ficar viajando pelo país sozinha. Não é seguro.

— Posso cuidar de mim. E tenho trabalho a fazer.

— Trabalho! — Ele menosprezou todos os anos de estudo e atividade de Morgana com um gesto de descaso. — Você deveria se casar.

Morgana recordou-se *naquele instante* da razão de terem discutido. Sentiu uma tristeza estranha invadi-la. Muito de sua infância havia se perdido com o romance turbulento entre sua mãe e Uther Pendragon, mas assim que Gawain nascera, tudo mudara. Quando criança, ele fora sua sombra, e tinham passado muitos dias vagando pelo bosque ou no meio da campina praticando o piado dos passarinhos e vendo as nuvens no céu.

Depois, ela se envolvera completamente com seus próprios estudos, porém acompanhara as aventuras de Gawain com orgulho. A Grande Mãe de todos velava por ele: testando-o, treinando-o, apresentando-lhe as lições que ele escolhera para esta vida. Seu espírito nunca se deixava abater, pelo

contrário, elevava-se para se defrontar com cada novo desafio. Mesmo quando encontrara o Cavaleiro Verde, Gawain fora daqueles que tinham se despedido dele com lágrimas nos olhos.

No entanto, alguns anos atrás, Gawain sofrera uma estranha e intrigante mudança; não mais buscava seu conhecimento ou valorizava seus conselhos, Afastara-se de todas as mulheres. Ragnelle falara a verdade naquele ponto; Gawain se notabilizara por seu desprezo por todas as coisas femininas.

— Ouvi direito? — ela perguntou, meio rindo. — Você está *me aconselhando* a casar?

— Por que não?

— Diga-me, Gawain, você se deitou com aquela... mulher com quem se casou?

— O que acontece entre nós não é de sua conta nem de ninguém. É uma união honrada.

— É a negação da vida. — Ela usou de franqueza. Gawain bufou.

— E eu aqui que pensava que sua Deusa se manifesta em todas as mulheres!

Morgana o encarou, surpresa.

— O que disse?

Ele não se dignou a repetir a frase, mas não importava. Morgana ouvira muito bem. E ele dissera uma verdade tão cristalina que a deixou sem fôlego.

A Deusa *estava* em todas as mulheres. Gawain podia não ver Sua face na mãe, o que não era nenhuma surpresa, dado o que Morgause mostrava. E a recusa obstinada dele em tomar uma donzela por esposa era prova suficiente de que era cego e surdo a ela nessa forma também.

E isso lhe deixava apenas a velha senhora, encarquilhada.

Um calafrio desceu ondulando pela espinha de Morgana. Ela julgara que fizera a própria vontade quando lançara o feitiço sobre Ragnelle, mas agora percebia que fora induzida pela Deusa. Não sabia o que resultaria de suas ações, mas isso não estava mais em suas mãos. Fizera o que tinha de fazer.

— Bem, Gawain, deixe eu lhe dar um beijo antes de ir embora.

— Ir embora? Mas você acabou de chegar!

— Eu precisava falar como rei e, agora, tenho de ir. Mas o verei de novo

no solstício do verão. — Ela se levantou e pousou os lábios na testa do sobrinho. — Você sabe que nada mais desejo, além de sua boa sorte.

Ele sorriu, então, com algo daquele antigo afeto.

— E eu a você. Cuide-se, Morgana.

— Sempre. — Ela o encarou por um momento e então disse: — Sua esposa... não, não franza a testa, não direi nada mais contra seu casamento, está feito. Mas Ragnelle se imagina uma bruxa, eu receio. Tire a sacola dela e tranque em seu baú. É perigoso para ela ficar se intrometendo com magia.

— Farei isso — ele concordou.

Morgana virou-se para ir embora e então parou e olhou para trás, sentindo que algo ainda tinha de ser feito. Seus lábios e as pontas dos dedos formigavam, e ela se ouviu falando:

— Se você quiser conhecer a felicidade, tem apenas de dar à sua esposa aquilo que todas as mulheres desejam.

Ele ergueu os olhos, as sobrancelhas arqueadas.

— Não me venha com esse enigma idiota outra vez! Vá, diga logo o que é que todas as mulheres desejam.

— Não posso. Você tem de descobrir por si mesmo.

— Já perdi um ano inteiro procurando essa resposta e, no fim, Ragnelle não me julgou merecedor de ouvi-la. Portanto, receio que eu não possa obrigá-la mesmo que quisesse.

— Preste bem atenção, Gawain. — Morgana ouviu o eco de outra voz que falava através dela. — Isto é mais importante do que você possa imaginar.

— Se é tão importante, maldição, ela deveria ter dito a mim com franqueza. Não tenho tempo para jogos e nem paciência para eles também.

— Isto não é um jogo, mas uma tarefa que lhe foi dada para cumprir.

Algo no tom de voz de Morgana tocou Gawain.

— Muito bem, Morgana. Se eu algum dia tropeçar na resposta, o que parece improvável, pensarei no assunto.

Quando Aislyn chegou ao salão, ele estava deserto. Então, seguiu manquitolando pelo pátio até os jardins, onde as rainhas e suas damas estavam sentadas, bordando.

— Ah, Ragnelle — Guinevere a cumprimentou. — O que posso fazer por você esta manhã?

— Eu estava procurando pela duquesa da Cornualha.

— Ela já nos deixou.

— Para onde foi?

— Não sei dizer. — Guinevere olhou para além de Aislyn, e seu rosto se iluminou. — Talvez meu senhor possa lhe falar.

Aislyn virou-se e viu que Arthur entrava no jardim com meia dúzia de seus cavaleiros. Gawain estava entre eles. Sua respiração ficou presa na garganta ao vê-lo: um calor subiu-lhe às faces quando ela se recordou da noite anterior, com Gawain tremendo de paixão em seus braços.

O olhar de Gawain passou por ela, parando apenas por um breve instante para perceber sua existência antes de seguir em frente, o que fez Aislyn sentir-se desolada. Contudo, ele dificilmente poderia ligar aquela forma encurvada e murcha à mulher a quem murmurava palavras de amor, e...

Pare. Não foi real, ele não sabia... oh, santa Mãe, O que foi que eu fiz? O que devo fazer agora?

— Minha senhora — o rei disse, curvando-se diante de Guinevere. — Devo seguir para Kent.

— Oh, mas o torneio... — começou Guinevere.

— Eu sei, e sinto muito, mas não há como evitar. Devo me reunir em conselho com o rei Aesc imediatamente. Gawain irá me acompanhar, e tentaremos voltar antes do fim.

— A duquesa da Cornualha foi embora? — Aislyn perguntou a Gawain, quando ele se aproximou.

— Sim, ela não podia ficar. O que minha tia lhe disse?

— Nada importante — mentiu Aislyn. — Sabe para onde ela foi?

— Morgana vai para onde quer. Mas voltará para a festa no solstício do verão.

Solstício do verão? Oh, não, era tempo demais para Aislyn continuar como estava.

— Minha tia aconselhou-me a tirar sua sacola de você — disse —, e foi o que eu fiz.

— Minha sacola? Mas preciso dela!

— Para quê?

— Eu... eu... meus velhos ossos doem às vezes — inventou — e todos os meus remédios estão lá.

— Pode pedir qualquer coisa de que precise com lady Enid — refutou Gawain.

Não a trombeta do diabo, pensou Aislyn, semeada no escuro da lua e colhida na noite do solstício de verão. Nem seu dente de lobo furado ou a água que ela colhera no exato momento em que o sol incidia sobre o lago negro. Contudo, não poderia contar nada disso a Gawain.

— Quero meus remédios! — foi o melhor que conseguiu proclamar.

— Sinto muito, mas minha decisão é final.

Ela o encarou, furiosa, e então fingiu uma expressão humilde, ao recordar-se das palavras de Morgana.

— Está bem, meu marido.

— Deus a guarde — Gawain disse, e virou-se para ir embora.

— Espere! — ela exclamou, apressando-se a segui-lo.

— Sim?

— Eu... eu... posso ganhar um beijo?

Várias pessoas por perto riram, e Aislyn ficou vermelha de constrangimento. Claro que ele não iria beijá-la. Era de se admirar que conseguisse fitá-la. A maioria dos homens não suportaria ter uma velha por esposa. Por que Gawain suportava era um mistério.

No dia anterior, ela só queria vê-lo perder o controle das emoções, mas agora, quando Gawain se virou, a expressão dura em sua boca encheu-a de medo. E se ele a mandasse para Orkney, ou pior, para Lothian, onde sua mãe morava? Ele tinha poder para fazer isso. A única coisa que o impedia era uma promessa. Homens quebram promessas. Todo dia. O rei estava salvo. Ele só podia ser louco se a mantivesse ao seu lado quando poderia livrar-se dela apenas com uma palavra.

Gawain meneou a cabeça. Suspirou antes de inclinar-se para roçar os lábios pela testa dela.

Aislyn olhou para os dedões tortos que escapavam dos buracos que ela abrira nos chinelos. Enxugou os olhos nas mangas ao voltar para o banco escondido Onde se sentara com Gawain. Ainda estava na sombra àquela hora, e ela sentou-se ali, observando o rei e o marido se afastarem.

Não funcionara. Mas, por outro lado, não fora exatamente um beijo *amoroso* que ela recebera de Gawain. Que ele a tivesse beijado já era uma surpresa, e um bom sinal. Duvidava de que ele pudesse ter conseguido no primeiro dia em que conhecera a velha.

Eu, ela pensou. Eu sou a velha agora.

Não chore. Não fica bem a alguém da sua idade.

Precisava agir. E agiria. Recostou-se ao banco. Assim que descobrisse o que fazer, ela agiria, mas naquele momento, não tinha nem mesmo o princípio de um plano.

Os outros cavaleiros demoraram-se mais conversando com as damas de Guinevere, que dispensou as duas moças a seu lado quando Lancelot aproximou-se e estendeu-se no chão, aos pés da rainha.

Vozes e risadas enchiam o jardim banhado pelo sol, misturando-se à cantiga da fonte e ao canto dos passarinhos. Um grupo alegre reunira-se debaixo de um salgueiro. Dinadan estava no centro e, entre explosões de riso, sua voz ergueu-se numa canção.

A rainha olhou para Lancelot, deitado a seus pés, braços cruzados sob a cabeça, olhos fechados.

— Qual é o problema com o rei Aesc? — ela perguntou. — Pensei que estava tudo acertado.

— Estava, mas agora que Aesc fez as pazes com seus parentes de Wessex, querem que ele repudie seu trato com Arthur.

— O que, trair Arthur? — Guinevere indignou-se. — Depois de tudo que ele fez!

— Aesc é apenas um homem, e você sabe como esses saxões são orgulhosos. Há muitos entre seu próprio povo que não estão inteiramente felizes por se encontrarem sob o domínio de Arthur.

— Tenho certeza de que meu marido irá resolver isso.

— Eu me ofereci para ir com ele, mas ele *quis* levar Gawain.

— Claro que levou Gawain. Para afastá-lo... *dela*.

— Descobriu por que ele se casou com ela? — Lancelot perguntou, baixando a voz.

— Nem uma pista. E você?

— Ninguém sabe de nada. — Ele riu. — Exceto que Gawain deve ter

feito algo terrível para merecer *aquilo*. Imagino o que pode ter sido...

— Vamos descobrir — Guinevere sussurrou. — Algo tão sombrio não pode ficar escondido para sempre.

— Creio que o rei sabe — Lancelot disse, pensativo. — E o perdoou... claro.

— Perdoaria qualquer coisa de Gawain. Lancelot virou-se de lado e apoiou a cabeça na mão.

— Então esse é outro torneio que nosso primeiro cavaleiro perderá.

Guinevere sorriu.

— Pobre Lance! Bem, você vencerá a todos.

— Mas Gawain recusa-se a me enfrentar.

— Ele nunca aceita desafios particulares.

Então ele ainda conservava essa crença, Aislyn pensou, ao se recordar de Gawain dizer, longo tempo atrás, que julgava aquilo uma tolice.

— Essas justas nada mais são que uma exibição — ele dissera — E bons homens muitas vezes saem feridos, um desperdício injustificado, se forem chamados ao combate.

Ela julgara a atitude sensata na época, embora só agora compreendesse como uma opinião dessas seria impopular na corte.

Lancelot rolou de costas.

— Ah, mas ele não pode me evitar para sempre.

Aislyn suspirou e ia levantar-se do banco, mas receou passar pelos cavaleiros e damas reunidos sob o salgueiro. Dinadan ainda estava de pé, e o refrão que cantava ecoava pelo jardim, seguido de risadas:

Ele não ama a ninguém, além de si mesmo.

Guinevere olhou para o grupo, franzindo a testa, e Lancelot ergueu-se nos cotovelos.

— Ora, aquele maldito atrevido... — começou.

— Sir Gudrun está aqui — Guinevere o interrompeu.

Lancelot sentou-se e chamou o saxão alto e loiro que se sentara ao lado de Dinadan no banquete de casamento de Aislyn.

— Oh, Lance... — balbuciou Guinevere. — Ele é tão chato...

— E irmão do rei Aesc.

Guinevere ergueu os olhos para o saxão, e sorriu.

— Estávamos conversando sobre o torneio. Vai competir?

— Vou cavalgar ao lado de sir Lancelot. Não é assim? — Cutucou Lancelot nas costelas e os dois se viraram para olhar pelo jardim.

Ele parte para a batalha como um raio

Com uma espada, um escudo, uma lança, um... o quê?

Ora, vamos, boa gente, vocês devem conhecer

Esse nobre cavaleiro que não ama a ninguém além de si mesmo. Oh, não!

Não ama a ninguém a não ser a si mesmo.

Um olhar para o rosto de Lancelot era suficiente para provar que ele pelo menos conhecia o cavaleiro da canção de Dinadan. Ele e Gudrun se entreolharam e depois caíram na risada.

— O quê? Guinevere disse, olhando perplexa de um para outro. — Acham sir Dinadan engraçado?

— Oh, muito! — exclamou Lancelot. — Bom dia, senhora, temos muito o que fazer antes do torneio.

Gudrun concordou, e os dois se afastaram juntos, rindo.

Um pequeno grupo partiu para Kent a fim de encontrar o rei Aesc, o chefe entre os aliados saxões de Arthur. Ao entrarem na floresta, Arthur fez um gesto a Gawain para cavalgar à frente com ele.

— Alguma coisa errada? — Gawain perguntou, quando estavam longe do alcance de ouvidos indiscretos.

— Como você suportou Ragnelle ontem foi algo que não consigo imaginar — Arthur começou. — Acho que você deve ter a paciência de um santo!

— Ela é um teste — Gawain admitiu —, mas acho que viveu uma vida dura. É muito triste, realmente, que tenha agora as coisas que sonhou e seja velha demais para aproveitá-las. Eu mesmo seria mal-humorado, se fosse ela.

— Essa é uma visão muito caridosa da situação.

Gawain deu de ombros.

— O que mais se há de fazer?

Cavalgaram em silêncio por algum tempo. Arthur estava estranhamente calado. Por fim, deu uma desculpa e voltou a cavalgar ao lado dos soldados. Gawain sentiu-se aliviado. A última coisa que desejava era alguém a fitá-lo com aquele ar furtivo de pena e preocupação.

Agora que sabia que Ragnelle não tinha intenção de pressioná-lo com seus direitos de esposa, não estava tão preocupado. Oh, ainda era feia, mas ele não a enxergava com a mesma repulsa que sentira no primeiro encontro. E se ela o constrangesse de vez em quando... bem, pelo menos não poria chifres em sua cabeça, como tantas noivas jovens faziam a seus embevecidos cavaleiros. Se feiúra fosse o pior que Ragnelle tinha a oferecer, ele poderia conviver com isso sem muito sofrimento.

A floresta cedeu espaço a campos cultivados. Uma chuva leve começou a cair e, por um momento, um incrível arco-íris curvou-se no espaço.

Fora num dia assim de primavera que ele chegara pela primeira vez a Camelot, o coração cheio de terríveis presságios.

Havia sido criado ouvindo a história de Uther Pendragon, que matara seu avô, o duque da Cornualha e súdito leal de Uther. Naquela mesma noite, Uther estuprara a esposa do duque, Igraine, depois de ter, por meio de magia, assumido a semelhança do duque para que Igraine acreditasse que se deitava com o próprio marido. Nove meses mais tarde, Arthur nascera.

Que Uther amasse realmente Igraine, que se casasse com ela e a fizesse rainha da Britânia poderia, de alguma forma, absolvê-lo pela traição aos olhos do mundo, mas não aos olhos da filha mais velha de Igraine, Morgause.

Morgause proclamava que amava o pai, o duque assassinado. Mas era o ódio que definia Morgause; ódio primeiro por Uther e depois pelo filho que ele tivera com Igraine. Esse ódio instigara o marido de Morgause a se rebelar contra o recém-coroadado rei Arthur. Gawain fora tirado à força de sua casa e levado como refém para a corte de Arthur quando a rebelião fracassara.

Gawain imaginara que seu malvado tio fosse a personificação de todo mal, filho de Uther e Igraine, fruto de um estupro. E Gawain era o neto do duque da Cornualha e de Igraine. Havia entre ele e Arthur o sangue de um homem leal, a violação de uma boa mulher, uma mancha de desonra que só poderia ser lavada pela morte. Os dois tinham nascido para serem inimigos.

Só que... Arthur parecia não entender isso.

É um truque, Gawain pensara naquele primeiro ano de solidão, enquanto

se mantinha alheio às demonstrações de amizade de Arthur. *Ele age assim por necessidade política*, dissera a si mesmo no segundo ano, quando Arthur o nomeara herdeiro do trono e se encarregara de seu progresso. *Ele é um tolo*, chegara à conclusão logo depois de seu aniversário de dezesseis anos, quando Arthur começara a lhe ensinar táticas de combate. Contudo, ao apreender a essência da estratégia de Arthur, Gawain não pudera mais chamá-lo de tolo. E, ao compreender que, para Arthur, a vitória militar não era um fim, mas apenas o princípio de sua visão para a Britânia, ele não mais soubera *o que* pensar.

Fora o pior ano de todos.

Gawain sabia que *deveria* pensar: Arthur tinha duas opções: matá-lo ou fazer dele um aliado.

Ele supunha que deveria ser grato que Arthur não tivesse escolhido a primeira opção, mas melhor morrer do que trair sua gente e seu clã.

— Precisamos colocar de lado os costumes antigos — Arthur dissera a ele certa noite, quando jogavam xadrez —, as velhas rixas sangrentas e ódios transmitidos de geração a geração. Por que deveria qualquer homem desperdiçar sua vida, vingando-se de erros que aconteceram muito antes que nascesse? Qual o propósito de se aumentar um erro até o infinito? E quem realmente sofre com isso? Os pobres rapazes que partem para morrer por causa de alguma disputa banal que nem mesmo entendem, e os lavradores, cujas terras são pisoteadas. Chegando o inverno todos passarão fome. Qual é a razão?

Gawain abrira a boca para dizer que a razão era a honra, mas Arthur não lhe dera chance para responder.

— Está em nossas mãos criar algo inteiramente novo, uma Britânia unida sob um conjunto simples de leis. Leis baseadas na justiça, e não apenas para os cavaleiros e lordes. Esses anciões com seus velhos rancores... não conseguem enxergar além da ponta do nariz ou entender que algo é mais importante que suas mesquinhas disputas. O futuro não pertence *a* esses velhos, Gawain, pertence a nós, e juntos poderemos fazer qualquer coisa que quisermos.

Gawain tentara conciliar a lealdade ao clã e a simpatia pelo rei, e a questão chegara a um clímax ao se aproximar o dia de sua sagração como cavaleiro. Ele mandara uma mensagem aos pais pedindo que negociassem sua liberdade. A resposta, escrita de próprio punho por seu pai, mas sem dúvida ditada por sua mãe, fora curta e grossa. Ele tinha agora a estatura de um

homem, diziam, e era de se esperar que agisse de acordo.

— Faça o que deve fazer — terminava.

Dez dias mais tarde, Gawain se ajoelhara diante do rei e proclamara seu juramento de lealdade a Arthur. Assim que o ato público terminara, ele não olhara para trás. Um juramento feito estava feito. Uma promessa tinha de ser cumprida.

Assim fora com Ragnelle. Ele gostaria que Arthur compreendesse que nada havia a ganhar reclamando do que não poderia ser mudado. Mas Arthur era um romântico, algo que Gawain deixara de ser fazia anos.

Seus pensamentos divagaram para um sonho que ele tivera na noite anterior, um sonho estranho, muito vivido. Viu-se tentado a reviver cada momento dele, mas forçou a mente a se concentrar com firmeza no presente.

Não importava o quanto um sonho de amor pudesse ser atraente, no fim não passava de ilusão, e ninguém conhecia o perigo da ilusão, e do amor, melhor que ele.

O amor, ele refletiu, é uma armadilha para conduzir bons homens à ruína e à desgraça.

Ele ficava com a realidade, mesmo que fosse uma estrada lamacenta debaixo de um céu escuro, com uma negociação difícil pela frente e Ragnelle para recebê-lo na volta para casa, quando tudo tivesse acabado. Estava pelo menos acordado, consciente, dono de si e no controle de seus próprios pensamentos e ações.

Poderia não parecer muito para os outros homens, mas, para ele, era o suficiente.

Aislyn estava de péssimo humor ao descer a escada rumo ao pavilhão real. Passara os últimos dois dias procurando sua sacola e assim que percebera que deveria estar no baú, tentara primeiro abrir a tranca e, depois, usara todo feitiço que conhecia para abri-lo. Tudo que conseguira com seu trabalho fora um estilete quebrado e uma dor de cabeça.

Queria ficar descansando em seu quarto, mas a própria rainha mandara um pajem levá-la para o torneio, e por isso, ela julgou prudente comparecer. Guinevere se sentava ao lado do trono vazio de Arthur, e à sua esquerda estava Lancelot.

— Não está competindo, sir Lancelot? — Aislyn perguntou, surpresa de encontrá-lo ali.

— Já que o rei está fora, nossa graciosa senhora me pediu para julgar o resultado — Lancelot respondeu.

O humor de Aislyn melhorou um pouquinho, pois fazia anos desde que vira um torneio, e jamais um tão elegante como aquele. Os cavaleiros estavam reunidos lá embaixo, com sir Kay numa ponta do campo, e sir Pellinore na outra. Ela sentou-se na beirada da cadeira quando o oficial de campo abaixou a bandeira e os combatentes investiram.

Gawain tinha razão. Era como uma batalha. Os dois cavaleiros chocaram-se com um baque horrível, e era impossível não ser pego pela excitação.

Era tamanha a confusão de cavalos arfando e homens gritando que Aislyn imaginou como Lancelot poderia decidir quem seria o vencedor. Virou-se para perguntar e se deparou com outro homem sentado no lugar dele, usando a capa escarlate e o chapéu.

Uma explosão de risadas ergueu-se da platéia, e Aislyn viu um cavaleiro entrar na confusão, usando... Ela esfregou os olhos, mas enxergara direito. O cavaleiro usava um vestido amarelo sobre a armadura, as saias erguidas acima dos joelhos, esvoaçando atrás conforme ele galopava para o meio da refrega.

Tinha de ser Lancelot. As histórias de suas façanhas não eram exageradas, Aislyn pensou. Ele cavalgava com uma fúria, derrubando cavaleiros de lado como se fossem homens de palha, só para empinar o garanhão diante dos dois cavaleiros que se enfrentavam. Um caiu; o outro, Dinadan, ela reconheceu pelo escudo, virou-se para Lancelot, pronto para lhe dar combate.

Aislyn se deu conta de que estava de pé, torcendo as mãos enquanto esperava pelo ataque. Lancelot enfiou os calcanhares nos flancos de seu cavalo, mas no último momento, virou de lado, fingindo alisar a saia, enquanto a montaria de Dinadan passava por ele. Depois de arrumar o vestido, Lancelot ergueu a lança, pronto para atacar seu oponente, mas ao perceber que Dinadan não vinha ao seu encontro, ergueu-se nos estribos e virou a cabeça de um lado para outro, num show exagerado, levando a manopla à viseira como se procurasse o adversário desaparecido.

A platéia explodiu em risadas quando Lancelot finalmente avistou Dinadan e, com um floreio, convidou-o para a justa.

A luta acabou num instante. Dinadan caiu em meio aos urras e risos da multidão. Guinevere escorregara para a ponta da cadeira, uma das mãos à boca, enquanto lágrimas de alegria corriam por suas faces.

Dinadan *pedira* por aquilo, Aislyn pensou, aliviada quando ele se levantou e acenou para a multidão e, depois, com uma mesura tão exagerada quanto a que Lancelot fizera, saudou o vitorioso antes de montar e seguir para a lateral do campo. Estava a meio caminho quando Lancelot e outro cavaleiro se colocaram um de cada lado dele e o acompanharam para longe.

— Para onde foram? — ela perguntou a Guinevere.

— Saíram para beber, sem dúvida, e acabar a disputa.

Pareceu estranho que Lancelot abandonasse o campo quando certamente teria conquistado o prêmio que vinha a ser uma taça com duas alças cheia de moedas de prata. Talvez ele se importasse, embora devesse ser muito rico para desprezar um prêmio como aquele!

Ao seguirem para o salão, Dinadan não estava em seu lugar costumeiro. Nem Lancelot. O primeiro prato fora servido, e o segundo, antes que Dinadan chegasse, embora Aislyn não o reconhecesse a princípio. Estava acompanhado de um lado por Lancelot e do outro, pelo saxão, Gudrun, que o segurava com firmeza pelos braços.

E estava usando o vestido amarelo.

Sua armadura brilhava pelos muitos rasgos do tecido cor de açafrão, manchado agora de terra e de algo que parecia sangue. Aislyn não conseguiu decifrar sua expressão, pois ele estava de cabeça baixa, os cabelos emaranhados escondendo-lhe o rosto.

— Minha rainha! — Lancelot gritou. — Eu trouxe uma nova donzela para seu serviço!

— M-minha boa s-senhora — Guinevere quase engasgou com a risada —, é bem-vinda aqui. Venha, sente-se ao meu lado.

Dinadan livrou-se com um safanão de seus captores. Virou-se, ergueu a barra rasgada do vestido, mas quando deu o primeiro passo, tropeçou, quase caindo numa horrorosa imitação de uma cortesia.

Os cavaleiros esmurravam as mesas, contorcendo-se de rir, e as damas gritavam, às gargalhadas. Guinevere dobrou-se em duas, passando um braço pela cintura, escorregando da cadeira. Aislyn recordou-se de, quando criança, ter visto um urso acorrentado ser acossado por uma matilha de cães. Todos riam diante daquilo também, mas ela fugira para vomitar atrás de uma moita.

Sentia a mesma náusea agora, a mesma pena, a mesma raiva. Mas dessa vez, poderia fazer alguma coisa.

Manquitolou até o centro do salão e se postou diante de Lancelot, mãos nos quadris.

— O que é isso que está fazendo? — indagou. — Que vergonha, sir Lancelot, tratar um irmão cavaleiro assim!

Lancelot fitou-a parecendo momentaneamente desconcertado, mas logo se recobrou.

— Ora, Dinadan, parece que você fez uma conquista! Será que Gawain sabe disso?

— Preste atenção em si mesmo, rapaz — Aislyn disse, baixinho. — Sua língua o está fazendo ir além dos bons modos e do bom senso.

— O que é isso? — indagou o saxão, erguendo a mão. — Caia fora, antes que eu mande buscar um esfregão para lembrá-la de seu lugar.

Aislyn o olhou de cima a baixo.

— Devo ficar com medo? De *você*?

Lancelot pegou o saxão pelo pulso.

— Gudrun, não — disse, em voz baixa. — O rei não gostaria disso. — Então, relanceou os olhos pelo salão e sorriu. — Lady Ragnelle, se quiser esta... donzela para seu próprio serviço, só precisa apelar para nossa graciosa rainha.

Guinevere trocou um olhar com Lancelot e abriu um sorriso.

— Lady Ragnelle — disse —, eu lhe concederei essa dádiva.

Aislyn revirou os olhos e pegou Dinadan pelo braço.

— Em troca de um favor seu — a rainha continuou.

— O que é? — Aislyn perguntou, suspeitosa.

— Todos nós gostamos *tanto* de sua dança o outro dia... Vai dançar de novo para nós, eu lhe peço.

Dinadan ergueu a cabeça. Um olho estava quase fechado de tão inchado, e o sangue escorria de um talho em sua mandíbula.

— Não — ele disse a Aislyn. — Posso cuidar de mim mesmo.

— Quietos, você — Gudrun resmungou, empurrando-o. — Deixe a velha dançar para nós. Vamos — ele berrou, erguendo a voz. — Dance!

Aislyn não se importara em fazer um papel ridículo no jardim. Mas era muito diferente que alguém pretendesse forçá-la a isso.

— Ou dança — Gudrun emendou, empurrando Dinadan para a frente

com tanta força que ele tropeçou —, ou *ele* vai dançar.

Aislyn lançou um olhar pelo salão, certa de que alguém iria protestar. Mas tudo o que viu foi as faces ávidas das pessoas, loucas para se divertir; gente que vivia com tanto luxo que se esquecera o que era ser pobre e impotente.

Mas Camelot não deveria ser assim! Era para ser diferente. Melhor. Um farol, Gawain a chamara, e só agora ela percebia o quanto quisera acreditar nas palavras dele.

Aquele lugar estava podre até o âmago. As lágrimas lhe subiram aos olhos, lágrimas de fúria imponente, de vergonha, de tristeza pelo sonho de Camelot que embalara Gawain.

— E então? — Gudrun perguntou. — Por que ainda está parada aí?

Aislyn ergueu a cabeça. Não havia por que nutrir sentimentalismos, disse a si mesma. Levou as mãos aos quadris e virou a cabeça para olhar para a rainha.

— Cadê a música? Não podem esperar que eu dance sem música!

Gudrun bateu palmas.

— Dance! — berrou. — Dance!

Outros o acompanharam, batendo os punhos ou as canecas nas mesas no ritmo que Gudrun iniciara.

— Dance! Dance! Aislyn cerrou os dentes e saltou de um pé para o outro, e o povo começou a urrar como animais. Ela acabara de dar o segundo passo quando uma voz cortou o tumulto como uma adaga.

— Em nome de Deus, o que está acontecendo aqui?

Aislyn tropeçou ao fazer meia-volta, seu coração alvoroçado ao ver os cabelos dourados de Gawain acima da multidão vermelha e suada. Apenas o faiscar dos olhos traía suas emoções quando ele caminhou entre as mesas até parar diante do tablado.

— Minha rainha — disse, inclinando-se diante de Guinevere —, o rei manda suas saudações e me pede para lhe dizer que estará com a senhora pela manhã.

Virou-se, o olhar passando pelo grupo ao centro do salão.

— Sir Lancelot — disse. — Peço que me explique o significado disso.

Lancelot enrubesceu, mas conseguiu esboçar um sorriso insolente.

— É apenas uma brincadeira — murmurou.

— Uma... *brincadeira*? — Gawain repetiu, incrédulo, o olhar desviando-se de Dinadan para Aislyn. — Uma *brincadeira*?

— Estávamos nos divertindo — Lancelot continuou. — Uma coisa que *você* não compreenderia.

Umas poucas pessoas riram, mas um riso constrangido. Sabiam que tinham feito algo errado. Estavam zangadas também, como crianças pegas no meio de alguma travessura. Não agradeceriam Gawain por isso, Aislyn pensou, nem se esqueceriam de como ele as envergonhara aquela noite.

— Você tem razão, eu não compreendo — Gawain retrucou. — Talvez sir Dinadan possa explicar.

— Pergunte à sua senhora — Dinadan disse, tenso.

Arrancou os restos do vestido dos ombros, pulou o monte que se formou e saiu do salão. O povo, silencioso agora, abriu espaço para deixá-lo passar.

Gawain virou-se para Aislyn, as sobrancelhas arqueadas numa interrogação.

— Eles estavam caçoando de sir Dinadan — ela começou, com firmeza— e eu... depois... — Pestanejou e quando sua visão clareou, viu Gawain erguer a mão e, devagar, tirar a luva.

Por um momento, Aislyn pensou que ele fosse esbofetear Lancelot com ela, mas ele simplesmente deixou-a cair sobre o vestido amarelo.

— Sir Lancelot — disse, com glacial cortesia —, vai me encontrar na liça amanhã?

Lancelot inclinou-se para erguer a luva, olhando-a como se tivesse pegado as chaves do paraíso.

— Sir Gawain — retrucou, com uma mesura exagerada —, o prazer será meu.

Um urro do povo acompanhou as palavras de Lancelot, e Aislyn meneou a cabeça. Tolos! Tolos e crianças, todos. E agora tinham encontrado um novo campeão, um que não os desafiaria a serem melhores do que eram, mas que explorava o pior que havia neles.

Se Gawain tomou ciência dos berros, não deu sinal.

— Minha senhora. — Ofereceu-lhe o braço.

Ele estava *louco*? Poderia fazer uma saída magnífica, cabeça erguida, a dignidade intacta. E isso era impossível com ela manquitolando ao seu lado. No instante em que passaram pela porta, as risadas explodiram, a de Lancelot se erguendo acima das demais.

Gawain ficou calado conforme caminhavam pelos corredores até o quarto.

— Com licença, por favor — ele disse, quando chegaram à porta.

— Aonde vai?

— A capela.

— Tudo bem, mas não fique lá até muito tarde.

— Não ficarei.

Aislyn observou-o seguir pelo corredor.

— Gawain — chamou-o, e ele virou-se, a luz da tocha incidindo em sua face. — Trate de surrar aquele safado amanhã.

— Farei o meu melhor, mas... — Sorriu, e ergueu os ombros, num gesto de resignação. — Seja triste ou alegre o destino, aos homens de verdade só resta tentar.

Claro que vencerá, Aislyn disse a si mesma ao entrar no quarto. *Se existe alguma justiça neste mundo triste, Lancelot não merece uma chance.*

Ela tirou o vestido e sentou-se na cama com um gemido. Estava morta de cansaço, as juntas em fogo. Se pelo menos tivesse sua sacola, poderia preparar uma poção para aliviar a dor. Mas Gawain a tomara dela. A raiva flamejou, renovada e depois morreu quando se lembrou de vê-lo entrando no salão e, em sua mente, clarins e estandartes saudavam-lhe a entrada.

Que confusão, ela pensou, sonolenta, certo e errado tão entrelaçados que era impossível desfazer o nó. Lancelot era perigoso... o próprio Gawain era perigoso... e, no entanto, ela não poderia negar que sentira orgulho dele naquela noite.

Ele não perderia. Não *poderia* perder.

Não passa de uma justa, disse a si mesma, resvalando para o sono. Dois homens cavalgando um para o outro empenhando lanças. Não havia razão para pressentir que o destino de Camelot estivesse na balança...

E, no entanto, ela pressentia.

Embora fosse o último confronto do dia, ninguém voltou mais cedo para

o castelo. Príncipes e duquesas, cavaleiros e damas, cavaleiros e escudeiros, pajens e donzelas, todos, desde o mais insignificante criado ou ajudante de cozinha estavam gritando quando Lancelot e Gawain cavalgaram para o pavilhão real para se apresentarem perante o rei e a rainha antes da justa.

Chegaram ao pavilhão precisamente ao mesmo tempo. Como se tivessem ensaiado, inclinaram as cabeças descobertas num gesto conjunto, o ouro e o ébano a se moverem em perfeita sincronia.

Arthur levantou-se. Estava magnífico com seu manto vermelho, com a coroa cheia de jóias à cabeça.

— Tenham, por favor, em mente — disse, o olhar firme a se dividir entre os dois cavaleiros —, que este é um confronto cortês. Ficaremos muito desgostosos se resultar algum dano a qualquer lado.

Já estava desgostoso. Isso era claro desde o momento em que chegara. Mal trocara duas palavras com sua rainha, embora Aislyn suspeitasse de que ele tivesse lhe dito muito em particular. Guinevere parecia que fora repreendida severamente.

Lancelot fez um gesto de concordância. Aislyn pensou se era medo ou excitação que lhe roubara a cor das faces. Apenas Gawain era ele mesmo, impressionantemente belo e frio como um lago na montanha.

Arthur sentou-se. Os dois cavaleiros voltaram a seus respectivos postos no campo de torneio, e pegaram as lanças. Lancelot inclinou-se ligeiramente para a frente, segurando a lança, enquanto sua montaria, um garanhão branco, dançava inquieto nas patas. Gawain sentava-se à vontade na sela, tão relaxado quanto sua armadura permitia. Seu ginete, Gringolet, tinha as quatro patas firmes no chão, parecendo tão entediado quanto seu dono.

Aislyn viu a mão do oficial de campo erguer-se, erguer-se... as arquibancadas estavam tão silenciosas agora que ela podia ouvir as batidas rápidas do coração. E, então, a mão caiu.

Gringolet disparou como um tiro de um arco retesado. A montaria de Lancelot foi um pouco mais lenta, mas logo encontrou seu ritmo. Os dois se encontraram em pleno galope, e um grito subiu quando as lanças colidiram e se estilhaçaram. Gawain vacilou, mas manteve o equilíbrio. Aislyn estava de pé, gritando de alegria quando o escudo de Lancelot girou no ar e ele foi jogado de costas, os pés escapando dos estribos, os braços girando numa inútil tentativa de recuperar o equilíbrio. Estava caindo, caindo...

Aislyn calou-se, de repente, a boca ainda aberta quando Lancelot pairou

em suspenso, a força de sua queda amortecida como se uma mão invisível o segurasse pelo colarinho. E, então, não se sabe como, estava de pé outra vez, agarrado à crina do cavalo enquanto o animal diminuía o passo e parava na ponta da liça.

A multidão enlouqueceu, batendo os pés e gritando quando o escudeiro de Lancelot apressou-se a recolher o escudo e devolvê-lo a ele, junto com uma nova lança.

Aquilo *não poderia* ter acontecido... mas infelizmente acontecera.

— Impossível! — o povo gritava. — Uma recuperação milagrosa.

Aquilo *era* impossível, era verdade, mas Aislyn já vira o impossível antes. *Fizera* o impossível, transformando-se numa megera torta e se casando com o mais belo cavaleiro de Camelot. Ela sabia exatamente o que acabara de acontecer ali.

E o nome para aquilo que ela testemunhara naquele momento não era *milagre*, porém *magia*.

O oficial de campo assinalou o início da segunda justa. Dessa vez, Lancelot não hesitou. Ele e Gawain defrontaram-se a pleno galope; novamente, as lanças se espatifaram e ambos se desequilibraram, embora se mantivessem nos estribos e na sela.

A multidão estava mudando. Aislyn podia sentir. Todos captavam algo, embora não fosse possível saber o que era. Um silêncio estranho caiu quando o oficial anunciou o terceiro e último confronto. Aislyn ainda estava de pé, tensa como um arco. Gawain tinha de ganhar. Sua causa era justa, sua habilidade tão grande que ele resistira a um assalto de magia não uma, mas duas vezes. Não poderia perder agora. Não *poderia*.

A mão do oficial abaixou-se. Gringolet investiu em frente e tropeçou num pedaço de madeira espatifada. Foi um pequeno tropeço, e o garanhão recobrou-se quase instantaneamente, mas o equilíbrio de Gawain foi prejudicado. Aislyn viu-o recobrar o aperto na lança e endireitar-se a tempo de enfrentar Lancelot de frente. Contra qualquer outro cavaleiro ele certamente teria prevalecido...

Mas não contra Lancelot.

Lancelot desviou a ponta da lança de Gawain com facilidade com o escudo, enquanto a sua acertava o oponente em cheio, jogando Gawain de costas com tanta força, que ele voou da sela para aterrisar numa nuvem de poeira no campo.

— A vitória cabe a sir Lancelot do Lago! — o oficial proclamou.

— Não!

Aislyn não se dera conta de que gritava a plenos pulmões até que Arthur a encarou, uma ruga a lhe franzir a testa.

— Foi infelicidade que não tenham percebido aquele pedaço de madeira — Arthur conclamou. — Mas o confronto foi justo.

— *Justo?* — Aislyn praguejou com sua voz esganiçada; ora, quando mais precisava falar com firmeza, a voz saía num guincho. — Não foi! Foi feitiçaria!

— Como se... *atreve!* — Arthur esbravejou, num tom baixo e furioso. — Gawain já tem muito a suportar; quer envergonhá-lo mais com essa acusação vil?

— Não! Mas *foi*...

— Silêncio! — Arthur bradou, e cabeças se voltaram em sua direção. Ele baixou a voz de novo, embora os nós de seus dedos ficassem brancos nos braços do trono. — Acha que não adivinhei seu propósito? Qualquer rancor que tenha por Gawain é um assunto para outro dia. Hoje, você irá se comportar com dignidade ou mandarei levá-la para seu quarto, amordaçada, se necessário. — Inclinou-se um pouco mais, os olhos cravados nos dela. — Quer me pôr à prova?

— Não, meu rei — ela resmungou, raivosa, afundando na cadeira.

O escudeiro de Gawain correu para ajudá-lo a se levantar. Ele arrancou o elmo, o sol batendo nos cabelos conforme ele erguia os olhos para o oponente. Lancelot estava imóvel na sela, ainda segurando o escudo e a lança, o visor do elmo ocultando-lhe a expressão.

Gawain inclinou-se diante dele. Aislyn torceu as mãos no colo, lutando contra o impulso quase irresistível de saltar de pé e gritar a verdade. Quando Gawain endireitou-se, levou a mão coberta com a cota de malhas aos lábios e depois acenou para as arquibancadas com um sorriso deslumbrante.

Todos ficaram de pé e o saudaram, gritando-lhe o nome. Ele fez uma mesura e apontou para Lancelot antes de afastar-se, deixando o campo.

Lancelot não removeu o elmo. Não agradeceu nem a Gawain ou aos aplausos da multidão. Continuou onde estava, até que seu escudeiro aproximou-se para pegar a lança e o escudo das mãos dele. Então, por fim, ergueu o visor e levou o cavalo num trote pela extensão das arquibancadas até

seu pavilhão.

Aislyn já estava de pé e a meio caminho antes que a multidão se levantasse e seguisse para o castelo, levando-a de roldão até que ela se viu ao pé das escadas. Maldisse a própria fragilidade ao abrir aminho a cotoveladas, mas por fim viu-se livre e rumando para os pavilhões dos cavaleiros, enfileirados além do campo de torneio.

Uns poucos pajens e escudeiros demoravam-se no paddock, resmungando e rindo ao acertarem as apostas de quem ganhara e quem perdera. Ninguém lhe destinou um olhar quando ela manquitolou pelos pavilhões desertos, desviando-se de lanças quebradas, elmos descartados e baldes espalhados.

Parou ao ouvir uma respiração arquejante e entrecortada que vinha do meio de um dos pavilhões. Seu coração apertou-se; ia se afastar, indecisa, mas era errado que Gawain ficasse sozinho naquele instante. Mesmo sua companhia era melhor que nada.

Rodeou o canto do pavilhão e parou diante da vista de um homem vestido em armadura, quase dobrado em dois, de costas para um poste. Ele arrancou o elmo e deixou-o cair. Depois, enfiou os dedos pelos cabelos, as palmas comprimidas contra os olhos, e deixou escapar outro daqueles soluços terríveis, quebrados.

Aislyn ficou paralisada. Por fim, o cavaleiro ergueu a cabeça. Os olhos de ambos se encontraram, num momento interminável, tempo em que Aislyn percebeu a palidez do cavaleiro, as manchas escuras de hematomas sob os olhos, as faces úmidas...

O rosto de Lancelot retorceu-se de raiva.

— O que está olhando? — berrou, a voz rouca e trêmula. — Bruxa idiota! Vá embora... deixe-me em paz... — Virou-se e enterrou as faces nas mãos.

Aislyn se afastou.

Aislyn viu Gawain de relance pela aba erguida em sua tenda. Seu irmão mais jovem, Agravaine, plantou-se no meio do caminho.

— Olhe aqui, você. — E enterrou o dedo ossudo no peito do rapaz. — Tenho todo direito em...

— Agravaine, o que está fazendo? — Gawain gritou, lá de dentro. — Afaste-se e deixe minha esposa entrar. — Ele estava sentado num banquinho, suado, com uma mancha de sujeira numa das faces, enquanto um escudeiro

desamarrava as armaduras de suas pernas. — Não me machuquei — garantiu. — Não espere por mim. Dinadan pode acompanhá-la ao salão. Estarei lá assim que me lavar e me vestir.

Dinadan adiantou-se e tomou o braço de Aislyn, levando-a de volta pelos pavilhões.

— Como ele está realmente? — ela perguntou a Dinadan.

— Está lidando com a coisa melhor que o resto de nós.

Particularmente Lancelot, Aislyn pensou, olhando de relance para onde vira o cavaleiro momentos antes. Ele não estava mais lá, e ela poderia atribuir o estranho encontro à imaginação, se não fosse o elmo que continuava aonde ele o jogara.

Bem, *fora* uma grande vitória, mas Lancelot não parecia um homem que estivesse chorando de alegria.

— E quanto a você? — ela perguntou a Dinadan quando entraram no pátio. — O que sir Lancelot lhe fez foi uma coisa vergonhosa.

— Tive dias melhores — ele concordou, seco. — E Lancelot desculpou-se muito gentilmente mais cedo. Suspeito de que o rei o obrigou, mas o que está feito está feito e é melhor esquecer. Perdoe-me, devo-lhe meus agradecimentos, eu deveria ter falado nisso antes...

— Não é preciso agradecer nada — disse Aislyn.

— Contanto que você esteja bem, fico contente.

— Estou. E aprendi uma coisa...

— Nada mais de canções, hein? Ele arqueou uma sobrancelha.

— Eu não disse *isso*! Da próxima vez, lutarei minhas próprias batalhas. — Seu sorriso murchou.

— Se não fosse por mim...

— Eles se encontrariam alguma hora — Aislyn murmurou, com um tapinha em seu braço. — Estava fadado a acontecer. Mas você tem razão. Se pretende ser o piadista da corte, é melhor estar preparado para se defender... ou aprender a fugir às pressas.

— Um cavaleiro de Camelot não foge — ele retrucou, com um ar de reprovação.

— Então vai passar um bocado de tempo no pátio de exercícios, não vai?

Dinadan suspirou.

— Receio que sim.

O banquete já estava em andamento quando Dinadan deixou Aislyn em sua cadeira e retirou-se para a mesa dos cavaleiros. Arthur relanceou os olhos pelo lugar vazio de Gawain e inclinou a cabeça brevemente para ela, à guisa de cumprimento. Ao lado dele, Guinevere sentava-se, muda, embora se animasse visivelmente quando Lancelot entrou no salão.

Ele estava de branco, com uma tiara de prata circundando a testa. Sorriu e acenou para todos conforme se sentava, procurando parecer ao mesmo tempo modesto e orgulhoso com a atenção.

Era realmente o mesmo homem que ela vira atrás dos pavilhões? Parecia impossível de acreditar. Quando ele a fitou pela mesa, sorriu e ergueu a taça, cumprimentando-a amavelmente, como se a idéia de gritar com ela nunca lhe tivesse passado pela cabeça.

Alguém estava maluco, e Aislyn tinha plena certeza de que não era ela. Sabia o que presenciara. Lancelot não era um simples cavaleiro... mas, isso era alguma surpresa?

Ele chegara em Camelot vindo de Avalon, um lugar envolto em tamanho mistério, que muitos acreditavam que fosse uma lenda. Diziam que ele era o filho do rei Ban de Benwick, mas seus pais estavam mortos, e Benwick sucumbira à invasão, portanto como haveria alguma prova? Ele poderia ser qualquer um... *ou qualquer coisa*.

Lancelot era um belo rapaz... talvez belo *demais*? Diziam que os homens sobrenaturais eram tão belos que nenhuma mulher mortal poderia resistir a eles. Não parecia que Guinevere até mesmo tentasse; ria para ele, a mão descansando em seu braço. Nem o rei parecia incomodado com aquela familiaridade. Sorria também, obviamente tendo perdoado Lancelot pelo que se passara na noite anterior. E Aislyn não poderia culpá-lo. Lancelot era encantador quando se dispunha a isso, e de um comportamento exemplar de sua parte quando Arthur estava presente.

Contudo, quem era ele? *O que* era ele?

Havia um jeito de descobrir.

Ela fechou os olhos, visualizando uma página em seu livro de magia. Podia enxergar o sortilégio, anotado à margem do pergaminho com a letra irregular de Morgause. Murmurou as palavras por entre os dentes, enfiou um dedo no vinho e jogou algumas gotas na direção de Lancelot.

Nada aconteceu. Ela tentou de novo, com cuidado para dizer as

palavras com exatidão, mas o efeito foi o mesmo. A terceira tentativa, direcionada ao rei, não conseguiu um melhor resultado.

Ou perdera o jeito, Aislyn disse a si mesma, ou...

Esquadrinhou o salão. Lá estava Agravaine, o irmão mais jovem de Gawain, sentado ao lado de Dinadan, olhando feio para a mesa no tablado. Aislyn nunca gostara dele. Resmungou as palavras mais uma vez, jogou uma gota de vinho, e o cálice de Agravaine virou-se em sua mão, lavando-o com o conteúdo. Ele saltou de pé, esbravejando, e os cavaleiros ao redor caíram na risada.

Bem. Então, ela ainda *tinha* o dom. Olhou de novo para Lancelot. Isso não era prova suficiente, mas era tudo o que ela precisava.

O único enigma era por que o rei se mostrava impermeável à magia também, quando, segundo a opinião geral, ele nunca fora antes. Mas... Lancelot não estava com ele naquelas ocasiões.

Lancelot do Lago, ela refletiu, levado pela própria Dama do Lago para servir ao rei Arthur. Será que Arthur sabe a verdade natureza desse presente? Ou o propósito da Dama ao concedê-lo?

Perdida em pensamentos, ela não viu Gawain chegar. Ele se sentou sem estardalhaço, e cortou a carne na travessa que partilhavam. Ao terminar, colocou um pedaço diante dela.

— Coma, senhora — disse.

Arthur virou-se ao som de sua voz.

— Gawain! Como... como está? — o rei perguntou, constrangido.

— Muito bem, senhor. Um pouco duro, talvez... Raramente sofro golpes como os que tive de suportar hoje.

Ergueu a taça e saudou Lancelot antes de beber. Um murmúrio correu pelo salão e uns poucos cavaleiros bateram palmas pelas mesas, em aprovação.

Lancelot enrubesceu e, por um instante, Aislyn vislumbrou o homem que vira atrás do pavilhão.

— Eu... eu... — ele gaguejou, e então se recobrou e retribuiu o brinde, com um sorriso assombroso nos lábios. — Obrigado, Gawain.

— Por favor, senhora, coma — Gawain disse a Aislyn.

— Não tenho apetite. Coma você.

Durante toda a refeição, Gawain fingiu mastigar embora na verdade não comesse quase nada e, embora levasse o cálice à boca com frequência, Aislyn percebeu que estava cheio quase até a boca quando o jantar terminou.

Ele continuou sentado, sorrindo com ar de quem se divertia enquanto o harpista tocava três canções. A última era uma longa balada sobre um cavaleiro que cortejava duas irmãs, uma por dinheiro, outra por amor. Era uma história triste e, no fim, Aislyn enxugou disfarçadamente os olhos na manga do vestido. Virou-se para Gawain, e se deparou com sua cadeira vazia.

Quando o harpista começou uma nova cantiga, ela aproveitou a oportunidade para se retirar furtivamente.

Aislyn encontrou Gawain no quarto que dividiam, sem nada a não ser uma camisa abaixada até a cintura enquanto esfregava o ombro com um pano. Um longo talho cortava a clavícula, rodeado de carne arroxeadas e inchadas, e havia hematomas espalhados pelas costelas.

— Isso parece muito feio — ela observou.

— Não é tão ruim.

Ela suspirou, e chegou mais perto.

— E agora vai me dizer que não dói também.

Gawain a encarou.

— Ora, dói muito. Mas nada está quebrado.

— Tem certeza? — Aislyn correu os dedos pelas costelas e então concordou. — Vou enfaixá-lo. Vai ajudar.

— Obrigado.

Ele ficou calado enquanto ela enrolava uma faixa de linho em torno de seu tórax. Aislyn ficou muda também, imaginando como começar o que gostaria de dizer.

— Sobre o dia de hoje...

— Eu pretendia falar nisso... Sinto muito se falhei em...

— Mas não falhou! Você venceu.

Ele sorriu.

— Acho que você deve ter assistido a um confronto diferente.

— Não, eu assisti ao certo, e vi o que você não viu. A primeira vez que você o atingiu, ele caiu para trás, ou teria caído, se algo não tivesse interferido.

— Ela amarrou a tira e recuou, pondo as mãos nos quadris. — Ele estava caindo, qualquer um confirmará. Disseram que era um milagre que continuasse na sela. Mas foi magia, com certeza.

— É gentil em dizer isso, mas...

— Não há nada de gentil em falar a verdade. Sei o que eu vi. — Aislyn sentou-se na beira da cama. — Fale-me sobre sir Lancelot do Lago.

— Ele é filho do rei Ban...

— E você sabe disso como um fato? — ela o interrompeu.

— Sei o que disseram ao rei. Como *ele* sabe, nunca perguntei, mas tenho certeza de que sir Lancelot comprovou a afirmação.

— Hum... A Dama do Lago é um mistério, mas todos concordam que é uma feiticeira poderosa, pelo menos. Calculo que ela deu ao filho adotivo uma pequena proteção extra antes de mandá-lo para o mundo. Isto é, se ele não for seu filho *verdadeiro*. Como sabe que ele é humano?

Gawain pareceu espantado.

— Claro que ele é...

— Você o viu alguma vez sangrar?

— Sim, Lancelot foi ferido em sua primeira batalha... um golpe de relance, mas sangrou.

— Bem, já é alguma coisa. Mas, mesmo assim...

— Tenho certeza de que ele é exatamente quem diz ser — Gawain declarou com firmeza. — E ganhou hoje com justiça.

— Não ganhou. Estou lhe dizendo, eu vi...

— O que quer que tenha visto, ou pensado que viu, não vai além deste quarto. Você não disse nada disso a mais alguém, disse?

— Bem — Aislyn retrucou, relutante —, mencionei o fato ao rei.

— Oh, Deus! — Gawain encostou a cabeça na parede e fechou os olhos. — O que ele disse?

— Para segurar minha língua ou me mandaria amordaçar. Pareceu pensar que eu estava dizendo isso para envergonhá-lo... Não é verdade — ela protestou. — Ele é sobrenatural, eu lhe digo, e o venceu injustamente...

— Justa ou injustamente, está acabado. Não reclamarei, e a proíbo de fazê-lo.

— Não acha que o rei deveria saber que tipo de cavaleiro está recebendo na corte?

— Lancelot não me deu razão para duvidar de sua lealdade. É um guerreiro excepcionalmente hábil, devotado ao rei...

— E à rainha — resmungou Aislyn.

— E à rainha — Gawain repetiu com firmeza. — É seu paladino, afinal, e seu amigo, e se o rei não reclama de tal arranjo, não cabe a mim, ou a você, questionar o fato.

Levantou-se, tenso, reprimindo um gemido. A camisa caiu ao chão. Ele inclinou-se para pegá-la e então parou, levando a mão às costelas. Aislyn tentou não olhar quando ele seguiu para a cama.

— Eu lhe daria algo para a dor — ela murmurou —, quero dizer, se tivesse minha sacola.

Ele afundou na beira da cama, parecendo desventurado, mas meneou a cabeça.

— Não seja tolo — ela retrucou, com rispidez. — Se você se casa com uma bruxa, é sensato deixar que ela use sua magia para um bom propósito.

Ele virou a cabeça e encarou-a intensamente.

— Você é uma bruxa? De verdade?

— Você pareceu ter plena certeza da primeira vez que pousou os olhos em mim.

— Eu estava errado ao dizer isso. Você me surpreendeu, aparecendo tão de repente aquele dia, mas isso não é desculpa para minha indelicadeza.

— Bem, minha aparência está contra mim — ela concordou. — Viva o tempo suficiente para ganhar um pouco de sabedoria e algumas verrugas, e a maioria dos homens vai gritar bruxa sem pensar duas vezes. O que é uma bruxa, na verdade, além de uma mulher que é velha e um pouco mais esperta que os homens que a temem? O que passa por magia para a maioria do povo é apenas um conhecimento maior sobre as ervas e o fato de dizerem às pessoas o que elas querem ouvir.

— Para a maioria, isso pode ser verdade — ele murmurou. — Mas você se esquece, ou talvez não saiba quem é minha mãe.

— Oh, sei muito bem. E como nem é velha nem cheia de verrugas, chamam a *ela* de maga. Uma palavra muito mais bonita, não é, do que bruxa? E antes que pergunte de novo, responderei sua pergunta. Conheço um pouco

das tradições das ervas e um pouco de magia também. Aquilo de que você não gosta muito. O que é justo. Ter a Rainha do Ar e das Trevas por mãe pode desiludir qualquer homem quanto à magia. Mas não é razão para me impedir de usar meus outros talentos, principalmente quando você precisa deles.

Gawain cruzou os braços, fazendo os músculos saltarem, e recostou-se ao travesseiro com um murmúrio de dor.

— E provável que exista uma falha nesse argumento, mas dói demais para eu descobrir agora. Passe-me aquela bolsa de couro sobre a mesa.

Gawain enfiou a mão dentro da bolsa, cheia de bugigangas.

— Que diabos tem aqui? — resmungou, irritado, até que finalmente seus dedos tocaram a pequena chave. Pegou-a e entregou-a a Aislyn, dizendo: — Sua sacola está no baú.

Estava ligeiramente envergonhado, imaginando se agira errado. Morgana insistira sobre a sacola... mas ele não precisava que alguma mulher, tia ou não, lhe dissesse como lidar com a própria esposa.

La jogar a bolsa sobre a mesa e então mudou de idéia e pendurou-a no poste da cama. Uma chuva de moedas caiu pelas cobertas, misturada com um punhado de pedras que ele pegara para marcar algumas batalhas, um galho seco... por que ele carregava um galho? Ah, era de alecrim, recordou-se, que colhiera do túmulo do pai, e as folhas tinham virado pó fazia muito tempo. Um pedaço de corda, misturado com um cordão torcido ruivo-dourado... oh...

Gawain pegou a trança amarrada com um pedaço de fita, limpando com cuidado o pó de alecrim das médias que reluziam em sua palma. Não via aquilo fazia anos. Mas sempre soubera que estava lá, um talismã secreto para protegê-lo do orgulho... Da insensatez...

Do amor.

Deveria jogá-lo no fogo. Muitas vezes pensara nisso, mas algo sempre o continha.

Fechou os dedos sobre a trança quando Aislyn parou a seu lado.

— Tome — disse, oferecendo-lhe uma xícara. — Beba.

Ele tomou cuidado para não demonstrar repulsa quando seus dedos se tocaram; ela fora gentil, e ele não queria ofendê-la.

— Pensei que fosse amargo — disse, estendendo-lhe a xícara vazia. — As poções de minha mãe...

— Eu *não sou* sua mãe.

Ele suspirou, relaxando sobre o travesseiro.

— Agradeço a Deus por *isso*.

— Não gosta muito dela, não é? — ela perguntou, ao amarrar a sacola.
— Sua própria mãe... Por que não?

— Tenho minhas razões — Gawain disse, bruscamente, seus dedos se fechando sobre a trança.

— Quais são? — Aislyn perguntou, puxando o banco para perto da cama e sentando-se.

— É uma longa história...

— Eu o mandarei parar quando estiver cansada — ela retrucou, e começou a recolher as moedas espalhadas pela coberta.

— Minha mãe tem certas... ambições. — Ele calou-se, imaginando o que tinha na cabeça para falar de tais coisas com uma estranha.

Mesmo que fosse sua esposa.

— Oh, sim — ela murmurou, com calma —, é de conhecimento geral que seu pai liderou a rebelião contra o rei Arthur anos atrás, e que não há quem não suspeite de que sua mãe estivesse por trás disso. Ela é a Rainha do Ar e das Trevas, afinal, e seu pai... bem...

— Era apenas um homem — Gawain terminou por ela. — Embora, na verdade, ambos concordassem sobre a rebelião. Mas assim que derrotado, meu pai aceitou o perdão do rei, e seus termos.

Diferentemente de minha mãe...

— *Você poderia ser o rei da Britânia!*

Os dedos de Gawain fecharam-se sobre o pé do cálice.

— *Nunca usarei a coroa.*

— *Nenhum homem é imortal — sua mãe disse. — E o rei tem muitos inimigos.*

— *Qualquer inimigo de meu rei, chegará a Arthur somente sobre o meu cadáver. Portanto, compreenda, eu nunca usarei a coroa da Britânia. Eu ofereci ao rei meu juramento de lealdade, como a senhora me pediu, mamãe, e honrarei esse juramento até a morte.*

Até a morte. As palavras pareceram ecoar no pequeno quarto. Morgause o fitou, os olhos estreitados.

— *Então, você se tornaria um traidor de sua família?*

— Arthur é minha família. — Gawain levantou-se tão abruptamente que sua cadeira virou. — Tudo que conheço sobre lealdade e honra, eu aprendi com ele.

Morgause enterrou o rosto entre as mãos.

— Oh, Gawain, como pode dizer tais coisas a mim! Você me amou um dia, não se lembra? Como pode me olhar assim, tão friamente, e dizer tantas coisas cruéis... Não posso suportar uma coisa dessas!

Gawain encarou-a com suspeita.

— Não deveria falar em traição.

— É traição a mãe amar seu filho? É traição ela querer o melhor para ele? Quando olho para você... e imagino que rei você daria... — Seus ombros sacudiram com os soluços.

— Nunca serei. — Ele mordeu o lábio e depois endireitou a cadeira e sentou-se outra vez. — Não chore, mamãe.

— Mas você me detesta agora. Não negue, posso ver, é a verdade. Você era uma criança tão boa, Gawain, meu garotinho de ouro... Lembra-se de quando eu costumava chamá-lo assim? Eu tinha apenas quatorze anos quando você nasceu, eu era uma criança...

— Sim, eu sei. — Gawain suspirou.

— Tudo seria diferente se meu pai estivesse vivo! Foi terrível quando Uther chegou à Cornualha — ela emendou depressa, desviando os olhos. — Ele matou meu pobre pai, enfeitiçou minha mãe, apoderou-se de minha casa...

Gawain afagou-a num gesto desajeitado.

— Mas esse era Uther, mamãe. Não Arthur.

— Eu sei, é que... quando eu o vi no trono... e depois penso em você, servindo ao pirralho de Uther...

— Arthur não é o pai dele — Gawain disse, com firmeza. — É um bom homem e um grande rei. Deve abandonar o passado, mamãe, antes que seu ódio a leve a fazer algo que todos lamentaremos.

Morgause respirou fundo, tremendo.

— Sim, sim, você tem razão. Vejo isso agora. Pode me perdoar?

Gawain levantou-se, aliviado, e inclinou-se para lhe beijar a face.

— Sim, mamãe, claro que posso. Por que nós dois não esquecemos essa conversa e fingimos que nunca aconteceu?

Os membros de Gawain pesavam, e estava tudo muito tranqüilo dentro do quarto quando Aislyn começou a recolher as miudezas espalhadas pela cama. Colocou as moedas de volta na bolsa, depois as pedras também, e começou a desembaraçar o pedaço de corda.

— E sua mãe? — ela indagou. — Aceitou os termos de Arthur também?

Gawain sorriu com tristeza.

— Ela simplesmente mudou de tática.

— É mesmo? — Os olhos de Aislyn faiscaram de curiosidade. Estranho, mas ele nunca notara os olhos dela antes. As pálpebras eram caídas e enrugadas, mas as íris eram de um verde muito claro. — O que fez a Rainha do Ar e das Trevas?

— Ela sabia que eu era homem do rei, mas ainda esperava conquistar-me para o seu lado — disse Gawain. — Então usou uma moça, sua aprendiz, para fazer seu trabalho. A moça era... muito bonita. Eu a conhecia apenas como hóspede de minha mãe, não tinha idéia de que era...

— O quê?

— Uma feiticeira. — Ele riu brevemente. — Creio que você chamaria a isso de uma bela palavra para bruxa.

— E tudo a mesma coisa para mim. — Aislyn enrolou a corda em torno dos dedos. — Então, o que ela fez, essa linda moça? Lançou um feitiço em você?

— Não. Ela deveria, mas... não.

— Estragou tudo, não foi? — Os olhos de Aislyn reluziram antes que ela os abaixasse outra vez para a corda. — O que aconteceu? Ela o transformou num sapo? Sumiu numa nuvem de fumaça?

Gawain esforçou-se por esboçar um sorriso.

— Ela nem mesmo tentou.

— Então, como você a desmascarou?

— Aislyn me contou. Esse era o nome dela — ele murmurou, passando o polegar pelas mechas macias Sm sua mão. — Aislyn. Ela me contou tudo. Como deveria me seduzir e, depois, usar magia negra para me dobrar à sua vontade. Que seria, é claro, a vontade de minha mãe, pois Aislyn estava completamente sob o poder dela.

— Ela lhe disse tudo isso, é? — ela perguntou. — Ora, por quê?

— Ela disse... que estava apaixonada por mim.

Aislyn suspirou.

— Uma história provável!

Gawain ressentiu-se diante daquele tom.

— É assim tão impossível?

— *Você* acreditou?

— Não.

— Bem, então, você já suspeitava dela, não?

Ele meneou a cabeça.

— Não tinha idéia.

Aislyn colocou a bolsa de Gawain sobre a mesa.

— O que ela tinha a ganhar contando a você?

— Não sei.

— Ora, vamos, você não está se esforçando. Talvez sua mãe tenha mandado a moça...

— Não — ele retrucou, decidido. — Aislyn foi por conta própria.

— Mas por que faria isso? Ela chegou a dizer?

— Ela... me contou que não compreendera realmente com o que havia concordado.

— Perdeu a cabeça, então?

— Não, ela se encontrou — Gawain disse, lentamente. — E estava apavorada do quanto se desviara para o mal.

— Fraca — Aislyn resmungou, meneando a cabeça. — Acho que ela queria que você a salvasse.

Gawain inclinou a cabeça, lembrando-se de que Aislyn havia implorado para que ele a levasse junto.

— Sim — disse. — Ela realmente pediu, mas eu estava zangado demais para pensar com clareza. Como poderia confiar em algo que ela tinha dito? Ela era uma bruxa. E *mentiu* para mim... tantas mentiras.

— Isso magoou você. Sim, claro que magoou.

Ele concordou com a cabeça. Mesmo agora a lembrança lhe causava imensa dor.

— Você a amava?

— Sim — ele murmurou. — Mas... a deixei, mesmo assim.

Aislyn ficou calada por algum tempo, estudando-lhe a face, e então soltou uma risadinha áspera.

— Bem, ótimo para você. Por que carregar um fardo com uma tola que só tornaria sua vida uma miséria? Se ela se deixou levar para o mal uma vez, provavelmente se deixaria de novo.

Não. A garganta de Gawain fechou-se com um nó estranho; ele olhou para o punho fechado, piscando duro.

— Ora, vamos, deite-se de costas, ponha essa cabeça para descansar — Aislyn disse, a voz mais gentil do que ele alguma vez já ouvira. — Você merece descansar. Foi um dia difícil, não foi?

— Foi? — ele perguntou, vagamente. — Ah, o torneio... Isso não importa. — Fechou os olhos. — Contanto que eu sirva ao rei, estou contente. — A mão de Ragnelle era suave em sua testa, acalmando-o. — Você é muito gentil — ele murmurou.

— Não, não sou. Eu o enganei com um truque, forçando-o ao casamento.

— Não foi um truque... — Ele obrigou as pálpebras a se abrirem. — Uma barganha honesta aceita por livre vontade. E não importa. Eu nunca quis me casar com alguém, não depois... Mas ela nunca me amou, foi tudo mentira... Mais tarde, eu pensei que a tivesse julgado mal. — Seus olhos ardiam, e ele virou o rosto de lado. — Mas quando voltei a Lothian, era tarde demais.

— Você... *voltou*?

— Levou muito tempo... me perdi no caminho... Amanhecia quando cheguei lá. Tarde demais. Foi na lagoa do moinho... onde encontramos os gatinhos.

— O que tem a lagoa? — ela perguntou, e havia algo estranho em sua voz, algo errado. Gawain tentou identificar, mas seus pensamentos estavam presos às lembranças daquela manhã terrível, a mãe de Aislyn chorando.

— Aislyn afogou-se. Naquela mesma noite. Dizem que ela caiu, mas eu sempre imaginei se... se...

— *Afogada?* Mas... — Ela foi tomada de um ataque de tosse. Finalmente balbuciou. — Isso deve ter sido um choque para você. E para mim — emendou, num resmungo.

— Eu fiquei...

Não, ele não poderia mais falar daquela manhã. Gawain fechou os olhos e deixou que a escuridão o invadisse.

CAPÍTULO III

A respiração de Gawain aprofundou-se, e sua mão relaxou no sono. Aislyn pegou a trança da palma dele e a fitou.

Ele a guardara, como havia prometido.

Nunca houvera outra. Só ela.

Ela vira apenas a raiva de Gawain naquela noite, não o sofrimento que havia por baixo. Ele confiava nela. Ela se assegurara disso. Os suspiros, os sorrisos, os olhares de soslaio; cada um fora cuidadosamente planejado para lhe chamar a atenção, e ela não sentira nada além de orgulho quando Gawain correspondera. Agora, seu peito requeimava ao se recordar da perícia com que o atraíra, e da satisfação mesquinha que sentira quando ele lhe confidenciara segredos que jamais contara a ninguém. Quando confessara seu ódio por todas as coisas mágicas, ela se mostrara meiga e simpática, mas por dentro rira quando afirmara que sentia o mesmo antes de seguir para o quarto para praticar o novo feitiço fascinante que Morgause tinha lhe ensinado. Era magia de verdade, muito além de qualquer coisa que ela tentara no passado, um sortilégio tão potente que poderia transformar mesmo o mais forte guerreiro em argila macia nas mãos de uma feiticeira experiente.

Ela não contara a Gawain nada disso, claro, só o bastante para fazê-lo compreender o perigo.

O resto, ele tinha imaginado por si mesmo.

Não demorara muito tempo. No meio da história entrecortada, a mágoa sumira da expressão de Gawain; nem bem ela se havia se calado, ele estava de pé, pegando a túnica. Enquanto enfiava as botas, fizera apenas uma pergunta e, no momento em que ela admitira que sim, que realmente possuía o dom da

magia, ele estava fora da porta.

Contudo, Gawain realmente a amava. Ainda a amava. Poderia ter ido embora aquela noite, mas voltara.

— Acorde! — ela o chacoalhou. — Gawain, me escute!

— Estou acordado... — ele resmungou.

Eu sou Aislyn, A duquesa da Cornualha lançou um feitiço em mim.

— Dragões azuis. — Ela ouviu a própria voz dizer. — O prato escorre mel.

Gawain pestanejou e esfregou as mãos no rosto.

— O que disse?

— Escute. — Ela cravou os olhos nos dele. *Aislyn não está morta.* — Cinzas na cama. — Foi o que saiu de sua boca.

— Sinto muito, eu não...

— Estou aqui, Gawain! — ela gritou. — Bem aqui ao seu lado! Não pode me ver?

Ele tomou-lhe as mãos nas suas.

— Eu a vejo, Ragnelle. Acalme-se, agora, e diga-me qual é o problema.

Ela respirou fundo.

— Eu.

Gawain concordou.

— Sou...

— Continue — ele disse. *Aislyn.*

— Abóbora. *Aislyn.*

— Bolota. *Aislyn!*

— Velino!

Gawain saltou da cama, deixando escapar um gemido de dor, e levou a mão às costelas. Seus olhos estavam vagos, os cabelos revoltos, mas a voz era firme e segura.

— Deite-se um pouco e eu trarei a sanguessuga do rei.

— Não! Não preciso de uma sanguessuga. — Ela começou a chorar quando ele a deitou na cama. — Não estou morta! Sou... campânula!

— Tem alguma dor? — Ele inclinou-se sobre ela, tocando primeiro uma face, depois a outra. — Pode sentir isso?

Lágrimas escorriam quando ela concordou.

— Erga o braço — ele ordenou. — Agora as pernas. Qual é seu nome?

Ela suspirou.

— Ragnelle.

— E onde estamos?

— Em seu quarto em Camelot. Não estou louca, seu estúpido!

— Eu não disse isso. Tem certeza de que não sente nenhuma dor?

— Não, nenhuma. — A não ser no coração, que parecia como se tivesse sido transpassado por um punhal, mas se ela tentasse dizer isso, quem poderia imaginar a bobagem que sairia de sua boca? — Eu estava... acho que devia ser um sonho — ela resmungou.

— Deus seja louvado! — Ele sorriu, aliviado. Gawain parecia... parecia um marido preocupado com a esposa, Aislyn pensou, e novas lágrimas lhe saltaram aos olhos.

Não olhe para minha face, essa não sou eu! Estou aqui dentro...

— Venha para a cama — ela murmurou, erguendo a ponta da coberta.
— Sinto muito se o acordei.

— Não se desculpe — ele disse, enfiando-se sob as cobertas ao lado dela.
— Eu não me importo. Me acorde de novo se precisar de mim.

Quando ele dormiu, Aislyn levantou-se, misturou a poção que a devolveria à sua própria forma e a bebeu. Nada. Esperou mais alguns minutos, sabendo que era inútil, e depois se enfiou debaixo das cobertas e chorou.

Gawain acordou momentos antes do amanhecer. Continuou deitado, observando o quarto tomar forma ao redor enquanto acariciava os vários gatos enrodilhados na cama, recordando o que tentara esquecer durante tantos anos: o dia da morte de Aislyn.

— Sente-se — Morgause disse — e acalme-se. — Sim, a garota está morta e sinto muito por isso, mas não há nada a fazer a respeito. Sei que você gostava dela, eu mesma gostava dela, mas eu pretendia conversar com você hoje, de qualquer forma.

— A senhora a matou. Não minta para mim, sei que a matou. Ela me contou tudo...

— Contou? Contou que quando o pai dela morreu, eles foram atacados por um cavaleiro vizinho, e...

— O que isso tem a ver com o assunto?

— ...e os desejos dele não eram apenas pelas terras? Contou que ele a fez sua amante? Contou que ele a forçou... mas não, não há necessidade de desenterrar tudo isso agora. Aislyn sobreviveu a uma terrível provação e mostrou grande coragem em vir até a mim, porém eu receio que ela tenha ficado irrevogavelmente perturbada.

— Não! — Gawain exclamou. — Não é verdade...

— Pergunte a lady Olwyn se não acredita em mim, mas eu lhe asseguro de que é a verdade. A primeira coisa que Aislyn me disse era que nunca se casaria, e não posso dizer que a culpo. Só muito mais tarde eu comecei a pensar se sua mente não se perdera. Ela era inclinada a humores sombrios e embora parecessem estar melhorando, eu receio... — Ela inclinou-se e pousou a mão na de Gawain. — Receio que o amor por você, seu... desejo... tenha despertado sentimentos dolorosos demais para que ela pudesse suportar. Aislyn buscou refúgio em ilusões perigosas. Ah, se pelo menos tivesse me procurado! Creio que poderia tê-la ajudado. Mas ela não procurou, até ontem, quando irrompeu aqui, acusando-me de tudo, de alcoviteira a regicida! Tentei ponderar com ela, mas estava louca. Mande-i-a se retirar para o quarto enquanto a lady Olwyn e eu discutíamos o que era melhor fazer, mas aparentemente Aislyn conseguiu fugir. É uma pena, embora eu não possa deixar de imaginar se ela não estava tentando poupar a pobre mãe...

Sua voz, tão triste, tão suavemente racional, penetrou pela mente de Gawain como uma droga, suavizando a dor, entorpecendo a raiva, toldando a certeza. Poderia ter sido assim? Aislyn estava perturbada; será que enlouquecera? Ele saberia, se ela estivesse louca? O que ele sabia sobre a loucura?

— Mas — ele murmurou, fazendo um enorme esforço para sair da letargia que o dominava —, a noite passada ela disse... ela foi ao meu quarto e me contou que a senhora tinha...

— Tinha o quê? — Morgause indagou gentilmente. — Mandado Aislyn ao seu quarto? Oh, Gawain, não vê? Ela o desejava, mas não conseguia admitir isso nem mesmo para si. E assim, inventou toda essa louca fantasia. Se na verdade for a mesma que eu ouvi ontem... que eu estava usando magia para forçá-la a seduzir você.

— Ela disse que iríamos nos casar... que a senhora queria...

— Eu? Deixar que meu filho mais velho, herdeiro do trono de Orkney se casasse com uma moça sem dote nem berço? Por certo que você percebeu então que ela estava maluca!

Gawain sentiu-se profundamente constrangido. Não, ele não percebera, embora agora parecesse óbvio.

— Sei que foi um choque — Morgause disse, com doçura —, e você está cansado, não está? Precisa dormir. Depois vai se sentir melhor.

Ele concordou. Sim, dormir era o que precisava. Depois, tudo ficaria... ficaria...

— Vá para seu quarto e enfie-se na cama — ordenou Morgause, baixinho. — Quando acordar, venha direto me procurar.

Gawain levantou-se, embora não pudesse se lembrar de ter sentado. Não conseguia se recordar de coisa alguma, só que precisava dormir.

Estava a meio caminho do quarto quando relanceou os olhos por uma janela e viu Gringolet amarrado a uma árvore. O que estava fazendo ali? Deveria estar no pasto. A cabeça do cavalo estava pendurada, os flancos escuros de suor. Algo se remexeu na mente morosa de Gawain, e ele percebeu que não poderia deixar sua montaria assim. Devagar, virou-se, descendo a escada meio entorpecido e saiu para o pátio. Um cavalariaço passou assobiando, levando dois baldes para o estábulo; Gawain o chamou e lhe disse para cuidar de Gringolet.

Acabara de se virar para voltar ao salão quando percebeu um rapaz sentado no degrau de montar, aguçando um espeto. Ele parou, observando o rapaz. Era familiar, era... era... Launfal. E ele era...

Gawain endireitou-se. Ele era o irmão de Aislyn. E Aislyn estava morta. A lembrança da noite anterior voltou de repente e, com ela, a dor. Com pés pesados, ele caminhou até o degrau de, montar.

O rapaz ergueu os olhos e sorriu.

— Bom dia, senhor.

— Launfal — Gawain murmurou. — Sinto muito.

— Por quê? — Seus olhos eram como os de Aislyn, e estavam cheios de uma surpresa tão inocente que Gawain percebeu que não tinham lhe contado nada ainda.

Não era certo que o próprio irmão não soubesse o que acontecera a Aislyn, mas Gawain não poderia ser a pessoa a lhe contar. Em vez disso, murmurou:

— Posso lhe perguntar uma coisa?

— Oh, claro que sim, senhor.

Sentou-se ao lado do rapaz.

— Quero que saiba que tenho boas razões para perguntar. E sobre a época em que você perdeu sua casa. Sei que sua irmã sofreu horivelmente.

Gawain ficou imaginando como abordar o assunto, quando o rapaz disse:

— *Quer dizer durante o cerco?*

— *Não, quando o castelo foi tomado.*

— *Ah, isso... Bem, não foi agradável para nenhum de nós. Mas foi bem mais fácil ficar com fome na estrada do que encurralado lá dentro. Pelo menos tínhamos bastante água, e eu sempre podia pedir... ou roubar — ele emendou num tom mais baixo, evitando olhar para Gawain.*

— *Tenho certeza de que fez só o que tinha de fazer — Gawain disse. — Mas estou falando do espaço de tempo entre a invasão e a fuga de vocês. Aislyn...*

— *Não esperamos que eles invadissem nossa casa! Assim que se tornou inevitável, dissemos a todos para fugir, e então fugimos também.*

O rapaz estava lhe dizendo a verdade, Gawain podia ver isso em seus olhos. E que razão teria para mentir?

— *Launfal!*

Uma mulher parou na soleira da porta do salão, os olhos vermelhos de chorar e as feições tensas de preocupação.

— *Um momento, mamãe! — Launfal gritou de volta. — Alguma coisa a mais, senhor?*

— *Não. Launfal, não diga a ninguém sobre o que conversamos agora. Se lhe perguntarem, diga que eu... estava me despedindo de você.*

— *Está de partida?*

— *Estou.*

— *Ah... — Launfal fez um ar de tristeza. — Quando vai voltar?*

Gawain sorriu com tristeza.

— *Não será logo.*

Tocou o ombro do rapaz, consciente de tudo que continuava sem ser dito entre os dois. Era errado deixá-lo na ignorância, mas não havia tempo para explicações e mesmo que houvesse, Gawain não saberia o que dizer. Precisava pensar primeiro, separar a verdade de todas as mentiras que lhe tinham dito, se tal coisa fosse possível.

E então, percebeu que não era.

Naquele instante, tomou a decisão. Não perderia seu tempo ou a sanidade desemaranhando a teia de engodos em que se enrolara, ou em chorar a perda que uma mulher, que nunca fora nada além de um sonho. Por qualquer que fosse o motivo,

Aislyn mentira para ele, muitas vezes, e não havia razão para acreditar que não continuasse mentindo até o fim.

E era o fim. A história estava contada, mesmo que ele nunca a entendesse. Aislyn estava morta. A constatação abateu-se sobre ele com tanta força, que ele não queria mais nada a não ser cair de joelhos e chorar por seu amor perdido, pela jovem que o beijara sob a cerejeira e lhe dera um cacho dos cabelos para levar para a batalha.

Ele estava certo antes. Aislyn o usara. Os beijos que lhe dera eram um doce veneno a roubar seu raciocínio, cada mentira uma nova traição à sua confiança. Qualquer que fosse a razão, Aislyn precisava ir embora de Lothian; e ele fora o meio para essa fuga. As palavras de amor que murmurara eram tão falsas como tudo a respeito dela.

A menos que... ela tivesse sido honesta aquela última noite.

— Nunca saberei agora — murmurou.

Aislyn mexeu-se ao seu lado.

— Hein?

— Não foi nada. Como se sente esta manhã? Ela sentou-se e esfregou os olhos.

— Muito bem para uma velha. Mas o que você estava dizendo?

— Oh, eu estava me lembrando do que conversamos a noite passada.

— Sobre a moça, você quer dizer? — Aqueles olhos luminosos, de um verde-claro e incrivelmente belos, pousaram na face de Gawain. — Aquela que lhe disseram que se afogou?

— Nunca saberei por que ela me procurou e disse tudo aquilo.

— Saberá sim. Ouça seu coração, a verdade está lá.

Não. Seu coração o enganara antes, por que deveria acreditar nele agora? Aislyn o traía.

Ela o amava, seu coração gritou, confiou a vida a você. A traição final não foi dela, foi sua.

— Deus me perdoe. Eu a deixei lá e ela... mas eu não sabia...

— Como poderia? — Aislyn disse, ríspidamente. — É preciso ser perspicaz para distinguir a verdade das mentiras, e você não passava de um rapaz. Ela deveria ter compreendido isso. E você voltou, não voltou? — Seus dedos retorcidos fecharam-se sobre os dele. — Isso foi uma bela coisa, Gawain, um... gesto nobre, e não foi culpa sua que chegasse muito tarde.

— Ragnelle — ele murmurou —, acha que os mortos podem nos ver? Acha que ela sabe que eu sinto muito agora?

— Oh, ela sabe — ela disse, e sua voz saiu estranhamente estrangulada. — E eu... creio que sente muito também.

Mesmo o retorno de Gawain de Lothian, cinco anos atrás, não fora tão doloroso. Na época, ele fizera de tudo em seu poder para tirar Aislyn da cabeça, mas agora suas defesas tinham desmoronado e o pesar transbordou, insuportável.

Para onde quer que olhasse, ele a via; sentada à mesa no salão, vestida de verde com fitas nos cabelos, passeando pelo pátio, rindo ao lado da fonte, tão linda que fazia seu coração doer ao se recordar.

Contudo, ele não expulsou as lembranças, entregou-se a elas, visitando cada lugar que descrevera para Aislyn, imaginando o que ela diria, construindo conversas inteiras na mente, que o faziam rir e depois suspirar e, finalmente, afundar-se num banco e olhar com olhos vagos para a fonte.

Fazia cinco anos que Aislyn se fora, e parecia que aqueles anos tinham sido um sonho, uma desolação congelada sem risos ou música... e por certo sem mulheres. Mas não era como se ele *aspirasse* ao celibato, não. Sempre desfrutara de sua parcela de aventuras amorosas... até que conhecera Aislyn e se apaixonara perdidamente.

Era mais que a beleza espantosa de suas feições, ou o corpo deliciosamente macio, ou até mesmo o beijo, que o convencera de que precisava casar-se com ela ou morrer. Mas como todo rapaz de dezoito anos, era um tolo e um fornicador. Agora, ele podia apreciar as horas que tinham passado conversando, mais preciosas até que aqueles beijos de calcinar a alma. Aislyn pensava sobre as mesmas coisas que ele, ponderava sobre as mesmas perguntas, e se as conclusões tinham às vezes diferenças, a habilidade dela em debater um assunto só era um acréscimo ao fascínio que exercia.

Durante cinco anos ele dissera a si mesmo que cada palavra que Aislyn dissera fora uma mentira, mas olhando para trás, as falsidades que ela lhe dissera, destacavam-se com tal cabal contradição ao resto das palavras, que só um tolo poderia ter confundido as duas. Um tolo ou um jovem imaturo tão apaixonado que não veria a diferença entre uma mentira nascida do desespero e a absoluta sinceridade que sentira no coração, na alma e no corpo, entregues a ela sem reservas.

Apesar de todas as suas aventuras no quarto de dormir e no campo de batalha, ele não fora muito perspicaz. Poderia culpá-la ou poderia culpar a si

mesmo, mas a verdade era que o amor não fora o bastante para impedi-los de cometer erros irreparáveis.

E assim, a história fora contada por completo. Gawain sabia o que acontecera e o motivo, mas essa constatação não tornava a dor mais fácil de suportar. Talvez o tempo fizesse. Agora, porém, ele não conseguia nem mesmo imaginar uma existência na qual Aisllyn não estivesse ao seu lado.

— Gawain.

Ele ergueu os olhos e se deparou com o rei a observá-lo. Há quanto tempo Arthur estava ali? Estivera tão perdido nos próprios pensamentos que nem mesmo notara a chegada dele.

— Eu estava esperando por você — disse Arthur. — Deveríamos nos reunir antes que o conselho seja convocado.

— Sim, claro. Perdoe-me.

Arthur sentou-se ao lado dele.

— Como está se sentindo hoje? Foi uma queda feia a que levou.

— Queda? — Gawain arrastou a mente de volta ao presente. — Oh, isso! Um par de costelas machucadas foi o pior de tudo, e Ragnelle enfaixou-as. Mal as sinto hoje.

As feições de Arthur ficaram tensas à menção de Ragnelle.

— Não consigo entender como você pode suportar que essa criatura o toque — disse, em voz baixa.

Gawain surpreendeu-se com a força da própria raiva.

— A aparência vai contra ela, mas eu dificilmente poderia chamá-la de *criatura*.

Arthur meneou a cabeça.

— Você é muito corajoso...

— Ragnelle não é um monstro. É uma velha senhora com um senso peculiar de humor, mas gentil, apesar de tudo isso.

— *Gentil?* Forçá-lo a um casamento...

— Eu não fui nem forçado nem enganado — retrucou Gawain, aborrecido. — Você deixou muito claro que a escolha era minha, e eu a fiz com pleno conhecimento das consequências. Se não tenho do que reclamar, não posso entender por que alguém deveria. — Bem, se é isso que você quer...

— Isso é como é.

Arthur bateu-lhe no ombro, fitando-o com uma simpatia que fez Gawain desejar empurrar a mão para longe.

— Muito bem, então, não diremos mais nada a esse respeito.

— Obrigado. — Ainda aborrecido, Gawain levantou-se. — Deveríamos conversar sobre aquilo que o rei Aesc disse, antes de vermos os outros. Creio que a aliança pode ser salva se...

— Isso pode esperar. Sente-se, Gawain, quero dar uma palavra com você sobre o dia de ontem.

Gawain retomou seu lugar, obediente, mas não via por que deveria ser forçado a reviver um dia que logo esqueceria. Aquelas justas particulares eram ridículas; um guerreiro lutava a serviço de seu rei, não por sua própria vaidade, porém nem ele gostava de ser vencido, particularmente por Lancelot.

— O comportamento de Lancelot para com Dinadan foi muito errado — disse Arthur —, e falei com ele longamente sobre isso. Ele está verdadeiramente arrependido e se desculpou.

E o que isso tem a ver comigo? Gawain pensou, com uma nova pontada de irritação. Dinadan era um amigo, mas também um cavaleiro, experiente em batalha e bastante capaz de resolver seus próprios assuntos. Fora em nome de Ragnelle que ele jogara a luva. Isso era óbvio! Porém, aparentemente, não era, pelo menos para Arthur, pois ele não fez menção às desculpas que eram devidas a *ela*.

— Fico feliz que tenham resolvido as coisas entre os dois — ele disse, num tom indiferente.

Arthur concordou, parecendo infeliz.

— Se pelo menos você e Lancelot conhecessem melhor um ao outro, eu tenho certeza de que seriam amigos. Ele pode ser um pouco grosseiro, mas no fundo é um bom rapaz.

Gawain mal conseguiu reprimir um bufo de escárnio. Quantas vezes ele ouvira *isso* antes? Mas, aquele era Arthur, determinado a ver o bem em todos.

— Quando você pensa na criação peculiar de Lance — Arthur insistiu —, não é de se admirar que ele seja um pouco indisciplinado. Ele realmente não quer fazer mal a ninguém, você sabe, apenas não entende nossos costumes.

Isso era um jeito de colocar as coisas. Outro seria que, tendo crescido entre gente que se dizia sobrenatural, faltavam a Lancelot as qualidades

humanas de humildade e compaixão, embora ele compensasse isso com quantidades extras de orgulho e maldade. Mas apontar tais verdades seria perda de tempo.

— Contanto que esteja satisfeito com ele, não há mais nada a ser dito. — Foi o melhor que Gawain conseguiu formular.

— Lancelot é orgulhoso, mas sei que ele valoriza sua opinião mais do que deixa perceber. Se você pelo menos...

— Oh, pelo amor de Deus, Arthur, ele me detesta! Deixe isso para lá!

Calou-se, envergonhado da explosão que o surpreendera tanto quanto surpreendera ao rei, mas sua língua parecia ter assumido vida própria.

— Se Lancelot realmente se importar um pouquinho com minha opinião, ele sabe o que deve fazer: desculpar-se com Ragnelle.

— Ragnelle? — Arthur franziu a testa. — O que tem ela a ver com isso?

— Pergunte a Lancelot. Um rapaz de tão bom coração ficará ansioso para lhe contar a história inteira. Agora, vamos falar sobre os saxões? É por isso que veio aqui, para discutir sobre o rei Aesc e seus parentes de Wessex, não é?

— Você me desaponta, Gawain. Eu tinha tanta esperança que você e Lance pudessem finalmente aprender a se conhecerem... Não tinha percebido que você era tão inflexível...

— Bem, sabe agora. — Uma parte de Gawain se horrorizava pelas palavras que continuavam saltando de seus lábios e, no entanto, era um alívio falar a verdade. — Não sou como você, não posso encontrar o bem onde nada existe, e aquele grosseiro presunçoso me testou até muito além do que qualquer homem poderia suportar. Você o tomou como cavaleiro. Ótimo, não direi nada a respeito de sua decisão, embora seja absolutamente estranho para mim que tenha aceitado um homem que conheça tão pouco sobre respeito ou decência a seu serviço. Não falarei do monstruoso orgulho ou da insolência intolerável que ele tem mostrado, não apenas para mim, mas para cada homem na corte, e um bom número de damas também. Eu...

Arthur ergueu a mão.

— Para um homem que pretende não dizer nada, você está estranhamente falante. Mas creio que sua posição está clara.

Gawain desabou no banco e cobriu a face com as mãos.

— Perdoe-me.

— Para lhe dizer a verdade, não estou surpreso. Você está sob um estresse muito grande. Desde seu casamento...

— Não, não tem nada a ver com isso.

— Então, o que é? — Arthur perguntou, tão gentilmente que a raiva de Gawain se dissipou. Ele ergueu a cabeça e olhou para o tio, seu rei, seu amigo mais íntimo, e não encontrou nos olhos de Arthur nada além de afeto e preocupação.

— Foi há longo tempo e, no entanto... parece que aconteceu ontem... — Gawain começou, hesitante. — Eu nunca lhe contei...

— Sire!

Lancelot surgiu no portão.

— Agora, não! — Arthur exclamou, embora suavizasse a recusa com um sorriso. — Falarei com você mais tarde.

— Sinto muito, mas o conselho foi convocado para o meio-dia e estão todos reunidos...

— Maldição! — Arthur resmungou. — Precisamos ir.

— Sim. Claro. — Gawain levantou-se. — Sinto muito, não tivemos chance de falar sobre o rei Aesc.

— Eu preferiria ter ouvido o que você ia me contar. A rainha nos convidou para jantar em seu pavilhão de verão. Você vai, não é? E Ragnelle, claro... isto é, se você quiser levá-la — Arthur emendou, num esforço tão óbvio para ser agradável, que Gawain não conseguiu recusar.

A reunião do conselho terminou, e Gawain seguiu para o pátio, mas logo seus passos o levaram de volta ao quarto. Encontrou Ragnelle lá, sentada à janela com Star enrodilhado no colo.

Ela ergueu os olhos quando ele entrou, seu rosto enrugado, demonstrando tristeza.

— Você está bem? — ele perguntou, ao soltar o broche que prendia a capa ao ombro.

— Estou velha — ela retrucou. — E não há nada a ser feito sobre isso. Como foi a reunião do conselho?

Gawain jogou a capa sobre o baú e esticou-se na cama.

— Longa.

— Acalmaram o rei Aesc? — ela indagou, surpreendendo Gawain.

— Como sabe disso?

Ela deu de ombros.

— Ouço coisas. Dizem que os parentes estão atrás dele para que rompa o tratado com o rei.

— Realmente, querem que se junte a eles, e um bom número do povo acha que ele deveria. — Gawain bocejou. — E uma situação delicada.

— Não podem lhe oferecer alguma coisa?

— Fizemos isso, mas se oferecermos muito, ele parecerá fraco. O povo já está dizendo que poderiam ter mais do que daremos se lutarem contra nós. Podem ter razão. Se ele unir forças com o rei Ceredig...

— E quanto ao rei Ceredig, então? Tentaram atraí-lo para o seu lado?

— Uma dezena de vezes — Gawain retrucou. — Ele se recusa até mesmo a se encontrar conosco. Esses saxões são todos iguais, vão de bom grado para uma batalha como vão para uma festa. Mas esse assunto não pode interessá-la.

— Por que não? Moro aqui, também, você sabe.

— Se tivermos de lutar, então que seja.

— E homens morrerão — ela disse, baixinho. — E suas mulheres chorarão por eles.

Gawain ergueu-se no cotovelo para fitá-la.

— Não estamos mortos ainda, Ragnelle. Não precisa começar a guardar luto por nós hoje mesmo.

— Oh, não preste atenção a mim, estou um pouco deprimida.

— Bem, sei de algo que a alegrará. Fomos convidados para um jantar privado no pavilhão de verão da rainha.

A face dela não se iluminou.

— Creio que ficarei aqui. Vá você. Não estou com vontade.

— Não está com vontade de atender ao convite mais exclusivo de toda a Britânia? — Gawain ergueu-se para encará-la, mas ela virou a cabeça. — Deixaria passar a oportunidade de escandalizar a rainha e seus prediletos?

Estava de pé agora, quando ela soltou uma risadinha.

— Bem, se você coloca desse jeito, suponho que terei de ir, então.

— Tem certeza? Ragnelle, se não estiver bem...

— Há algo errado com seu ouvido? — Ela colocou Star no chão. — Ou com seus olhos? Sou uma velha, não uma juvenzinha sem juízo que pode sair correndo para a festa do momento!

— Desculpe, eu devia ter-lhe contado mais cedo, mas me esqueci. Iremos?

— Se espera apresentar-se com essa velha túnica, é melhor pensar outra vez! Eis você, um príncipe, todo desleixado, quando aposto que sir Lancelot irá todo enfeitado com algum traje na última moda. Ora, afaste-se, você está no caminho. Ah-ah! Eu sabia que você deveria ter *algo* que não parecesse ter vindo do trapeiro.

Ela pegou uma túnica cinza com bordados em prata no pescoço e nas mangas, e lançou um olhar firme por baixo das sobrancelhas franzidas.

— Se você se *atrever* a me dizer que não tem um diadema de prata, eu... eu... eu não sei o que farei, mas prometo que você não vai gostar.

— Tenho um — ele assegurou. — Em algum lugar.

— Não fique parado aí, ache-o! E o pente também. E não discuta, não temos tempo. Eu gostaria de chegar lá antes que *toda* a comida se acabe.

Nunca houvera um cavaleiro tão elegante, um homem tão belo como Gawain em sua túnica cinza com uma discreta borda prateada. O tecido fluía conforme ele se movia, cada passo revelando um vislumbre perturbador das coxas musculosas. Seus cabelos, presos por um simples diadema de prata, caíam em cascata por suas costas como seda ao luar, tão macios que qualquer mulher certamente ansiaria por correr os dedos por eles.

Lancelot também parecia elegante, Aislyn pensou, tentando ser justa. Sua túnica escarlate era inegavelmente dramática, a borda toda trabalhada em ouro. Em qualquer outra noite, ele teria atraído a atenção de cada olhar. Porém, *naquela* noite, ela concluiu com uma risada interior, ele simplesmente conseguia parecer exagerado, mesmo um pouco espalhafatoso em seu traje.

Gawain, por sua vez, não se importava com o guarda-roupa nem com o rebuliço que criara ao entrar.

Parecia apenas preocupado em acompanhar a esposa até uma cadeira e certificar-se de que fosse servida. Depois, trocou umas poucas gentilezas obrigatórias com o rei, a rainha e os convidados reunidos, e, então, desviou o olhar para as portas abertas que levavam aos jardins e para lá continuou a olhar enquanto a conversa fluía ao seu redor.

Aquela era uma reunião muito seleta, na verdade: Lancelot, o velho rei

Bagdemagus e três das damas de Guinevere eram os únicos convidados além deles. Assim que os cumprimentos iniciais terminaram, ninguém parecia ter muito a dizer, e a não ser pelo rei Bagdemagus, ninguém tinha apetite para as iguarias que Guinevere mandara fazer.

Mesmo assim, Aislyn não se arrependera de ter ido. Que bem resultaria em ficar sentada sozinha e emburrada diante da injustiça de sua situação? Pelo menos ela estava com Gawain, quando ele poderia tê-la deixado para trás. Ele fora muito gentil, convidando-a.

Um dia ambos dariam boas risadas disso.

Ele a amava, ou pelo menos a amara, tanto que nunca havia pensado em casar-se com outra. Assim que Morgana soubesse a verdade, certamente teria pena deles. Tinha de ter!

O jantar terminou, e o silêncio caiu sobre o recinto outra vez, até que o rei Bagdemagus ressonou alto.

Lancelot pegou uma pequena harpa e dedilhou algumas cordas.

— Lance — a rainha fitou-o, esperançosa —, vai cantar para nós?

— Eu, não — ele respondeu, rindo. — Não conseguiria. — Estendeu a harpa a Guinevere, mas ela recusou-a.

— Não sei tocar — disse. — As freiras não julgavam apropriado.

Lancelot pegou a harpa, tentando inutilmente acertar um acorde. Depois de dedilhar algumas notas particularmente dissonantes, Guinevere esbravejou:

— Tenha piedade, pare de torturar esse instrumento!

— Tudo bem, desculpe. — Ele virou-se para colocá-la de volta sobre a mesa.

— Gawain pode tocá-la — Aislyn disse, surpreendendo até a si mesma.

— Pode? — Guinevere questionou.

— O quê? Oh, a harpa! — Gawain pegou-a da mão de Lancelot. — Não muito bem. — Correu os dedos pelas cordas. — Apreendi quando era mais jovem, mas faz anos...

Dedilhou alguns acordes, encolhendo-se quando tirou a nota errada.

— Não, receio que...

— Tente — insistiu Aislyn e, inclinando-se para mais perto, murmurou: — Seria uma gentileza para a rainha.

Gawain concordou e recostou-se, colocando o instrumento no joelho.

— Bem, eu estava com uma canção na cabeça hoje...

Pigarreou como alguém desacostumado a se exhibir publicamente e começou a tocar, não uma das canções alegres de soldado como Aislyn esperava, mas uma melodia estranhamente delicada. Tocou-a uma vez e, então, para surpresa de Aislyn, começou a cantar. Sua voz era profunda e afinada, com um toque pungente de melancolia.

Sonhei que caminhava a seu lado ao sol do campo,

Então acordei em minha cama fria, sozinho,

Você deixou meu coração ferido e sem esperança.

E sua beleza me assombrará aonde quer que eu vá.

As damas de Guinevere suspiraram num coro, inclinando-se para frente em suas cadeiras.

Meus dias são tão vazios, tão cinzentos agora,

Meu coração é uma coisa fria, meu coração é uma pedra.

Toda alegria fugiu, minha vida foi-se embora,

Desde que a morte cruel tomou meu amor para si.

Aislyn sentiu vontade de chorar diante da tristeza dolorida na voz de Gawain, e de rir alto de alegria, saltar de pé e gritar que era para *ela* que ele cantava, *sua* beleza que o assombrava, mas sabia que as palavras jamais sairiam de seus lábios.

Vai longe o dia em que iríamos nos casar.

E eu preferia morrer do que viver a me lamentar.

Oh, espere por mim, minha amada, onde o sol se põe,

Eu a encontrarei lá na estrada para o mar.

Os dedos de Gawain arrancaram um eco da última nota antes que ele pusesse a palma sobre as cordas, silenciando-as abruptamente. O rei olhou para o sobrinho, a perplexidade estampada no rosto. A rainha levou a mão para limpar a face, e uma ou duas de suas damas fungavam baixinho. Até mesmo Lancelot estava mudo e de olhos arregalados de surpresa.

Gawain ergueu os olhos e abaixou a harpa. Aislyn sabia exatamente como ele se sentia, como se tivesse se desnudado diante de todos.

— Ah, bem — disse, animada —, pelo menos você ainda tem a mim.

Todos ficaram rígidos, as expressões tensas. Mas o silêncio foi quebrado pelo último som que Aislyn esperava: a risada de Gawain. Ele a fitou, os ombros balançando com o riso que ele tentava em vão reprimir, mas quando ela piscou-lhe com um ar malicioso, ele perdeu completamente a compostura. Fazia um longo tempo desde que ela o ouvira rir tão francamente e, ao julgar pelo espanto nas outras faces, aquilo era estranho para eles também. Por fim, ele puxou o fôlego.

— Perdoe-me — começou. — Eu estava... isto é...

— Não precisa se desculpar — ela murmurou. — Gosto de ouvi-lo rir. Deveria fazer isso mais vezes.

— Sim, você tem razão. — Ele devolveu a harpa para Lancelot com um gesto de agradecimento.

— Gawain... — Arthur começou, mas antes que pudesse terminar a frase, ouviu-se uma batida à porta. Uma das criadas atendeu e, então, recuou para deixar um jovem entrar. Aislyn mal teve tempo de se lembrar onde o vira antes quando Gawain saltou de pé.

— Gaheris! — ele gritou, e adiantou-se para abraçar o irmão mais novo.

Claro. Aislyn lembrava-se bem de Gaheris do tempo que estivera em Lothian, um rapaz quieto com olhos risonhos. Cabelos castanhos e de altura mediana, ele muitas vezes passava despercebido entre seus irmãos, mas sempre fora o favorito de Aislyn entre os garotos, pois a fazia rir com suas observações inteligentes. Morgause, como ela se recordava, não se importava nem com Gaheris nem com suas observações. A rainha preferia o outro filho, Gareth, que sempre comparava ao jovem Gawain.

— Oh, sim, minha mãe está aqui — Gaheris disse, em resposta à pergunta do rei. — Ela vai se apresentar logo.

Morgause? Ali? Aquela noite? Aislyn não parou para pensar. Esgueirou-se pela porta aberta para o jardim, e mantendo-se nas sombras, seguiu para o quarto de Gawain. Uma vez lá dentro, trancou a porta e recostou-se contra a madeira, respirando o ar em arquejos fundos, sacudida pela força com que o coração batia contra suas costelas.

Oh, por que Morgause tinha de chegar aquela noite? Por que não esperara uns poucos dias mais?

Tenho de ir. Não posso me arriscar a um encontro, não como estou agora.

Com as mãos trêmulas, ergueu a tampa do baú, e depois de ter derrubado por duas vezes o que segurava, virando-se na direção da porta ao

ouvir algum ruído imaginário, ela desistiu da idéia de arrumar suas coisas.

Pegou a sacola do gancho na parede e seguiu manquitolando, parando apenas para lançar um último olhar para o lugar onde conhecera os extremos da alegria e da tristeza. Os gatos estavam fora, a não ser Sooty, enrodilhada sobre o travesseiro de Gawain.

— Cuide dele — murmurou e então endireitou os ombros e emendou:
— Até eu voltar.

Sooty piscou, encarando-a com desprezo felino.

— Não me olhe assim, eu voltarei — ela disse. Eu *voltarei*. Espere e verá.

A última vez que Gawain havia conversado com sua mãe fora na manhã da morte de Aislyn. Agora, ela estava ali, entrando no pavilhão da rainha com uma tranqüilidade que o abismou. Como ousava encará-lo depois do que fizera a Aislyn? Contudo, mesmo assim, ela lhe sorriu e inclinou-se diante do rei.

— Majestade, perdoe-me por não mandar avisar, mas eu diria que minha chegada não *é inteiramente* inesperada.

— Senhora, seja bem-vinda — Arthur disse, com frieza.

— Vejo que já conheceu meu filho, Gaheris — ela continuou. — É minha esperança que o aceite ao seu serviço.

— É a sua esperança também? — Arthur perguntou a Gaheris. — Tornar-se um cavaleiro da Távola Redonda?

Gaheris ajoelhou-se e inclinou a cabeça.

— Meu único desejo é servi-lo, Majestade, em qualquer função que se dignar me encaixar.

— Tenho certeza de que me servirá muito bem — Arthur disse, gentilmente.

Gaheris ergueu o queixo, os olhos faiscando.

— Não peço nenhum favor, Majestade, apenas a chance de me pôr à prova.

— Isso você terá. — Arthur pousou a mão brevemente no ombro do rapaz. — Bem-vindo a Camelot, sobrinho.

— Obrigada — disse Morgause, antes que Gaheris pudesse retrucar. — Isso foi *muito* gentil de sua parte, Arthur, e eu espero... isto é, tenho certeza de

que não se arrependerá.

Então, relanceou os olhos pelo recinto.

— E quem temos aqui?

— Rainha Guinevere, permita-me apresentar minha irmã Morgause, a rainha de Orkney — Arthur disse, e, quando as duas mulheres cumprimentaram-se com olhos cautelosos e palavras corteses, Gawain puxou Gaheris para um canto.

— Que diabos foi *isso*?

Gaheris deu de ombros.

— Cai em desgraça com ela.

— O que você fez?

— Ajudei seu último... admirador a sair pela porta. — O sorriso de Gaheris sumiu. — Foi uma coisa feia, eu lhe contarei tudo, mas não aqui. De qualquer forma, eu fui apenas a desculpa para ela vir para cá. Você é a verdadeira razão. É verdade que está casado?

— Sim.

Onde estava sua esposa?

— Ela está aqui? — perguntou Gaheris.

Gawain relanceou os olhos pela sala.

— Estava...

— Gawain! — Morgause chamou, alto o suficiente para que as cabeças se voltassem na direção do rapaz. — O que está fazendo enfiado nesse canto?

Ele empertigou-se. Como ela ousava falar com ele, ainda mais nesse tom?

— Venha me ver quando acabar — ele sussurrou a Gaheris — e o apresentarei à minha esposa. — Fez uma ligeira mesura para Morgause antes de se voltar para a porta.

— Oh, nossa, eu devo tê-lo assustado — ela disse para Arthur, num tom levemente caçoísta. — Vamos, Gawain, não precisa fugir. Qualquer travessura que tenha em mente, é melhor confessar e pronto.

Tendo reduzido o filho ao *status* de uma criança de seis anos, Morgause estendeu-lhe a mão, os olhos duros apesar do sorriso.

Ele atravessou a sala e segurou-a pelo pulso, puxando-a para longe dos

outros e falando num tom que só ela poderia ouvir.

— Não nada a lhe dizer, senhora.

Morgause livrou-se com um gesto brusco.

— Bem, eu tenho muito a dizer a você. Como ousa casar-se sem minha permissão?

— E como ousa, depois do que fez a... — Ele respirou fundo. — Não. Não vou falar disso. Agora, se me der licença...

— Não me diga que ainda está guardando rancor por causa daquela garota estúpida! Não pensei que você pudesse ser tão teimoso!

— E eu, não pensei que a senhora tivesse a audácia de falar comigo sobre ela.

— Não falar com meu próprio filho? Perdeu o senso? Olhe aqui, meu rapaz.

— Não, olhe a senhora, mamãe. *Eu sei* o que aconteceu com Aislyn. Ela não mentiu para mim, mas a senhora, sim, e se ela tirou a própria vida, ou foi... foi...

— Eu não matei a vagabunda, ou ordenei sua morte, ou qualquer das coisas que parece estar imaginando! Por que eu me daria o trabalho? Ele não era nada além...

— Era a mulher que eu amava, e embora isso possa parecer nada para a senhora... — Gawain conteve-se. — Esta não é uma conversa que eu queira ter, não agora ou em qualquer outra ocasião. O que está feito, está feito. Mas não tente nunca se meter em meus assuntos de novo. Não dirá nada sobre meu casamento nem a mim nem a ninguém, e se falar com minha esposa será com o respeito que ela merece.

Os olhos de Morgause brilharam com as lágrimas.

— Você é muito duro, Gawain.

— Sou o que a senhora me fez, mamãe — ele esbravejou, e dando as costas a ela, saiu do recinto sem mais palavras.

— Gawain está bem? — a rainha Guinevere perguntou, quando Morgause juntou-se a ela. — Não tem sido ele mesmo ultimamente.

Morgause sentou-se ao lado dela.

— Em que sentido?

— Oh, é difícil explicar, mas desde o casamento...

Guinevere calou-se, lançando um olhar culpado na direção de Arthur, mas ele conversava com Gaheris e não pareceu ter ouvido.

Morgause inclinou-se para mais perto.

— Claro que fiquei surpresa ao saber disso e desapontada por ter sido deixada de fora, mas sei como os rapazes podem ser impulsivos.

Guinevere mordeu o lábio para esconder um sorriso. Só a própria mãe poderia descrever o fabuloso Gawain nesses termos.

— Claro que não posso desculpar essa pressa inconveniente, mas estaria disposta a perdoá-lo se ele fosse feliz na escolha — Morgause continuou. — Contudo, parece que há algo errado sobre o casamento. Ele recusou-se a falar nisso agora mesmo, e ficou muito aborrecido quando o questionei. Mas, senhora... posso chamá-la de Guinevere? E pode me chamar por meu nome, pois pertencemos à mesma família agora. Por favor, peço que me diga se meu filho se meteu em algum tipo de confusão.

— Bem... — Guinevere começou, num tom de confidencia —, eu mesma não sei como isso tudo aconteceu. Gawain chegou aqui com Ragnelle e anunciou que os dois deveriam se casar naquele mesmo dia!

— E quando foi isso? — Morgause indagou.

— Oito dias atrás. Eu me lembro particularmente por que foi no mesmo dia em que ele e meu soberano partiram para encontrar Somer Gromer Jour. Não sei se soube da aventura de milorde...

— Sim, soube, e Deus seja louvado que *esse* perigo tenha passado.

— Sabe de algum outro perigo? — Guinevere perguntou, inquieta.

— Na verdade sim, mas chegaremos lá no momento adequado. Você estava dizendo que Gawain trouxe essa mulher para a corte... e que tipo de mulher ela é?

— Oh, Morgause... mal sei como lhe contar. Ela é muito mais velha que Gawain...

— Mas ainda em idade de procriar? — interrompeu Morgause.

— Longe, muito longe disso. E é bastante...

Morgause apertou-lhe a mão.

— Continue, vamos, minha cara.

— Ela é... muito feia de se olhar. E suas maneiras são tão grosseiras que ela não pode ser de um berço decente.

Morgause respirou fundo.

— Mas... isso é... abominável! Como Arthur pôde... Perdoe-me, não direi uma palavra contra meu irmão, mas não posso compreender por que ele permitiu uma coisa dessas!

— Nem eu. — Guinevere baixou a voz a um sussurro. — Ele não falará nada sobre o assunto a não ser que foi a vontade de Gawain. Todos nós temos imaginado, é claro, se ela exerce algum poder tenebroso sobre ele... — Calou-se, enrubescendo, mas Morgause apenas concordou.

— E mais provável que seja uma questão de honra. Você disse que ele partiu com o rei para encontrar Somer Gromer Jour, e quando voltou, essa... mulher estava com ele?

— Sim. Acha que existe alguma conexão?

— Não posso perceber o que seria. — Morgause franziu a testa. — Mas você pode ter certeza de que saberei a verdade em breve! E, devo dizer, é um conforto descobrir que é tão sensata e bem-informada.

— Obrigada. — Guinevere ficou lisonjeada com o elogio, que não era do tipo que freqüentemente ouvia. — Mas você ia me contar algo sobre outro perigo, não ia?

Morgause encarou-a por um momento e então concordou.

— Eu pretendia dar essa notícia a Arthur em particular, mas agora que eu a conheci, gostaria de pedir seu conselho antes.

— Oh, sim. — Guinevere arquejou. — Por favor, fale! Ultimamente tenho me sentido tão inquieta... como se algo ameaçasse meu soberano...

As sobrancelhas ruivas de Morgause se arquearam.

— Você tem a Vidência?

— Eu? Oh, não, eu não me meto com feitiçaria! — Guinevere disparou e, então, foi tomada de constrangimento quando se recordou de com quem falava.

Morgause, no entanto, não pareceu ofendida.

— Esqueci que foi criada num convento. Oh, que pena, pois eu realmente acredito... mas não, não direi mais nada. Afinal, Arthur pode não gostar. Só que... preste atenção a suas intuições, Guinevere. Elas podem ser mais importantes do que você imagina.

— Prestarei — Guinevere prometeu ansiosa. — Mas fale-me desse

perigo.

Morgause suspirou.

— Começa com uma dama que me serviu antes de seu casamento. Quando me procurou, cinco ou seis anos atrás, uma viúva na mais absoluta miséria, eu a recebi com os filhos. A mais velha, porém, comprovou-se uma experiência triste. Era bastante encantadora e não sem inteligência, mas afogou-se por causa de um caso de amor rompido. O mais novo, Launfal, parecia mais promissor, embora sempre de ânimo pesado, pois não conseguia conformar-se com a perda das terras e riquezas que a família tivera um dia. Pareceu-me que ele enfiara na cabeça que Arthur era o culpado e o maldizia também pela morte da irmã. Tudo bobagem, como eu disse a ele mais de uma vez, mas o rapaz ficava remoendo essas coisas imaginárias até que tive receios por sua sanidade.

— O que você fez? — Guinevere perguntou.

— Eu mandei prendê-lo, ainda esperando que ele pudesse ser salvo, mas com a esperteza de gente de seu tipo, ele conseguiu fugir.

Guinevere estremeceu e relanceou os olhos pelo jardim em sombras.

— Então, ele... poderia estar em qualquer lugar!

— Essa é a razão pela qual cheguei com tanta pressa, para avisar o rei contra ele. Arthur deve compreender que Launfal, apesar de toda sua juventude e encanto... Meu maior medo é que meu irmão... — Morgause pousou a mão na de Guinevere. — Perdoe-me se falo francamente. Você deve ter notado que seu senhor não se resguarda tanto como nos dias de seu pai. Arthur caminha livremente entre seus súditos e abre seu salão para todo tipo de ignorante nos dias festivos. Isso tudo é muito admirável, sem dúvida, mas eu não gostaria que tal gentileza fosse causa de sua ruína.

— Precisamos contar a ele — Guinevere murmurou. — Avisá-lo desse perigo. Ele saberá o que deve ser feito.

— Sim, naturalmente, mas... — Morgause baixou os olhos e suspirou. — Não deve ter escapado de você que os homens... mesmo o melhor deles... tendem a dar de ombros para os avisos de uma irmã ou de uma esposa. Alisam nossa cabeça e dizem-nos para não ter medo e, depois, saem e fazem exatamente como pretendiam fazer o tempo todo. São todos meninos no íntimo, sempre ansiosos demais para comprovar sua coragem. Receio que às vezes falte a nós, mulheres, a capacidade de agir do ponto de vista da sensatez. Protegê-los de si mesmos.

Guinevere nunca pensara no assunto dessa forma antes. Arthur era tão bom e tão sábio, que ela muitas vezes se via levada a refletir sobre os muitos defeitos de sua própria natureza, infelizmente. Pensar que ela, em virtude do sexo, possuísse uma sabedoria que ele não poderia alcançar era algo empolgante demais para que pudesse resistir.

— Sim, realmente — disse a Morgause. — Diga-me o que você acha que deveria ser feito.

— Talvez se os cavaleiros de Arthur... ou talvez os seus homens, aqueles que vieram com você de Cameliard, os quais tenho certeza de que são confiáveis, fiquem cientes desse perigo que corre o rei...

— Claro, compreendo seu ponto de vista, e concordo plenamente. Pode descrever esse homem... esse Launfal... para mim?

Morgause sorriu lentamente.

— Eu ficaria feliz.

Assim que Aislyn passou pelos portões do castelo, teve de avançar pela estrada ajudada apenas pelo lampejo ocasional de um raio ao leste, e a débil luminosidade da praça do mercado ao sopé da colina. Passou pelas tendas com cautela, mantendo-se longe das lanternas penduradas pelos mercadores que aprontavam as mercadorias para a feira da manhã seguinte.

Depois de atravessar o mercado, contudo, a escuridão era uma coisa viva, comprimindo-se ao seu redor como uma capa sufocante. Se não fosse pelas pedras brancas que marcavam a beira da estrada, ela teria desistido completamente, embora seu progresso fosse numa lentidão agonizante.

Nesse passo, não avançarei uma milha, ela pensou, mas continuou caminhando, um pé após o outro, com cuidado, até que a respiração ficou entrecortada e as pernas começaram a doer.

Não pense nisso. Pense em Gawain e o que ele fará e dirá quando descobrir que fui embora. Ele ficará um pouco triste, mas provavelmente também aliviado, embora, em nome da formalidade, mande alguém procurar por mim. Ou não, eu o estou julgando mal. Ele virá pessoalmente.

A idéia a apressou, e quando as nuvens começaram a se abrir, ela tomou novo ânimo. Não havia lua aquela noite, mas mesmo a luz das estrelas parecia uma dádiva, pois era suficiente para fazê-la avistar as pedras brancas enfileiradas pela estrada larga.

Sim, ele ficará triste, embora não tão triste como eu em deixá-lo. E pelo menos Gaheris está lá para alegrá-lo.

Lembrou-se do primeiro dia da visita de Gawain a Lothian, cinco anos atrás, quando Gaheris fora repreendido pela rainha por alguma falta imaginária de cortesia para com o irmão. Gaheris, que normalmente agüentava os comentários da rainha em silêncio, de repente anunciara para o salão inteiro que Gawain não era uma deidade, e que ele, por exemplo, recusava-se a venerá-lo em seu santuário. Morgause ficara lívida, mas Gawain apenas rira e dissera que Gaheris era um rapaz sensato.

Aquelas palavras não tinham saltado de sua boca por qualquer afeto profundo. Ele e Gaheris nada mais eram do que estranhos, mas houvera um desejo instintivo de ajudar o irmão a escapar de uma situação constrangedora.

Um comentário descuidado. Uma palavra gentil. E olhe como tinham se cumprimentado calorosamente pouco antes. Ela pensou no próprio irmão, Launfal, no improvável evento de seu reencontro. Mas os dois casos dificilmente seriam comparáveis. Ela e Launfal nunca tinham sido íntimos. Ou, mais exatamente, ela nunca permitira que o irmão se aproximasse dela. Estava sempre muito ocupada, muito envolvida com suas próprias preocupações para dispensar um olhar para o garoto doentio com qualquer outro sentimento além de irritação.

A última vez que o vira fora no pátio de exercício em Lothian. Launfal sorria ao desarmar um garoto mais alto que ele uns trinta centímetros. Ela alguma vez lhe dissera como se sentira orgulhosa dele naquele dia? Não! Pois Gawain estava lá também, e quando a fitava, tudo mais era esquecido.

Ela deveria ter dito alguma coisa a Launfal. Não havia mais ninguém para fazer isso. A mãe nunca se importara com ele; Launfal fora concebido quando Aislyn ainda era um bebê, e a gravidez fora muito difícil desde o princípio. Aos sete meses, ele viera ao mundo, e a mãe quase havia morrido por isso. Aislyn sabia que todos tinham presumido que fosse um aborto tardio, pois ouvira a história muitas vezes da babá, que gostava de contá-la cada vez que bebia um pouco mais de cerveja: como a criança ficara esquecida na preocupação com a mãe, até que a babá percebera que o débil som de gemido que vinha do canto era de um bebê vivo, embora uma coisinha frágil que ninguém esperava que sobrevivesse.

A mãe achara a experiência revoltante, inclusive a criança que resultara dela. Uma aversão que se aprofundou com os anos quando ficou claro que seu filho doente era a última criança que carregara no ventre.

O pai não se mostrara melhor. Sempre desgostoso de qualquer forma de enfermidade, sir Rogier ignorava a existência de Launfal completamente,

enquanto Aislyn julgava o irmão um tédio. Ele passava a maior parte do tempo pairando entre a vida e a morte e, na época em que finalmente começou a falar, a família já o taxara de imbecil. Mesmo quando começara a parecer um ser humano, era tão frágil que não tinha qualquer serventia para algum tipo de brincadeira.

Mas, naquele dia no pátio de exercício, Launfal não parecia frágil. Parecia forte e saudável e mais feliz do que Aislyn alguma vez o vira.

Gostaria de ter falado com ele. Havia muitas coisas que precisava dizer, mas apenas uma que realmente importava: não confie na rainha. Quatro palavras, era tudo, e Aislyn tivera inúmeras oportunidades para dizê-las entre a hora em que compreendeu a extensão da maldade de Morgause, e seu desastroso encontro com Gawain. Entretanto, ela não dissera. Nem pensara nisso. E agora, era tarde demais.

Aislyn duvidava de que algo permanecesse inalterável no irmãozinho de temperamento meigo que era como uma sombra em seu rastro durante tantos anos, esperando inutilmente que ela o notasse. Ele fora tão paciente, irritantemente persistente, ela pensara então. E nas poucas ocasiões em que estava entediada o suficiente para brincar com ele, mostrara-se tão agradecido... Seu coração requieimou de uma emoção que ela não reconheceu a princípio, mas então se deu conta de que era vergonha.

Claro que ele se voltara para Morgause. Quem mais ele tinha? Um pai que falara com ele talvez uma dúzia de vezes antes de morrer, uma mãe que o detestava evidentemente, uma irmã que nem mesmo se importara com ele o bastante para dizer as quatro palavras que poderiam salvá-lo.

Os longos anos que passara sozinha nutrindo seu rancor solitário contra o mundo não mais pareceram uma punição imerecida, mas o resultado inevitável de sua própria preocupação consigo mesma. Tivesse ela um grama da generosidade de Gawain, e Launfal teria ido com ela para o exílio. Ele a seguiria até os confins da terra se ela tivesse lhe demonstrado a menor gentileza.

— Vele por ele, minha Deusa. Launfal não é um mau rapaz, só caiu no caminho errado — ela resmungou conforme caminhava, e sorriu com ironia, pensando que poderia estar falando de si mesma. Falando *para* si mesma também, pois, por mais que ansiasse acreditar que alguém ouvia suas preces, ela não conseguia obrigar a mente a obedecer.

As reflexões levaram-na para a absoluta escuridão da floresta. Quando não conseguiu confiar na habilidade de encontrar o caminho, ela sentou-se

numa pedra e tirou os sapatos, gemendo enquanto massageava os tornozelos inchados e os dedos doloridos.

Tempo para pensar. Na noite da festa do solstício de verão ela tinha de estar de volta a Camelot para encontrar Morgana. Entre o agora e até então, a única coisa sensata a fazer era voltar para sua cabana e esperar.

Mas aquela noite ela fora tão longe quanto conseguira. Seu coração dava uns estranhos tropeços e saltos, e custou um pouco, antes que ela pudesse se erguer o suficiente para se arrastar da pedra até uma moita de samambaias, onde caiu dormindo com o piado noturno de uma coruja ao alto de sua cabeça.

Gaheris empoleirou-se na beirada da cama de Gawain e observou seu irmão mais velho trocar a bela túnica por uma camisa e calças de couro. Ele não dissera uma palavra enquanto Gawain lhe contara a história do encontro do rei com Somer Gromer Jour, embora pensasse muitas coisas e imaginasse ainda mais, não gostando nem um pouco das perguntas nem das suspeitas que tinham lhe vindo à cabeça. Quando Gawain explicara o problema com a esposa e como viera a se casar com ela, Gaheris teve dificuldade em esconder seu espanto.

Aquele era mesmo Gawain falando? Gaheris nunca aceitara a voz corrente que colocava Gawain apenas ligeiramente abaixo do próprio filho de Deus, mas sempre julgava o irmão mais velho por demais sensato para se meter numa confusão tão humilhante. Claro, não era culpa dele, não realmente. O que mais ele poderia fazer a não ser desposá-la? Gaheris até compreendia por que Gawain conservara o motivo de seu casamento escondido da corte. Não tinha certeza se concordava com essa atitude, embora pudesse ter feito a mesma coisa em seu lugar. Era tudo perfeitamente compreensível, mas Deus do céu, que confusão! E a parte mais estranha era que Gawain parecia completamente inconsciente da gravidade da situação.

Ele apoiou o queixo no joelho erguido.

— Ela é tão feia como ouvi dizer?

— Não sei o que você ouviu. — Gawain jogou a túnica no baú. — Mas aposto que está longe de ser como é.

— Ela é assim tão ruim?

— Pior — Gawain assegurou, rindo.

Era uma coisa suportar bravamente o que só poderia ser considerado um desastre, mas rir parecia ser *levar* as coisas longe demais. Na verdade, Gawain estava se comportando muito estranhamente.

— Você já considerou — disse Gaheris — que Ragnelle poderia bem ser uma bruxa?

— Oh, ela é — Gawain respondeu, colocando a camisa. — Ela mesma me contou. Mas não há mal nela.

— E o que o levou — Gaheris indagou, com cuidado — a essa conclusão? Exatamente?

Gawain franziu a testa e depois deu de ombros.

— Não há mal, é simplesmente isso.

— Ela o obrigou a desposá-la.

— Ela *não* me obrigou. Gostaria que as pessoas parassem de dizer isso!

— Quem mais disse?

— Arthur. Ele está encarando tudo isso de uma forma muito melindrosa, e, aqui entre nós dois, estou ficando um pouco cansado de seus resmungos.

Gaheris pestanejou. Aquilo era o mais próximo de uma crítica que ele já ouvira Gawain fazer contra o rei, e isso o deixou desconcertado. E também o fato de que Arthur também estava preocupado com Gawain.

— Deixe-me ver se entendi — disse. — Você se casou com uma mulher em que nunca pôs os olhos antes; uma que apareceu do nada e ofereceu-lhe uma opção que você não tinha possibilidade de recusar; uma velha megera horrorosa que é, além de tudo, uma bruxa segundo ela própria. E ela agora se desvaneceu no ar, e você vai *procurar* por ela?

— Claro que sim. — Gawain pendurou a espada no ombro e começou a afivelar as correias no peito.

— Gawain, sente-se por um momento, e me dê uma boa razão de por que não está de joelhos agradecendo a Deus pelo sumiço dessa mulher.

Gawain sentou-se na cama e enfiou a mão pelos cabelos.

— É meu dever encontrá-la.

— Que se dane isso! Tenho certeza de que Arthur pode fazer essa farsa ser anulada, particularmente agora que ela o abandonou. Quero dizer, não é casamento *de verdade*. — Sentiu as faces queimar. — Isto é, você não...

— Não, não há nada desse tipo entre nós. Embora — ele emendou com um sorriso — Ragnelle tenha feito seu melhor para dar a impressão de que havia.

Gaheris o encarou.

— E isso é *engraçado*?

— Pode ter certeza de que não achei na hora. Mas... se você visse a cara deles... Ah, não importa, é impossível explicar.

Ia se levantar, mas Gaheris pousou a mão em seu Ombro.

— Experimente.

Gawain suspirou.

— Camelot é um ótimo lugar, Gaheris, mas nenhum de nós é tão nobre como gostamos de pensar sobre nós mesmos. Essa não é uma verdade agradável de se ver estampada na cara de alguém, mas é uma coisa que vale a pena saber.

— Creio que é — Gaheris concordou, lentamente. — Mas se você quiser minha opinião...

— Ah, eu tenho escolha? Bem, então...

— *Vai* ficar quieto e ouvir! — Gaheris mal podia acreditar que falava com Gawain naquele tom, mas estava mais que inquieto agora. Estava apavorado. — Não entende o que estive me contando? Essa bruxa deliberadamente enganou a corte a respeito de seu casamento. E isso não é brincadeira, Gawain, é uma armadilha. Não apenas isso, mas agora ela está tentando voltá-lo contra seus amigos e parentes. Escute — insistiu, quando Gawain ia protestar. — Você toma o lado dela em tudo, mesmo quando ela está claramente errada, e rejeita as preocupações do rei taxando-as de resmungos. Isso não se parece com você! Não vê como mudou? Pense em tudo que você disse e depois me diga de novo que não há mal nela!

Gawain meneou a cabeça e levantou-se.

— Você não compreende.

— Creio que sim.

— Olhe, Gaheris — Gawain encarou o irmão com um olhar exasperado —, isso tudo é muito mais simples do que você pensa. Eu me casei com Ragnelle. Você pode discutir minhas razões ou as dela, mas no fim elas não importam. Estamos casados. Eu jurei honrá-la e protegê-la e o que eu juro fazer, eu *faço*!

Isso, pelo menos, soava como coisa de Gawain, orgulhoso e teimoso como o demônio.

— Mas se seu juramento foi dado sob...

— *Basta!* — Gawain jogou a capa por sobre os ombros, e ajustou a bainha da espada pela fenda no tecido. — Não quero discutir com você, Gaheris, principalmente em sua primeira noite na corte. Acredite ou não, eu *estou* contente que esteja aqui.

— Eu também. Lothian é um lugar ruim ultimamente.

— Ah, tem razão, você ia me contar sobre sua briga com nossa mãe. Assim que eu voltar, teremos uma boa e longa conversa.

Gaheris continuou sentado por algum tempo depois que o irmão o deixou, e uma ruga de preocupação lhe franziu a testa. Por fim, saiu pela porta e pelo corredor. Estava quase em seu quarto quando voltou para trás e, ao encontrar um pajem, pediu que corresse e visse se o rei poderia lhe conceder uma audiência.

Maldita Morgana! Maldita seja, indo e vindo, dormindo e acordando; malditos seus olhos e suas mãos e seus pés e... e tudo mais, Aislyn pensou ao parar novamente para soltar um galho que se agarrara à sua saia. Sob o abrigo das árvores, o ar estava quente e calmo e, por baixo das moitas, havia uma imensidão de botões de flor. *Muito lindo,* ela pensou, embora preferisse ter continuado na estrada. Se pelo menos não pensasse que Gawain estaria nela também. Não que não quisesse vê-lo. Sentia muito a falta dele, outro sofrimento pelo qual tinha de agradecer a Morgana. Mas não poderia permitir que ele a encontrasse ainda.

Chegou à sua cabana ao entardecer e entrou. O jantar foi um punhado de nozes e uma caneca de água do riacho e, na hora em que terminou, a escuridão caíra. Cansada demais para acender um fogo, ela deitou-se em seu catre e esperou pelo sono. Demorou a chegar, dando-lhe muito tempo para refletir sobre como se metera naquela confusão patética e sobre a improbabilidade de sair dela outra vez.

Aislyn nunca parara para pensar na idade da velha, mas agora se via contando cada batida do coração e catalogando cada dor e sofrimento. Quanto tempo lhe restava? E se Morgana não voltasse como prometera? E se Gawain fosse chamado para a batalha? Poderia ficar longe por meses e até mesmo anos. E se alguma outra dama lhe roubasse o coração?

Remexeu-se no colchão fino, sentindo a umidade da terra penetrar em seus ossos. Estranho que nunca tivesse notado antes como isso era desconfortável. Sempre se deitava sem pensar e fechava os olhos, mergulhando no sono sem um olhar para trás. Mas, era jovem e forte. Então

que aventuras poderia ter vivido, que grandes feitos poderia ter realizado caso não tivesse se escondido ali! O que Gawain dissera mesmo? *Seja triste ou alegre o destino, aos homens de verdade só resta tentar.*

Covarde, ela pensou, isso é o que você é, enfiada aqui durante anos enquanto o mundo caminhava sem você. Tivesse apenas encarado Gawain naquele primeiro dia na floresta e aberto o coração honestamente, ela saberia que o dele era seu, e sempre fora. Mas ele não a conhecera realmente, e ela nunca conhecera a si mesma, de fato. Só Morgana vira a verdade. Ela *fora* egoísta e irresponsável, e não tinha ninguém a não ser a si mesma para culpar pela situação difícil.

Se pelo menos eu pudesse voltar atrás, faria tudo tão diferente... Mas não havia como voltar atrás. Precisava ir em frente e não cair no desespero. Gawain provavelmente estava perdido para ela, mas mesmo que nunca tivesse o seu amor, viveria de modo a conquistar seu respeito. E, mais importante, o dela próprio.

Os dias seguintes passaram lentamente. Aislyn não viu ninguém, além de uma mulher idosa que vivia no alto da colina; o filho da mulher, um pastor, pedira a ela uma poção para curar a febre da mãe, alguns invernos atrás. E quando Aislyn subiu a colina e apresentou-se, foi recebida como uma velha amiga. Ao se sentar entre chumaços de lã, ela soube que Gawain passara pela vila um dia depois que ela partira de Camelot.

— Ele estava procurando uma velha senhora — a mãe do pastor disse.
— Pensei que poderia ser você.

— O que sir Gawain haveria de querer comigo? — Aislyn perguntou. — Tem certeza de que não era de você que ele estava atrás?

Riram juntas, e Aislyn gentilmente lançou um encanto sobre o tear da mulher em troca de metade de um pão.

Então Gawain esteve aqui, ela pensou, descendo com cuidado colina abaixo até a floresta. Imaginou se ele desistira ou se voltaria.

Na manhã seguinte, ela acordou com o som de socos à sua porta. Por um momento, ficou completamente desorientada, e em seguida se recordou de onde estava e por que, e imaginou, com o coração apertado, que Gawain a encontrara.

— Um pouco de paciência, se puder — gritou. — Chegarei aí o mais depressa que eu puder.

Entre resmungos, ela ergueu-se nas mãos e nos joelhos e, usando a parede como apoio, endireitou-se devagar.

— Tudo bem, você encontrou... — disse, quando abriu a porta e, então, estacou, muda, ao ver os quatro guerreiros do lado de fora.

Guerreiros *saxões*. Assomaram sobre ela, bloqueando o sol, bárbaros, ferozes e apavorantes. Tinham as costas para o sol, os rostos na sombra.

Os cabelos claros estavam untados e torcidos em trancas que pendiam pelos ombros largos. Um carregava um enorme arco; outro, um machado de guerra; e todos estavam armados com espada e adaga. Cada instinto clamou que Aislyn fugisse, mas mesmo que conseguisse obrigar as pernas a se moverem, os guerreiros fechavam a única saída.

Eles pareceram igualmente surpresos diante da visão dela. Como se fossem um só, deram um passo para trás e, de imediato, quando o sol brilhou em suas faces, Aislyn percebeu que não eram simplesmente saxões. Aquele que carregava o machado de guerra, que ela agora via que era pouco mais que um garoto com cabelos ruivos cacheados, ergueu as mãos, largando o machado que caiu no chão, enquanto seus dedos se torciam naquilo que Aislyn imaginou fosse um sinal contra o olho do mal. O mais alto, que usava um diadema de bronze batido na testa, inclinou-se para pegar o machado caído, os lábios curvando-se num sorriso sarcástico ao devolvê-lo ao garoto.

Se tinham vindo matá-la, estavam se comportando muito estranhamente, ela refletiu, e endireitou as costas.

— O que querem? — perguntou.

O rapaz ruivo, as faces vermelhas de constrangimento, adiantou-se.

— *Precisar* de uma mulher — disse.

Aislyn recostou-se ao batente da porta e sorriu.

— Um pouco cedo para esse tipo de coisa, não é?

O rapaz enrubesceu ainda mais, e o homem alto ao lado dele riu.

— Eu chamar Torquil. Escoltar milady Elga, de viagem para Winchester. A senhora... — Ele enrugou a testa e depois desenhou um ar diante da barriga — estar... ela...

Apertou o estômago e grunhiu numa imitação tão parecida com uma mulher em trabalho de parto, que Aislyn não conseguiu deixar de rir. Que ele aceitasse isso sem se insultar a impressionou. Qualquer homem preparado para pôr de lado a dignidade para cumprir uma missão tão estranha à sua natureza, era um homem a ser levado em conta. Por um momento ela se lembrou de Gawain e julgou que os dois poderiam ser amigos.

Se pelo menos não fossem inimigos... Ele *era* um saxão, afinal.

— Onde estão suas mulheres? — perguntou, suspeitosa.

— Só haver uma. — Torquil suspirou, claramente controlando a impaciência com esforço. — Aquela não saber nada de... parto. Há tempo, senhora dizer quando a gente sair, muito tempo. Mas agora, não haver mais. Tentamos a vila, eles bateram as portas nas nossas caras e nos mandar aqui. Você vem com a gente.

Não era uma pergunta, mas Aislyn fingiu pensar, e Torquil fez a cortesia de fingir deixá-la agir assim. Outra surpresa, já que os saxões eram tidos como gente bárbara que nada sabia sobre maneiras gentis.

— Sim — ela concordou. — Eu irei. Deixe-me pegar minha sacola.

Encontraram a parturiente numa pequena clareira. Como a maioria dos saxões, ela parecia incrivelmente alta, embora Aislyn observasse seus ombros fortes e os quadris largos com aprovação, pois seria preciso força para sobreviver a um parto rudimentar como aquele seria. Seus cabelos, presos numa única trança tão grossa quanto o pulso de Aislyn, não era do amarelo amanteigado dos homens, mas de um castanho cor de mel. Ela andava lentamente pelo perímetro da clareira, parando de vez em quando para apoiar a mão numa árvore, a expressão de profunda concentração.

Uma criada estava sentada num tronco caído, mastigando um pedaço de pão com ar entediado. Alguns homens perambulavam por ali, inquietos, e cumprimentaram Aislyn com tamanho alívio que mal pareceram notar sua aparência. Nem importava que ela não entendesse uma palavra do que diziam. Quando se inclinaram e tocaram as testas, sua gratidão era evidente.

A dama dispensou os homens com um gesto de mão e um sorriso. No momento em que eles desapareceram, seu sorriso sumiu também, e os olhos que ela voltou para Aislyn estavam arregalados e cheios de medo.

— Bom dia, senhora — disse Aislyn. — Sou a sra. Ragnelle. Agora, se não se importar...

Aislyn vira muitos partos antes, em sua própria casa e no castelo de Morgause, mas havia sempre uma parteira incumbida de tomar conta das coisas. Durante o curto trajeto até a clareira, ela recordara tudo que as parteiras diziam e faziam. Tateou o ventre inchado da jovem dama e pelo que sentiu, o bebê parecia estar de cabeça para baixo.

— Está tudo em ordem. Por que não dá outra volta pela clareira enquanto eu apronto as coisas aqui?

Quando a mulher ficou longe do alcance do ouvido, Aislyn virou-se para a criada.

— Atice o fogo e aqueça um pouco de água. E mande aqueles homens cavarem um buraco fundo ao pé daquele carvalho. — Apontou para uma árvore imponente a alguma distância da clareira.

A criada olhou para ela, sem compreender, o queixo se movendo conforme mastigava o pão.

— Vamos, mova-se!

— Bah, bah! — a moça exclamou e, rindo diante da própria piada, fez um movimento de descaso com a mão.

Sua risada virou um berro quando Aislyn agarrou-a pela orelha e levantou-a do tronco.

— Aqueça... água! — Torceu os dedos até a garota gritar. — Vai me entender agora, eu garanto! Ei, aqui! — Aislyn chamou. — Quem pode entender o que eu digo?

— O que é isso?

O rapaz que segurava o machado de guerra apareceu entre as árvores, seu olhar cravado na dama que parou do outro lado da clareira e observava Aislyn com um ligeiro sorriso.

— Preciso de água quente — Aislyn disse. — Esta vagabunda preguiçosa não parece entender.

O rapaz rosnou uma ordem ríspida para a criada, que saiu de fininho da clareira, a expressão enfezada.

— Mande alguém cavar um buraco ao lado daquela árvore — Aislyn continuou, apontando para o carvalho. — Um bom buraco, veja bem, não um arranhão na terra.

— Um... buraco? Para quê?

— Isso é assunto meu — Aislyn falou, seca.

— Só faça o que eu disse.

Saiu manquitolando até onde estava a jovem senhora e pegou-a pelo cotovelo.

— Assim está melhor. Por que não continuamos a passear? Você pode me contar quando o bebê deveria chegar.

Elga olhou-a com ar vago e, com um suspiro, Aislyn esticou os braços

diante da barriga.

— O bebê — disse, devagar. — Quando... — Baixou os braços — desceu?

— Ah! Dois... três dias. Minha... a mãe de meu homem diz... — Elga puxou o fôlego com força. — Diz ter tempo. Diz, vá e volte e ainda ter muitos dias... — Outra dor a fez se encolher e, quando passou, ela disse, com veemência. — Ela querer eu morta. Mas eu não vai morrer!

— Esse é o espírito. Mas tenho certeza de que foi apenas um engano — emendou, embora mal pudesse afastar a dúvida da voz. Qualquer um que olhasse para aquela jovem teria percebido que daria à luz a qualquer momento.

— Ela mentir. Ela me detestar. Eu ser tecelã da paz, sabe...

— Tecelã da paz? — repetiu Aislyn. — Quer dizer... com um tear?

A moça riu, revelando os fortes dentes brancos, e Aislyn pôde ver que ela era realmente bastante atraente a seu modo.

— Não, não, eu trazer paz. Entre nossos povos. Eu casada com irmão de senhor feudal. Aquele que era nosso inimigo, e não ter mais guerra entre nós.

— Ah, uma pacificadora...

— Nós ter muita guerra antes — Elga disse, por entre os dentes cerrados. — Muitos homens morrer. Existir muito... ressentimento. As mulheres... elas não... não... perdoar...

— Vamos — Aislyn ordenou. — Não lute, continue respirando.

— Essa doer muito, ser muito ruim — a moça disse, por fim, enxugando o suor do lábio superior.

— Muito bom — corrigiu Aislyn. — Ora, você estará segurando seu bebê antes que perceba. Vamos ver se conseguimos dar a volta à clareira mais uma vez.

— Eu querer minha mãe aqui — ela murmurou, e seus olhos azuis se encheram de lágrimas. — Estar indo encontrá-la, ela prometer ficar comigo na hora do parto.

— Logo estará aqui, e não ficará surpresa de tudo estar pronto e acabado. Vai ter mais tempo para ser a avó, isso sim, e ela gostará de mimar os dois até estragá-los.

Elga pareceu intrigada e depois sorriu.

— Você não conhecer minha mãe. Ter muitos filhos e nunca reclamou. Duas filhas, oito filhos, todos nós vivos.

— Você vem de uma boa cepa, então. — Aislyn conduziu-a para a frente. — Mas aposto que ela nunca deu à luz a um de vocês no meio de uma floresta! Oh, sua mãe ficará muito feliz em saber como você foi corajosa.

— Eu... eu esperar que sim. — Foi tudo o que Elga teve tempo de dizer antes que outra dor a transpassasse.

— Ótimo! Eu sei que dói. Mas isso só quer dizer que você está quase lá. Um pouco mais e será mãe. Não é agradável — Aislyn continuou, levando-a pela clareira mais uma vez —, mas é exatamente como deveria ser, tal como foi com sua mãe. Basta, agora, chega de caminhar. Deite-se aqui. Tire seu vestido e vamos dar uma olhada nisso.

Pegou a sacola, procurando o unguento.

— Relaxe suas pernas. Ótimo, desse jeito. Tem um nome para o bebê? — Aislyn indagou.

— Não — a moça balbuciou, de lábios apertados.

— E melhor começar a pensar em um. Vamos, isso vai facilitar bem a passagem — Aislyn disse, pestanejando quando o suor entrou em seus olhos. — Vamos ver até onde esse bebê chegou... Muito bom, está indo muito bem, não vai demorar muito. Agora, vamos soltar essa trança, não quero nada amarrado em você. Nossa, que lindos cabelos você tem! — Ela mal percebia o que dizia. — Como... como trigo antes da debulha.

A moça soltou uma risada engasgada.

— Aqui vamos nós — Aislyn disse, quando um monte alto no ventre da moça juntou-se num nó apertado. — Encoste-se em mim, desse jeito, e quando sentir vontade, dê um bom empurrão, bem forte. Isso. Agora! Vamos, empurre! Não se reprima, grite se ajudar... ótimo! — Afastou os cabelos suados da testa de Elga. — Está tudo bem, descanse um pouco...

Descansar era o que ela precisava, também, mas isso era impossível com o peso da moça nos braços. Soltou o corpo até que sua coluna encostou-se ao tronco da árvore e aninhou a cabeça de Elga contra os seios. Assim tão de perto, Aislyn podia apreciar a beleza pura da jovem, as sobrancelhas altas e os planos agudos da face.

Antes que a tarde se fosse, ela viria a ter uma profunda noção de sua coragem também.

Não foi um parto particularmente difícil, mas pareceu terrível para Aislyn. As dores tornaram-se mais demoradas e mais intensas e quando Elga começou a tremer como se tomada de febre alta, Aislyn teve certeza de que algo estava completamente errado. Mas mesmo que fosse assim, não havia nada que ela pudesse fazer, exceto as pequenas coisas que as mulheres sempre fazem uma para as outras: enxugar a testa da jovem, segurar suas mãos, assegurar de que tudo estava bem. De vez em quando, podia ver um dos homens espiando pelas árvores, mas nunca ficavam muito tempo. Aislyn desejou poder ir embora também.

Eu nunca faria isso, pensou, quando outro grito lancinante ecoou pela clareira. Nunca! O que poderia valer tanta agonia? E, quando o sol afundava nas copas das árvores, o bebê nasceu por fim. Aislyn aninhou a pequena criaturinha que fora a causa de toda aquela dor e preocupação no colo, aliviada demais para ver braços e pernas ou verificar o sexo.

Olhou para aquele rostinho. Dois olhos a fitaram de volta, de um azul-escuro e muito sérios. Não era um fardo para a mãe se livrar. Era uma pessoa, absolutamente única e completamente individual.

— Criança ser saudável? — Elga arquejou. — Estar respirando?

— Oh, sim. — Aislyn sorriu para o bebê em seu colo. — Você tem um... uma linda filha!

— Deixar eu pegar!

Aislyn colocou a criança nos braços da mãe e, com os olhos meio toldados pelas lágrimas, testemunhou um segundo milagre. As faces pálidas de Elga tingiram-se de cor; as linhas de sofrimento marcadas em torno dos olhos e da boca dissolveram-se num sorriso meigo que a transformou.

Os braços de Aislyn de repente pareceram estranhamente vazios, quase tão vazios como seu coração. Mas ainda havia muito trabalho a fazer, e ninguém para isso, a não ser ela. Primeiro, o pós-parto a ser providenciado, depois mãe e filha, lavados e enrolados. Suas pernas tremiam de exaustão na hora que enterrou a placenta no buraco que mandara cavar. Ao voltar à clareira, tanto a mãe como a criança estavam dormindo, e assim ela seguiu até o grupo de homens agachados em torno do fogo.

— E então? — o líder indagou.

— Está feito — Aislyn informou. — Estão descansando.

— O bebê... ser perfeito?

— Ela é linda. E a mãe saiu-se muito bem — ela emendou, vendo pelo

canto do olho que o rapaz ruivo enterrava o rosto nas mãos com um suspiro trêmulo de alívio.

O líder, Torquil, sorriu e encheu uma tigela de madeira com hidromel.

— Para molhar cabeça de bebê — disse, estendendo-a para Aislyn.

— Ora, nem pense em derramar hidromel em... oh!

O homem ergueu a própria tigela e todos os outros o imitaram.

— Ao bebê — disseram, e entornaram a bebida, parecendo tão satisfeitos consigo mesmos, como se tivessem colocado a criança no mundo. Aislyn sentou-se entre eles e aceitou o pão e o queijo, pensando que não eram tão diferentes de quaisquer outros homens que ela conhecia.

— Onde está o marido dela? Deveria estar aqui — ela indagou.

— Em breve. Eu mandar chamar. Cavalo rápido, cavaleiro forte. Logo chega.

— Ela me disse que é uma pacificadora. — Aislyn recostou-se contra um tronco.

— É — o líder falou. — Pacificadora. Não ser... fácil. Muitas batalhas nós lutamos. Muita morte nós vimos. Nós, homens somos guerreiros. Nossos inimigos também ser guerreiros. Lutam bem, lutamos... melhor — disse, o que provocou um acesso de riso entre os homens. — Agora está feito. Nós encontrar com eles, conversar, beber, prestar honras aos caídos. Não ser assim para as mulheres. A paz para elas, não ser aqui. — Tocou o coração. — Ser... cruéis... para milady.

Aislyn concordou, entendendo.

— É um fardo pesado para uma moça agüentar.

— Ela ser forte. Agora que ser mãe, vai ficar melhor.

Alguns resmungos se ouviram, mas o líder cortou-os com um olhar feroz.

— Você ficar — disse a Aislyn — até mulheres chegar. — Ergueu a cabeça com ar atento e, um instante depois, todos os homens o imitaram. — Eles estar perto agora — disse, e só então Aislyn ouviu o som de patas ecoando pela floresta. — Logo nós levar você para casa.

CAPÍTULO IV

Gawain avistou a fumaça primeiro, um fino penacho serpeando pelos galhos das árvores. Desmontou a alguma distância e aproximou-se a pé, a espada na mão.

Os moradores da vila tinham dito que um bando de saxões estava perdido, mas aquele não parecia ser um acampamento de guerreiros. Ele nem mesmo encontrou um guarda até que estava quase sobre o grupo e, depois, mal passava de um garoto aquele que pegou completamente desprevenido.

Gawain embainhou a espada e ergueu a mão, palma para cima.

— Procuro por uma velha senhora, e me disseram... — Calou-se, virando-se para as árvores, de onde vinha uma voz esganiçada.

— Seu filho de uma cabra três vezes amaldiçoado... seu... seu brutamontes covarde!

Gawain encarou o rapaz.

— Acho que a encontrei.

O garoto concordou e apontou para a frente, nem se importando em tirar a arma de Gawain. Meneando a cabeça diante dessa negligência, Gawain rumou para uma clareira onde um fogo ainda fumegava, e um sorriso repuxou seus lábios quando a voz de Ragnelle tornou-se mais clara. Se os saxões a tinham feito prisioneira, deveriam estar se lamentando agora.

— Seu estúpido, seu grosseiro, seu... carbúnculo infeccionado! Se sabia o que ela sofria carregando *seu* bebê, deveria estar de joelhos agora implorando perdão.

— Cale a boca, velha!

Gawain podia vê-la agora, as mãos na cintura enquanto encarava um saxão duas vezes o seu tamanho. Meia dúzia de guerreiros se postava ao redor, os rostos tão inexpressivos que Gawain suspeitou que se esforçavam para não rir.

Seu próprio sorriso morreu quando reconheceu o homem que Aislyn encarava. Gudrun. O próprio irmão do senhor feudal saxão e enviado de Aesc

à corte de Arthur. Ele estava zangado, a raiva torcendo suas feições enquanto Ragnelle continuava:

— Ela se queixou? *Não!* Ela lhe deu uma bela filha, e o que você disse não...

— Guarde essa língua! — Gudrun berrou, e ergueu a mão como se fosse agredi-la.

— Eu não faria isso se fosse *você* — Gawain disse, entrando na clareira.

— É sir Gawain — os homens murmuraram. — O Falcão de Maio.

Gawain passou por eles sem falar, os olhos cravados na face de Gudrun.

— Ah, sir Gawain — Gudrun o saudou.

Gawain continuou caminhando até que ele e Gudrun estavam face a face.

— Se tem algo a dizer a minha esposa, é melhor que diga a mim.

— Sua esposa? — Ele ouviu os homens ao redor murmurarem. — É a mãe dele? A avó?

— Essa mulher não sabe quando fechar essa boca maldita — Gudrun esbravejou. — Precisa de uma surra.

— Isso — Gawain retrucou — não cabe a você dizer. — Virou-se para Aislyn. — Foi maltratada de alguma forma?

— Não, mas ele deve desculpas. Não a mim — ela emendou depressa. — E o perdão da própria esposa que ele deveria pedir.

— Isso é entre eles — Gawain murmurou. — Minha preocupação é você. Se não tem do que reclamar, vamos embora deste lugar agora mesmo.

— Não vou deixá-la — Aislyn declarou, a voz subindo num guincho. — Não até que eu tenha certeza de que será bem-cuidada.

Gawain suspirou.

— Quem deve ser cuidado? E por que isso é da sua conta?

— Eu fiz o parto do bebê, não fiz? E não irei embora até que tenha a palavra dele... — apontou a cabeça para Gudrun —, que ela será tratada da maneira apropriada.

— Sir Gudrun — disse Gawain —, se pudesse fazer a gentileza de explicar...

— Não lhe devo nenhuma explicação, Falcão de Maio. Leve sua cadela

daqui e suma.

Gawain encarou o saxão de olhos estreitados.

— Só posso acreditar que você falou sem pensar. Reflita e fale de novo.

— Eu disse o que pretendia — Gudrun esbravejou.

— Peço que reconsidere.

Gudrun explodiu numa risada estrondosa.

— Ouviram isso? Sir Gawain *me pede!*

Um guerreiro de face dura saiu da sombra da árvore contra a qual se recostava.

— Sir Gudrun — disse, em voz baixa — o senhor entender mal.

— Eu? Não, é você que me entendeu mal, como sempre. Sou eu que mando aqui. Agora, afaste-se e contenha essa língua.

O homem procurou o olhar de Gawain e encolheu ligeiramente os ombros antes de voltar a seu lugar contra a árvore, os braços dobrados no peito e um sorriso irônico a lhe curvar os lábios.

— Sir Gawain, o que estava dizendo? — Gudrun continuou. — Ah, não, estava pedindo! Por favor, contin...

Recuou dois passos quando a luva de Gawain acertou-o direto na face.

— Eu o encontrarei na liça, Gudrun.

— Na liça! Oh, não, eu o encontrarei aqui e agora, homem a homem... — Gudrun berrou, pegando a espada.

— Com punhos. — O homem que falara pouco antes, mais uma vez afastou-se da árvore e se adiantou. — Punhos. Nada de armas. Esse ser o costume.

Gawain afrouxou o aperto no cabo da espada.

— Muito bem.

— Não faça isso — Aislyn disse, num sussurro, quando ele tirou a capa e soltou as fivelas da bainha. — É tudo culpa minha...

— É provável — Gawain concordou, entregando-lhe a espada. — O que aconteceu?

— A esposa dele entrou em trabalho de parto esta tarde... Os outros me trouxeram aqui para ajudá-la. Ela é uma boa moça, boa demais para ele, e deu à luz uma linda filha. Bem, ele chegou e disse que ela não servia para nada por

não lhe dar um filho, gritando até deixá-la em lágrimas. Então, eu voei em cima dele. Estava com tanta raiva que nem pensei no que disse.

Ele a encarou por um momento e depois concordou com um gesto breve.

— Compreendo.

— Isso não tem nada a ver com você — ela insistiu. — Não sei por que você tinha de agredi-lo.

— Preferiria que eu o deixasse abusar de você?

— Ora, não, mas esta briga é minha, não sua.

— Suas brigas *são* minhas. Agora, se puder dar um passo de lado...

— Não darei! O rei não vai gostar disso. Você sabe que não. Acho que não me matará pedir perdão a Gudrun...

— Você não fará uma coisa dessas.

— Mas e se...

Gawain segurou-a pelos cotovelos, ergueu-a e colocou-a do outro lado da trilha.

— Fique aqui. E fique quieta!

Ela abriu a boca para argumentar, e então pareceu reconsiderar.

— Sim, Gawain. Como quiser.

— E nada de magia.

— Magia? — Ela arregalou os olhos. — Eu?

— Sim, você. Prometa que não vai interferir.

— Mas...

— Dê sua palavra.

Ela fez uma carranca feroz.

— Ora, muito bem, você tem minha palavra.

Gudrun era um homem grandalhão. Não tão alto como Gawain, mas bem mais pesado, com os grossos braços musculosos de um ferreiro. Os saxões rodearam os dois, gritando para encorajá-los quando eles entraram na clareira e circundaram um ao outro com cautela.

Gudrun lançou o primeiro golpe, e Aislyn pestanejou quando o punho forte tocou o queixo de Gawain. Gawain cambaleou para trás, mas não caiu, e

desviou-se facilmente da segunda investida de Gudrun, o que fez o saxão perder o equilíbrio, embora se recuperasse depressa e saísse fora de alcance. Gawain sacudiu a cabeça, pensativo, ao voltarem a se rodear; e Aislyn, para grande diversão dos guerreiros, começou a sapatear de impaciência.

— Acerte-o! — ela gritou. — Derrube-o!

Naquele momento, Gudrun arrojou-se para a frente. Gawain deu um passo de lado, esquivando-se do punho do saxão, e levou o seu para cima. Gudrun foi lançado para trás com um grunhido, tropeçou nos próprios pés e esparramou-se de costas no chão. Gawain relanceou os olhos para Aislyn com um sorriso.

— Assim? — perguntou, e a resposta de Aislyn perdeu-se em meio a uma explosão de risos.

— Sir Gudrun, devemos chamar... — Gawain começou a dizer, mas Gudrun já estava de pé outra vez, investindo com os punhos para cima e a cabeça baixa. Sem parecer fazer o mínimo esforço, Gawain derrubou-o de novo.

E outra vez.

E ainda mais uma, até que o saxão Torquil adiantou-se e ergueu as mãos.

— Estar decidido — disse. — Sir Gawain ser o vitorioso.

Gawain não estava nem cansado quando afivelou a bainha da espada pelo peito, sacudindo os ombros para acomodar o cabo. Gudrun tentava sentar-se, cuspiendo um bocado de sangue, recusando, zangado, a ajuda dos outros.

Assim que Aislyn e Gawain viraram-se para se afastar, Torquil postou-se diante dos dois.

— Obrigado — disse a Aislyn, e tocou a testa. — Ele não dizer — emendou, apontando o queixo para Gudrun —, então eu fazer isso.

— Você é bem-vindo — Aislyn respondeu, e levou Gawain para a clareira onde Elga ainda estava deitada com o bebê nos braços. Várias das mulheres saxônias estavam lá também, paradas por perto, hesitantes. Uma delas, a mãe de Gudrun, tentou impedi-los, mas recuou diante de uma palavra áspera da jovem, que os chamou com um gesto. Fitou Aislyn com os olhos vermelhos e sorriu com cansaço.

— Milady — disse Aislyn. — Este é sir Gawain, meu... meu marido —

ela emendou. — Ele vai me levar para casa.

Os olhos de Elga se arregalaram, mas ela limitou-se a concordar e, mudando a criança de lado, estendeu a mão.

— Sir Gawain, seu nome ser conhecido por mim. Obrigada pelo... presente da ajuda de sua esposa. Eu não saber como nós duas sobreviver sem ela.

Elga falou com tamanha singeleza que emocionou Aislyn e aparentemente Gawain também. Ele abaixou-se num dos joelhos e sorriu.

— Posso ver sua filha?

A face de Elga iluminou-se quando ergueu o bebê. Gawain espiou o rostinho miúdo e disse com todo ar de sinceridade:

— Ela é adorável.

Lágrimas brilharam nos olhos da jovem.

— Obrigada.

— Descanse, agora — Aislyn disse. Virou-se para a mãe de Gudrun. — Descansar — repetiu. — Conhece a palavra? Ela não deve ser movida daqui, por um dia ou dois.

A mulher deixou escapar um som áspero da boca e sacudiu as mãos.

— Vá embora!

— Estou indo, mas preste atenção ao que eu disse. Nada de movimento. Não hoje, nem amanhã. Fiquem aqui. — Apontou para o chão.

— Vá! — a mulher repetiu.

Aislyn afastou-se manquitolando, mas antes que chegassem ao cavalo, avistou o jovem saxão ruivo, espreitando entre as árvores como se não tivesse coragem de abordá-los.

— Ei, você aí! — Aislyn chamou, gesticulando. — Lady Elga não deve ser movida por mais dois dias. — Ergueu dois dedos. — Ela deve ficar aqui e descansar.

O rapaz concordou.

— Dois dias. Sim.

— Gudrun pode não querer esperar — Aislyn continuou.

— Gudrun. — O jovem virou a cabeça e cuspiu.

— Certo então, nós nos entendemos bem.

— Falcão de Maio — o rapaz virou-se para Gawain —, obrigado. — Tocou o peito com um punho fechado e depois se virou e correu para a floresta.

— O quê? — Gawain ficou confuso.

— Ele está apaixonado por ela, pobre-coitado — Aislyn concluiu. — Certamente vai cuidar para que ela não seja movida daqui. Eu não descartaria a possibilidade de aquela velha cadela fazê-los improvisar uma maça hoje mesmo... e arrastá-la sobre cada buraco e morro até seja lá de onde vieram.

Gawain não disse nada conforme a ajudava a montar, e depois saltou para a sela. Cavalgaram por algum tempo em silêncio até que ele finalmente disse:

— O que a velha tem contra a moça?

— Ela é a mãe de Gudrun — explicou Aislyn —, e a moça é uma pacificadora. Isso quer dizer...

— Sei o que é uma pacificadora — ele a interrompeu. — É um papel que os saxões respeitam imensamente.

— Os homens. As mulheres enxergam isso de um modo um pouco diferente. Pelo que diz respeito a eles, a disputa acabou e esse é o fim. Mas parece que as mulheres têm mais dificuldade em aceitar as mudanças de condição. A paz não está em seus corações. — Ela terminou com um bocejo. — Gostaria que você não usasse sua espada assim. Por que não arranja uma bainha no quadril?

— Uma bainha de... *quadril*?

— Metade dos cavaleiros na corte está usando, e parece confortável e muito elegante também.

— Ah, sim... até o momento que tiverem de sacar as espadas e a engancharem nas capas! Então, vão contemplar a morte.

— Bem, é que isso dá um travesseiro muito duro — Aislyn resmungou. — Aqueles saxões me tiraram da cama logo depois do amanhecer. Não podemos parar um pouco?

— Já estamos bastante atrasados...

Não para mim, Aislyn pensou, imaginando como convencê-lo a levá-la para a cabana.

— Este é um belo bosque — disse — e a noite está ótima. Podemos partir bem cedo amanhã. Ora, vamos, você não está com tanta pressa assim de

voltar, está?

— Oh, creio que não. — Ele olhou ao redor pela clareira como se a visse pela primeira vez, e seus olhos se iluminaram do jeito que costumavam faiscar tanto tempo atrás. — Sim, você tem razão, este é um belo local... mas, a não ser que os saxões tenham lhe dado provisões, não temos nada para comer.

— Uma noite em jejum não vai nos fazer mal. A menos que... — ela emendou, espicaçada por uma súbita inspiração —, você acha que há algum peixe naquele riacho?

A pergunta despertou o interesse que Aislyn sabia que provocaria. Gawain desmontou e ajudou-a a descer, depois pendurou a sela de Gringolet num galho e passou as rédeas por cima. O garanhão inclinou a cabeça e começou a pastar na grama farta enquanto Gawain caminhava até a margem e se agachava para olhar a lagoa.

— Olhe lá! Se pelo menos eu tivesse uma linha... — Podemos usar meu xale como rede — Aislyn sugeriu.

Ergueu as saias, enfiando-a na cintura e escolheu um ponto acima da lagoa onde a água era mais rasa, deliciando-se com a sensação da corrente nos pés, fria o suficiente para aliviar a dor, porém não tão fria para fazer os ossos doer.

— Ficarei aqui e você pode tocá-los na minha direção — disse, estendendo o xale à frente.

Gawain encarou-a por um momento, sem dúvida pensando na improbabilidade de pegar qualquer coisa com aquele método, mas depois deu de ombros e quebrou dois galhos cheios de folhas da árvore ao alto de sua cabeça.

— Vá para um pouco mais para a esquerda — disse, tirando as botas.

Aislyn estava encantada em vê-lo sorrir enquanto vadeava o riacho, descalço.

— Pronto?

Ela segurou as beiras do xale.

— Vá em frente.

A expressão de Gawain era intensa ao olhar para a água, e ele começou a se mover lentamente na direção de Aislyn, varrendo o leito da lagoa com os galhos.

— Aí! — ele gritou, surpreendendo-a, e Aislyn puxou o xale, erguendo-

o no ar. O peso inesperado a fez cambalear para trás, mas Gawain correu e pegou-a antes que caísse.

— Você está bem?

— Sim, estou ótima e... olhe! — Ela ergueu o xale ondulante. — Peguei um!

— E mesmo! Dois, na verdade. — Gawain riu ao tirar o xale das mãos dela. Aislyn também riu, sentindo uma onda de orgulho quando ele exclamou — Muito bem!

— Devemos tentar pegar outro?

— Acha que pode?

— Oh, claro.

Quando o crepúsculo trouxe as sombras, os peixes estavam limpos e Aislyn lavava as mãos no riacho. Na margem, Gawain colocava mato seco ao pequeno fogo que acendera. Sua face estava um pouco vermelha e seu lábio começara a inchar, mas apesar disso, ele parecia mais feliz do que ela o vira desde que chegara à corte. Aislyn parou um momento, vendo-o enterrar dois galhos em forquilha ao lado do fogo, que iriam sustentar outro galho no qual as três trutas estavam enfiadas.

Por fim, quando ela subiu a encosta da margem, Gawain estava deitado de costas ao lado do fogo, a expressão pensativa.

— O que está pensando? — ela perguntou, sentando-se sobre uma pedra.

— No bebê — ele disse, e a surpreendeu. — Uma coisinha tão pequena...

— Bastante grande. — Aislyn estremeceu ao se lembrar das horas que custara para trazer a criança ao mundo. — E forte também. Acho que ela se sairá muito bem.

— Sim. — Gawain sorriu por um instante, mas seu olhar era pensativo ao fitar as chamas. — Gudrun é um idiota.

— Isso ele é, mas esta noite ele foi um idiota infeliz — ela retrucou, porém a expressão de Gawain não se alegrou.

— Você tem alguma fé, Ragnelle? — ele indagou depois de um momento, seus olhos investigando-lhe a expressão.

— Sim — ela respondeu, antes que parasse para pensar. — Pelo menos... bem, por um longo tempo, eu não tive. Fui criada para acreditar em algo e

gardei todas as regras conforme ordenado. Achava que cumpria com minha parte da barganha, e assim, quando precisei de ajuda e ela não chegou, desisti de tudo como uma coisa inútil. Mas agora... bem, agora eu creio que não tinha entendido direito. E ainda não entendo — disse, com honestidade —, mas acredito que existe algo... não um juiz severo a temer, ou um mascate que troca favores por obediência, mas... algo tão lindo de se ter... logo além de nossa vista. Posso sentir isto aqui — emendou, apontando ao redor para a clareira envolta nas luzes cambiantes do crepúsculo até o riacho, onde uma névoa perolada pairava sobre a água murmurante.

— Sim — Gawain concordou. — Posso sentir também. — Suspirou fundo, e depois sorriu e sentou-se para colocar as trutas sobre o fogo.

Os peixes estavam excelentes. Só quando o último bocado terminou Aislyn notou que suas saias pendiam úmidas entre as pernas. Ela ergueu-se da pedra onde se sentara com um gemido.

— Você está bem? — ele perguntou, estendendo a mão para ajudá-la a descer.

— Só com as juntas um pouco travadas. — Ela recostou-se a uma árvore e esfregou o ombro. — Detesto ser velha — explodiu, surpreendendo tanto a si como a Gawain.

— Você fez muita coisa — ele disse. — Sinto muito...

— Não, não é isso. Umas poucas dores a mais não importam.

— Então, o que é? — ele indagou, esticando-se de lado e apoiando a cabeça na mão. — Vamos, quero saber.

— Você me olha e vê uma velha horrorosa, mas por dentro, aqui... — ela tocou o coração —, ainda sou uma moça.

Gawain atçou o fogo com uma vara.

— Como você era quando...

— Quando eu era jovem? — Ela riu sem humor. — Não vai acreditar, mas eu era uma beleza.

— Oh, acredito — ele disse, baixinho. — Posso ver em seus olhos.

Ela desviou o olhar, piscando duro.

— E não acho você horrorosa. — Gawain tocou-lhe a mão. — Verdade.

Aislyn deixou escapar um bufo de incredulidade.

— Você é um bom homem, Gawain. Seus lábios se retorceram num

sorriso.

— Foi por isso que você me deixou?

A esperança flamejou dentro dela, tão brilhante e tão aguda que quase doeu. Não era amor que ele sentia, não do tipo que um homem sente por uma mulher que deseja, mas era algo. Poderia ser o suficiente para quebrar o encanto de Morgana?

— Eu não estava deixando você para sempre — ela disse, suavemente.
— Só por algum tempo. Não queria encontrar sua mãe.

— Tem medo dela? — ele indagou, surpreso.

— Eu seria uma tola completa se não tivesse! Pensei que, se pudesse conhecê-la na festa do solstício de verão, seria mais fácil. Então, por que não volto para minha pequena cabana amanhã, e...

Gawain meneou a cabeça.

— Ela vai segurar a língua, eu me assegurei disso. E você não precisa conhecê-la se não quiser.

— Isso é muito gentil de sua parte, mas creio que seria melhor se eu ficasse longe por alguns dias.

— Não — ele falou, com firmeza. — Quero que fique onde eu possa manter os olhos em você. E tem de me prometer não fugir de novo sem pelo menos um adeus.

— Foi errado de minha parte agir assim — ela admitiu. — Mas quando eu soube que sua mãe chegara à corte, não parei para pensar.

— E isso é porque *eu* deveria ter pensado por nós dois. Você voltará comigo amanhã. Ora, não vamos discutir. — Ele sorriu, estendendo a mão. — Venha e veja a bela cama que eu fiz para você.

Aislyn sabia que estava sendo manipulada, mas quando viu a capa de Gawain sobre um monte de mato fofo, seu ressentimento desabou num monte de confusão.

— Onde vai dormir? — ela perguntou, deitando-se na cama, que cheirava deliciosamente a mato cortado recentemente.

— Ficarei bem aqui. — Ele sentou-se de pernas cruzadas ao lado do fogo, deixando a espada ao alcance da mão.

Ela quis protestar, ou pelo menos oferecer-se para dividir a guarda com ele, em turnos, mas estava dormindo antes de formar as palavras na boca.

Gawain não estava ansioso para contar a Arthur o que acontecera com Gudrun, mas não teve chance.

— Onde é — Arthur perguntou, a guisa de cumprimento — que você estava com a cabeça?

O rei estava sentado diante da longa mesa em seu quarto, fazendo o que mais detestava. Pergaminhos empilhavam em torno dele, e os dedos que tamborilavam impacientes sobre a mesa estavam manchados de tinta.

— Está falando de sir Gudrun, eu presumo?

— De nenhum outro. Isso... — Arthur pegou um pergaminho da pilha e sacudiu no ar — é do rei Aesc. Ele está imaginando por que meu sobrinho, meu *herdeiro*, parece determinado a destruir uma aliança que foi trabalhada por tanto tempo e tão difícil de construir... aliança que está em risco, como você bem sabe, de iminente colapso. Uma aliança — ele continuou, a voz se elevando até um berro — comprada ao custo de muitos homens corajosos. Em nome deles, talvez você pudesse fazer a gentileza de me dar uma resposta que eu possa repassar ao nosso aliado e que ele, por sua vez, possa relatar àqueles do conselho que estão exigindo sua cabeça. Porque eu lhe digo, Gawain, digo com toda honestidade, não tenho idéia do que dizer a ele.

— Sir Gudrun foi impertinente — começou Gawain.

Arthur respirou fundo.

— *Impertinente?* E bom ter uma explicação melhor do que essa.

— Eu não matei o homem!

— Não, fez pior. Você o *envergonhou*. Sabe como esses saxões pensam, você não é bobo. Gudrun é agora seu inimigo jurado. Você precisa apenas empurrá-lo para os braços de seus parentes de Wessex! Ele foi uma das poucas vozes no conselho de Aesc que poderíamos confiar para falar por nós, e agora...

— Ele é um homem mesquinho que levaria todo seu povo à guerra simplesmente por que não pode superar uma surra! Uma que ele pediu, devo acrescentar, e uma que eu fiquei feliz em lhe dar.

Arthur ia falar, conteve-se e depois abaixou a cabeça, enfiando os dedos sujos de tinta pelos cabelos.

— Conte-me o que aconteceu.

— A esposa de sir Gudrun estava a caminho de encontrar a mãe quando as dores do parto a surpreenderam. Sua escolta saiu à procura de uma mulher

para ajudá-la, e encontraram Ragnelle. Ela fez o parto da filha de sir Gudrun, sem ajuda, no fundo da floresta, e quando ele chegou ao local, começou a destratar a esposa por não lhe dar o filho que ele esperava.

Arthur concordou com a cabeça.

— Continue.

— Ragnelle censurou-o por isso. Você pode dizer que foi *tolice* e eu não discordarei, mas ela sentiu-se obrigada a defender a mulher. Gudrun, sendo quem é, decidiu destilar sua raiva em Ragnelle, e aí eu apareci. Tentei me afastar pacificamente. Por minha palavra, fiz tudo que eu poderia para pegar Ragnelle e ir embora. Mas Gudrun disse tantos insultos que não poderiam ser ignorados em nome da honra.

— Em resumo, Ragnelle interferiu numa briga particular entre um homem e sua esposa, e você, por razões que só você sabe, endossou isso.

— Caso ela tivesse culpa, eu teria sido o primeiro a repreendê-la. Mas a esposa de Gudrun, que é pouco mais que uma criança e já suportou uma provação terrível, não merecia tal tratamento nas mãos dele.

— Acho muito estranho, Gawain, que você se preocupe com uma mulher até aquele momento desconhecida para você, uma saxônia, além disso!

— O que isso tem a ver com o assunto? Não é proteger todas as mulheres o dever de todo cavaleiro?

— Claro que é, mas... maldição, a dama em questão é esposa de Gudrun! É natural que ele ficasse desapontado e, numa hora dessas, qualquer homem poderia dizer coisas que lamentaria depois.

— *Qualquer* homem? Você diria, meu soberano?

Arthur franziu a testa.

— O que eu diria não é a questão.

— Gudrun ergueu a mão para bater em Ragnelle. Ele me disse para pegar minha cadela e dar o fora. O que esperava que eu fizesse?

— Eu não sabia disso — admitiu Arthur. — Mas por tudo que me contou, ele foi tristemente tentado. Ragnelle é simplesmente insuportável, e não lhe trouxe mais nada a não ser infortúnio e infelicidade.

— Pensei que você não aprovava interferência entre um homem e sua esposa — Gawain disse, secamente.

— Não mesmo. Mas quando ela põe em perigo a Britânia, isso se torna

da minha conta. Sinto muito, Gawain, mas Ragnelle deve ir embora. Mande-a para Lothian ou Orkney ou, se você não a quiser muito longe, ache um convento onde ela possa viver. Ela não pode mais permanecer na corte.

— Então, toda culpa vai recair sobre ela? — Gawain perguntou. — E isso o que você pretende dizer ao rei Aesc? Que Ragnelle é culpada e foi forçosamente *banida*?

— Sim! — exclamou Arthur. — E isso precisamente o que pretendo dizer a ele.

— Mas eu...

— Você me faria um favor muito grande, Gawain, se aceitasse minha decisão sem discutir.

Do lado de fora da janela, o sol se punha atrás de um pesado grupo de nuvens. Só uns poucos raios de luz dourada penetravam o ar cheio de névoa, banhando o jardim de uma beleza sobrenatural. Gawain recordou-se da noite de sua sagração como cavaleiro, quando ele e Arthur tinham se sentado juntos no muro baixo de pedras, planejando o futuro. Ele concordara com Arthur que os colonos saxões estavam ali para ficar; a única maneira de conseguir uma Britânia unida era aliar-se a eles. Que as batalhas a serem empreendidas deveriam ser rápidas e decisivas; não um fim em si mesmas, mas o prefácio de um trabalho verdadeiro que começaria assim que a Britânia estivesse pacificada. Ele perdera havia tempo a visão desse objetivo quando permitira que seus objetivos pessoais se intrometessem; contudo, quebrar sua promessa à Ragnelle e permitir que ela fosse punida, só aumentaria sua falha.

— Muito bem — disse. — Ragnelle deixará a corte por algum tempo enquanto eu vou até o rei Aesc para me desculpar. E com sir Gudrun também, formalmente — emendou com esforço que esperou não fosse notado —, diante de todos os seus parentes.

Arthur meneou a cabeça.

— Pensei muito sobre isso, e creio que quaisquer pedidos de desculpas só iriam piorar as coisas.

— Mas eu devo dizer alguma coisa ao rei Aesc — Gawain protestou. — Deveríamos nos encontrar dentro de dez dias e discutir...

— Você não irá se reunir com ele. Na verdade — Arthur arrumou os pergaminhos à sua frente —, creio que seria melhor que você ficasse longe do assunto dos saxões por um tempo.

— Não entende que...

— Você tem estado sob um grande estresse ultimamente, Gawain, mesmo que não queira admitir. Não quero que se preocupe com nada, apenas deixe isso tudo comigo.

Não se *preocupar*! Esse era seu trabalho. Mais que isso, era sua vida! Não contavam para nada, então, todas as noites que enfrentara no chão frio, as batalhas que lutara, as semanas que passara suando sobre cada cláusula dos tratados que negociara assim que as batalhas eram vencidas? Cavalgara de uma ponta à outra da Britânia dúzias de vezes pelo menos, ou em assuntos de guerra ou como emissário do rei, e agora, depois de um passo em falso, era dispensado como um escudeiro transgressor? E quem mais deveria...

Oh, não, ele pensou, estou enganado. Arthur não...

— Quem deve levar sua mensagem então? — Sua voz parecia vir de muito longe. — Quem deve tratar com eles em seu nome?

— Lancelot.

Gawain sentiu-se como se tivesse levado um golpe feroz entre os olhos; entorpecido, mas com a certeza era d dor que viria.

— Ele e sir Gudrun sempre se deram bem — continuou Arthur —, e eu creio, dada a reputação de um e de outro... bem, que o rei Aesc o aceitará.

Gawain estava de pé sem lembrança de ter se levantado e sem idéia de para onde pretendia ir. Chegara à porta quando Arthur falou de novo.

— Sobre Ragnelle...

— Cuidarei disso.

— Eu só queria dizer que sinto muito.

— Sim, senhor. Eu também — Gawain disse, educadamente, e, ao sair para o corredor, fechou a porta silenciosamente atrás de si.

Gawain atravessou o pátio até o campo de exercícios abaixo. Sem se importar em rodear o portão, pulou a cerca do espaço fechado em que passara tantas horas, primeiro aprendendo e depois ensinando os rapazes que chegavam em bandos à corte.

O pátio estava vazio agora. Os garotos que ele ensinara tinham ido embora. Alguns mortos em combate, outros para suas próprias terras, uns poucos lá em cima no salão, que faiscava de luzes e risos ao crepúsculo. Tudo o que restara fora o manequim, de pé em estado de atenção como um soldado esquecido num campo de batalha deserto.

Umhas poucas espadas de madeira jaziam no trecho de terra. Gawain

pegou-as e arrumou-as cuidadosamente no cavalete, ao passar, dando ao manequim um empurrão distraído e instintivamente inclinando-se de um lado quando o braço com o escudo dentado girou com um guincho.

Terei de cuidar disso. Cortou o pensamento pela raiz.

Chegou ao fundo do pátio e saltou a cerca de novo, agarrou-se ao galho de uma castanheira e subiu até que estava sentado com as costas apoiadas ao tronco e as pernas encolhidas no galho.

Uma brisa quente fez as folhas farfalharem ao seu redor; o manequim lá no campo de exercício rangeu em seu eixo. Era um som reconfortante, tão familiar como o cheiro dos cavalos e de terra recém-arada, permeando o ar da noite. Ele respirou fundo, os olhos ardendo. Poderia viajar pelo mundo inteiro e jamais encontrar um lugar que amasse como amava Camelot. Era seu lar.

O sol se fora, agora, as ameias recortavam-se em sombras contra o céu coalhado de estrelas, o estandarte de Pendragon invisível na escuridão. Mas ele podia vê-lo com os olhos da mente. Esplêndido, invencível, o estandarte orgulhoso de uma nova Britânia, a Britânia de Arthur.

Mas não mais a sua Britânia.

Aislyn saltou da cadeira quando a porta se abriu.

— E então, como foi com o rei? Ele estava muito bravo?

— Sim. — Gawain tirou a capa e pendurou-a num gancho, e depois desafivelou o arnês da espada e pendurou-o também.

— Você contou...

— Não foi preciso — ele respondeu, alisando as dobras da capa. — Sir Gudrun aparentemente correu para o irmão, e o rei Aesc não perdeu tempo em reclamar de mim a Arthur.

— E de mim, garanto. Sinto muito, sei como é importante essa aliança, e agora eu pus meu pé no meio. Vai ter de se desculpar com sir Gudrun?

— Não. Estou liberado de meus deveres como enviado junto aos saxões.

Gawain virou-se para ela por fim, mas havia algo em seu sorriso. Mesmo com o brilho avermelhado das velas, sua face parecia pálida e cansada quando ele se sentou na beira da cama.

— Eu estava pensando... o que me diz se formos para Orkney por um tempo?

— Orkney?

— Faz muitos anos desde que visitei meu domínio. Foi errado de minha parte — emendou, num tom mais baixo, passando a ponta do dedo pela chama da vela. — Tenho negligenciado minhas obrigações.

— Orkney? — Aislyn repetiu.

— É muito bonito — ele murmurou, observando a vela bruxulear. — O som das ondas contra a praia... as andorinhas-do-mar, mergulhando dos penhascos... Passei um ano lá quando garoto, bem antes de ser mandado para cá, e pensei muitas vezes em vê-lo de novo.

— *Orkney?* Mas você tem deveres aqui...

Gawain sorriu, os olhos ainda cravados na chama.

— Lancelot pode tomar o meu lugar.

— Ele jamais poderia tomar o seu lugar! Não é adequado para limpar suas botas!

Gawain levantou-se abruptamente.

— Viajaremos devagar... você pode ter uma maca, se quiser...

— Uma viagem dessas levaria meses — ela protestou. — Dificilmente valeria a pena se você tivesse de... Quanto tempo está pensando em ficar?

— Algum tempo. Um longo tempo.

— Para sempre?

Ele desviou os olhos sem responder.

— Deixar Camelot? — ela perguntou, num tom estridente. — *Você?* O rei sabe disso?

— Ainda não.

— Ele não deixará você partir para Orkney!

— Ele não pode me impedir. Sou seu súdito, não seu prisioneiro. — Virou-se para olhar pela janela, emendando, em voz mais baixa. — Não mais.

— Calculo que o rei não seja o único com o temperamento alterado no momento, mas não é por isso que você vai fugir. Você é súdito de Arthur, fez seu juramento a ele, e o que jurou fazer, você *faz*. O que não está me contando?

— Você foi banida da corte — disse Gawain.

— E você?

Ele meneou a cabeça.

A garganta de Aislyn se fechou.

— Você faria isso? Deixaria a corte por mim?

— Eu deixaria, pois prometi ficar ao seu lado. Mas acontece que eu agora gostaria de ir de qualquer jeito.

— Por quê? — Aislyn quis saber. — Por que o rei ficou zangado?

— Porque ele não precisa mais de mim. Como eu disse, fui desobrigado de meus deveres, portanto não é preciso eu ficar aqui.

Aislyn postou-se diante dele. Ela era tão baixa que, com Gawain sentado, ficavam quase face a face.

— É preciso e, o mais importante, você sabe disso — ela disse, muito séria. — Você não pode simplesmente afastar-se e deixar Lancelot ficar em seu lugar. O que seria de Camelot então? Ora, olhe como ele tratou Dinadan, um irmão cavaleiro! Ele não entende, não como você! Precisa ficar.

— Não posso. Eu prometi...

— Você não tem de me dizer o que prometeu. Sou aquela a quem você prometeu. E sou aquela que está lhe dizendo que não deve manter essa promessa. — Ele fez um gesto indeciso, mas Aislyn continuou: — Não permitirei isso. Não é certo. Voltarei para o lugar de onde vim...

E depois? Uma vizinha perguntou em sua mente. Como encontrará Morgana? E se encontrar, por que ela se importaria com o que acontece a você, agora que foi banida?

Aislyn expulsou os pensamentos da mente.

— Eu me arranjava muito bem antes de você aparecer... — *Mas era jovem então, não uma velha com um coração doente.* — ...e posso continuar me arranjando. Você tem um trabalho a fazer aqui, e tenho impedido que o realize, mas assim que eu for embora, as coisas voltarão ao que eram antes.

— Não. — Gawain sacudiu a cabeça, e um sorriso débil surgiu em seus lábios. — Não voltarão. Tendo conhecido você, duvido que eu seja o mesmo.

— Tomarei isso como um elogio... — Aislyn fungou. — E você saberá onde eu estou. Pode ir me visitar de vez em quando, se... tiver vontade.

Ah, aquilo era difícil, a coisa mais difícil que ela já fizera, mas Aislyn recusou-se a chorar. Porém, ele pousou as mãos em seus ombros, a ternura do gesto quase a desmontou.

— Não posso pedir isso a você.

Ela nunca o amara como o amava agora, e embora não pudesse dizer isso, estava em seus olhos e em sua voz.

— Não tem de pedir.

A expressão de Gawain alterou-se para uma de compreensão e piedade.

— Oh, Ragnelle. Eu...

E inclinando-se, as mãos ainda pousadas nos ombros dela, Gawain a beijou na testa.

A dor transpassou Aislyn, jogando-a de joelhos. Gawain estava ao lado dela no mesmo instante.

— O que é? Você está... Ela caiu de lado e encolheu os joelhos ao peito.

Oh, nunca fora assim tão ruim antes, e ela precisava... precisava...

— *Ragnelle!* Gawain estendeu a mão para ela, mas puxou-a com um grito de repulsa quando a carne remexeu-se doentiamente sob sua palma. Ela... Deus do céu, o que *era* aquela coisa ao seu lado? Ele rastejou atabalhoadamente pelo chão até que suas costas tocaram a parede. Puxou o punhal.

Ragnelle... não, não era Ragnelle, era... parecia ser... uma moça, sentada agora, as feições ocultas por uma abundância de cabelos acobreados. Meio rindo, meio Chorando, ela sacudiu os cabelos para trás para revelar... Não, ele estava louco ou sonhando, era impossível que ela pudesse ser... Seu punhal caiu no chão.

— Aislyn? — ele murmurou, com voz rouca, e depois se benzeu com o sinal-da-cruz. — São Miguel e todos os seus anjos me protejam...

— Não sou um fantasma! — ela gritou. — Não estou morta, nunca estive! Era mentira! Eu estava sob um encantamento. Não consegui contar a você, mas sou eu, Gawain, de verdade...

A cabeça de Gawain bateu contra a parede quando ela se atirou nos braços dele, distribuindo beijos por seu queixo.

— Aislyn? — Ele tocou-lhe as faces, os cabelos, mal se atrevendo a acreditar que ela fosse real.

— Mas... mas onde está Ragnelle?

— *Eu sou* Ragnelle! Pelo menos era, mas você quebrou o encanto... bem, metade dele...

— O quê? — Aislyn parecia bastante real, macia e quente e tremendo sob

suas mãos. — Você é... não você... não compreendo...

— Eu sei e sinto muito. — Ela tomou-lhe a mão, segurando-a entre as suas. — Oh, meu amor, eu quis lhe contar... mas era parte do encantamento...

Ele afastou-a, os olhos a lhe perscrutarem a face.

— Você é Aislyn — disse, as palavras não mais uma interrogação.

— Sim. Sim, juro que sou. Ragnelle era uma aparência exterior, mas ela sempre foi eu... e eu era ela, só que...

— Não chore — ele murmurou, embora os próprios olhos estivessem também cheios de lágrimas.

— Não chore, Aislyn, tudo ficará bem.

— Ficaré? — ela indagou, os olhos verdes da cor do mar faiscando entre os cílios molhados. Era uma moça adorável cinco anos atrás, mas agora... oh, agora era infinitamente mais bela, quase irreal.

— E... você tem certeza de que não estou sonhando?

Ela passou os braços pelo pescoço de Gawain e puxou-o para si.

— Muita, muita certeza — Aislyn murmurou contra os lábios dele. — Oh, Gawain, eu o amo... sempre o amei, mas agora... agora eu o amo muito mais...

A boca de Gawain fechou-se sobre a dela num longo beijo. Quando finalmente afastou-se, seu olhar caiu sobre a face adorada.

— Aislyn — ele passou a ponta do indicador pelo contorno dos lábios dela. — Aislyn... é você. Você voltou para mim.

E foram as últimas palavras entre os dois por muitas horas.

Gawain mudou a cabeça de Aislyn de seu peito para o plano de seu ombro, e afastou-lhe os cabelos da testa.

— Você era Ragnelle — ele disse, como se não pudesse acreditar, e contornou as faces, o nariz e a testa com a ponta dos dedos para assegurar-se de que ela era real. — Você disse que eu quebrei o encantamento. Como?

Ela virou a cabeça e beijou-o de leve na boca.

— Assim.

— Foi tudo? Por que não pediu? Oh, você pediu aquele dia no jardim. Então, por que...

— Não apenas qualquer beijo. Um beijo dado com amor — ela murmurou. — Como este.

Depois de um delicioso intervalo em que suas bocas se colaram, ávidas, ela aconchegou-se no vão do braço de Gawain, correndo a mão preguiçosamente por seu peito.

— Mas você disse que fora apenas meio quebrado. Aislyn suspirou.

— Sim. Serei eu apenas a metade do dia, a outra metade, serei Ragnelle.
— Ocultou a face contra o ombro de Gawain — Não sei como vou suportar isso.

— Mas deve haver algum modo de libertá-la. Irei ao rei, farei...

— Não! — Ela o empurrou. — Ninguém pode saber.

— Não podem *saber*? Mas...

— Se sua mãe descobrir que estou aqui... Oh, Gawain, ela não deve saber. Precisamos ficar calados até que a duquesa da Cornualha volte. Ela pode quebrar o encanto.

Gawain concordou, pensativo.

— Mas podemos confiar no rei.

— Ele não pode me ajudar, e se ele disser algo errado, mesmo sem ter a intenção... Por favor, prometa que não dirá nada. Por favor.

Ele envolveu-a nos braços.

— Não gosto de enganar o rei, mas Morgana deve estar de volta num dia ou dois. Suponho que não faça mal esperar por ela.

— E, enquanto isso, eu posso voltar para minha cabana como planejamos.

— Não — ele decidiu.

— Esqueceu que fui banida? Ele deu de ombros.

— O rei me concederá alguns dias, tenho certeza.

— Mas eu me sentiria mais segura longe daqui. Se eu fosse para...

— Não — ele repetiu. — Quero *você* comigo. Você é muito capaz de se meter em encrenca sozinha.

Aislyn recuou para fitá-lo nos olhos.

— Eu me meti em encrenca e saí por conta própria por algum tempo.

— Creio que sim, mas as coisas são diferentes agora. Você quis se casar *comigo*... ou isso era parte do encantamento também?

— Não — ela admitiu —, não era.

— Bem, então... — Gawain murmurou, puxando-a para baixo outra vez como se o assunto estivesse resolvido.

— Então, o quê? Não vejo o que o fato de você ser meu marido tem a ver com eu voltar para minha cabana.

Ele suspirou.

— Não quero discutir com você, Aislyn. Faça o que estou dizendo.

— Mas por que eu deveria fazer o que *você* diz?

— Porque sou seu marido. Ouça, não se pode ter dois líderes num batalhão, tanto como não se pode ter dois reis. Eu jurei obedecer meu soberano, assim como você prometeu me obedecer. E isso é como deveria ser. Os homens são feitos por natureza para comandar. Somos treinados para pesar os riscos de qualquer curso de ação, e não ser influenciados por... — sacudiu a mão — por caprichos e fantasias.

— Você me julga *caprichosa*?

Aislyn recordou-se de algumas decisões que fora obrigada a tomar. E quanto àquele dia, logo depois que partira de Lothian, quando acordara e se deparara com um bandido debruçado sobre ela, o hálito fétido em sua face e a mão erguendo sua saia? Ou a ocasião que ficara presa pela neve dentro da cabana durante quinze dias inteiros, com o gelo tão grosso que ela não conseguia abrir a porta? Ela sobrevivera a ocasiões assim, e não conseguira torcendo as mãos e esperando por Gawain ou qualquer homem para lhe dizer o que fazer!

— Nunca conheci uma mulher tão inclinada a fantasias malucas. — Gawain riu. — Esquece o que eu vivi com você estas últimas semanas? Não há quem saiba o que você pode fazer a seguir, ou em que problema vai se enfiar. — Beijou-lhe o ombro e depois a junção do pescoço, os dentes mordiscando levemente a pele.

— Mas...

— Deixe-me ser um marido para você — ele murmurou, o hálito quente e suave em seu ouvido. — Não é isso o que você queria?

— Sim, mas...

Gawain moveu-se até ficar sobre ela, o peso apoiado nos cotovelos, os

olhos a centímetros dos de Aislyn.

— E isso que o que você quer agora?

— Sim. — Ela rodeou-lhe o pescoço com os braços. — Mas...

A boca de Gawain cobriu a sua, cortando-lhe as palavras. Aislyn ia protestar, mas o joelho de Gawain insinuou-se entre suas pernas, e ela arqueou-se para encontrá-lo. E quando conseguiu falar novamente, esquecera do que pretendia dizer.

— Bom dia, Majestade — Gaheris disse, entrando na sala de audiências de Arthur. — Como foi com Gawain ontem? Ele concordou em mandar a bruxa embora?

— Sim — Arthur respondeu, franzindo a testa. — Sim, ele concordou.

— Deus seja louvado! — Gaheris sentou-se. — E concordou em descansar também?

— Sim, mas...

— Mas o quê?

— Creio que talvez eu devesse ter esperado.

— Ela tem de ir embora — Gaheris enfatizou, com veemência. — E Vossa Majestade nunca terá uma oportunidade melhor. Ele tem de compreender o dano que ela causou. Abordou a situação energicamente, não?

— Tão energicamente quanto pude. — Arthur esfregou o queixo com ar ausente. — Mas ele defendeu seu caso, ou eu deveria dizer o caso dela, com igual intensidade. O que Ragnelle fez foi imprudente, e por certo inoportuno, mas merece o banimento? Creio que não.

— O que ela fez ao meu irmão merece — Gaheris argumentou. — Ela obviamente o enfeitiçou.

— Não temos prova disso. Mesmo a defesa de Gawain quanto à atitude dela para com sir Gudrun foi compreensível.

— Em qualquer outro homem talvez, mas em Gawain? Depois do esforço que empreendeu com esse tratado, ele realmente iria jogá-lo de lado tão levemente? E Vossa Majestade sabe tanto quanto eu como Gawain se sente a respeito de feitiçaria e, no entanto, ele próprio admitiu que ela era uma bruxa como se isso não fosse nada.

— É verdade, porém... quanto mais penso nisso, mais duvido de meu

juízo. É que gosto muito de Gawain... — Arthur suspirou. — Contudo, receio ter lidado com isso muito mal, de uma forma muito errada.

— Não — protestou Gaheris. — Vossa Majestade não *poderia*!

Arthur riu.

— Claro que poderia! E não seria a primeira vez também. Eu tenho de ser honesto com você, Gaheris.

Mesmo que ele tenha sido enfeitado, foi errado enganá-lo.

— Vossa Majestade fez isso pelo bem de Gawain. Assim que ela for embora, ele compreenderá. Quando a bruxa deve partir?

— Eu o vi esta manhã — disse Arthur —, e Gawain me pediu um dia ou dois para arranjar as coisas de um modo adequado para ela.

Gaheris franziu a testa.

— Não gosto disso.

— Nem eu. Mas eu dificilmente poderia negar a ele um pedido tão razoável. Eu lhe dei dois dias, e cuidarei de mantê-lo longe dela. Hoje, ele me acompanhará e, à noite, eu convidei todos os meus companheiros para fazer uma vigília comigo na capela em honra da festa de São João.

— E amanhã? — Gaheris perguntou. Arthur suspirou.

— Os convidados vão chegar; não será problema mantê-lo ocupado até o anoitecer e depois, haverá a festa. Deus faça com que Morgana esteja aqui a essa hora, mas caso ela esteja ou não, Ragnelle irá embora na manhã seguinte.

Launfal estacou de repente na estrada quando viu os torreões de Camelot erguendo-se acima da copa das árvores, mal se dando conta das pessoas que o empurravam conforme abriam caminho pelo mercado. Lá estava o estandarte de Pendragon, dourado e vermelho contra o céu azul resplandecente. Era verdade, realmente verdade, ele estava quase lá. Riu alto, atraindo olhares suspeitosos da multidão, mas os mercadores descendo a estrada estavam mais interessados nas próprias preocupações do que em prestar atenção a um estranho maltrapilho.

E ele estava feliz demais para se importar com o que os outros faziam. Quase lá, pensou, flexionando inconscientemente os dedos da mão esquerda. A pele da palma ainda estava muito sensível, mas a dor que fora quase insuportável nos primeiros dias acalmara-se numa sensação de entorpecimento, facilmente ignorável conforme seguia depressa rumo ao

castelo distante. A estrada ficou mais lotada quando subia a colina e, ao chegar ao cume, viu o mercado espalhado lá embaixo. O cheiro de carne assada atingiu-o como um soco; sua barriga vazia encolheu-se e sua boca encheu-se de água, mas o olhar desviou-se para a estrada adiante, subindo pela suave ladeira até os portões abertos de Camelot.

Um burro carregado empurrou-o com o focinho pelas costas, fazendo-o tropeçar numa mulher com uma cesta equilibrada no ombro forte.

— Cai fora! — ela berrou, dando-lhe uma bofetada, e Launfal escapou de esparramar-se na trilha empoeirada.

Impaciente com a multidão, ele saiu da estrada e entrou no bosque, deliciado com a sombra fresca das bétulas delgadas. O caminho era mais fácil ali, o chão atapetado de musgo viçoso e pontilhado de campânulas azuis. Ele começou a assobiar quando saltou um riachinho, harmonizando os passos ao ritmo da melodia e mantendo os olhos atentos nas raízes e pedras que poderiam derrubá-lo.

Não percebeu que não estava sozinho até quase se chocar com um cavalo de batalha na trilha.

— Bom dia, senhor! — ele exclamou, recuando e tocando a testa num gesto instintivo de respeito.

— Bom dia — o cavaleiro respondeu. Não usava cota de malha, mas um colete de couro; e um capacete redondo reforçado com ferro assentava-se sobre os cabelos grisalhos. — Aonde vai com tanta pressa?

— A Camelot.

Launfal sorriu, saboreando o som musical daquele nome em seus lábios.

— Vai fazer o que lá?

— Ver o rei.

— O rei? — O cavaleiro riu. — E acha que o rei recebe cada mendigo que por acaso chegue à sua porta?

O sorriso de Launfal não era tão fácil de sustentar agora, mas ele conservou-o com toda a sua força de vontade.

— Realmente eu não sei — disse, com a gentileza que conseguiu. — Mas eu me atrevo a ter esperança de que ele me verá.

— Por que deveria? Qual é o seu nome?

— Meu nome é meu, bom senhor — ele respondeu, erguendo o queixo e

afastando os cabelos revoltos da face. — Embora eu o diga de bom grado a qualquer homem que me diga o seu.

— O que é isso? — O cavaleiro incitou a montaria para mais perto, inclinando-se na sela para olhar mais atentamente a face de Launfal. — Você é insolente, garoto.

Launfal manteve-se firme.

— Não sou nenhum garoto, senhor, mas um homem, e o que peço nada mais é que meu direito.

— Seu o *quê*? — O cavaleiro levou a mão coberta pela manopla para o cabo da espada.

— Meu direito — Launfal respondeu resolutamente. — A cortesia exige que...

— Quem é *você*? — o cavaleiro o interrompeu. — De onde vem? Fale, garoto, e seja esperto.

— Eu lhe disse que não sou nenhum garoto — Launfal falou, com calma. — Meu pai foi um nobre cavaleiro e eu sou seu único filho. Por isso, agradeceria se o senhor se dirigisse a mim como convém...

— Deixe-me ver sua mão.

— Minha...

— Sua *mão*. Não, não essa, a esquerda. Erga a palma na minha direção, por favor.

Dividido entre o espanto e o ultraje, Launfal obedeceu. O cavaleiro sacou a espada.

— O *quê*... — Launfal ia dizer, mas antes que pudesse articular as palavras, estava deitado de barriga no chão com a espada do cavaleiro assobiando sobre sua cabeça. — Pare! Senhor, o que está fazendo? Não tem motivo...

No entanto, aparentemente, o cavaleiro não precisava de um motivo. *Devia ser louco*, Launfal pensou, rolando quando uma lança enterrou-se no musgo ao seu lado.

— Espere! — gritou, saltando de pé.

Olhou meio desvairado para o bosque, esperando contra todas as chances que alguém, qualquer um, aparecesse e mandasse parar aquela insanidade. Mas o bosque se estendia vazio de ambos os lados, e um momento

depois, ele mergulhava atrás de uma pedra enquanto a espada do cavaleiro zunia no ar.

— Senhor, espere! — ele bradou de novo. — Não temos nenhuma disputa, não há razão...

O cavaleiro parou, a espada erguida.

— Seu nome — berrou. — Qual é?

Deus do céu, isso era tudo que o homem queria? Devia estar louco de verdade.

— Launfal! — ele gritou. — Sou Launfal, filho de Rogier de Penhelm, vindo de...

— Sei de onde vem — o cavaleiro escarneceu, e Launfal saltou para trás quando a lâmina varreu o ar, a poucos centímetros de sua barriga. — Assim como sei para onde vai, e por que, seu cachorro indecente!

— O senhor... está enganado... — Launfal arquejou, mas o cavaleiro estava farto de conversa.

Launfal se virou, tropeçando, escondendo-se atrás das árvores, e embora uma parte de seu ser se visse tentada a cair na risada diante da visão ridícula que faziam, um cavaleiro montado perseguindo um homem desarmado pela mata, a outra parte estava seriamente interessada em sobreviver.

Estivessem em campo aberto, ele não teria qualquer chance. As árvores o tinham salvado, os finos troncos prateados e os galhos pendentes que ele conservava entre si e o cavalo de batalha; o desespero a impulsioná-lo a feitos inimagináveis de agilidade. A princípio, gritou, mas logo já não tinha mais fôlego para gastar em perguntas, e nenhum desejo de fazê-las. Quando caiu, batendo a face contra uma pedra pontiaguda, piscou para afastar as lágrimas de dor. Olhou para cima e viu o cavaleiro assomando sobre ele, um braço para trás a fim de lançar o punhal que faiscava em seu punho. Launfal pegou a pedra, arrancou-a do chão e atirou-a com toda sua força.

A pedra acertou o cavaleiro na testa e embora o golpe fosse de relance, a surpresa o fez inclinar-se para trás tão de repente que a montaria, assustada com a mudança súbita de peso, empinou, os cascos revestidos de ferro cortando o ar. O cavaleiro caiu de costas e aterrisou com um baque sobre o musgo. O cavalo passarinhou nervosamente e depois parou, tremendo, ao lado do corpo estendido de seu dono.

Launfal saltou de pé, respirando fundo, uma segunda pedra pronta na mão, mas o cavaleiro jazia imóvel. Depois de uma eternidade, ele obrigou-se a

se aproximar do homem caído.

— Senhor?

O som de sua própria voz o assustou tanto que ele saltou, e algo entre um soluço e uma risada escapou de seus lábios.

— Senhor? — ele murmurou de novo, sem saber por que se dava a esse trabalho. O homem obviamente não poderia ouvi-lo.

Se tivesse algum bom senso, você daria no pé, Launfal disse a si mesmo... e mesmo assim não conseguiu abandonar aquele pobre louco inconsciente na floresta, presa de qualquer tipo de animal selvagem.

Eu o colocarei em seu cavalo, pensou e ajoelhou-se, enfiando as mãos sob os braços do homem e o ergueu. Foi então que viu o cabo do punhal saindo das costas do cavaleiro. Com um grito abafado, Launfal colocou-o cuidadosamente de lado e arrancou o punhal, olhando apavorado para o sangue que brotava do ferimento.

E foi assim que os companheiros do cavaleiro o encontraram.

Gaheris chegou quase sem fôlego ao salão onde Arthur e sua rainha faziam o desjejum.

— Majestade, viu Gawain? — Gaheris perguntou.

— Saiu faz um quarto de hora para encontrar você no pátio de exercício.

— Ele não apareceu — disse Gaheris.

Os dois se entreolharam, e Arthur ergueu-se da cadeira. Guinevere encarou-o com um ar interrogativo.

— Gawain deve ter se atrasado — disse ela. — Milorde, sente-se, ainda não terminou, e eu queria conversar com você...

— Não, eu... eu estou sem apetite — Arthur mentiu e, diante do ar intrigado de Guinevere, lembrou-se de que acabara de dizer que estava faminto depois da vigília na capela. — Isto é... comerei isto enquanto caminho. — Pegou um pedaço de pão. — Atenderei você e a rainha de Orkney mais tarde, ainda de manhã — prometeu, ao perceber a expressão magoada da esposa e mesmo assim, saiu apressado do salão.

— Saia — disse Gawain.

— Não. Por que você não sai e faz o que deve fazer? — Aislyn sugeriu, por trás do biombo. — Volte ao pôr-do-sol.

— Não seja ridícula. — Gawain abafou uma risada. — Até parece que eu nunca vi Ragnelle antes.

— Mas agora é diferente.

— Não, não é. Quero conversar com você.

— Fale, então — ela respondeu. — Posso ouvi-lo muito bem daqui.

Arthur e Gaheris hesitaram do lado de fora da porta do quarto de Gawain.

— Talvez seja melhor mandar um pajem chamá-lo — disse Arthur. — Não quero assustar a bruxa. Gaheris mordeu o lábio inferior.

— Sim, tem razão. Vamos...

O som do riso de Gawain veio de lá de dentro.

— Majestade — Gaheris murmurou —, não é meu hábito ouvir atrás das portas...

— Nem o meu — Arthur apressou-se a dizer. Seus olhos se encontraram por um breve instante, e depois se desviaram para esquadrihar o corredor.

— Mas, desta vez... — Gaheris começou.

— Faça isso — Arthur ordenou, tenso, e Gaheris encostou o ouvido na porta. — E então? — ele perguntou depois de um instante, alarmado com a expressão na face de Gaheris. — O que está ouvindo?

— Oh, senhor...

Arthur inclinou-se e comprimiu o lado da cabeça contra a madeira. Uma voz que soava como a de Gawain era claramente audível lá dentro.

— Ora, pare de ser boba e venha sentar-se em meu joelho. Assim é melhor. Parece uma eternidade desde que a vi. Pensei em você a noite inteira.

— Pensou?

Aquela era Ragnelle; seu crocitar áspero era inconfundível, mesmo quando o abrandava num ronronar doentio.

— Mal consegui concentrar a mente em alguma outra coisa. — Era definitivamente Gawain, por mais que Arthur quisesse negar. — Venha, amor, não se afaste.

Gaheris e Arthur trocaram olhares horrorizados.

— Oh, meu Deus — Gawain resmungou, meio rindo. — Não sei como vou poder esperar até a noite.

Arthur recuou, o estômago revirado. Gaheris o imitou, a face esverdeada enquanto ele levava a mão à boca. Quando Arthur fechou a mão para bater à porta, Gaheris segurou-o pelo pulso.

— Não — balbuciou, apontando a cabeça para o corredor. — Espere.

Arthur seguiu-o até que se distanciaram um pouco pelo corredor.

— E bem pior do que eu suspeitava — Gaheris murmurou. — Receio por Gawain se nós a confrontarmos na presença dele.

— Você tem razão. — Arthur olhou para a porta. — Não pense mal de seu irmão. A culpa é minha. Eu nunca deveria ter permitido...

— Vossa Majestade não sabia o que ela era, tanto quanto Gawain. Mas tudo ficará bem, assim que ele se livrar dela. Vossa Majestade precisa mandar chamar a duquesa da Cornualha.

— Já mandei.

— Então, *precisamos* separá-los até que ela chegue. Mantenha Gawain a seu lado, e mandaremos postar um guarda do lado de fora daquela porta.

Launfal quase caiu dentro do quarto sem janelas, lançado para a frente por um empurrão duro em suas costas.

— Mas eu lhe disse... foi um acidente.

— Pode contar ao próprio rei, quando ele tiver tempo para você — um dos cavaleiros disse.

— Pelo menos me desamarre. Por piedade...

— Piedade? Ousa... — Mãos em manoplas o empurraram contra a parede. Ele bateu o ombro e caiu de joelhos no chão. — Eu lhe mostrarei piedade... a mesma piedade que mostrou a Marrek! — berrou o cavaleiro, erguendo-o de pé.

— Calma, Kay — uma voz fria o interrompeu. — É apenas um rapaz, e nem mesmo foi julgado ainda, quanto menos condenado.

Launfal conhecia aquela voz, era daquele que impedira os outros de matá-lo com as mãos amarradas às costas na floresta. O dono da voz arrancou o elmo e abaixou-se num joelho, tirando o punhal do cinto.

— Relaxe, rapaz, não vou cortar sua garganta. Vire-se para que eu possa tirar essas...

— Dinadan, não! — Kay protestou.

— Por que não? — Dinadan levantou-se e embainhou o punhal. — Ele não é perigo aqui para ninguém, a não ser para si mesmo.

— Pelo menos, coloque-o em uma cela. — Kay apontou para uma grade de ferro, pouco visível nas sombras.

— Ora, pelo amor de Deus, Kay, o que acha que ele fará, cavará uma rocha sólida com as mãos nuas? Trancaremos a porta e postaremos um guarda.

Launfal levantou-se, esfregando os punhos onde as cordas tinham se enterrado.

— Obrigado, senhor — disse, com uma mesura. — Nunca esquecerei sua cortesia.

Dinadan inclinou a cabeça, os olhos frios e observadores.

— Vamos esperar que você tenha uma longa vida para se lembrar disso. Mas se for culpado, serei o primeiro na fila para vê-lo morrer.

Morrer? Ele iria morrer? Impossível... embora ele soubesse que não era. Tinham tão pouco controle sobre sua vida quanto uma peça sobre um tabuleiro de xadrez, movida de um lado e de outro por alguma mão invisível. Sabia disso desde que era criança, quando sua vida era um fio frágil, pronto para romper a qualquer momento.

— Não fique assim — Dinadan o tranqüilizou. — O rei é um homem justo, ouvirá sua história.

Launfal concordou, mas não se permitiu ter esperanças. Melhor não pensar em nada, simplesmente aceitar o que quer que acontecesse sem reclamar.

Escorregou pela parede, passou os braços pelas canelas e encostou a testa nos joelhos dobrados. Ouviu os cavaleiros sair e ficou ali sozinho até que uma voz quebrou o pesado silêncio.

— Rapaz. — Launfal ergueu a cabeça e se deparou com Dinadan recostado ao batente da porta, os braços cruzados ao peito. — Tem um nome?

— É Launfal.

— Launfal, então. Por que fez aquilo? De verdade? Estava com fome?

— Já lhe disse. Ele me atacou; tentei me defender. Seu cavalo jogou-o da sela e ele caiu sobre o punhal.

Dinadan soltou um bufo de incredulidade.

— Marrek? Ele não atacou ninguém desde os dias de Uther Pendragon. Seria melhor deixar essa parte de fora quando contar sua história ao rei.

— Não posso dizer nada além da verdade.

Dinadan arqueou uma sobrancelha.

— Por que você ficou lá, então? Por que não correu assim que ele caiu?

— Deixá-lo desacordado na floresta com os lobos e os vermes? *Você* faria uma coisa dessas?

— Não. Eu não abandonaria qualquer cavaleiro, mesmo um inimigo.

— Bem, então...

— Mas eu sou um cavaleiro de Camelot.

A face de Launfal ficou vermelha.

— Enquanto eu sou um ninguém e, por conseguinte, estranho a qualquer tipo de honra?

— Quero dizer que eu não teria necessidade de fugir das conseqüências de qualquer desafio. Se estivesse em sua situação... — Dinadan deu de ombros — eu receio que teria girado nos calcanhares e sumido.

Launfal meneou a cabeça.

— Não teria.

— Rapaz, quaisquer sonhos infantis de cavalheirismo que eu possa ter nutrido foram arrancados de mim bem antes que me pudessem fazer algum mal. Se você quiser sobreviver, terá de aprender... — Soltou uma risada curta.
— Vou poupá-lo do sermão; você tem muito a suportar. Há alguém que possa saber de onde você é? Família? Amigos?

Launfal meneou a cabeça.

— Não. Não há ninguém. Só... sir Gawain está na corte?

— Você conhece Gawain? Por que não disse logo?

— Nós nos conhecemos, longo tempo atrás... não que eu espere que ele se lembre, mas...

— Uma chance mínima é melhor do que nenhuma. Verei se posso encontrá-lo. Boa sorte para você.

— E para você — Launfal respondeu, mas Dinadan já tinha saído.

Gawain dominou seu arrepio instintivo quando a velha sentou-se em seu joelho. Aquela era Aislyn. Sua Aislyn, que se deitara em seus braços duas

noites atrás, presa numa forma que parecia mais revoltante, agora que ele sabia que aquilo era uma criação mágica.

Pobre moça, pensou, de estômago revirado quando se obrigou a lhe afagar os cabelos escorridos e falar animadamente até que ela por fim sorrisse.

Meu pobre amorzinho. Isso deve ser infinitamente pior para ela do que é para mim.

— Querida, isso é tolice — ele murmurou, gentilmente. — Esconder-se assim, manter tudo em segredo. Sei que tem medo de minha mãe, mas não podemos esperar até que Morgana volte. Irei procurar o rei e explicarei tudo. Mesmo minha mãe não se atreve a desobedecer uma ordem direta dele; será forçada a desfazer esse horrível encantamento.

— Ela não pode — disse Aislyn.

— Não há sempre um anti-sortilégio... ou seja lá como é chamado?

— Não foi sua mãe que pôs o encantamento em mim.

— Não foi minha... Então, quem foi?

— Sua tia — ela murmurou, sem fitá-lo. — A duquesa da Cornualha.

— Morgana? — Gawain riu alto de puro alívio. — Mas, por quê? O que você fez para cair em desgraça com ela?

Aislyn escorregou para longe de seu joelho.

— Isso não importa agora. Mas se você pedir a ela para desfazê-lo, ela poderia.

— Pode ter certeza de que pedirei. Mandarei uma mensagem agora mesmo, explicando... — Mas não havia necessidade de explicar. Morgana estivera ali, vira como as coisas corriam para ele. E não fizera nada. — Não posso acreditar que foi ela — ele murmurou, a alegria desaparecendo. — Oh, temos tido nossas diferenças ultimamente, mas mesmo assim... Ela sabia que estávamos casados e, contudo, não me disse nada. Por quê? Por que faria uma coisa dessas comigo?

— Foi a mim que ela fez isso — Aislyn ponderou.

— Sim, foi. E eu não teria pensado que ela fosse capaz de tamanha crueldade. O que você fez?

— Nada tão ruim para merecer isso. — Aislyn virou de costas para ele, alisando as cobertas da cama.

— Mas o que foi? — ele insistiu. — Aislyn, você precisa me contar.

— É, creio que devo. — Ela virou-se para encará-lo. — Não quero que fique zangado, Gawain. Compreenda, aquele dia quando você e o rei entraram na floresta para encontrar Somer Gromer Jour, eu pretendia dar a resposta ao rei.

— E deu — ele disse.

— Sim, mas... Bem, quando vi que era você que estava com ele, resolvi... Lembre-se de que eu não sabia que você tinha voltado para mim aquela noite em Lothian. Pensei que tivesse ido embora e esquecido completamente de mim, sem se importar se eu estava viva ou morta. Eu estava errada, sei agora, mas quando o vi seguindo aquela trilha com o rei, eu estava um pouco... zangada. Então eu me transformei nesta forma...

— *Você se transformou?* — ele repetiu, assombrado. — Mas você disse que Morgana...

— Sim, mas isso foi depois, quando ela chegou à corte naquele dia. Percebeu o que eu tinha feito e não gostou. Sendo você o sobrinho favorito dela, lançou um encanto em mim para que eu não pudesse me transformar de volta, não até que você me beijasse. Um beijo dado com amor e recebido da mesma forma, foi o que ela disse, e fez com que eu não pudesse lhe dizer nada. Mas tudo deu certo, você quebrou o encanto... bem, metade dele, de qualquer forma, e acho que se pedir a ela, Morgana poderia desfazê-lo por inteiro.

Aislyn falara tudo *muito* depressa e, quando terminou, custou um pouco para Gawain compreender o que havia dito.

— Depois? — repetiu, lentamente. — Você quer dizer que quando nos encontramos, e quando nos casamos, você fez isso a si mesma?

— Sim, fiz — ela murmurou. — Foi... uma brincadeira.

— Uma... *brincadeira?* Você... o casamento, e... e... tudo... por uma *brincadeira?*

— Não só — ela emendou depressa. — Eu tive de fugir de sua mãe... ela é quem estava por trás de todo aquele problema com Somer Gromer Jour...

— O quê? — Ele deu um passo para trás. — Você e minha mãe ainda estão...

— Não! Eu não a vejo desde aquela noite em que você partiu de Lothian! Fiquei escondida dela desde então, mas quando soube de Somer Gromer Jour, percebi que se tratava de um plano dela. E sabia que ela adivinharia que tinha sido eu quem dera a resposta ao rei. Assim, pensei que ficaria mais segura aqui do que em qualquer outro lugar, e... eu não pretendia

que você ficasse casado com Ragnelle para sempre! Só queria me esconder aqui por algum tempo, e ensiná-lo um pouco de... Sinto muito por isso — ela emendou. — Sei que foi...

Gawain não mais a ouvia. Olhava para a velha mulher diante dele, recordando-se do primeiro instante em que pusera os olhos nela na floresta e de tudo que acontecera depois.

— Espere! — exclamou, cortando o que Aislyn dizia. — Espere. Aquela noite. Não a noite de nosso casamento, a seguinte. Eu sonhei... ou não? Aislyn, foi... um sonho?

Aislyn pareceu contrair-se, mas seus olhos não se desviaram da face de Gawain.

— Não — ela murmurou. — Não foi um sonho.

— Era *você*?

— Pensei que você não me amava. Pensei que havia outra, e...

— Você me tocou aqui — ele levou a *mão* à testa — e disse que era um sonho. Você *me enfeitiçou*, não é? E depois nós...

Gawain desabou sentado sobre o baú, sentindo-se doente. Aislyn mentira para ele. Outra vez. E não tinha sido nenhuma mentira nascida do desespero, mas uma dita por sua livre vontade.

Aislyn não fora a vítima do encantamento, mas a mentora.

Ela o enganara, o humilhara, fizera-o de bobo.

Roubara-o da razão e se apossara de sua vontade.

Ela era... *uma bruxa*.

Aislyn poderia dizer que o amava, poderia até mesmo acreditar nisso, mas não sabia o significado dessa palavra. Bruxas nada mais amavam que a si mesmas e a seu próprio poder. Não pediam licença a nenhum homem para impor sua vontade, e nenhum homem poderia impedi-las de agirem assim.

— Gawain, não olhe para mim desse jeito! — Aislyn gritou, pousando as mãos em seus ombros. — Eu estava errada, sinto muito, mas você não foi o único a sofrer. Por favor, tem de acreditar em mim. Diga que acredita, diga que me perdoa...

Os olhos dela brilhavam de lágrimas, os mesmos olhos que ele fitara na noite em que aquele feitiço infame fora desfeito, e cinco anos antes, em Lothian. Ela não mudara... e, Deus o ajudasse, nem ele. Mesmo sabendo o *que*

Aislyn era, ele não conseguia desistir dela.

- Se você me amasse... — ele começou.
- Eu amo! — ela exclamou, a voz alquebrada.
- Então renuncie à magia para sempre.

Ela recuou, parecendo tão chocada que Gawain quis engolir as palavras. A única coisa que o impediu foi a percepção de que ela jamais poderia ser uma esposa para ele. Não como era agora. Ele podia amá-la até que o coração parasse de bater, mas isso não impediria Aislyn de usar suas artes sobre ele sempre que desejasse.

- Renunciar... — ela balbuciou.
- A magia — ele repetiu, num tom implacável. — Para sempre.
- Mas... isso é impossível. Você poderia muito bem me pedir para arrancar meu braço.

Gawain obrigou-se a falar com calma, esperando contra todas as probabilidades que Aislyn pudesse ser razoável.

- Não é a mesma coisa. Seu braço é parte de você...
- A *magia* faz parte de mim.
- Talvez, mas é uma parte que você não precisa usar. Não compreende, foi isso que destruiu nosso amor antes! Por favor, eu lhe imploro, desista. Por meu bem.
- Não! Eu não posso!
- Quer dizer que você *não quer* — ele concluiu, com amargura. — Mas isso não é nada mais do que eu esperava.

— Esperava? — ela rebateu. — Ou *queria*? Por que mais você colocaria barreiras impossíveis em torno de seu coração, sabendo muito bem que eu falharia em derrubá-las? Sou o que sou... ou você me ama por mim mesma ou não me ama de maneira alguma!

— Você fala comigo de amor? — ele esbravejou, saltando de pé. — Você não sabe *nada* de como eu a amo, como sempre a amei, mesmo quando acreditava que você estava morta...

— *Principalmente* quando eu estava morta! É fácil amar uma morta, não é? Uma lembrança nunca discute, nunca fala o que pensa...

— Eu *alguma vez* a impedi de falar, mesmo quando era para me insultar diante de toda a corte? Eu a tratei indelicadamente?

— Não, mas...

— Arrisquei minha vida e minha reputação para protegê-la. Tudo o que eu tenho é seu, e a única coisa que peço em retorno é que desista desses poderes sobrenaturais que não nos trouxeram nada além de sofrimento!

— Não, você não compreende? — Ela estendeu as mãos num gesto suplicante. — Você está pedindo para que eu desista de uma parte de mim mesma, de um dom que me foi dado com um propósito, e que tenho me esforçado muito para dominar. Oh, não nego que o usei mal no passado, mas isso não significa que não possa fazer melhor no futuro. Aprendi com meus erros...

— Eu também. Aprendi que apesar de todos esses anos, você ainda é uma criança inconstante e egoísta. Sou ridicularizado na corte porque *you* quis se vingar de um deslize imaginário. Você fugiu sem dizer adeus, e agora o tratado com os saxões está desabando e o rei me culpa.

— Mas eu nunca pedi que você enfrentasse Gudrun. Eu disse...

— Você é minha esposa! — ele disparou. — Tudo o que você faz é da minha conta. Como é possível que espere que eu confie em você com algum tipo de poder, quanto mais algo tão perigoso como magia?

— Sei que nem sempre ajo com prudência, mas eu nunca usaria qualquer tipo de encantamento com você outra vez, Gawain. Eu o amo...

— Então faça o que eu peço. Uma esposa deve...

— Você não quer uma esposa. Quer uma serva sem miolos...

— Quero uma esposa com quem compartilhar toda minha vida, não apenas parte dela! Uma esposa que estará sempre ao meu lado, não uma prostituta de noite e uma velha que me deixa doente só de olhar durante o dia.

Encararam-se por um instante, a respiração de Gawain raspando na garganta enquanto a bruma vermelha da raiva toldava sua visão.

— Então, vá ao rei e peça a ele que mande anular nosso casamento! — ela berrou. — Você sabe que ele consentirá.

— Aislyn... — ele começou e depois se calou quando uma batida soou à porta. — O que é? — perguntou, escancarando-a.

— Sir Gawain — um pajem disse, engolindo em seco ao recuar. — O rei me mandou dizer que precisa do senhor imediatamente.

— Obrigado, irei sem seguida. — Ele fechou a porta e encostou a testa contra a madeira, antes de se virar para Aislyn. — Falei num momento de

raiva e sinto muito por isso.

— Eu estava zangada também.

— Não quero que nosso casamento seja anulado. Eu a amo.

— Oh, Gawain...

Ele ergueu a mão.

— Mas não posso estar casado com uma... bruxa, feiticeira, maga, use qualquer palavra que queira. Qualquer outra coisa eu poderia suportar, mesmo isso... — Apontou para a aparência dela. — Mas não magia.

— Mas...

— Não quero mais discutir. Esta é a minha decisão, e é final.

Sem esperar por resposta, ele saiu do quarto.

Aislyn sentou-se na cama e enterrou o rosto entre as mãos. Queria poder chorar, mas apenas umas poucas lágrimas escorriam por suas faces. Poderia chorar quanto quisesse aquela noite e por toda noite seguinte. O que mais poderia fazer?

A menos que... a menos que ficasse. Então, deitaria nos braços de Gawain e conheceria a mesma alegria que experimentara na noite anterior. Tudo o li que precisava fazer era renunciar aos seus poderes para sempre.

Não! Não poderia... *não deveria* fazer isso. Não importava o que Gawain pensasse, aquela decisão não era egoísmo da parte dela ou mesmo o desejo por controle. Como a vida seria muito mais fácil se Gawain tomasse todas as decisões, e ela nada mais precisasse fazer a não ser desfrutar de seu amor e da satisfação de sua aprovação! Mas seria uma traição ao dom que lhe fora dado... por quem, ela ainda não sabia, embora tivesse certeza de que fora alguém, tal como tinha certeza de que lhe fora dado por um propósito. Negá-lo seria como negar a si mesma.

Se pelo menos Gawain não fosse tão teimoso quanto a magia! Mas talvez houvesse um jeito. Se ela pudesse provar a ele que podia fazer tanto o bem como o mal...

Pegou o tratado de magia negra de Morgause da sacola e colocou-o sobre a mesa. Abriu bem num encanto para prejudicar a potência de um homem. Bem, sim, aquilo era ruim, mas ali estava outro que poderia restaurar o tônus da pele de uma mulher e revigorar seus cabelos. Não. Aquilo não era útil, pensou, virando a página. Folheando depressa o livro, ela parou brevemente numa página, sorrindo ao imaginar como seria perder todos os dentes

numa única noite.

Ora, ali estava algo... era um encanto para provocar câimbras nas pernas, não para aliviá-las. Mas o seguinte poderia tornar a pessoa que falava invisível, o que seria muito proveitoso para o rei. Examinou os ingredientes e lançou um olhar culpado para Sooty, decidindo que seria melhor não mencionar aquilo para Gawain. E, ao virar cada página, encontrou encantos que aprendera e usara com bons resultados, embora para cada um que trouxesse alívio e cura encontrasse cinco para causar mal e até mesmo a morte.

Fechou o tratado com um baque.

Talvez Gawain tivesse alguma razão em seu preconceito. Contudo, havia mais na magia do que aquele livro de feitiços, ou mesmo nos erros terríveis que Aislyn cometera. Em si, a magia não era nem boa nem má, tanto quanto uma espada era boa ou má. Ambas poderiam matar ou aleijar, mas empunhadas sabiamente, poderiam salvar vidas também.

E nem seriam concedidas a uma pessoa que não estivesse no controle completo de suas emoções.

Suas emoções.

A vergonha a invadiu diante da lembrança da expressão de Gawain quando ele tinha percebido que o sonho erótico não fora nenhum sonho afinal. Fora algo imperdoável da parte dela fazê-lo pensar que ainda estava dormindo... embora ele não parecesse se importar com isso na ocasião. Na verdade, conforme ela se recordava, ele desfrutara intensamente de tudo, não como se ela o tivesse forçado ou tomado contra a vontade. Afinal, ela simplesmente o convencera de que ele estava sonhando, e tudo o mais depois ficara a cargo dele.

Isso, porém, não era a questão.

Gawain deveria ter sabido que era realmente ela, e que o que acontecia estava acontecendo *de verdade*. Fora errado negar a ele essa percepção. E, no entanto, quando ele *soubera*, fizera a mesma coisa e desfrutara do mesmo prazer.

Mas essa também não era a questão.

Ela mentira para ele. Humilhara-o perante os amigos, e, mais importante, os inimigos. Em seu ódio, ela o forçara a um casamento que Gawain jamais escolheria por vontade própria. Aquelas eram as queixas reais, e contra elas Aislyn não tinha como se defender.

Com um suspiro, ela foi até a janela e olhou para o pátio. Recordou-se

da noite de amor, da alegria de se unir a Gawain, da absoluta certeza de que estava exatamente como deveria estar. Naquele momento, sua vida inteira fez sentido, pois cada passo a conduziu ao único lugar ao qual pertencia.

Se pelos menos as coisas pudessem ser sempre assim... Se pelo menos Gawain não fosse tão ditatorial, com seus discursos de "eu deveria ter pensado por nós dois" e "não se pode ter dois líderes num batalhão", como se ela fosse algum escudeiro sem tino que não pudesse ser confiado nem para puxar um cavalo...

Oh, ele é insuportável. Ele é um grosseiro arrogante, e eu o detesto! Mas, e se ele estiver com a razão?

Aislyn sempre se orgulhara da própria sagacidade, mas e se esse orgulho estivesse completamente mal direcionado? Ao olhar para trás, o que tinha a mostrar em sua vida a não ser uma série de fracassos? Havia uma única pessoa em todo o mundo que se tornara melhor por tê-la conhecido? Ela não tinha amigos nem família, e a culpa era de quem, a não ser sua? Por outro lado, Gawain sempre tentando pôr sua vida e ordem, e se importando o bastante com ela. E quando tentava, o que conseguia dela a não ser discussões e queixas?

— Ele *está* certo — murmurou, horrorizada. — Não sou de confiança.

Lentamente, voltou até a mesa. Uma por uma, ela rasgou as folhas do livro de magia e levou-as até a chama da vela. Demorou um tempo, e o quarto estava cheio de fumaça na hora em que a última página desmanchou-se em cinzas.

Foi até a janela e respirou o ar fresco. Agora, não apenas queria chorar, precisava. Mas até nisso fracassou. Só pôde olhar com olhos secos para o pátio, a garganta ardendo com as lágrimas que não conseguiu derramar.

Gawain disse a si mesmo que tinha todo direito de estar zangado. E *estava* zangado. Era a raiva que fazia seu coração bater aos saltos, era a fúria que travava sua respiração na garganta.

Se Aislyn me amasse de verdade, faria o que eu peço.

Não esperava que ela o obedecesse sempre sem questionar, pelo menos não de imediato. Com o tempo, ela compreenderia que ele era um homem razoável, um homem justo, um que estava preparado para satisfazê-la na maioria das coisas.

Porém, não com essa.

Por que ela não conseguia enxergar isso? Por que ela insistia em fazer o

que sabia que lhe traria sofrimento? Aislyn não o amava. Não como ele a amava. Recostou-se à parede da antecâmara de Arthur, tentando convencer-se de que estava errado e que Aislyn renunciaria a seus poderes completamente. Senão, ele não sabia como iria suportar se ela não o atendesse.

— Sir Gawain?

Um pajem tocou-lhe o braço, olhando para ele com olhos preocupados.

— Posso anunciá-lo?

— Sim. Obrigado.

Gawain endireitou-se e passou a mão depressa pelo rosto, compondo as feições com esforço enquanto o garoto abria a porta para a sala de audiência do rei.

Arthur sentava-se atrás da longa mesa. Dinadan estava encostado contra a beirada, os braços cruzados no peito. Kay parecia rígido em seu assento; Sagamore se esparramava na outra. Um jovem estava de pé diante da janela, o sol batendo em seus cabelos ruivos e deixando-lhe a face nas sombras.

— Ah, por fim — disse Arthur.

— Sinto muito se o fiz esperar.

— Não importa, você está aqui agora. Conhece esse rapaz?

O rapaz em questão adiantou-se e dobrou um joelho, erguendo os olhos para Gawain com uma esperança desesperada nos olhos. Olhos muito verdes, eram, de um tom incomum, bem parecido com os de Aislyn, porém mais escuros, e mesmo os cabelos eram mais acastanhados que os cor de ouro avermelhado de Aislyn. Deus o ajudasse, ele não conseguia pensar em mais nada a não ser... E, de repente, percebeu por que aquele rapaz trazia Aislyn à sua mente.

— *Launfal*?

— Sir Gawain — o rapaz disse, soltando um longo suspiro que era mais um soluço.

— Você se lembra dele então? — Arthur quis saber. — Ele parecia pensar que não.

— Claro que me lembro dele. Como chegou aqui, Launfal?

— Eu... oh, sir Gawain, eu...

— Ele chegou aqui preso — respondeu Kay. — E irá para a força do mesmo jeito.

— O quê?

— Ele matou o pobre Marrek — Sagramore emendou. — Estávamos lá.

— Launfal — Gawain murmurou —, isso é verdade?

— Não!

— Nós o surpreendemos no ato — disse Kay.

— Mas, por quê? — Gawain indagou, olhando de Launfal para Arthur, que voltara à sua cadeira e assumira sua expressão mais reservada, aquela que normalmente significava que estava prestes a fazer algo que Gawain detestava intensamente, mas era inevitável.

— Majestade, não vejo qual o propósito em arrastar Gawain para isso — Kay opinou, aborrecido. — Que diferença faz se eles se conheceram antes? O rapaz será enforcado de qualquer jeito!

Parecia perfeitamente confiante, e Sagramore concordou com a cabeça num gesto veemente. Arthur suspirou, mas não disse uma palavra, e Gawain, embora seu coração se inundasse de pena do rapaz, não conseguia pensar em nada pertinente para acrescentar.

— Deve ser enforcado? — Dinadan resmungou em meio ao silêncio. — Decapitação é muito mais divertido para o povo comum, e não consigo me lembrar da última vez que tivemos isso. O que diz de arranjar um entretenimento, nada muito elaborado, claro, apenas uns poucos malabaristas, talvez uma acrobata ou dois...

O rei o encarou zangado.

— Por Rood, Dinadan, você anda depressa demais! O rapaz ainda nem foi condenado!

— Ah, não? Pensei que... engano meu, Majestade. — Dinadan fez uma mesura cortês. — Releve.

Ao se endireitar, deparou-se com o olhar de Gawain. Foi apenas um olhar de relance, mas o bastante para convencê-lo de que Dinadan, pelo menos, não considerava o assunto encerrado.

— Agora que *fui* arrastado para isso — ele começou —, gostaria de ouvir o lado de Launfal dessa história.

Launfal respirou fundo.

— Aconteceu assim...

Quando Launfal terminou e foi levado da sala, os que ficaram

continuaram sentados em silêncio por um momento.

— Ele parece um rapaz honesto — disse Arthur.

Kay levantou-se.

— Honesto? Nós o surpreendemos ajoelhado sobre o corpo de Marrek com o punhal pingando sangue na mão! A história do rapaz é absolutamente fantástica do começo ao fim. Qualquer um que conhecesse Marrek concordaria.

— É fantástica — disse Dinadan. — Tão fantástica que eu estou inclinado a acreditar que seja verdade.

— Você não tem prova! — berrou Sagramore. — Eu vi com meus próprios olhos...

— Eu também tenho olhos — esbravejou Dinadan — e vi o que você viu. E ainda digo...

— Obrigado. — Arthur ergueu a mão para acalmá-los. — Creio que compreendo a situação. Pensarei nisso com cuidado e...

A porta abriu-se num rompante. Quando Gawain viu sua mãe entrar na sala, recuou até um canto mais escuro.

— Arthur, eu preciso... Oh! Perdoe-me, eu não sabia que não estava sozinho.

Guinevere entrou atrás de Morgause, sua expressão meio culpada e meio desafiante.

— Milorde — disse —, o senhor prometeu nos receber esta manhã.

— Eu sei. — Arthur pareceu embaraçado. — Mas este assunto não podia esperar, e...

— Existe sempre algum assunto que não pode esperar — Morgause retrucou. — Mas você *prometeu*.

— Sim, tem razão, prometi. E cumprirei a promessa assim que tenha terminado aqui. Se puderem me dar licença...

Guinevere começou a inclinar-se numa cortesia, mas Morgause ergueu a mão para impedi-la.

— Arthur — seu tom de voz era severo —, está sendo deploravelmente rude.

— Kay, Sagramore, Dinadan — Arthur falou —, agradeço pela ajuda. Caso pense em mais perguntas, mandarei chamá-los.

Os três cavaleiros inclinaram-se e se retiraram da sala.

— Sim, milady? — Arthur sorriu para sua rainha, embora Gawain pudesse perceber que ele estava aborrecido. — O que é que queria de mim?

— Bem, é que Mor... a rainha de Orkney, isto é, ela... nós queremos conversar com o senhor a respeito de sir Gawain.

— Então, deixem que eu saia — Gawain, adiantou-se. — Assim poderão falar livremente.

Guinevere ruborizou.

— Sir Gawain, perdoe-me, eu não o vi...

— Não se desculpe com ele — Morgause interrompeu. — Ele é que está tentando deixá-la constrangida quando você não está fazendo nada de errado. Chega, Gawain, já estou saturada de sua insolência! Exijo conhecer essa mulher com quem se casou e...

— Senhor? — Um guarda postou-se à porta, segurando Launfal pelo braço. — Vai querer falar com o prisioneiro de novo.

— Não — disse Arthur. — Agora não. Devolva-o ao calabouço.

Gawain fez um gesto de encorajamento para Launfal, mas o jovem pareceu não perceber. Sua face estava lívida quando olhou para além de Gawain antes que o guarda fechasse a porta.

— O calabouço! — Guinevere exclamou, a voz cheia de pena. — Oh, mas ele é tão *jovem*! O que foi que fez?

— E acusado de matar sir Marrek. — Arthur enfiou a mão pelos cabelos. — Sua única desculpa é que Marrek o atacou primeiro, o que parece improvável, para dizer o mínimo.

— Qual... qual é o nome dele?

— Launfal. Agora, minha rainha, pode ver que eu tenho assuntos urgentes a tratar.

— *Launfal*? — Guinevere virou-se para Morgause. — Oh! É esse...

— Arthur, perdoe-me — Morgause declarou, pegando Guinevere pelo braço. — Esperaremos até que você tenha tempo de sobra para nos atender. Não percebi que estava tão ocupado.

— Mas, Morgause... — Guinevere balbuciou.

— Venha, minha querida, vamos deixar seu soberano cuidar do problema. Esses assuntos — emendou, deliberadamente — não são da nossa

conta.

— Não são de nossa conta...? Mas...

— Bom dia, Arthur. — Morgause arrastou Guinevere para fora da sala.

— Gawain, quero falar com *você* agora!

CAPÍTULO V

— Morgause! — Guinevere exclamou assim que chegaram à privacidade do corredor deserto. — Por que não contou ao rei?

— Contar o quê?

— Que aquele Launfal é seu conhecido! — disse Guinevere, atônita.

— Não vejo como essa informação lançaria qualquer luz sobre o assunto. Se Launfal cometeu assassinato, isso não tem nada a ver comigo ou com você. Sugiro que enfie isso em sua cabeça.

— Mas... não, espere! — Guinevere correu atrás dela. — Você disse que o rapaz era um perigo... um louco...

— Creio que Arthur já deduziu esse fato por si mesmo.

— Mas milorde deve saber da verdade.

— Que verdade? — Morgause estacou. — Que verdade é essa?

— Você... você me contou... — Guinevere gaguejou. — Você disse que Launfal vinha para cá para assassinar meu soberano...

— *Eu?* — Morgause arqueou as sobrancelhas.

— Foi na noite em que você chegou. Disse que ele culpava milorde por seu infortúnio. Que o mandara prender, mas ele tinha fugido, e você estava com medo... — Do que Morgause *tinha medo*? Ao pensar nisso, Guinevere não conseguiu se lembrar do que Morgause dissera, mas a implicação era clara. — Você disse que os cavaleiros de milorde deveriam ser avisados — continuou, ligeiramente aflita.

— Sim. — Morgause franziu a testa. — Eu *realmente* a aconselhei a mandar os cavaleiros procurar por Launfal, caso contrário ele poderia confrontar o pobre Arthur e fazer algum tipo de cena desagradável.

Guinevere empalideceu.

— Uma... *cena*?

— Infelizmente o juízo do coitado estava mais abalado do que eu imaginava. Atacar um dos cavaleiros sem provocação... — Morgause meneou a cabeça, suspirando. — Infelizmente não há nada a ser feito agora.

— Mas não foi sem provocação — Guinevere gritou, segurando Morgause pelo braço. Nunca se dera conta de como Morgause poderia ser impositiva, mas agora, conforme a mulher se empertigava, ela sentiu-se quase amedrontada.

— Você parece perturbada — Morgause disse, com frieza.

— Fui eu quem disse a sir Marrek para impedi-lo que viesse para cá disposto a assassinar milorde...

Morgause encarou-a com ar atônito, e então sua expressão mudou para uma da mais profunda pena e preocupação.

— Minha querida, foi *isso* o que você pensou? Oh, não você me entendeu mal! E agora... que tragédia horrível! Mas, mesmo assim, tivesse Launfal vindo em paz, tudo teria acabado bem. Ele agiu muito mal ao resistir a um cavaleiro.

— Sim — Guinevere murmurou, em dúvida —, isso é verdade.

— Claro, Arthur pode não ver desse jeito. Na verdade, tenho certeza de que não verá. E me atrevo a dizer que ficaria muito zangado se soubesse que você agiu por trás de suas costas, e agora aquele o pobre cavaleiro está morto, nem quero pensar *no que* ele dirá! — Bateu de leve no ombro de Guinevere, os olhos reluzindo como os de um gato na luz tênue do corredor. — Mas não se preocupe, minha queridíssima Guinevere. Pode confiar em mim para guardar seu segredo.

Com um sorriso, virou-se e se afastou.

Aislyn pousou os cotovelos na beirada da janela, observando os cavaleiros e criados correrem pelo pátio. Kay andava de um lado para outro, de rosto vermelho e gritando. Uma pobre ajudante de cozinha seguia na frente dele, com uma cesta de cebolas presa no ombro ossudo, enquanto um servo o

seguida, as mãos cheias de galinhas para serem depenadas.

Ho é a festa. Será que Morgana já está aqui? Mas mesmo esse pensamento não conseguiu arrancá-la de sua letargia.

Kay desapareceu pela porta que levava às cozinhas, e o silêncio desceu sobre o pátio. Aislyn encostou o queixo na mão e recordou-se de todos os motivos que tinha para ser feliz. Gawain a amava. Esse era o primeiro e melhor de todos eles. Ele não a respeitava, mas, com o tempo, aprenderia a julgá-la melhor. Contanto que ela fizesse tudo que ele pedisse e nunca questionasse suas decisões, sem dúvida ele a julgaria muito mais inteligente, na verdade.

Dois homens saíram; um deles, um guarda, a julgar pela farda, e o segundo com as mãos amarradas às costas. Parecia muito jovem para ser culpado de algum crime sério, Aislyn pensou, e então, endireitou-se, o olhar se aguçando quando ele se virou por sobre o ombro e ela pôde ver-lhe as feições.

Na ponta dos pés, ela debruçou-se à beira da janela para olhar melhor, mas já sabia quem ele era.

— Launfal!

Não foi Aislyn quem gritou o nome, mas Dinadan, que atravessou correndo o pátio e parou para falar com ele por um momento. Aislyn levou a mão trêmula aos lábios. Ela o reconheceria em qualquer lugar, embora não se parecesse em nada com o adolescente que ela vira pela última vez em Lothian. Era a imagem do pai. Os cabelos eram do mesmo tom de castanho, as feições muito parecidas, e o que faltava a Launfal em largura no peito e nos ombros viria com o tempo.

Quando ele parou para ouvir Dinadan, Aislyn pôde perceber que ele estava apavorado e, no entanto, concordava de vez em quando e, quando se separaram, até conseguiu esboçar um sorriso.

Então, tornou-se de novo seu irmãozinho. Seu sorriso não mudara em nada; era tão suavemente melancólico como sempre fora, e quando ele se afastou, endireitando os ombros, mostrava uma expressão que Aislyn esperava nunca mais ver nele outra vez: a de um sofrimento pacientemente suportado. Com os olhos cheios de lágrimas, ela lembrou-se que Launfal nunca fora alguém de se queixar.

Naquele instante, ela soube que ele era inocente. O que quer que tivessem dito que ele fizera, estavam enganados.

Dirigiu-se rapidamente à porta, mas esta não abriu a seu toque. Puxou e

empurrou, e finalmente bateu com os punhos cerrados.

— Ajudem! — gritou. — Quero sair! A porta está travada!

— Quieta, aí! — uma voz profunda exclamou, assustando-a com a proximidade. — Deve ficar onde está.

— E quem diz isso? — ela retrucou.

— E ordem do rei.

Do *rei*? Confusa, Aislyn olhou para a porta e depois se virou e voltou à janela. Apoiou as palmas na janela e tentou se erguer, mas caiu.

Quando conseguiu arrastar uma estátua de Baco para perto da janela e subir nele, Launfal e o guarda já tinham sumido. Com *cuidado*, ela passou as pernas pelo peitoril, olhando para o chão, dois metros abaixo.

A queda *não* seria nada para uma mulher de vinte e um anos. Para a velha Ragnelle, porém, era o suficiente para quebrar-lhe ossos.

— Oh, maldita seja, Morgana! — resmungou, torcendo-se toda para que pudesse agarrar-se ao peitoril e abaixar o corpo. — Maldita seja, por que você não...

Calou-se com um arquejo engasgado, o coração parecendo que iria quebrar-lhe as costelas. Metade dentro, metade fora da janela, ela viu apavorada quando Morgause saiu para o pátio. Depois de um instante terrível durante o qual teve certeza de que estava prestes a cair de cabeça no caminho de Morgause, ela arrastou-se de volta, caindo da janela e aterrissando de quatro no chão do quarto. Agachou-se debaixo do peitoril, lutando para respirar, um punho comprimido no peito enquanto se esforçava para ouvir a voz de Morgause acima do pulsar do próprio coração enlouquecido.

Finalmente, atreveu-se a espiar pela janela e encontrou o pátio mais uma vez deserto.

O alívio a invadiu, amolecendo seus joelhos. Arrastou-se até a cadeira e sentou-se, a cabeça jogada para trás frouxamente enquanto ela esperava que as batidas do coração se acalmassem.

— Covarde — murmurou assim que conseguiu respirar. — Olhe só para você, quase à beira de um desmaio só de olhar de relance para ela. E logo você, sempre *tão* orgulhosa de seu ânimo. Bem, mostrou muito pouco disso agora mesmo, acovardando-se a ponto de se atirar no chão! O que aconteceu a você?

Estou velha, pensou. Não tenho força para enfrentá-la.

— Bem, é melhor encontrar forças — disse, em voz alta. — Porque é de

seu *irmão* que ela está atrás. Seja lá o que fez com ele, não vai fazer mais. Não enquanto eu estiver aqui para impedi-la

Levantou-se, cambaleando um pouco, e agarrou-se ao espaldar da cadeira.

— Porcaria — resmungou, indo até a janela e subindo no banco. Mesmo aquele pequeno esforço deixou-a exausta, e ela sentou-se por um momento, as pernas penduradas no peitoril. A queda parecia ainda maior agora, e ela estava reunindo coragem quando avistou um homem na beira do pátio.

— Ei, aqui! — gritou. — Sir Dinadan! Ele aproximou-se da janela.

— Sra. Ragnelle. — Olhou-a com um ar interrogativo. — Como está?

— Nada bem — ela respondeu, rispidamente. — O rei mandou colocar um guarda à minha porta. As sobancelhas de Dinadan se arquearam.

— Por que ele faria isso?

— Não sei e não me importo. Preciso sair daqui.

— Senhora, se o próprio rei ordenou...

— Aquele rapaz com quem estava conversando — ela o interrompeu. — Launfal, não é esse o nome dele?

Dinadan franziu a testa.

— E como sabe disso?

— Deixe pra lá. Por que foi preso?

— Matou um cavaleiro...

— Besteira! — ela exclamou, secamente. — Ele *não poderia...* bem, não, a menos que tivesse um bom motivo.

— A senhora o conhece então?

— Conheço desde que foi gerado. E está com um problema. Um problema pior do que você pensa, e preciso conversar com ele *agora*. Vai me ajudar ou não?

Dinadan pendeu a cabeça de lado e pensou um instante.

— Não posso encontrar um único motivo pelo qual eu deveria — disse.
— E uma dúzia pelo qual eu não deveria. Mas, desça sozinha que eu a pegarei.

Assim que estava segura no chão, ela tomou-lhe o braço.

— A senhora não está parecendo muito bem. — Dinadan fitou-a com preocupação. Tem certeza de que deveria...

— Oh, sim, certeza absoluta. Só e leve até o lugar onde Launfal está preso, e depois siga seu caminho. E não discuta comigo, não quero vê-lo metido num problema que você já arranjou.

— Como quiser. — Dinadan levou-a para o portão do calabouço.

— Gawain — Arthur o chamou. — Por favor, sente-se. Quando conversamos ontem...

— Compreendo porque está zangado — Gawain o interrompeu. — Mas existe algo que preciso lhe contar. Sobre Ragnelle...

Arthur levantou a mão.

— Eu sei sobre Ragnelle.

— Sabe? Mas... como poderia?

— Deixe para lá. — Arthur enrubesceu ligeiramente. — A questão é que eu sei, e dei os passos para remediar a situação. Estou à espera de Morgana que deve chegar em breve. Na verdade, eu esperava que ela estivesse aqui antes de hoje. Nesse meio tempo, coloquei Ragnelle sob guarda.

— Obrigado — Gawain disse, a voz cheia de alívio. Arthur afundou-se na cadeira.

— Tive receio de que você pudesse... bem, não importa. Agora, quanto àquele rapaz, Launfal. Pude ver que ficou surpreso em encontrá-lo metido em tal problema. Você o conheceu bem?

— Não muito bem, mas... Ia falar quando a porta se abriu e bateu contra a parede. A rainha parou na soleira e, depois de um olhar para ela, Arthur saltou de pé.

— Guinevere o que foi?

— Arthur... preciso falar com você imediatamente.

— Gawain, espere por mim, sim?

Gawain saiu para a ante-sala, e se pôs a andar de um lado para outro imaginando o que poderia ter abalado a rainha tão profundamente. Ela saíra em companhia de sua mãe e, quando retornara, parecia transtornada.

— O quê? — Mesmo através da porta grossa, a voz do rei era audível. — Mas, por quê?

Gawain cerrou o queixo.

O que foi agora, mamãe? O que disse à rainha?

A porta abriu-se, e Arthur fez um sinal para que ele entrasse. A rainha estava de pé ao lado da janela, de costas.

— Leve isso ao calabouço — Arthur ordenou, estendendo um pedaço de pergaminho com algumas poucas linhas escritas, e o selo real ao pé do documento impresso em cera que ainda estava quente. Gawain relanceou os olhos pela folha e depois para o rei.

— Ele está perdoado? Mas...

— O rapaz foi atacado — Arthur disse, secamente. — Quanto ao que aconteceu a seguir, temos apenas a palavra dele, mas eu lhe devo o benefício de qualquer dúvida que permaneça.

— Posso saber por que Marrek atacou o rapaz?

— Não. Eu o perdoei. Isso é tudo que alguém precisa saber.

— Mas eu gostaria de saber. Eu *preciso* saber... Milady — ele olhou para Guinevere —, se a mão de minha mãe está nisso...

— A culpa foi minha — Guinevere confessou, tensa. — Por favor, sir Gawain, não vamos mais falar sobre o assunto.

— Como desejar, senhora. — Ele inclinou-se numa mesura. A porta, hesitou e depois se virou para o rei. — O que quer que tenha acontecido, não posso acreditar que a rainha seja culpada.

Guinevere não se virou.

— Isso é muito gentil — ela balbuciou, a voz engasgada —, mas...

— Está tudo bem, Gawain — Arthur resmungou com um sorriso tenso. — Não há necessidade de defender a rainha para mim. Pode confiar em mim quanto a isso.

Gawain inclinou-se sem dizer nada e saiu para o calabouço.

Launfal andava de um lado para outro na cela, a mente em torvelinho. Sabia que Morgause chegaria ali, antes dele, mas não contava em encontrá-la sem que tivesse tido a chance de contar sua própria história ao rei. Claro, ele não imaginava chegar a Camelot com pés e mãos amarrados, ou que ficaria alojado no calabouço. Porém, não tinha nenhuma dúvida do que aconteceria a seguir.

Morgause estaria ali em breve. Ele sabia demais para que ela o deixasse

viver.

Eu devia ter falado diretamente com o rei a respeito de Somer Gromer Jour. Dificilmente me encontraria num problema maior do que aquele em que estou agora, e, pelo menos, ele saberia sobre...

Ficou tenso quando a porta estalou e abriu-se atrás dele. Ao se virar, viu Morgause entrar no recinto.

— Senhora. — Ele fez uma mesura e, então, recostando-se casualmente contra a parede, comentou: — Não pode ficar longe de mim, eu vejo.

Morgause riu.

— Pena que eu nunca tenha realmente conhecido você, Launfal. Teria me divertido.

— Creio sim.

— Bem, você tinha seus encantos... — Todo o ar alegre desvaneceu-se de sua face quando ela olhou para a flor que segurava entre os longos dedos brancos. — Nós nos separamos de uma forma terrível, e sinto muito por isso. Meu temperamento... — Ela o fitou por debaixo dos cílios. — Estou contente de não tê-lo marcado — disse, baixinho.

Ele deu de ombros, encarando-a com cautela.

— Fomos felizes um dia, não fomos? — Seus lábios vermelhos curvaram-se num sorriso melancólico.

Launfal a julgara a mulher mais bela do mundo, e agora, por um momento, a antiga admiração despertou dentro dele outra vez.

— Sim, um dia.

— Eu estava errada em retê-lo como fiz — ela continuou —, deveria ter lhe dado mais liberdade. E que... você era tão mais jovem, e tão lindo... tive medo que se cansasse de mim, e eu... Mas deveria ter me lembrado de que você é o filho de um nobre cavaleiro.

O que era aquilo? Desculpas da parte *dela*? Não era possível que ela estivesse falando sério, embora ele não visse nenhuma razão para Morgause mentir para ele, quando estava completamente à sua mercê.

— Se estiver sendo sincera, deveria falar de mim para o rei.

— Pensa que já não fiz isso?

Sim, era precisamente o que ele pensara. Contudo, a voz de Morgause era tão doce em sua censura que Launfal imaginou se não a julgara mal, e

aqueles olhos... ele sentiu-se um pouco atordoado ao fitar aquelas profundezas cor de esmeralda. Com esforço, baixou os olhos para a flor que Morgause virava entre os dedos. Era um cravo, normalmente um presente de uma dama ao seu amado antes que ele partisse para a batalha, e branco pela pureza do amor. Seu perfume encheu o pequeno recinto.

— Mas contra uma acusação tão grave como assassinato, minhas palavras não serviram de nada. Porém, tenho certeza de que você não fez isso.

— Foi um acidente. Só pensei em me defender, e ele caiu sobre o próprio punhal.

Os olhos de Morgause faiscaram.

— Eu sabia que não poderia ser como o rei disse! Se pelo menos Arthur... mas sua decisão está tomada. — Uma lágrima escorreu pelos cílios e reluziu em sua face. Launfal olhou-a, transfixado, enquanto ela continuava: — Você será ser enforcado. Oh, meu pobre garoto, eu sinto muito. Não deveria ter falado sem pensar daquele jeito! Sente-se, eu lhe peço... deixe-me aju...

— Não! Eu... eu estou bem.

— Tão corajoso — ela murmurou, e Launfal estremeceu quando a mão de Morgause acariciou-lhe a face. — Mas o que mais eu poderia esperar do filho de uma casa tão nobre? De um pai assim! Ele era um homem orgulhoso, não era, seu pai? Oh, o que ele diria se soubesse como sua linhagem terminaria... Que para todo o sempre, quando alguém falasse dele, seus feitos corajosos seriam ofuscados pelo destino...

Launfal recostou-se exaurido contra a parede fria de pedra conforme o impacto da frase o atingiu. Morrer era o destino de todo homem, mas enforcado! Era uma morte vil! Não poderia haver maior desgraça. Morgause virou-se para deitar a flor sobre uma mesinha e depois tomou suas mãos nas dela, fitando-o profundamente nos olhos.

— Que um homem tal como você devesse morrer na juventude é ruim o bastante, mas morrer dessa maneira... O filho de sir Rogier de Penhelm, enforcado diante de uma multidão de camponeses zombadores...

— *Não!* — Ele olhou como louco pelo recinto, e seu olhar caiu sobre a mesinha. Ao lado do cravo, meio escondido entre as pétalas, estava um punhal de prata.

Ele o pegou e o ergueu na mão, testando a ponta contra o polegar e olhando a gota de sangue que se formou na polpa do dedo.

— Afiada — murmurou. — Senhora, eu lhe agradeço. Agora, se puder

me deixar...

Ela o fitou cornos olhos cheios de lágrimas.

— Não, por favor, deixe-me ficar com você até... o fim.

O coração de Launfal encheu-se de gratidão por tanta gentileza.

— Como desejar.

Colocou a ponta do punhal de encontro ao coração. Uma estocada e tudo estaria terminado. Respirou fundo, os dedos tensos no cabo...

— Ei, o que é isso? — Ouviu-se uma voz esganiçada. — Ponha esse punhal para baixo, seu idiota!

Launfal ergueu os olhos, imaginando por um momento de confusão que já estava morto e fora para o inferno. Uma aparição fantasmagórica estava parada dentro da porta aberta, os punhos na cintura enquanto o encarava, furiosa.

— Saia! — Morgause ordenou, distintamente, e o ente medonho recuou um passo e caiu sentada com um baque duro. — Continue, meu caro — ela ronronou, afagando-lhe a face e olhando dentro de seus olhos. — Ignore essa criatura, ela não é importante, não importa nem um pouco.

— Não lhe dê ouvidos, Launfal! — A mulherzinha resfolegou, lutando para se erguer.

Morgause a rodeou, os olhos flamejantes, magnificente em sua fúria.

— Eu lhe disse para sair!

— E estou lhe dizendo para manter sua língua venenosa entre os dentes!

— Vovó — Launfal disse, franzindo a testa —, a senhora é tão mal educada quanto inoportuna. Por favor, deixe-nos agora.

— Não vou a parte alguma! Eu...

— Launfal? — Gawain entrou pela porta aberta. — Mamãe, o que está...

— Silêncio! — Morgause berrou, a mão estendida na direção do filho.

Gawain parou no mesmo instante, as palavras morrendo em seus lábios.

— Não se atreva a fazer isso com ele! — a velha esganiçou.

— *Você!* — Morgause berrou, os olhos se estreitando. — Eu *sabia!* — Sua risada ecoou pelas paredes de pedra. — Fora!

Novamente a velha cambaleou e, desta vez, quando caiu, não se levantou. A face de Morgause estava lívida, seus lábios repuxados num esgar

quando ela se virou de novo para Launfal. Ele pestanejou, olhando para o punhal em sua mão. Como aparecera ali? Ele não conseguia se lembrar...

Morgause agarrou-o pelos ombros, os olhos queimando nos dele.

— Termine isso! — ela gritou. — A menos que prefira ser enforcado. Não pode entender que só quero ajudá-lo?

— Pare! — A velha lutou para ficar de pé. — Morgause, *fique imóvel!*

Morgause levou a mão ao pescoço.

— Não pode entender... — ela murmurou com voz rouca. Seu rosto retorceu-se estranhamente conforme ela tentava falar. O nariz começou a encompridar, a afinar, e penas de um negro azulado saltaram de suas têmporas. Seus olhos, reduzidos a contas pretas, faiscavam vermelhos de fúria, e ela gritou como um corvo num campo de outono. Os longos dedos, cheios de crostas e pontiagudos, fecharam-se nas penas em seu pescoço, e Launfal saltou para trás com um grito de pavor.

— Launfal, não olhe para ela! — a velha ordenou. — Preste atenção somente em mim agora e *largue esse punhal!*

A arma caiu de seus dedos para tilintar no chão. Morgause gritou de novo, jogando a cabeça para trás, os cabelos avermelhados a se emaranharem nas penas de corvo que cobriam suas costas. Então, ela guinchou uma palavra numa linguagem que Launfal não conhecia, e a velha soltou uma risada terrível.

— Não consegue fazer melhor que *isso*? Não está se esforçando de verdade!

Morgause pareceu encolher-se para dentro de si mesma.

— Eu deveria fazer isso — a velha resmungou. — Seria uma gentileza, realmente. — Olhou para Gawain, que ainda estava de pé na soleira da porta, aparentemente tão paralisado de horror como Launfal estava. — Mas não creio que eu possa — emendou, com um suspiro, e depois, erguendo a voz, murmurou: — Morgause de Orkney, volte.

Tão súbito como antes, Morgause era ela mesma de novo, com uma expressão mesclada de fúria e terror contorcendo-lhe as feições. Inclinou-se para pegar o punhal de prata no chão, enfiando-o dentro do bolso da saia e, quando se endireitou, recobrou a pose.

— Adeus — disse a Launfal. — Tentei ajudá-lo, mas... — Com um dar de ombros, afastou-se.

A mão de Gawain esticou-se e agarrou-a pelo braço.

— Vá embora! — disse, ríspido. — Volte para Lothian e fique lá.

Morgause livrou-se dele.

— Já resolvi fazer isso — avisou, com altivez. Olhou para a velha, recostada contra a parede, exausta. — Ah, e felicitações pelo seu casamento, Gawain. Creio que será feliz como merece.

Aislyn escorregou pela parede e fechou os olhos, então ouviu Gawain dizer:

— Você está bem?

— Já estive melhor. Mas ficarei bem. Só preciso recuperar o fôlego, é tudo.

Aislyn abriu os olhos e se deparou com Gawain ajoelhado a seu lado, parecendo ainda pior do que ela se sentia. O rosto dele estava branco como a morte e as pupilas tão dilatadas que apenas uma fina borda acinzentada aparecia. Ela estendeu a mão...

Mas Gawain já estava de pé.

— O pôr-do-sol está quase sobre nós — ele disse, tenso. — Creio que ficará recuperada.

Ela concordou.

— Gawain, sinto muito. Mas eu não tive escolha.

— Sempre temos uma escolha — ele respondeu, e quando Aislyn ia dizer mais alguma coisa, ele meneou a cabeça. — Agora, não.

Estendeu o pergaminho a Launfal.

— O perdão do rei.

— Perdão? Oh, Sir Gawain, eu lhe agradeço.

— Não tenho nada a ver com isso. O rei certificou-se dos fatos e você está livre. Boa sorte.

Seu olhar correu para Aislyn mais uma vez quando saiu pela porta.

— Vovó — Launfal murmurou. — Creio que lhe devo meus agradecimentos.

— Você me deve sua *vida*, e pare de me chamar de vovó. Sou sua irmã.

— Minha... — Launfal soltou uma risada meio enlouquecida. — Ficou maluca?

— Diga-me você. Tentando acabar com a própria vida... o que estava pensando?

— Eu... mal sei dizer agora.

— Seu piolho boboca. Venha e me dê sua mão. Launfal parou, a *mão* estendida.

— Do que me chamou?

— Chamei de piolho boboca, é isso o que você é, parado aí como um lunático quando... Ah! Oh, Senhor... Vire-se — ela gemeu. — Depressa! Não deve olhar...

O encanto de Morgana era superior ao seu em um aspecto, Aislyn refletiu ao sentar-se. Funcionava muito mais depressa. Porém mesmo assim, era horivelmente desagradável.

Launfal ficou de costas contra a parede com uma expressão de repulsa na face.

— Tudo bem, tudo bem, eu sei que não é bonito, mas você só pode culpar a si mesmo. Eu lhe *disse* para se virar, não disse?

— Aislyn... — ele gaguejou, com voz rouca.

— Tem outra irmã? — Ela riu diante de sua expressão. — Você não está louco, Launfal. Eu estava encantada, é tudo.

— *É... tudo?*

— Bem... na verdade, há um bocado mais que isso. Mas primeiro, venha cá e deixe-me beijá-lo.

— Então, sir Gawain... — Launfal parou do lado de fora da porta do quarto, as mãos nos ombros de Aislyn. — Você e ele...

— Está acabado — Aislyn disse, bruscamente. Bateu à porta e quando não houve resposta, abriu-a e entrou.

— Mas... você fez isso... por *mim*?

— Claro que fiz. Não vamos falar sobre isso agora — ela emendou, mordendo o lábio. — Só quero acabar com tudo e ir embora.

— Para onde iremos? — Launfal indagou quando ela foi até o baú e começou a recolher seus pertences.

— Pensei... por algum tempo... Tenho uma cabana onde estava morando antes...

Launfal sentou-se no banco.

— Isso me servirá bem. Mas creio que deveria falar com sir Gawain antes de partimos.

— Poupe o fôlego. Ele tomou sua decisão e não há nada a ser feito.

— Mas se você promettesse renunciar à magia agora...

— Não farei isso. Oh, eu poderia dizer, mas não estaria falando a sério, e Gawain saberia. Ele não consegue suportar a magia...

— Tenho uma certa simpatia por ele quanto a isso — Launfal murmurou.

— E você tem todo direito de se sentir dessa maneira, tal como Gawain. Ele é um homem, Launfal, não apenas como... isto é, eu não... — Aislyn passou a manga do vestido pela face. — Mas pretendo deixar as coisas acertadas para ele antes de ir embora.

Ela nada mais tinha além de seu velho vestido verde para usar e nenhum enfeite com que se adornar. Mas escovou os cabelos até que reluziram como cobre polido à luz das velas, e arrumou-se para que caísse como um manto por suas costas.

— E então? — disse a Launfal. Ele concordou.

— Você é que manda.

— Ótimo — ela resmungou, tensa. — Fique por perto. Isso será bem ruim, não quero ter de procurar por você quanto tudo estiver terminado.

— Como minha irmã quiser. — Ele inclinou-se numa medida exagerada.

Aislyn estendeu a mão, e os dedos fortes e quentes do irmão se fecharam em torno dos dela.

— Sou uma irmã malvada, não é?

— A pior. Mas como você é a única que eu tenho, terei de agüentar.

— Piolho.

— Bruxa.

Ela apertou-lhe a mão com força.

— Eu nunca deveria tê-lo deixado em Lothian.

— Você se acostumou com isso antes.

— Nunca me acostumei com isso.

— Humm. — Launfal franziu a testa, olhando para o alto como se pensasse no assunto. — Realmente, é provável que você esteja certa. Mas vou permitir que peça meu perdão. Não posso prometer que o darei, mas você terá permissão para tentar.

Aislyn riu com lágrimas nos olhos.

— Não posso imaginar por que senti tanta saudade de você!

— Sentiu? Não, deixe para lá, pode me contar depois. Vamos acabar com isso e dar o fora daqui.

Ela olhou ao redor do quarto. Estava exatamente como naquela primeira noite; absolutamente singelo, com os quatro gatos esparramados pela cama, Sooty no lugar de honra sobre o travesseiro de Gawain.

— Sim — ela murmurou. — É hora de ir.

Gawain saiu do calabouço para as sombras do crepúsculo e o céu já cheio de estrelas. Instintivamente, evitou o pátio, onde a multidão se reunia para a festa. Deveria estar lá. Esperava-se que todos os companheiros do rei estivessem com ele, porém Gawain não conseguia obrigar-se a encarar alguém ainda.

Em vez disso, seguiu para os jardins e parou, olhando a água escorrer da fonte.

Engoliu em seco convulsivamente, o estômago revoltado ao se recordar da mão de sua mãe se erguendo, cortando suas palavras. Sentira-se do mesmo jeito depois do encontro com o Cavaleiro Verde, enjoado e envergonhado. Nada a ver com magia dera certo para ele. Nenhum perigo terreno jamais o fizera sentir-se tão fraco e impotente. Magia era uma arma contra a qual ele não tinha defesas.

Não houvera nada que ele pudesse ter feito pouco antes no calabouço. Simplesmente ficara parado lá, mudo e imóvel como uma pedra, enquanto Aislyn desafiava a Rainha do Ar e das Trevas, e a derrotara.

Aislyn não era uma mera bruxa limitada. Era uma feiticeira de enorme poder, do tipo que não aparecia só por que se quer. Trabalhara arduamente por isso. Tal como ela tentara lhe dizer antes. Ele não poderia mais impedi-la de empunhar essa arma tanto como ela não poderia evitar que ele erguesse a espada em defesa daqueles com quem se importava.

Isso não tinha nada a ver com obediência. Aislyn era o que era, e exigir que fosse algo diferente, não apenas era cruel, mas inútil. A questão resumia-se em saber se ele poderia conviver com aquilo que ela era e manter a

sanidade.

Como se sentiria seguro, sabendo o tipo de poder que Aislyn tinha a seu dispor? Ela era tudo o que ele temia, e mesmo assim, era também a única mulher que ele amara.

E sempre amaria. Era um homem simples, na verdade, e tendo dado a ela o coração, perdera-o para toda a eternidade. Mas poderia viver sem amor.

Já comprovara que conseguiria viver sem Aislyn. Mas teria condições de voltar a simplesmente existir quando sabia agora o que era viver com ela? Poderia pelo menos tentar?

Ela era orgulhosa e teimosa, com um temperamento que poderia conduzi-la a uma tolice. Esses eram defeitos que ele não encarava com levandade, pois eram seus também. O máximo que diria em sua própria defesa era que ele conhecia suas fraquezas e lutava contra elas todo dia. Não poderia pedir mais a Aislyn; não aceitaria menos da mulher com quem compartilharia a vida. Melhor viver sozinho que ligado a uma mulher que não poderia respeitar, ou uma que não o respeitasse.

Será que Aislyn *realmente* o respeitava?

Com a cabeça inclinada, pensativo, ele seguiu para o quarto. Ao parar no limiar da porta aberta, percebeu que não poderia fazer aquelas perguntas difíceis e penosas a Aislyn, pois ela e seus pertences já tinham sumido.

Quaisquer dúvidas que Aislyn pudesse abrigar sobre sua aparência foram eliminadas assim que ela entrou no salão. Os serviços das mesas mais baixas cutucavam uns aos outros, cochichando, conforme ela passava. Escudeiros a fitavam de boca aberta, a comida das travessas a escorregar para o chão onde os cães a pegavam, rosnando e brigando por aquele inesperado banquete.

Cabeça erguida, ela passou por eles até as mesas dos cavaleiros.

O silêncio desceu como uma mortalha. Sagramore engasgou-se com um pedaço de carneiro e ninguém nem pensou em lhe dar um tapa nas costas. Kay deixou cair seu cálice com um baque. Friflet inclinou-se tanto para trás a fim de ter uma visão melhor de Aislyn que caiu da cadeira.

Mesmo assim, ela continuou até parar diante da mesa alta. O rei parou o cálice a meio caminho dos lábios. Guinevere olhou de seu soberano para Aislyn, os olhos estreitados.

— Meu rei — disse Aislyn —, desejo-lhe uma boa noite. Permitirá que eu... — Pisou no tablado e um murmúrio percorreu o salão.

Aislyn ergueu a mão, pedindo silêncio. Quando todos se calaram, ela inclinou-se diante do rei e da rainha.

— Agradeço por sua cortesia em me receber. Uns poucos instantes de seu tempo é tudo que peço... de Vossa Majestade e o dessa gentil companhia.

— Sorriu, apontando para o salão lotado. — Bom povo, vim contar uma história maravilhosa. Alguns de vocês já a conhecem, mas se forem pacientes, creio que posso surpreendê-los.

— Prossiga — Arthur falou, gentilmente. — Tem minha plena atenção.

— Obrigada. — Aislyn dirigiu-lhe um sorriso que trouxe um brilho cálido às faces do rei. — Esta história começa com Vossa Majestade e o que lhe sucedeu na floresta de Inglewood num dia da última primavera. Como todos sabem, nosso bom rei Arthur foi atacado e derrotado por um cavaleiro que chamava a si mesmo de Somer Gromer Jour. Esse cavaleiro exigiu que em troca da vida do rei, ele respondesse uma simples pergunta: o que é que todas as mulheres desejam? Foi essa a condição, não foi, Majestade?

— Foi — Arthur concordou.

— O rei tinha um ano para encontrar a resposta. Durante esse ano, ele e seu herdeiro e sobrinho, sir Gawain, viajaram por todo o reino, pedindo a inúmeras mulheres que os esclarecessem. Procuraram nas altas como nas baixas esferas e, durante a jornada, recolheram um enorme tomo cheio de respostas a essa pergunta. Algumas delas eram sábias e outras, tolas, mas, que pena, nenhuma era aquele que o rei procurava. Ele e sir Gawain suspeitavam disso, embora, sendo homens, não tivessem nenhuma real idéia.

Enquanto Aislyn esperava que a explosão de riso das damas se acalmasse, ela vislumbrou de relance um movimento na porta ao fundo do salão, mas era apenas Lancelot chegando atrasado à festa. Seu coração alegrou-se ao ver um homem alto e loiro atrás dele, e quando ele entrou sob a luz, não era Gawain, e sim um estranho.

— Eles se encontraram no dia marcado — ela continuou —, o rei e sir Gawain, com o livro de respostas. E eu lhes digo, senhores, com toda honestidade, que naquele belo dia de primavera, seu rei estava cavalgando para a morte.

A última risada morreu; o povo a observava, enlevado.

— Mas algo aconteceu no caminho, como certamente vocês adivinharam, por eis sentado aqui seu rei, vivo e bem. E o que aconteceu foi isso: eles encontraram uma velha senhora na floresta, e era uma criatura

horrenda. Suas costas eram curvadas numa corcunda, sua pele enrugada, seus dentes... Bem, não há necessidade de descrevê-la inteiramente.

É suficiente dizer que ela era uma senhora bastante *detestável*. Contudo por mais malvada e horrorosa que fosse, tinha uma coisa que o rei precisava: a resposta à pergunta. E ela ofereceu a resposta a ele... mas não de graça. Lamento dizer aquela senhora medonha pediu um dízimo terrível. Em troca da resposta, a única coisa que salvaria a vida do rei, tenham em mente, ela exigiu que seu mais leal cavaleiro, seu próprio sobrinho, sir Gawain, a tomasse por esposa.

Aislyn esperou um momento, deixando que os murmúrios de espanto cessassem enquanto esquadrinhava o salão à procura de Gawain, no entanto não conseguiu localizá-lo. Por fim, ela ergueu a mão e quando o silêncio se instalou, ela prosseguiu:

— Que sir Gawain concordasse não seria nenhuma surpresa para aqueles que o conhecem. Mas pergunto agora, qual de vocês, cavaleiros, fariam o mesmo? Todos a viram. Ela viveu entre vocês, não viveu? Vocês não sabiam por que sir Gawain optara por se casar com aquela criatura horrível, pois ele também tinha um preço a pagar por sua participação em salvar a vida do rei Arthur. Diga-me, meu soberano, não foi isso que aconteceu aquele dia?

— Foi — Arthur concordou —, embora eu não saiba como milady tenha adivinhado tais coisas.

— Chegaremos lá em tempo. Sir Gawain casou-se com essa senhora. Vocês todos foram testemunhas do casamento. E muitas piadas foram feitas à custa dele. Não riram à socapa? Não insultaram a senhora que ele desposou? Vocês, cavaleiros de Camelot, juraram proteger os fracos e respeitar os idosos... quantos foram sinceros em seus votos?

Olhou para cada um deles, seu olhar pousando mais longamente em Lancelot. Só quando ele enrubesceu e desviou o olhar, ela seguiu adiante, parando em Dinadan. Para ele, Aislyn sorriu, e ele esboçou um sorriso com um brilho especulativo nos olhos.

— Não muitos, lamento dizer. Aquela velha senhora recebeu pouca mostra de caridade de vocês. Quanto a sir Gawain... — Ela meneou a cabeça com tristeza. — Tinham diante de si um homem punido por nenhum motivo aparente, e pelo fato de ele agüentar isso sem reclamar, vocês acreditaram que o castigo era merecido. Esqueceram-se de quem ele era, de quem ele sempre foi. O mais fiel e mais honrado dos cavaleiros, e presumiram que fosse culpado de algum pecado secreto. Vocês o julgaram e o condenaram... —

Olhou diretamente para a rainha. — E se divertiram com sua desgraça.

Os olhos de Guinevere faiscaram, a vergonha e a raiva batalhando em seu semblante.

— Milady — Arthur protestou —, está sendo muito dura...

— Estou? Talvez, meu soberano; confesso espontaneamente que não sou um juiz imparcial. Há ainda outro segredo oculto nesta questão, e eu o contarei agora. Aquela senhora que sir Gawain tão generosamente tomou por esposa não era uma simples mulher curvada pela idade. Era uma criatura encantada, uma moça amaldiçoada para ostentar a forma de uma velha até que um cavaleiro sincero conquistasse sua liberdade. Ela era, na verdade, ninguém mais que *eu* mesma.

Gritos de assombro e incredulidade seguiram-se àquele pronunciamento.

— Sim, eu sou a sra. Ragnelle. — Aislyn ergueu a voz para ser ouvida acima do tumulto. — Vivi entre vocês, incapaz de pedir ajuda ou revelar minha situação dolorosa. O encantamento cruel que me prendia só poderia ser quebrado por alguém, cuja honra brilhasse mais radiosamente que o sol, e muitos testes e provas sir Gawain suportou para se comprovar esse cavaleiro.

E então, quando menos esperava, Aislyn viu Gawain, recostado contra a parede, braços cruzados ao peito.

— No entanto, ele venceu as dificuldades — ela prosseguiu, sem ousar relancear os olhos para ele outra vez. — Não por ganho ou lucro, nem mesmo por pena de meu estado, pois ele nada sabia de mim tanto quanto qualquer um de vocês. Contudo, ele, que acima de todos os outros, tinha toda razão para me detestar, nada mais me mostrou além de cortesia e delicadeza. Ele disse adeus a toda esperança de uma união adequada a seu *status*, e no entanto, esse foi apenas o início de sua provação. Quantos de vocês suportariam tanto escárnio como ele sofreu em silêncio, o tempo todo sabendo ser completamente imerecido? Eu lhes digo com toda a honestidade que meu encantamento logo pareceu um nada se comparado à vil calúnia lançada sobre o caráter de um cavaleiro tão nobre.

Ela calou-se, a respiração rápida e entrecortada. Cabeças se voltavam, e um burburinho percorreu o salão quando olharam para Gawain. Se ele estava ciente da agitação que provocava, não deu sinal. Simplesmente continuava a observar Aislyn com olhos velados, a expressão nada revelando de seus pensamentos.

— Tenho bons motivos para considerá-lo o mais admirável cavaleiro de todo o mundo. Por isso, aqui estou postada diante de você, restaurada ao meu verdadeiro ser, e aqui está sentado nosso rei, tão saudável e animado como sempre esteve, e assim pode continuar com a graça de Deus por muitos e longos anos.

Aislyn inclinou-se de novo diante do rei e da rainha, e mais uma vez olhou para o salão.

— Agradeço a vocês pela paciência, e digo adeus a todos.

— Adeus? — Arthur gritou. — Mas...

— Diga-nos como sir Gawain quebrou o encanto! — uma mulher exclamou.

A garganta de Aislyn estava apertada com as lágrimas não derramadas, mas ela conseguiu dar um jeito de rir.

— Isso cabe a ele contar, ou não, como achar melhor. Ele também está livre agora. Nosso casamento não foi uma união vinculante, baseada em falsidades. — Por fim, ela achou coragem para encontrar os olhos de Gawain através do salão.

A expressão de Gawain não se alterou. Aislyn virou-se e fez uma reverência apressada ao rei e a rainha antes de sair do salão.

— Você fez muito bem — Launfal disse a ela quando saíram juntos para o pátio. Suas palavras eram suaves, mas o braço era firme em torno dos ombros de Aislyn conforme a guiava pelo calçamento. — Conversei com sir Dinadan antes, e ele concordou em me emprestar um cavalo. Espere aqui, vou buscá-lo.

Aislyn sentou-se num degrau de montaria e descansou a cabeça na mão.

Não pense, não agora. Faça o que precisa ser feito e pode pensar nisso mais tarde.

Ao sentir um leve toque no ombro, ergueu os olhos, esperando ver o irmão, mas era Gawain que se postava ao lado dela.

— Aquilo foi humilhante além do limite.

Ela deu de ombros.

— Você poderia ter ido embora.

— Eu quis. Era como um pesadelo que às vezes eu tenho. — Gawain sentou-se ao lado dela. — Já sonhou que estava vivendo um dia comum... que

estava no mercado, digamos, ou no salão... e de repente percebe que não está usando nada, está nu em pelo?

Aislyn riu.

— Foi assim — Gawain murmurou. — Eu parecia não poder me mexer.

— Só falei a verdade.

— Parte dela...

— Claro! Para contar a história inteira, eu teria de voltar ao momento de meu nascimento. Duvido que a corte ficasse sentada a noite toda enquanto eu explicava os motivos de cada decisão que já tomei!

— Você exagerou vergonhosamente.

— Só devolvi o que tinha tirado de você — ela disse, cautelosa.

— Espera que eu lhe agradeça?

— Não se dê o trabalho. Eu não gostaria que você se machucasse.

Os olhos de Gawain estavam sombrios sob a luz bruxuleante lançada pelas tochas acima de suas cabeças. Ele tocou a face de Aislyn onde uma lágrima brilhava.

— Aislyn... Você jamais irá obedecer a um homem, irá?

— Não. — Ela franziu a testa e olhou para o chão sob seus pés. — Mas se um homem conquistasse meu respeito, eu lhe pediria a opinião.

Gawain segurou-a pelo queixo e virou-lhe a face, encarando-a.

— E você ouviria?

— Sempre. — Ela soltou uma risada engasgada.

— Isso não quer dizer que *concordaria*.

Ele poderia estar enganado.

— O que aconteceu hoje... — Gawain estremeceu.

— Isso me enoja.

— Eu sei. A duquesa da Cornualha uma vez me disse que existe muito mais na magia do que apenas aprender os sortilégios. Depois do que eu vi hoje, sei exatamente o que ela quer dizer. Esse tipo de poder... não o quero mais.

— Então você vai...

— Mas dadas as mesmas circunstâncias — ela terminou, com tristeza —,

eu faria a mesma coisa. Sinto muito. Gawain, mas essa é a verdade.

Ele concordou.

— Eu sabia que você diria isso. Entendi que há horas em que a feitiçaria só pode ser combatida de igual para igual. Isso não quer dizer que gostarei dela, mas se você pedisse minha opinião primeiro... e a ouvisse...

— Contanto que seja sensata — ela murmurou, e um sorriso surgiu em seus lábios.

— Fui menos que sensato alguma vez? Não se esqueça, sou o mais admirável cavaleiro de todo o mundo, um cuja honra brilha mais radiante que...

— Tem razão.

Com um sorriso complacente, Gawain deslizou o polegar pelos lábios de Aislyn.

— Tenho?

— Sim. Eu *realmente* exagerei.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Não sou todas aquelas coisas?

— Algumas delas.

— Algumas? Quais?

— Não decidi ainda.

— Humm. — Ele a fitou com olhos semicerrados. — Quando vai decidir?

— Pode levar algum tempo.

Gawain sorriu lentamente.

— Um longo tempo? Talvez... uma vida inteira?

— Pode ser. Isto é, se...

O olhar de Gawain desviou-se para um ponto além de Aislyn.

— Ah — disse, baixinho. — Morgana está aqui.

Aislyn levantou-se. Sua boca ficou seca e seus joelhos tremiam quando a duquesa veio caminhando dos estábulos.

— Morgana! — Gawain chamou.

— Oh, meu querido. — A duquesa se aproximou, estendendo a mão

para ele. — Começava a pensar que nunca chegaria aqui! Meu cavalo afundou num... Ora! Sra. Ragnelle, não é?

— Às vezes — Aislyn respondeu, inclinando-se numa mesura. — Mas hoje, sou Aislyn.

— Uma imensa melhoria, devo dizer.

— Concordo — disse Gawain. — E você me faria um imenso favor se pudesse tornar a mudança permanente.

O sorriso de Morgana desvaneceu-se.

— Não está em meu poder libertá-la.

— Claro que está! — Aislyn gritou. — O encanto foi seu. Pode revertê-lo.

Morgana tocou-lhe a face.

— Não posso. Sinto muito, mas essa é a verdade. Você, como todos nós, está nas mãos da Deusa agora.

— Oh... — A voz de Aislyn sumiu. Gawain puxou-a e enlaçou-a nos braços. Aislyn encostou o queixo em seu peito e, então, afastou-se.

— Encontrarei um meio de libertá-la — Gawain assegurou.

— Mas isso poderia levar...

— Não me importo quanto tempo leve. Aislyn... — Empalmou-lhe a face na mão forte. — Preferiria passar metade de minha vida com você do que a vida inteira com qualquer outra mulher.

— Você não fala sério — Aislyn disse, chorando. — Não posso lhe dar filhos, ou viajar com você, ou...

— Não me importo.

— Claro que se importa. Deixe-me ir embora, Gawain... Launfal e eu voltaremos para minha cabana. Você pode me visitar lá quando... quando quiser. Assim ficará livre e se resolver... isto é, se encontrar alguém...

— Não.

— Mas...

— Eu disse, *não*. Você ficará aqui.

Aislyn fitou-o com raiva.

— E se eu não *quiser* ficar?

— Você *quer* me deixar? Seria mais fácil se tivesse dito isso desde o

princípio.

Ela esmurrou-lhe o peito.

— Se você pelo menos *ouvisse*, saberia que isso não é verdade. Mas voltar a ser... sua... diante de toda essa gente... Por quanto tempo você iria suportar, Gawain? Quanto tempo levaria até que viesse a arrepender-se de sua decisão?

— Jamais.

— Você diz isso agora, mas dentro de um ano... dez anos... pode encontrar alguém, uma moça que lhe dará uma dúzia de filhos e nunca lhe dirá "não".

— Tarde demais. Já estou casado.

— Não está. Você é *livre*.

Gawain puxou-a com força contra o peito.

— Nunca ficarei livre de você. E você nunca ficará livre de mim. — Beijou-a, e Aislyn derreteu-se contra ele, os braços a enlaçá-lo pelo pescoço.

Morgana limpou a garganta.

— Não precisaria ser durante o dia, sabe... Aislyn virou-se para ela.

— O quê?

— O tempo que você passa na forma da velha. Poderia ser de noite. Isso, pelo menos, eu posso fazer por você.

Aislyn pousou as mãos no peito de Gawain e o fitou dentro dos olhos.

— O que será?

A noite.

Gawain quase berrou a resposta. Se Aislyn ficasse com ele durante o dia, ele poderia compartilhar a melhor parte de sua vida com ela. Acordaria com ela... bem, contanto que tomasse cuidado para não acordar muito cedo. Porém, certamente entraria no salão todas as manhãs com sua esposa pelo braço, jantaria com ela, cavalgaria com ela...

— Aislyn? — Launfal apareceu na beira do pátio.

— Podemos...

— Oh! — Aislyn recuou. — Nós iremos... isto é, acho que iremos...

— Vocês vão ficar — disse Gawain. — Launfal, eu não tive a oportunidade de lhe dizer como fiquei feliz em vê-lo outra vez. Morgana, este

é o irmão de Aislyn, Launfal.

Morgana inclinou a cabeça para o rapaz.

— Gawain, podemos ter sua resposta agora? — ela perguntou.

— Sinto muito. Mas eu gostaria de pensar um pouco mais.

— Bem, então, Launfal, vamos deixar sir Gawain com suas reflexões e procurar algo para comer, juntos?

— Não creio que eu deveria... isto é, não seria apropriado para a senhora... — Launfal desviou os olhos. — Veja, Vossa Graça, eu era prisioneiro do rei esta manhã...

— É mesmo? — Morgana arqueou as sobrancelhas. — Que família tão... interessante você arranjou com o casamento, Gawain. — Aislyn indignou-se, mas antes que pudesse falar, Morgana continuou: — Venha cá, meu rapaz, deixe-me olhar para você. — Puxou Launfal para o círculo de luz da tocha e fitou-lhe a face. — Você não tem ar de um criminoso para mim. — Ela sorriu. — Vamos, parente, pode me contar suas aventuras enquanto comemos.

Launfal não protestou e deu o braço à duquesa, seguindo com ela para o salão. Aislyn ia acompanhá-los, mas Gawain segurou-a pela mão.

— Não me deixe. Morgana cuidará dele.

— Está bem. — Ela sentou-se nos degraus que conduziam ao salão. — Ficarei.

Gawain sentou-se ao lado dela e tomou-lhe a mão na sua, entrelaçando os dedos aos de Aislyn. Sorriu diante da sensação da pele macia em contraste com sua palma calejada.

— O que você decidiu? — ela quis saber.

— Estou *pensando*.

— Vai levar muito tempo?

Ele passou o braço pela cintura de Aislyn e puxou-a para perto, descansando o queixo em seus cabelos.

— De qualquer jeito, não será para sempre. Eu *encontrarei* um modo de libertá-la.

— Tenho permissão para ajudar? Ou deverei ficar sentada de braços cruzados esperando que você venha me resgatar?

— Você? Sentada de braços cruzados? Gostaria de ver isso. — Gawain inclinou-lhe a face para cima e beijou-a uma vez e depois, como se tivesse

acabado muito depressa, mais outra.

— Isso ajuda você a pensar? — Aislyn murmurou, sem fôlego.

— Sim, ajuda — ele respondeu, com firmeza, e logo os braços de Aislyn rodeavam seu pescoço.

Gawain enterrou os dedos pelos cabelos macios enquanto se inclinava para lhe beijar o pescoço. Aislyn estremeceu, jogando a cabeça para trás, e...

— Sir Gawain? — Uma voz de homem se fez ouvir. Gawain suspirou.

— Sim?

— Perdoe-me. Mas há alguém que deseja conhecê-lo,

Gawain soltou Aislyn, que arrumou os cabelos, um rubor rosado a lhe tingir as faces. Santo Deus, mas como ela era linda! Ele teve de obrigar seu olhar a desgrudar dela e encarar o homem que o interrompera. Era, obviamente, um saxão, mas isso importava menos de que o fato de que o estranho tinha os olhos cravados em Aislyn sem fazer a menor tentativa de esconder a admiração.

Talvez fosse melhor ter Aislyn para mim à noite.

Descartou o pensamento como indigno de ser levado em conta, embora Aislyn olhasse direto para o saxão, franzindo a testa como se tentasse reconhecê-lo. Gawain pensou que ele parecia familiar também, embora não conseguisse recordar...

— Ora, é... Torquil, não é? — Aislyn disse, sorrindo.

— Sir Torquil — Lancelot disse, atrás do saxão.

— Encontrei-o com seu grupo na estrada; estava a caminho de Camelot, e muito ansioso para falar com você, Gawain.

Torquil inclinou-se diante de Aislyn.

— E a senhora ser... Ragnelle? — Arqueou a sobrancelha com ar cético.

Aislyn riu, levantou-se e estendeu-lhe a mão.

— Você foi à minha cabana — disse. — Mas diga-me como está lady Elga! E o bebê... a menina está bem? A mãe dela chegou?

— Cheguei. — Uma mulher alta saiu das sombras.

— Sou Mathilda, e alcancei minha filha na manhã seguinte. Ela e a criança estão bem.

Mathilda? Gawain conhecia aquele nome. Ela era... quem era mesmo?

Alguém de importância, ou não teria ouvido falar dela.

— Oh, fico feliz ao saber disso. Nunca fiz o parto de um bebê antes — Aislyn disse, num tom de confiança. — E não sei como teria me arranjado se lady Elga não fosse tão corajosa.

Os olhos de Mathilda se suavizaram.

— Milady é tudo o que ela me disse... e, no entanto, nada parecida. Não entendo isso... algum encantamento?

— É confuso, não é? — Aislyn a fitou. — Posso lhe apresentar sir Gawain, minha senhora?

Gawain inclinou-se numa medida respeitosa.

— Ah, sir Gawain, ouvi falar do senhor também. — Não disse mais nada, mas sorriu calorosamente.

— Sir Torquil, já conhece sir Gawain — Aislyn continuou —, embora eu não creia que tenham sido devidamente apresentados.

— Não, não fomos — Gawain adiantou-se. — Você me viu numa situação de desvantagem...

— É mesmo? — Torquil esboçou um sorriso. — Eu dizer que Gudrun estar em desvantagem...

— Calma, Torquil. — Um homem mais velho, de face cansada e olhos gentis, adiantou-se para pegar a mão de Aislyn. — Milady, sou o rei Aesc.

— Boa noite, Majestade. Estou honrada em conhecê-lo.

— Sir Gawain — Aesc inclinou a cabeça para ele.

— Creio que lhe devo desculpas. Confiei no relato de meu irmão Gudrun a respeito do encontro de vocês, que sei agora ter sido... incompleto.

Torquil bufou, mas Gawain apenas inclinou-se sem dizer palavra.

— Bem, então — Lancelot disse, animado —, agora que as apresentações foram feitas, vamos nos juntar à festa? Sei que o rei está ansioso para cumprimentá-lo pessoalmente.

Assim que atravessaram o pátio, Aislyn virou-se para Mathilda.

— A viagem não foi muito difícil, espero.

— Não muito — a senhora retrucou. — Vim de Wessex.

— Wessex? — Aislyn franziu ligeiramente a testa, e depois sua expressão iluminou-se quando ela, tal como Gawain, perceberam que aqueles

saxões eram os parentes problemáticos do rei Aesc, de Wessex, aqueles que recusavam cada convite para a corte de Arthur. — Oh, Wessex! O rei Ceredig é o governante, não é? A senhora o conhece?

— Eu diria que sim. — Mathilda sorriu. — É o meu marido. E agora, sir Gawain — disse, pousando a mão no braço dele —, poderia fazer a gentileza de me apresentar a seu rei?

O grupo de saxões parecia estar apreciando a festa, o que agradou Arthur. Gawain estava feliz também, embora não conseguisse manter a mente focada nos saxões no momento. Era gratificante que o rei Aesc tivesse se desculpado, e Mathilda prometido convencer o marido a encontrar-se com Arthur, apesar de não poder garantir o resultado. Mesmo assim, era quase um triunfo, só que claro, não era realmente de Gawain.

Era de Aislyn.

Diferentemente de Guinevere, ela não se arrumava para ficar encantadora. E embora a rainha fosse versada em deixar seus hóspedes à vontade, era Aislyn quem os fazia rir com uma descrição espirituosa da visita de Torquil à sua cabana.

Gawain apoiou o queixo no punho, observando enquanto Aislyn discutia as propriedades medicinais das ervas com Mathilda.

Ele estava farto de banquetes e tagarelices. Queria levar Aislyn para o quarto. Mas primeiro, tinha de encontrar Morgana, antes que ela desaparecesse de novo, e lhe contar sua decisão.

Imaginou Aislyn estendida na cama com o luar a lhe banhar o corpo esguio. Pensou nela caminhando orgulhosa ao seu lado com o sol nos cabelos.

Como poderia um homem fazer tal escolha? Contudo, tinha de ser feita, e depois aturada, pois assim que ele se resolvesse, nenhuma palavra de queixa passaria por seus lábios.

Por fim, os saxões se retiraram e, logo depois, o rei e a rainha se recolheram também.

— Iremos procurar a duquesa? — Aislyn indagou.

— Sim. — Gawain suspirou e chamou um pajem. — Creio que devemos.

— Importa-se de me contar sua decisão? — ela perguntou enquanto esperavam. — Ou será uma surpresa?

— Vou lhe contar. — Ela o fitou, na expectativa, e Gawain fez uma careta. — Assim que eu souber.

— Oh, Gawain. — Aislyn enfiou a mão na dele. — E horrível, não é: Tem certeza de que deseja estar casado com...

— Absoluta. — Ele beijou-lhe os dedos. — Só preciso planejar os detalhes.

Contudo, ele julgava que já tinha a resposta. Não suportaria dormir ao lado da velha toda noite, sabendo que poderia ter Aislyn nos braços. Teria de aceitar o fato de que ela seria a velha durante o dia.

No mesmo instante, uma imagem formou-se em sua mente, de Ragnelle dando saltos no jardim. Sim, seria difícil encarar a corte de novo com ela a seu lado, mas ele o faria se fosse preciso. E Ragnelle não era tão terrível.

Sua mente divagou outra vez, virando e revirando as mesmas peças do quebra-cabeça, porém por mais que ele tentasse, na conseguia fazê-las formarem uma imagem agradável.

Quando o pajem retornou, Gawain não estava mais perto da resposta, embora tivesse conseguido uma latejante dor de cabeça.

Ora, apenas escolha um dia ou noite, o que importa?, pensou, impaciente, aliviado que sua provação estivesse para terminar.

— A duquesa da Cornualha está com o rei e a rainha — o pajem informou. — Pede que se juntem a eles.

— Agora? — Gawain resmungou, e Aislyn tomou-lhe a mão.

— Ah, Camelot! Que lugar *tão* divertido de se morar!

— Um pouco divertido demais ultimamente — Gawain respondeu, enquanto o pajem abria a porta da sala de audiência de Arthur e os convidava a entrar.

— Ah, ótimo, vocês estão aqui — Morgana os saudou da cadeira onde estava. Atrás dela, postava-se Launfal, que lançou a Aislyn um olhar desesperado quando ela entrou.

Arthur sentava-se diante da mesa com Guinevere a seu lado.

— Launfal me contou histórias muito interessantes — disse Morgana. — Julguei que vocês dois deveriam estar presentes quando ele as repetisse para o rei.

Aislyn empertigou-se e arquejou de leve. Sua mão fechou-se em torno da de Gawain, mas ela endereçou ao irmão um sorriso encorajador, que pareceu animá-lo, pois Launfal ergueu a cabeça e endireitou os ombros.

— Majestade — Launfal começou —, primeiro, por favor, permita-me agradecê-lo por procurar a verdade sobre a morte de sir Marrek. Mas há algo mais que precisa saber. Parte da razão pela qual eu vinha para Camelot, em primeiro lugar, era para lhe contar... — Engoliu em seco, nervoso. — Majestade, eu sou Somer Gromer Jour.

Ele? Somer Gromer Jour? Gawain nada mais vira do que um elmo prateado naquele dia, mas agora de repente recordou-se do que Somer Gromer Jour dissera: "Minha irmã lhe disse isso!". Atônito, olhou para Aislyn. Ela concordou e apertou-lhe a mão, pedindo silenciosamente que tivesse paciência, e, depois de um momento, ele concordou, com outro aperto.

A expressão de Arthur não se alterou; apenas um ligeiro arregalar dos olhos traía sua surpresa.

— Você? Mas, por quê?

— Senhor, na ocasião, eu estava a serviço da rainha de Orkney — Launfal continuou. — E ela...

— Está falando de mim, Launfal?

Gawain suspirou quando sua mãe entrou na sala. Como ela sempre sabia quando as pessoas falavam dela: Era feitiçaria... ou simplesmente tratava-se de espões?

— Sim, senhora — Launfal respondeu, calmamente. — Estava contando ao rei sobre a aventura de Somer Gromer Jour.

— Mas essa história é minha para contar! — Morgause protestou.

— Então, por favor, conte — Arthur pediu, com frieza. — Pois Launfal não me disse nada ainda, a não ser que ele estava ao seu serviço na ocasião. Só posso presumir que *você* ordenou que ele me desafiasse, e foi por sua ordem que eu seria morto, caso Ragnelle não me desse a resposta a seu enigma.

— Oh, que bom, você não sabe ainda! — exclamou Morgause. — Recееi que Launfal tivesse estragado minha surpresa!

— Surpresa? — Arthur a olhou, confuso.

— Sim! — Morgause torceu as mãos como uma criança ansiosa. — Veja, Arthur, quando eu soube que você tomara uma esposa, imaginei que presente poderia lhe dar. Você tem tanto... Pensei muito sobre o assunto, e, por fim, resolvi que nada daria, além de assegurar que seu casamento fosse uma união feliz. A princípio, fiquei intrigada de como atingir esse objetivo, mas finalmente encontrei a resposta. Mandá-lo para uma busca a fim de que

pudesse descobrir por si mesmo o que todas as mulheres desejam. Claro que nenhum homem empreenderia tal busca, caso sua própria vida não dependesse disso — ela emendou, com uma risada despreocupada. — E, assim... eis que surge Somer Gromer Jour!

Os lábios de Launfal se entreabriram, embora ele parecesse incapaz de falar enquanto olhava para Morgause, atônito.

— O pobre Launfal estava um pouco inquieto com o papel que lhe pedi para representar — ela continuou, num tom confidencial, a Arthur. — Um pouco confuso — acrescentou, batendo na testa. — Ora, por algum tempo, eu realmente acreditei que ele receava que eu pretendesse lhe fazer mal! Mas diga-nos agora, Launfal, por sua honra, e lembrando-se de que a duquesa da Cornualha irá detectar qualquer falsidade que possa dizer, durante seu tempo como Somer Gromer Jour, você alguma vez, por um único instante, teve a mínima intenção de matar o rei ou mesmo de lhe causar algum mal?

— Não — Launfal assegurou, com veemência —, eu não.

— Confiei implicitamente em Launfal — Morgause disse —, pois ele vem de uma casa muito nobre, mas, caso as coisas fugissem do controle, se você, Arthur, ou meu leal Gawain resolvessem investir num ataque ousado, eu tinha homens armados a postos por perto para assegurar que ninguém seria ferido. Não é assim, Launfal?

— Havia homens armados por perto — ele respondeu, com neutralidade.

Morgause abriu os braços e sorriu.

— Portanto, aí tem, Arthur, meu presente de casamento a você, e particularmente para minha cara Guinevere.

Guinevere olhou para Morgause com olhos velados, a boca apertada numa linha dura. Nem Arthur retribuiu o sorriso de Morgause.

Aparentemente alheia ao frio silêncio que se seguiu, ela inclinou-se numa medida.

— E agora devo me deitar — disse, com despreocupação —, pois parto amanhã ao nascer do dia. Estou muito ansiosa para voltar para casa. Não, não se incomode em levantar, Arthur — ela emendou, embora o rei não tivesse dado sinal de se pôr de pé. — Eu sairei por mim mesma.

Com um gesto de mão, ela saiu da sala, deixando um silêncio assombrado.

— A saída da Rainha do Ar e das Trevas — disse Morgana, secamente.
— Realmente, creio que essa pode ter sido sua mais admirável performance até hoje.

— Launfal — disse o rei. — Tem alguma coisa a acrescentar ao que a rainha de Orkney acabou de nos contar?

— Eu... não posso provar que algo que ela tenha dito não seja verdade. Mas nunca pretendi fazer-lhe nenhum mal, Majestade, isso eu *posso* jurar.

— Já o fez — Morgana tomou a palavra. — E eu, por mim, acredito em você. Arthur, e verdade que este rapaz superou você numa justa?

— Facilmente — Arthur admitiu, com secura. — Gawain disse que devia haver magia envolvida nisso... o que me diz, Launfal?

Launfal olhou para o chão, enrubescendo ligeiramente.

— Não, Majestade. Não havia nenhuma feitiçaria. Caso parecesse provável que eu perdesse, a rainha de Orkney interviria, mas ela me permitiu tentar por mim mesmo.

— Majestade — Aislyn entrou na conversa. — Não sei se lhe disseram, mas Launfal é meu irmão.

— É mesmo? — Surpreendeu-se Arthur. — Não, eu não sabia. Mas agora que você me disse, posso ver que são parecidos.

Aislyn olhou para Gawain, e ele endereçou-lhe um sorriso compreensivo.

— Então, Majestade, como Launfal é agora meu irmão também — Gawain disse —, eu apreciaria como um grande favor de sua parte se o fizesse um de nossos companheiros.

— Ele, certamente, já comprovou sua aptidão — Arthur admitiu. — E você gostaria disso, Launfal?

Launfal cravou os olhos no chão, mordendo o lábio com força. Só quando se controlou, encarou o rei com o coração inteiro nos olhos.

— É o que sonhei durante toda minha vida.

Como o próprio Gawain, o rei pareceu comovido diante daquela declaração sincera.

— O jovem Gaheris deve ser elevado a cavaleiro amanhã — disse Arthur. — Vá e junte-se a ele na capela. Gawain estará ao lado dele; e eu creio que faria o mesmo por você.

— Obrigado, Majestade, mas... seria possível pedir a sir Dinadan? Isto é... — Launfal emendou depressa — se não se importar, sir Gawain.

— Não, de maneira alguma. E tenho certeza de que Dinadan ficará honrado.

— Corra, então, rapaz — ordenou Arthur —, e eu o verei pela manhã.

Launfal fez uma mesura sem dizer nada, sua face transfigurada de uma alegria profunda demais para expressar-se em palavras.

— Creio que gostarei desse jovem — Arthur comentou quando ele se foi.

— Tenho certeza de que sim, Majestade — Aislyn murmurou, emocionada. — Ele é absolutamente... notável.

— Uma qualidade que parece ser de família — Arthur completou, com um brilho nos olhos. — Estou ansioso para conhecê-la melhor. Mas não esta noite — emendou, abafando um bocejo. — Vamos nos retirar, minha rainha?

Guinevere ficara estranhamente silenciosa durante todo o tempo e, então, levantou-se obediente, sem retrucar. Aislyn aproximou-se dela e inclinou-se.

— Majestade — disse —, se eu falei alguma coisa que a ofendeu antes, espero que possa me perdoar.

— Claro. — Guinevere encarou-a, sem sorrir.

— Minha língua me atropela às vezes — Aislyn continuou —, mas eu diria que Vossa Majestade não notou isso antes.

— Na verdade, notei — Guinevere concordou com frieza. Virou-se para Gawain. — Parabéns pelo seu casamento. — E, pousando a mão no braço do rei, saiu da sala com ele.

— Nossa, receio que eu tenha pisado nos calos dela — Aislyn murmurou, com uma ruga de preocupação entre as sobrancelhas.

Gawain deu de ombros.

— Eu também, desde que ela chegou à corte.

— Viu como ela olhou para Launfal? — Aislyn continuou. — Espero que não tenha ficado contra ele também.

— Ele sobreviveu à Rainha do Ar e das Trevas — Morgana comentou. — Creio que poderá suportar a aversão de Guinevere.

Aislyn suspirou.

— Bem... ainda há a questão do casamento...

— Sim, mas pode esperar até amanhã? — Morgana bocejou. — Vou me deitar. Vamos, Gawain, diga logo sua resposta.

Ele olhou para a face de Aislyn, erguida e cheia de expectativa. Não era justo mantê-la esperando mais. Deus o ajudasse, como poderia fazer tal opção? Como suportar ficar longe dela mesmo por metade do dia, e ter Ragnelle no lugar? Fitou aqueles olhos verdes, tão incompatíveis na face enrugada de Ragnelle. Que estranho que ele pensasse nelas como duas mulheres distintas quando, na verdade...

Era apenas uma. Sua mente sempre soubera disso, mas só agora ele sentia a verdade em seu coração. Fora *Aislyn* que enfaixara seus ferimentos, *Aislyn* que o fizera rir como ele não ria havia anos. E fora Ragnelle que encantara a corte inteira aquela noite ao defendê-lo com a ferocidade de uma leoa. Ela era a moça que roubara seu coração, a velha que conquistara sua admiração, a mulher que ouvira seus conselhos, mesmo que não promettesse obedecê-los. Ela era infinitamente mutável e, no entanto, jamais poderia ser outra além de si mesma... às vezes sábia e às vezes tola, corajosa e leal, a amante com que ele sempre sonhara e a amiga mais confiável que ele já conhecera.

E diante dessa compreensão, veio sua resposta.

— Não posso escolher — disse.

Um arrepio passou pelas feições cambiantes de Aislyn, mas quando ela falou, sua voz soou firme.

— Creio que não. E você não deveria. Está tudo bem, Gawain, eu não o culpo por não querer apenas metade de uma vida...

Ele encostou um dedo em seus lábios.

— Não posso escolher porque essa escolha não me pertence. Deve ser sua.

— Oh! — Aislyn levou a mão à cabeça, zozza. — Sinto-me tão estranha... mas está passando, agora.

Morgana riu.

— Sim, está passando agora, e *não existe* escolha a ser feita. Você está livre do encanto. Como está agora, estará amanhã cedo, e amanhã à noite, e assim por diante.

— *O quê?* — Gawain avançou sobre a tia. — Você disse que não poderia

anulá-lo!

— Eu não fiz nada. *Você* fez.

— Eu? Como?

— A última vez que estive aqui, quando sentamos juntos no salão, eu lhe disse que se quisesse encontrar a felicidade com sua esposa, teria apenas de...

— Solucionar aquele maldito enigma — ele terminou, e Aislyn caiu na risada.

— Oh, Gawain, não! Por que não me contou?

— Esqueci — ele declarou, honestamente.

— Talvez da próxima vez — disse Morgana, com alguma rispidez —, você dê mais importância às minhas palavras. Pode imaginar agora o que é que todas as mulheres desejam?

— Seguir seu próprio caminho? — Gawain respondeu, hesitante. — Mandar nos homens?

Aislyn riu.

— O que todas as mulheres desejam é soberania, mas não sobre os homens. — Ela tomou-lhe a mão. — Sobre nós mesmas.

— É *isso*? — A risada de Gawain morreu de repente ao olhar de Morgana para Aislyn.

— E simples assim — disse Aislyn.

— Mas não tão simples de realizar — Gawain murmurou, pensativo.

— Muito bem, Gawain! — exclamou Morgana.

— Ainda há esperança para você. — Fitou-o como se fosse dizer mais, porém abraçou-o e depois a Aislyn também, e saiu.

— Diga-me — Aislyn murmurou ao afagar-lhe a face —, o que o fez dizer que eu deveria escolher?

— Você era aquela que teria de suportar o pior disso tudo. Era seu direito decidir. E eu também me dei conta de que isso não importava realmente.

— Não... *importava*!

Ele traçou o arco delicado da sobrancelha de Aislyn com o dedo.

— Seus olhos são muito lindos e o que mais gosto neles não é o brilho,

mas o poder de ver através da falsidade e do fingimento. E assim que você vê a verdade, não fala em termos hesitantes.

Beijou-lhe os lábios e depois se afastou, sorrindo ao lhe acariciar os cabelos.

— Você é a mulher mais adorável que já conheci. Ao olhá-la agora... — Riu. — Você me tira o fôlego. Mas não será sempre desse jeito. Oh, não que eu vá me cansar de você... isso nunca acontecerá, mas com o tempo, nós nos acostumaremos um com o outro, e sua aparência se tornará menos importante do que aquilo que você é.

— O que eu sou, então? — ela indagou, com um meio sorriso.

— Uma mulher cujo espírito queima com um brilho tão fulgurante que mesmo a idade e a doença não poderiam deprimi-lo. Você estava sozinha num lugar estranho, aprisionada numa forma que a deixava fraca e cansada, e atormentada de todas as maneiras por dores e sofrimentos. Contudo, de alguma forma sempre encontrou meios para defender aqueles que não poderiam se defender sozinhos. — Tomou-lhe a mão e afagou-a. — Olhar para seu rosto encantador e segurá-la em meus braços é mais alegria do que me-reço. E seria mentira dizer que não estou ciente de como os outros homens a admiram e me invejam, tanto quanto tinham pena de mim antes. Pensei em todas essas coisas, mas, no fim, compreendi que não importam. Mesmo quando você é a velha, ainda continua sendo Aislyn. — Ergueu-lhe a cabeça e fitou-a nos olhos. — E eu ainda serei seu.

As tochas consumiam-se em seus suportes quando Aislyn e Gawain seguiram de braço dado pelo corredor deserto. Ela jamais conhecera tamanha felicidade; na verdade mal se atrevia a acreditar que fosse real. Entretanto, assim que haviam saído da sala de audiência do rei para o abrigo dos jardins, Gawain comprovara suas palavras de amor de tal forma que não poderia deixá-la em dúvida de sua sinceridade.

— Você é mais velho que eu — ela comentou, casualmente. — Quando eu ficar velha de novo, você será um... *ancião*.

Gawain estacou e virou-se de repente.

— E você irá me amar então?

Ela apertou os lábios.

— Acha que ficará feio?

— Sem dúvida.

— Mentiroso. Você é homem. Ficará simplesmente *distinto*.

— Sou distinto agora — ele murmurou. Dobraram a esquina e a luz da abertura em arco do salão banhou o calçamento de dourado.

— Um pouco distinto *demais* — ela resmungou, ao passarem pela entrada do salão, de onde os sons de tambores dispersavam-se pelo corredor.

— O que disse?

— Você não *dança*. — E olhou melancolicamente por sobre o ombro.

Gawain riu.

— Oh, é *por isso* que está resmungando! Bem, Aislyn, quero que saiba que havia apenas uma mulher com quem eu gostava de dançar. Como ela estava... indisponível... eu desisti. — Inclinou-se num floreio. — Milady, conceda-me a honra?

— O prazer seria meu. Mas vamos parar na primeira?

— Podemos dançar a noite inteira, se isso a agrada.

— Oh, sim, vamos! Só que... vamos nos recolher antes da alvorada. Se Morgana estiver errada, não que eu não confie nela, mas é melhor estar sozinha com você.

Gawain sorriu sem abrir os olhos quando algo macio roçou seu queixo, e suspirou quando um hálito quente bafejou nos cabelos em sua têmpora. Quando um nariz frio enfiou-se em seu ouvido, saltou de pé.

— Sooty, saia de cima de mim. Vá embora!

Ele bocejou e espreguiçou-se e, então, se imobilizou, de repente. Virou-se para puxar as cobertas a seu lado. Os cabelos de Aislyn faiscaram com o sol numa chispa dourada, espalhados pelo travesseiro. Ele a puxou e beijou-lhe o pescoço.

— Humm... sou a velha? — ela resmungou.

— Ah... deixe-me ver. Bem... não sei, Aislyn, é difícil dizer. Preciso ver mais de perto...

Suas palavras terminaram num grito abafado quando um travesseiro acertou-lhe a face.

Sooty, ao ver-se privada dos agridos matinais, lançou-lhes um olhar de desgosto ao saltar pela janela e sair para procurar o desjejum. Para trás, ficaram risadas alegres que se perderam pelo pátio, decrescendo em palavras

entrecortadas e sussurros amorosos. E, então, por fim, fez-se o silêncio.